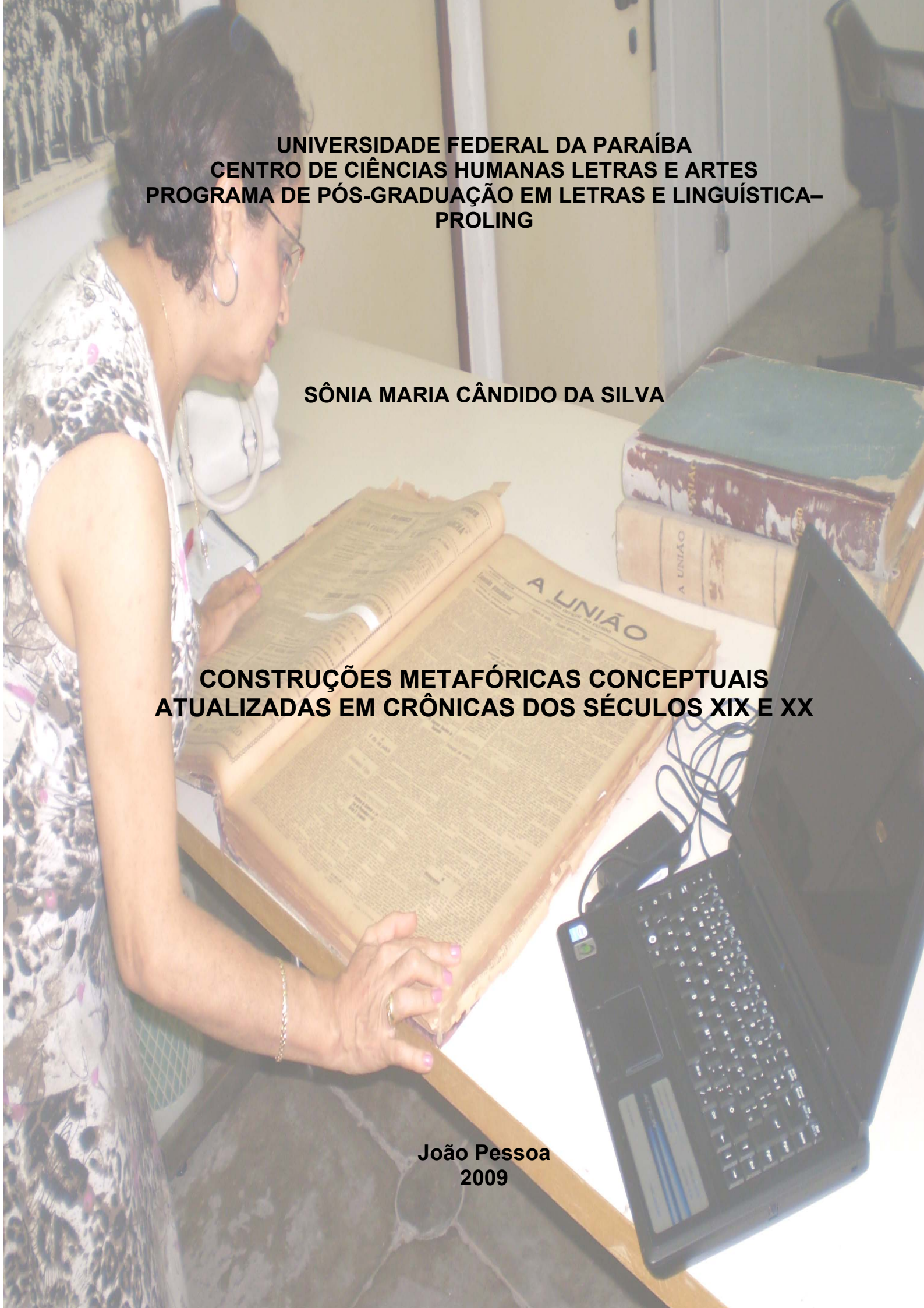


A photograph of a woman with short dark hair and glasses, wearing a leopard-print top, sitting at a desk. She is looking down at a large, open, aged newspaper. The newspaper's masthead, 'A UNIÃO', is visible on the right page. To her right, a black laptop is open on the desk. Behind the newspaper, a stack of books is visible, with one book titled 'A UNIÃO' clearly showing its spine. The background shows a plain wall and a doorway.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA-
PROLING**

SÔNIA MARIA CÂNDIDO DA SILVA

**CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS CONCEPTUAIS
ATUALIZADAS EM CRÔNICAS DOS SÉCULOS XIX E XX**

**João Pessoa
2009**

SÔNIA MARIA CÂNDIDO DA SILVA

**CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS CONCEPTUAIS ATUALIZADAS EM CRÔNICAS
DOS SÉCULOS XIX E XX**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística–PROLING - da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Eliane Ferraz Alves.

João Pessoa

2009

S586c Silva, Sônia Maria Cândido da

Construções metafóricas conceptuais atualizadas em crônicas do século XIX e XX / Sônia Maria Cândido da Silva - João Pessoa, 2008.

219f. il.:

Orientadora: Profª. Drª Eliane Ferraz Alves

Tese (Doutorado em Língua e Linguística) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PROLING - da Universidade Federal da Paraíba– UFPB.

1. Língua 2. Linguística I.Título.

CDU: 964.2(043)

SÔNIA MARIA CÂNDIDO DA SILVA

**CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS CONCEPTUAIS ATUALIZADAS EM CRÔNICAS
DOS SÉCULOS XIX E XX**

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em 27 de abril de 2009.

Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro (UFCG)
(Examinador 2º.)

Profª Drª Wanilda Vidal Lima Lacerda (UEPB)
(Examinador 3º.)

Profª. Drª. Maria Cristina de Assis Fonseca (UFPB)
(Examinador 4º.)

Profª Drª Ana Cristina de Sousa Aldrigue (UFPB)
(Examinador 5º.)

Profª. Drª Eliane Ferraz Alves (UFPB)
(ORIENTADORA)

João Pessoa

2009

Para Geni e Zuca (In Memoriam)

Sempre minha dedicação, respeito e meu amor!.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à Professora Eliane Ferraz, a quem sempre admiro, respeito e quero bem. Admiro pela confiança, orientação firme e segura, e por sempre estar aberta ao diálogo; pelas sempre valiosas orientações, não só desta pesquisa, mas de todas as causas.

A professora Ana Aldrigue, todo meu respeito e carinho, por me ter conduzido na vida da pós-graduação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPB, PROLING, em especial, ao Professor Dermeval da Hora, pelas tantas colaborações dadas na construção do conhecimento científico.

Aos grandes incentivadores de minha vida acadêmica: Pedro Francelino e Fátima Almeida, Cristina Assis, Graça Ribeiro, Evangelina, Aparecida Soares, Wanilda Lacerda, Haroldo Queiroga, Dorinha, Rosemary, Roseane, Laurênia e agora aos amigos de orientação-ferraz: Juliana, Jorgevaldo e Ana Sabrina.

À minha família, José Cândido (In Memoriam), Mana, Socorro, Marzinho, Regina Lúcia, Riomar e José Pedro; e a minha mãe: Geni.

Meus agradecimentos à Professora: Piedade Moreira de Sá. Pia, saudosas lembranças de nossos encontros, quantas boas contribuições você deu a mim e a minha vida acadêmica...

Particularmente, a minha Mana: Raimunda Geni, toda minha gratidão, pois lhe devo a educação e o tempo para eu elaborar minhas atividades, eu lhe amo...

RESUMO

Esta pesquisa aborda um estudo das construções metafóricas atualizadas no gênero textual crônica e veiculadas em jornais paraibanos dos séculos XIX e XXI. A proposta tem a preocupação de analisar metáforas conceituais, características desse gênero jornalístico, por exemplo: difundir opinião, criticar questões polêmicas no meio social, assim como “dar um arranque” nas ideias que estão sendo arrastadas pela memória sociocultural, tomando posicionamentos sutis, que refletem um pensar de uma época e de um comportamento social de uma gente. Quanto aos objetivos, 1) geral: identificar analiticamente as construções metafóricas em crônicas dos jornais da Paraíba, com enfoque no percurso sócio-histórico nesse tipo de prática discursiva do contexto dos séculos XIX e XX. 2) Específicos: 1. descrever a Teoria das Metáforas Conceituais – TMCs – na forma como abordam Lakoff e Johnson (1987); (2002). 2. Discutir o processo das construções metafóricas eliciadas nas expressões linguísticas, especialmente, as veiculadas no gênero textual crônica. E 3. verificar, nas estruturas linguístico-discursivas, as características dessas construções, considerando: a) o processo de experienciação, determinado pelo contexto sócio-histórico identificado no gênero textual crônica de jornal impresso; b) os efeitos linguísticos diante da estratégia cognitiva de um processo de informação com manipulação da realidade. Para tal, o estudo partiu da orientação teórica Semântico-cognitiva de base de Lakoff Johnson (1987 e 2002) e dos estudos de dimensões discursivas, conforme Bakhtin (1997 a e b) e sócio-pragmática, conforme a orientação de Alves (1998, 2009), Moura (2007) e, ainda, nos estudos de Coseriu (1979) e Fonseca (2005); contou com um *corpus*, constituído de 112 crônicas, sendo 34 do século XIX e 78 do século XX. Desse *corpus*, foram submetidas para análise descritiva e interpretativa 13 amostras, sendo 05 do século XIX, e 08 do século XX. Diante da análise, constataram-se que, na crônica de jornal impresso, do tipo “noticioso”, tem-se o uso de expressões “linguístico-discursivas” de base metafórica implicando uma efetiva construção do significado de uma dada realidade, no nosso caso, dos séculos XIX e XX, e que, nas expressões linguístico-discursivas metafóricas, há ênfase nas questões relacionadas à política, à saúde ao poder, à ideologia, a assuntos diversos do cotidiano social, conforme os mecanismos da estruturação da linguagem metafórica. Quanto às contribuições, o estudo constituiu um *corpus*, formalizado por crônicas dos jornais da Paraíba, a partir dos séculos XIX e XX, não só para subsidiar a proposta de análise das construções metafóricas pelo âmbito histórico e sociocultural, como também para fomentar outras pesquisas diante da riqueza dos fenômenos das conceptualizações metafóricas, uma vez que não constam estudos que priorizem tal fenômeno em crônicas desses jornais.

Palavras-chave: Metáforas Conceituais. Modelos Cognitivos Idealizados. Crônicas de jornais.

RÉSUMÉ

Cette recherche aborde une étude des constructions métaphoriques actualisées dans le genre textuel de la chronique et véhiculées par les journaux de la Paraíba du XIX^e et XXI^e siècles. La proposition a pour but d'analyser les métaphores conceptuelles caractéristiques de ce genre journalistique, par exemple: diffuser des opinions, critiquer des questions polémiques dans le milieu social, ainsi que mettre en route des idées qui s'éternisent dans la mémoire socioculturelle, qui prend des attitudes subtiles et qui reflètent la pensée d'une époque et du comportement social d'un peuple. Quant aux objectifs 1) Général: identifier analytiquement les constructions métaphoriques dans les chroniques des journaux de la Paraíba, en caractérisant un parcours socio-historique dans ce type de pratique discursive du contexte du XIX^e et du XX^e siècles. 2) Spécifiques a) décrire la théorie des métaphores conceptuelles –TMCS-- dans la forme que présentent Lakoff et Johnson (1987 ; 2002) b) identifier, dans les constructions métaphoriques fluides dans le genre textuel, le résultat linguistique de la stratégie cognitive par rapport au processus d'information en manipulant la réalité; et c) analyser, dans les structures linguistico-discursives, les constructions métaphoriques obligatoires dans les expressions linguistiques véhiculées dans cette chronique. Pour cela, l'étude s'est basée sur un *corpus* composé par 112 chroniques, dont 34 du XIX^e siècle et 78 du XX^e siècle. Ce *corpus* a été soumis à une analyse descriptive et interprétative, selon l'Orientation Théorique de la Sémantique Cognitive et des études des dimensions socio-pragmatique-discursives qui traitent des questions de la textualisation de la matière qui compose le genre de la chronique du Journal Imprimé. D'après cette analyse, on a constaté que, dans la chronique de journal imprimé du genre "informatif", on a l'emploi d'expressions "linguistico-discursives" de base métaphorique en impliquant une construction effective du signifié d'une réalité, dans notre cas spécifique, du XIX^e et XX^e siècles. À travers cette analyse, on a constaté que dans les expressions linguistico-discursives métaphoriques, il y a de l'emphase dans les sujets liés à la politique, à la santé, au pouvoir, à l'idéologie, à des sujets divers qui du quotidien social, selon les mécanismes de la structuration du langage métaphorique. En ce qui concerne les contributions, l'étude a constitué un *corpus*, composé de chroniques des journaux de la Paraíba, à partir du XIX^e et XX^e siècles, non seulement pour donner un subside à la proposition d'analyse des constructions métaphoriques par la sphère historique et socioculturelle; mais aussi pour fomentier d'autres recherches au vu de la richesse des phénomènes des conceptualisations métaphoriques, puisqu'on n'est pas au courant d'études qui mettent en valeur de tels phénomènes dans les chroniques de ces journaux.

Mots-clé: Métaphores Conceptuelles. Modèles Cognitifs Idéalisés. Chroniques de Journaux

ABSTRACT

This research deals with a study of the metaphorical constructions of the textual gender essay, appearing in newspapers of Paraíba of the 19th and 20th centuries. The proposal is concerned about analyzing such processes of metaphorical constructions that occur in this journalistic gender, for instance: spreading opinion, criticizing polemic issues in the social milieu, also pushing ideas which are towed by the socio-cultural memory, throughout a metaphorical language that takes subtle positions and also reflects the thought of an era and the social behavior of a certain people. As regards the objectives, 1) general: to analytically identify the metaphorical constructions in essays of newspapers of Paraíba, characterizing a socio-historical space in this kind of discursive practice of the context in the 19th and 20th centuries. 2) Specific: a) to describe the Theory of Conceptual Metaphors – TCMs – as approached by Lakoff and Johnson (1987 and 2002), b) to identify, in the detached metaphorical constructions in the textual gender, the linguistic result of the cognitive strategy in face of the information process manipulating the reality, and c) to analyze, in the linguistic-discursive structures, the metaphorical constructions lightened in the linguistic expressions spread out in that essay. To do so, the study counted upon a *corpus* made up of 112 essays, 34 of them being of the 19th century and 78 of the 20th one. This *corpus* was submitted to a descriptive and interpretative analysis, according to theoretical orientation of the Cognitive Semantics, under the light of Lakoff's and Johnson's works (1987 and 2002); to the Linguistic Theory and Analysis; to the approach of Philosophy and Formal Semantics and to the studies of the socio-pragmatic-discursive dimensions to deal with the issues of the texture of the matter that composes the essay in printed paper. In face of the analysis, it was observed that, in the printed-paper essay of the "news-giving" kind, there occurs the use of metaphor-based "linguistic-discursive" expressions resulting in an effective construction of the meaning of a given reality, in our case, the 19th and the 20th centuries. In face of the analysis, it was observed that, in the metaphorical linguistic-discursive expressions, there occurs emphasis in the issues related politics, health, power, ideology and various other subjects that deal with the everyday social matter, as per the mechanisms of the metaphorical language structuring. As to the contributions, the study constituted a *corpus*, formalized by essays of printed papers of Paraíba, as from the 19th and the 20th centuries, not only to subsidize the proposal of the metaphorical constructions analysis in the historical and socio-cultural aspects, but also to encourage other researches in face of the riches of the metaphorical conceptualizations phenomena, since there are no studies giving priority to such phenomenon of these papers essays.

Keywords: Metaphorical Constructions. Idealized Cognitive Models. Culture. Newspapers Essays

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Língua atualizada por metáforas.....	43
Figura 2 - O Homem - uma Entidade experienciando o mundo.....	47
Figura 3 - Esquema Externo e Interno das fronteiras dos MCIs.....	49
Figura 4 - Os movimentos reflexivos e refratados da língua(gem) diante das construções metafóricas.....	51
Figura 5 - Indivíduo no mundo experienciando os fatos sociais num jornal	56
Figura 6 - MC(I)s em movimento e a Relação (bi)bidirecional das categorias na/da Mente e no/do Mundo	60
Figura 7 - A natureza dos MCIs - Forma, Conteúdo e Metáfora : representações cognitivas das categorias semânticas nas estruturas lingüísticas	63
Figura 8 - Formação Empírica das Metáforas Conceptuais	69
Figura 9 - TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO: a língua – uma (não)contradição na organização metafórica do/no tempo na crônica.....	89
Figura 10 - Anúncio de Crônica.....	95
Figura 11 - Crônica: O Natal	98
Figura 12 - Crônica: O escorpião, a tarântula e o tigre... ..	101
Figura 13 - Liberdade Religiosa	111
Figura 14 - O Luxo.....	117
Figura 15 - Volta do Rei.....	122
Figura 16 - O Natal	126
Figura 17 - Maravilha de Eletricidade.....	131
Figura 18 - A Questão Alimentícia: Inconvenientes do Systema Vegetariano	135
Figura 19 - Mentira e Insinceridade	140
Figura 20 - O Homem Deus	146
Figura 21 - Radio: Musica Popular	152
Figura 22 - Voltando a Pena de Morte	158
Figura 23 - O Cruzeiro	161
Figura 24 - Visão Vê.....	171
Figura 25 - Bandidos Legais	176

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os Jornais Impressos da Província da Parahyba Século XIX - A Imprensa Formal	84
Quadro 2 - Os Jornais Impressos da Paraíba Século XX	85
Quadro 3 - Demonstrativo das crônicas do século XX, selecionadas para análise.	109
Quadro 4 - Agonia em Maio	165

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	A PESQUISA: OBJETO DE ESTUDO, OBJETIVOS, DIRETRIZES METODOLÓGICAS PARA ANÁLISE DOS DADOS	14
1.1.1	Situando o Corpus: Diretrizes Gerais	16
1.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	17
1.2.1	Organização da estrutura da composicional da pesquisa	20
2	UM PARADIGMA ORIENTADOR DE LINGUAGEM: AS METÁFORAS E AS METÁFORAS DO COTIDIANO	22
2.1	PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA DAS METÁFORAS: ABORDAGENS (NÃO)ARISTOTÉLICAS?	26
2.1.1	A semântica e a metáfora do nosso tempo: da ruptura do dogma inquestionável ao estabelecimento de um novo paradigma	28
3	AS METÁFORAS CONCEPTUAIS: EXPERIENCIALISMO, MENTE E MUNDO NAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM	37
3.1	A METÁFORA CONCEPTUAL À TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS	40
3.1.1	Natureza, Tarefas, Alcance, Limites, e Processos Metafóricos evidenciados nas crônicas dos jornais da Paraíba	41
3.1.1.1	Da natureza à definição	43
3.1.1.2	O papel dos MCI e do analista cognitivista	44
3.1.1.3	Do alcance e dos limites da metáfora	50
3.1.2	TMCI: domínios conceptuais experiencializados em estruturas linguísticas	54
3.2	SITUANDO AS METÁFORAS CONCEPTUAIS NA TEORIA DOS MODELOS CONCEPTUAIS IDEALIZADOS - TMCS	67
3.2.1	Dos processos metafóricos nas crônicas dos jornais da Paraíba séculos: XIX e XX	70
3.2.2	A metáfora e os Modelos Culturais: o Experiencialismo em ação nas práticas linguístico-discursivas – a crônica	76

4	ABORDAGENS HISTÓRICO-DIACRÔNICA E TEXTUAL DA CRÔNICA DO JORNAL IMPRESSO DA PARAÍBA: SÉCULOS XIX, XX	82
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA IMPRENSA DOS JORNAIS DA PARAÍBA.....	82
4.1.1	Tendências, Estratégias, Tradição dos/nos jornais da província	85
4.2	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO GÊNERO TEXTUAL: A CRÔNICA.....	91
4.2.1	Aspectos conceituais e empíricos relativos às concepções do gênero textual.....	92
4.2.1.1	Uma perspectiva sócio-histórica do gênero crônica de jornal	95
4.3	LINGUAGEM METAFÓRICA DA CRÔNICA DE/NO JORNAL: PROPRIEDADE DO GÊNERO NA BUSCA/REGISTRO DAS PRÁTICAS SOCIAIS.....	99
5	PROPOSTA DE ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS EM CRÔNICAS DOS JORNAIS DA PARAÍBA DOS SÉCULOS XIX E XX	105
5.1	METÁFORAS CONCEPTUAIS NAS CRÔNICAS DOS JORNAIS DA PARAÍBA .	107
5.1.1	Metáforas conceptuais do século XIX da crônica: Liberdade Religiosa .	111
5.1.2	As metáforas conceptuais do século XIX da crônica de 1862: O luxo	117
5.1.3	As metáforas conceptuais do século XIX da crônica de 1872: Volta do rei..	122
5.1.4	As metáforas conceptuais do século XIX da crônica: O Natal	126
5.1.5	As metáforas conceptuais do século XIX(1892) a crônica: Maravilhas de eletricidade	131
5.2	CRÔNICAS DO SÉCULO XX.....	133
5.2.1	Crônica da década de 1910 (1912): A questão da alimentação: inconvenientes do systema vegetariano	135
5.2.2	Crônica da década de 1930 (1936) Mentira e insinceridade	140
5.2.3	Crônica da década de 1940 (1940): O homem Deus.....	146
5.2.4	Crônica da década de 1950 (1950): Rádio - Musica popular.....	152
5.2.5	Crônica da década de 1960 (1960): Voltando a pena de morte	158
5.2.6	Crônica da década de 1970 (1975): Agonia em maio	165
5.2.7	Crônica da década de 1980 (1980): Visão vê	171
5.2.8	Crônica da década de 1990 (1999): Bandidos legais.....	176

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
	REFERÊNCIAS	186
	ANEXOS	195
	ANEXOS SÉCULO XIX	196
	ANEXOS SÉCULO XX	204

1 INTRODUÇÃO

O estudo se propõe a analisar as metáforas conceptuais atualizadas em crônicas dos séculos XIX e XX de Jornais da Paraíba. As metáforas do cotidiano são subjacentes à linguagem, de modo que influenciam nosso pensamento e nosso modo de agir. Trata-se de um processo sócio-histórico: consequências das Representações Sociais dos séculos XIX e XX. Nesse entendimento, a metáfora está no mundo, na mente e na ação do indivíduo, estruturando as atividades sociais, definindo a realidade cotidiana. Conforme Lakoff e Johnson (1987; 2002), as metáforas do cotidiano são oriundas dos conceitos de uma dada cultura, experienciados pelo falante, de modo que esses conceitos são refletidos no discurso, no entendimento da comunicação

Considerando essas ideias, o propósito desse estudo está centrado na identificação e descrição de construções metafóricas, eliciadas nas estruturas linguísticas atualizadas em crônicas de jornais dos séculos XIX e XX, com a finalidade de identificar os conceitos socioculturais vigentes na Paraíba nessa época.

A proposta visa a contribuir com os estudos linguísticos e históricos, para isto, organizamos um *corpus*, constituído de texto do gênero denominado de crônicas publicadas nos jornais já citados. Os gêneros textuais correspondem às atividades discursivas reais e concretas em que o sujeito pratica a língua, no universo social, onde está inserido. Desse modo, defendemos a crônica de jornal ser um gênero textual interessante para se estudar a língua. É atemporal e nela consta a experiência do cronista que faz o leitor/interlocutor experimentar os fatos sociais quando noticia, de alguma forma, uma questão em evidência, em discussão socialmente. É de *praxe* conter um ponto de vista à luz da crítica do cronista, assim como são colocados os pontos de vista que estão refratados na mente e no mundo da sociedade em questão. No nosso caso, a Paraíba dos séculos XIX e XX.

No gênero crônica, podem-se compreender os significados, o teor e o valor das estruturas linguísticas, principalmente se colocarmos, em pauta, as construções metafóricas, veiculadas nessas estruturas linguísticas, tendo como apoio os estudos da Semântica Cognitiva de base conceptual.

A hipótese defendida nesse estudo é a de que os significados linguísticos dessas estruturas resultam das conceptualizações metafóricas, caracterizadas como

socioculturais, especialmente, as que são atualizadas nas práticas discursivas, experienciadas pelos cronistas no século XIX e XX. Diante dessa hipótese, eis a questão: *quais conceitos estão estabelecidos nas estruturas metafóricas, identificadas nas crônicas escolhidas para análise?*

Nesse contexto, essa pesquisa está fundamentada na hipótese da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados – os TMCIs - conforme os estudos de Lakoff e Johnson (1987); (2002) e em autores que colaboram para o entendimento das metáforas conceptuais.

Outras abordagens adotadas são a filosófica e a discursiva, quando buscamos, nos estudos de Wittgenstein ([1923]) e Putnam (1988), subsídios para compreender o conhecimento sendo regulado pela linguagem; a questão do significado das palavras em uso do cotidiano, no que diz respeito às práticas linguísticas; as práticas sociais de uma cultura, como processo e produto das atividades linguísticas. Para tratar da teoria discursiva, é adotado o pensamento de Bakhtin (1997 a e b). No que diz respeito à perspectiva sociopragmática, para nossa questão, tomamos como suporte os estudos de Alves (1998); (2009), Feltes (2007); (1992 a-b) e Moura (2007).

Enfocamos também os trabalhos de Coseriu (1979), Mattos e Silva (1999), Castilho (2001) e Fonseca (2005), para abordar o funcionamento da linguagem no âmbito sincrônico, uma vez que nosso objeto de estudo está alocado em documentos históricos, as crônicas dos séculos XIX e XX.

1.1 A PESQUISA: OBJETO DE ESTUDO, OBJETIVOS, DIRETRIZES METODOLÓGICAS PARA ANÁLISE DOS DADOS

O objeto temático de interesse são as construções metafóricas, atualizadas nas crônicas de jornais da Paraíba dos séculos XIX e XX. Dessa forma, temos como objetivo geral: identificar analiticamente as construções metafóricas em crônicas dos jornais da Paraíba, com enfoque no percurso sócio-histórico nesse tipo de prática discursiva do contexto dos séculos XIX e XX.

O estudo tem como objetivos específicos: 1. descrever a Teoria das Metáforas Conceptuais – TMCs – na forma como abordam Lakoff e Johnson (1987); (2002). 2. Discutir o processo das construções metafóricas eliciadas nas expressões

linguísticas, especialmente, as veiculadas no gênero textual crônica. E 3. verificar, nas estruturas linguístico-discursivas, as características dessas construções, considerando: a) o processo de experiencição, determinado pelo contexto sócio-histórico identificado no gênero textual crônica de jornal impresso; b) os efeitos linguísticos diante da estratégia cognitiva de um processo de informação com manipulação da realidade.

Em conformidade com o objetivo dessa análise, há interesse em mostrar o caráter subjetivo-metafórico, a visão crítico-realista, com base nas informações veiculadas no contexto social, o caráter criativo e imaginativo do cronista no entendimento da matéria noticiada, e, ainda, o de mostrar as metáforas como recursos discursivos da realidade experienciada pelo cronista. Tudo isso, porque a experiência e a consciência desse interlocutor concorrem para noticiar um fato social, no texto, o que fomenta a compreensão dos valores semânticos ali colocados metaforicamente.

Através das expressões linguísticas e metafóricas das crônicas, nossa análise também mostra uma concepção de língua em uso, com o propósito de informar, de fomentar opiniões. Tudo isto, imbuído nas expressões metafóricas, não no sentido literal, que denuncia um contexto sócio-histórico da época. Tais expressões linguísticas e metafóricas das crônicas, através das metáforas, que circulam no cotidiano, ajustam-se à expectativa do interlocutor, para compreender o sentido ali em jogo, uma vez que as intenções, as experiências sensoriais, as regras sociais estão no processo desse jogo do dizer metafórico.

É de nosso interesse ainda entender o processo de atualizações das metáforas conceptuais, como atividade cognitiva, pela fundamental importância na construção do discurso social de uma época e por possibilitar a compreensão da construção de uma realidade social, no caso, a Paraíba dos séculos XIX e XX.

Como procedimento metodológico, a pesquisa se configurou como sendo de caráter descritivo analítico. Primeiramente, pela organização do *corpus*, com 112 documentos, conforme seleção e análise de busca do gênero textual, “manualmente”, isto por considerar o estado de conservação precária, a fidelidade e a legibilidade de tais registros impressos nos jornais da província, como documentos históricos dos séculos XIX-XX. E, em um segundo plano, pelo interesse do caso das construções metafóricas em tais gêneros, cujos propósitos, ali vinculados, podem

subsidiar propostas de pesquisas futuras, de aulas de Língua Portuguesa e de Linguística, no ensino Médio e Superior.

Tais registros (es)colhidos estão organizados em um CD-ROOM: CRÔNICAS DOS JORNAIS DA PARAÍBA: PRÁTICAS DISCURSIVAS DOS SÉCULOS XIX E XX. Neste arquivo virtual, há um registro dos textos dos jornais, oriundos dos originais, por meio de fotofilmações. Entre as cópias dessa fotofilmação, de 112 crônicas, há 05 transcritas pela impossibilidade de fotografá-las, devido à fragilidade do material do jornal.

É mister esclarecer que a pesquisa centrou-se nas expressões linguístico-discursivas para evidenciar o nosso objeto de estudo: a construção metafórica das metáforas conceituais, eliciadas nas crônicas dos Jornais da Paraíba. Tais construções são atividades cognitivas, isto é, são Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs –, fundamentados pela percepção da realidade social da então província da Parahyba e de João Pessoa do século XX. Isto, no discurso jornalístico, fazendo um amplo uso de metáforas, o que implicou uma acessibilidade à realidade de uma época.

Diante disso, a pesquisa configura-se de caráter empírico. Isto, por explorar as crônicas veiculadas nos jornais, constituintes do *corpus* discursivo – fontes documentais dos séculos XIX e XX, na mídia impressa. Tal informação tem base em um tipo de informante, no caso, os cronistas, da província do Estado da Paraíba. A partir de uma análise analítico-interpretativa, identificamos os conceitos estabelecidos e referenciados, à luz de um pensamento de uma época, via construções metafóricas, que evidenciaram os Modelos Culturais, assim como identificamos os MCIs, que estão codificados linguisticamente. Para tal, exploramos caminhos analíticos, conforme o modelo teórico, aqui evidenciado, a teoria de Lakoff e Johnson. (1987); (2002).

1.1.1 Situando o Corpus: Diretrizes Gerais

O *corpus* da pesquisa, *Construções metafóricas conceituais atualizadas em crônicas dos séculos XIX e XX*, foi coletado na Fundação Casa Jose Américo de Almeida (FCJAA). Constatamos, nesse processo de coleta, uma escassez da veiculação do gênero textual nos jornais, assim como o registro da extinção de alguns jornais, o que nos levou a coletar crônicas em jornais diversos. Tal ocorrência

implicou o procedimento de registro das crônicas, de modo que filmávamos essas crônicas à medida que encontrávamos nos jornais do arquivo dessa Fundação.

Primeiramente, fizemos uma pesquisa de caráter histórico, com base nos estudos de Araújo (1986) e Nicolau (2008), para obter informações do registro cronológico e do jornal Imprensa Formal, que primeiro circulou no Estado da Paraíba. Conforme pesquisa, tal estréia deu-se no século XIX, especialmente, em 1826, com a Gazeta da Parahyba do Norte, conforme consta tal documento no acervo da FCJAA.

Em seguida, fomos ao arquivo citado (FCJAA) coletar o material. Diante desse procedimento, solicitávamos aos funcionários os documentos por década dos séculos em pauta, XIX e XX. Fizemos um rastreamento manual e constatamos que a crônica consta com frequência regular no jornal da cidade de Areia: Verdade (1884-1900), o que não aconteceu com outros jornais examinados.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para realização desse estudo das construções metafóricas, em crônicas de Jornais da Paraíba, organizamos um *corpus*, com 112 crônicas, retiradas de 13 jornais dos séculos XIX e XX. Sendo 34 amostras, oriundas de 07 jornais do século XIX; e 78, do século XX, de 06 jornais pesquisados. Desse universo, selecionamos aleatoriamente 13 amostras para submeter à análise, sendo 05 do século XIX e 08 do século XX.

Para nossa análise, identificamos as estruturas linguísticas mais salientes que sustentaram a temática principal, discutida pelos cronistas. O jornal, como mídia formal, penetra em ambientes de diversos leitores/interlocutores, o que favorece(u), de certa forma, a busca do significado do discurso que tais cronistas ali apresentaram; favoreceu, ainda, compreender que, pelo registro de metáforas conceptuais, há discursos, pontos de vistas ali colocados e difundidos socioculturalmente. Diante desse entendimento, interessa-nos avaliar as posições socioculturais das gentes sociais, envolvidas na situação comunicativa que a crônica suscita, assim como as situações e os fatos veiculados pelas notícias, no intuito de contemplar os mais diversos temas e questões sociais.

Esse levantamento geral resultou um quadro informativo e expositivo dos jornais do acervo histórico da Paraíba, conforme Quadro 01: Os Jornais Impressos da Província da Parahyba, Século XIX – A imprensa Formal; conforme, caracterizados no capítulo 4, e orientação dos historiadores da Paraíba, como Melo (2000) e Almeida (1966). A organização, referente aos dados dos jornais do século XX, seguiu a mesma ordem descritiva dos jornais do século XIX, conforme demonstração do Quadro 02, do mesmo capítulo.

No que diz respeito às etapas da pesquisa, buscamos selecionar as crônicas mais antigas que fossem encontradas nos arquivos da Fundação Casa José Américo de Almeida (FCJAA), em João Pessoa. Para a coleta, utilizamos a técnica da fotofilagem para todos os casos, embora constem casos em que esse método de coleta não fosse possível, pela deteriorização do jornal, por exemplo: papel ressecado e muitas brocas feitas pelos animais deste *habitat* - papel “velho” - em arquivos sem conservação, sem técnica específica para conservação do material em arquivo. Conforme informação de funcionários, o Estado está providenciando a restauração desse material. Tudo isso gerou dificuldades para essa pesquisa de caráter artesanal, afora a restrição do horário que a Casa oferece aos pesquisadores, como a permissão para acesso ao material apenas das 14 às 17h, da segunda à quinta-feira.

É relevante esclarecer acerca da temperatura do ambiente de pesquisa. No ambiente, onde estão os jornais sem-restauração, um termômetro marcaria em torno de 38° a 40° graus; para os arquivos que já estão sendo recuperados, o ambiente é mantido a uma temperatura em torno de 15° graus, só que tal recuperação está no início do processo, em horários restritos, com poucos profissionais para recuperar. Tudo isso, portanto, gerou um pouco de dificuldades para coletar o material nos jornais desse arquivo, mas conseguimos montar o *corpus* que precisávamos, sem prejuízo informacional.

Diante de tudo isso, procedemos nossas fotofilagens e, para aqueles documentos históricos, deteriorizados, bem ressecados, brocados, com rasgos e que não davam condições de leitura, com base numa filmagem, procedemos à tradicional técnica da transcrição dos documentos, manualmente, para, em seguida, digita-los e formatá-los, conforme a configuração original constante naquele jornal.

Nesse processo de transcrição, seguimos a orientação dos trabalhos de Fonseca (2005) e Berwanger e Franklin (1995) para formalizar as crônicas,

obedecendo aos seguintes aspectos: a) gráfico, linha por linha e de forma corrida, respeitando a divisão paragrafada do cronista, conservando a convenção da escrita ali registrada e a pontuação; b) aspecto do material, no caso, o estado de conservação em que o material se encontra, sinalizando com barras colchetes /[...] para as brocas e manchas do tempo, assim como rasgos.

O nosso estudo pontuou as seguintes fases:

A. Primeiramente, determinamos que fenômeno investigar, o objeto temático da discussão e da tese: as construções metafóricas, eliciadas em crônicas de jornais paraibanos. Trata-se de um estudo de tais construções em estruturas linguísticas, “aparentemente à toa”, como pensa Cândido (1992), mas que tratam de questões do dia-a-dia, questões políticas e sociais diversas, isto é, tratam de pontos de vista que estão em evidência numa certa época, lugar e cultura. Após tal reflexão desse fenômeno, procedemos a um levantamento universal nessas crônicas, num plano sincrônico e depois diacrônico, nas estruturas linguísticas em busca dessas construções metafóricas que incorporam traços culturais, embutidos no ponto de vista alijado no discurso subjetivo, mas com exuberância objetiva para envolver o leitor, para difundir opinião pública e por que, para não condimentar os fatos sociais a todos os gostos?

B. Em seguida, investigamos, à luz das abordagens histórica e sincrônica o(s) sentido(s) dessas construções metafóricas, a partir do teor teórico, do tipo: a) história da Paraíba, b) estudo histórico-cultural, conforme as tradições discursivas, alocadas nessas estruturas da crônica, c) investigação acerca do gênero textual, a crônica dos jornais impressos paraibanos e d) procedimentos interpretativos, apontados na Teoria das Metáforas Conceptuais de base lakoffiana.

C. Procedemos a uma análise à luz da Semântica Cognitiva e Discursiva das construções metafóricas, com base na discussão do(s) cronista(s), para tratar do mundo real, uma vez que a língua(gem) metafórica na crônica atualiza a língua no discurso. Tal mundo constitui um dos princípios da fidelidade e da experiência vívida pelo autor / cronista, - pessoa social, real e usuário da língua -, que se coloca para o leitor de jornal em uma determinada época e local.

As expressões linguísticas de base metafórico-conceitual, constantes nessas crônicas dos jornais da Paraíba dos séculos XIX e XX, serviram como dados para as análises, evidentemente, numa abordagem direcionada para uma análise constitutiva do processo de discurso de formação de sentido. Para tal, foram

organizadas à luz das metáforas conceptuais, convencionais e imaginativas, para serem interpretadas e apresentadas, conforme os trabalhos de Lakoff e Johnson (1980; 2002). Com eles, estudaremos as metáforas conceptuais, onde está a base de nosso sistema conceptual, os conceitos metafóricos que emergem de nossa experiência, da interação com o ambiente, e das propostas culturais.

Interfaceamos essa discussão entre Semântica de base Cognitiva com o conhecimento de áreas afins a esta ciência, como por exemplo, a Teoria Discursiva, à luz das práticas discursivas sociais, conforme descreve Bakhtin (1997 a e b). Isto para compreender o fenômeno metafórico no gênero discursivo. Com base nas discussões de âmbito sociocultural, focamos os estudos de antropologistas e sócio-cognitivistas, como Quinn (1997), D'Andrade (1995). A visão desses autores está centrada nas questões socioculturais, de base experiencialista e interacional. Tal procedimento mostrou que, em tais expressões, ocorre o processo de construção da percepção da realidade, pela metáfora, oriundo da interação produtor/cronista e leitores-interlocutores do jornal.

Para as análises das construções metafóricas, propomos uma abordagem de cunho semântico. Tal proposta considera que o sentido dos recortes enunciativos, nessas crônicas, resultou de processos construtivos de base semântico-cognitiva e discursiva, centrados num falante, usuário real da língua, cuja produção de discurso na crônica ocorre em situações linguísticas interacionais.

1.2.1 Organização da estrutura da composicional da pesquisa

O estudo está organizado em seis capítulos. No primeiro, fizemos uma exposição do trabalho como um todo e depois apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. No segundo, apontamos as teorias sobre a metáfora, na intenção de buscar um ponto de partida para a discussão do fenômeno, isto é, de reconhecer o que se tem feito e apontar a construção de nossa interpretação. Para isto, fizemos uma breve reflexão em três perspectivas: a) a posição tradicional; b) a posição dos teóricos que trabalham com metáfora; e c) uma introdução dos conceptualistas. No terceiro capítulo, discutimos a teoria escolhida: a TMC – Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson, tanto para sustentar a

natureza do fenômeno investigado: a metáfora – quanto para uma incursão pela teoria da Semântica Cognitiva, para compreender o processo da construção do significado.

No quarto capítulo, apresentamos as abordagens histórico-diacrônica e textual da crônica do jornal impresso da Paraíba: séculos XIX e XX, onde se procurou contextualizar, sócio-historicamente, a imprensa dos jornais da Paraíba, com suas tendências, estratégias, tradição. Procuramos, ainda, fazer uma diagramação do suporte comunicativo: a disposição gráfica dos textos, assim como caracterizar o gênero textual: a crônica. Tivemos, também, a preocupação de mostrar os aspectos conceituais e empíricos relativos às concepções desse gênero textual. No quinto, procedemos com a análise do *corpus*, interpretando as expressões metafóricas, conforme nossa proposta. Em seguida, constam as nossas considerações finais.

2 UM PARADIGMA ORIENTADOR DE LINGUAGEM: AS METÁFORAS E AS METÁFORAS DO COTIDIANO

O estudo de metáfora remonta a Aristóteles, quando este filósofo pensava que a metáfora consistia em uma forma de transportar “para uma coisa em nome de outra”. Essa concepção de metáfora, considerada, como um engenho de transporte e de englobamento, perdura até hoje, na maior parte dos estudos semânticos tradicionais.

Investigar a linguagem metafórica não é tarefa fácil, pois, nas várias investigações, desde a Tradição Clássica às visões mais Modernas, como as Teorias das Metáforas Conceptuais, por exemplo, passam por uma variedade de definições e caracterizações, cujas interpretações defendidas, apesar das (dis)cordâncias, sempre se complementam, na tentativa de colocar em cena novas reflexões para explicar o fenômeno.

Nesse contexto, a interpretação das construções metafóricas aponta para fenômenos como o de transferência, associação, semelhança. Tudo isso está(va) dando base a entendimentos diversos, o que fez a metáfora ter sido objeto de muitas pesquisas. Desde então, as várias áreas como a Linguística, a Literatura, a Psicologia, a Filosofia, entre outras, têm tido a preocupação de compreender como funciona a linguagem no discurso do cotidiano, diante de problemas apontados pelo estudo da Tradição, cujas reflexões e análises sobre o fenômeno não foram ainda esclarecidas.

No atual contexto dos estudos linguísticos, a metáfora é vista como fenômeno cognitivo, apesar de estar ligada à sorte do pensamento aristotélico, cuja aceitação de defesa aponta a função de a metáfora estar no âmbito estético ou retórico, isto é, a metáfora ora tem um quê de Retórica, ora tem um quê de Poética.

Pela Retórica, atribuem-se a eloquência e os usos de palavras públicas, assim como a arte de persuadir e de iludir. Conforme Filipak (1984), tal visão de discurso como arte estabelece outros fundamentos que servem de alicerce para os estudos da metáfora: a bipartição da linguagem pelo viés denotativo e conotativo.

Pela Poética, têm-se o estilo, os desvios e as imagens distantes. O mesmo autor, com base em Aristóteles, afirma que as funções Poética e Retórica não coincidem quando se trata do estudo da metáfora, uma vez que, no uso da metáfora, está a conveniência de clareza, calor, ampliação. Essa conveniência do dizer, em

especial, a de escolher boas palavras para significar não fazem parte dos procedimentos apropriados para uma linguagem denotativa da Retórica.

Linguistas e filósofos da linguagem trazem novas visões para os velhos problemas da tradição clássica e também questionamentos: a) por que o interesse pelas metáforas conceptuais?, b) na linguagem do cotidiano, é saliente a presença da metáfora em todos os tipos de discursos, nos mais diversificados registros, sejam formais ou informais, antigos ou atuais? Uma forma de tentar responder a(s) questão(s) seria perceber que o fenômeno suscita interrogações a partir de cada nova investigação que surge e, ainda, a constatação de que, nas literaturas, há vários enfoques pós-Aristóteles, que trazem à tona discussões e novos esclarecimentos da visão tradicional em torno da metáfora. Dessa forma, é que se justifica a atração pela explicação desse fenômeno por diferentes linhas de pensamento, o que significa haver modos de concepções e definições dessa metáfora. Com isso, cremos que esses questionamentos, assim como as investigações feitas é que formam um lugar legítimo da realidade dessa prática de linguagem sociocultural. Este lugar está ligado ao sistema conceptual metafórico, subjacente à essa linguagem metafórica, influenciando o pensamento e as ações sociais, como apregoam Lakoff e Johnson (1980).

Há uma problemática sempre latente às velhas e às novas visões, acerca da metáfora. O que é metáfora e qual a sua função? A metáfora é um fenômeno da linguagem não-literal? Como identificá-la em certas expressões linguísticas do cotidiano, difundidas nas várias práticas sociais? De Aristóteles à Retórica e Poética pós-Aristóteles, as definições, conforme já explicamos, se dão em torno dos termos transferência, deslocamento, substituição, similitude, significado duplo - literal e não-literal -, que suscitam mais duas questões: a do significado duplo e a da similitude ou semelhança. Tais definições se tornaram polêmicas para os estudiosos do século XX.

Nesse século XX, a Filosofia desenvolve uma mudança nos estudos do então dogma da metáfora e de suas implicações, então considerada um fenômeno de linguagem, cujo papel era o de ornamentar um discurso, sem valor cognitivo. Dentre esses, Ricoeur (1983) tem destaque, quando apresentou a hermenêutica da metáfora. A Filosofia da Linguagem encara tais questões como um problema ontológico, o que leva a outros problemas em torno dos itens substituição, analogia, semelhança e igualdade.

Filipak (1984, p.23), com base em Aristóteles, compreende o procedimento da linguagem metafórica:

[...] A metáfora tem um valor instrutivo, ensina com o efeito de surpresa e instrui aproximando coisas que parecem afastadas. Entre as virtudes da *lexis*, a metáfora deve distinguir-se por boas palavras. A forma, o ornamento lingüístico é muito importante para a metáfora. As metáforas devem ser derivadas das coisas que são belas, ou pelo som, ou pela sua significação, ou pela vista, ou por algum outro sentido.

De acordo com esse pensamento, percebe-se que a função da metáfora é a de agradar com palavras adequadas para produzir sentido adequado à surpresa da situação. Diante desse procedimento de fazer discurso, ficam claros: a) a função pragmática da metáfora, pois trata do modo dizer o que quer dizer; e b) o pensamento de Aristóteles, ao relacionar a metáfora à questão de transferência de significado, em especial, à analogia e às duas figuras de linguagem: metáfora analógica, no dizer de Filipak (1984) e a metonímia.

Ricoeur (1983) traz uma outra relação, que redefine a metáfora dessa visão clássica, em que a metáfora era vista também pela substituição, pelo deslocamento, conforme Aristóteles: a metáfora é uma transferência de um nome estranho para outro limitada a construções de figuras, num viés lógico-lingüístico, o de a metáfora ser palavra. Com base nesse viés de metáfora-palavra, é que Ricoeur alarga o conceito de metáfora, voltado para a experiência. Para tanto, liberta o estudo da metáfora dos limites estreitos, cuja sorte estava em fazer da linguagem a arte do adorno e do agrado estilístico; e também das propostas de algumas posições, como a do Formalismo Russo, que pensava a linguagem como poética, isto é, como um processo que se dá(va) através da Imagética Literária. Esta tinha como enfoque o estilo, a ontologia, o universo recriado, a moldura e a combinação do tipo: simbolismo e realismo; tinha o conteúdo e a configuração, e as posições filosóficas, como a Positivista, por exemplo. Para esse mesmo Ricoeur, a metáfora entra num processo de “metáfora viva”, pelo sentido da experiência, através da linguagem, cujo sentido se estabelece além da visão logicista mais pela fala, percepção, sentido da imaginação e da vontade de quem fala.

De acordo com Ricoeur (1983), a questão da linguagem como metáfora viva, deve ser discutida com base filosófica, uma vez que a problemática da avaliação do fenômeno metafórico, por exemplo, é oriunda da natureza da tradição aristotélica,

como a Retórica e a Poética, cujos acréscimos dados ao pensamento - posterior a Aristóteles, além da continuidade deste -, estão na explicação pela similitude e pelos tipos do significado: o literal e o não-literal, o que motivou o filósofo francês a apresentar uma explicação para a metáfora viva, a partir da Teoria da Tensão.

Para esse autor, a metáfora atua em: a) uma tensão entre os termos envolvidos e, por sua vez, uma tensão entre os significados: figurados e o significado não-figurado; b) uma tensão entre a identidade e a diferença, o que corresponderia à teoria da semelhança (similitude), conforme pensamento encontrado na teoria da tradição aristotélica. Com base em di Stefano (2006, p.11), Ricoeur apresenta uma terceira tensão: entre a palavra ou expressão metafórica e o sentido global do significado em que aparece, de modo que a metáfora alcança a totalidade do enunciado, quando focalizada em uma só palavra.

Ainda no século XX, o interesse pela metáfora passa por outros campos de visão. Os filósofos lógico-positivistas enveredaram por outras discussões, como a verdade, falsidade, lógica e objetividade da/na linguagem. Surgiram críticas e considerações do estudo, em especial, no ponto: 1) a linguagem literal e a não-literal. A literal estava situada nos estudos científicos e acadêmicos. E a não-literal com lugar no mundo da literatura. 2) A linguagem com valor de verdade, com base nos estudos dos logicistas e cognitivistas. É nesse bojo que a linguagem cotidiana fica à margem das discussões linguísticas, literárias e ou filosóficas, sendo enfocada pela reflexão da linguagem figurada. Nesse momento de discussão é que a metáfora sai do refúgio da Retórica, em direção à Semiótica com Ricoeur (1983), depois se direciona para o campo da Semântica, ganhando espaço em outras áreas da Linguística e da Filosofia etc.

Richards ([1936]) contribuiu para esse estudo da linguagem como fenômeno metafórico, ao trazer à cena termos novos para se compreender tal fenômeno. Este autor já rompia com o pensamento da tradição, quando afirmava não ser possível ir além de três sentenças numa interação de discurso ordinário. Richards, ao mesmo tempo, já anunciava as metáforas como muito mais do que imaginamos.

Conforme Sardinha (2007), nesse início de virada dos estudos da metáfora do século XX, é que foram trazidas, à discussão, novos itens que convidavam os estudiosos a ter um novo olhar, como: tópico/teor, veículo e base, e tensão – um termo de relevância para os estudos posteriores. Trata-se de um termo que faz

distinguir muitas teorias, pela maneira como cada uma explica tal tensão resultante de uma metáfora.

A partir do confronto entre as áreas: Retórica, Semiótica e Semântica, é que nasce a visão de uma “metáfora viva”, cujo conceito se dará no enquadramento de cada teoria, de modo que a metáfora deixa de ser vista como mero desvio ou transporte de linguagem; e a análise dessa linguagem sai do viés estrutural para entrar no domínio discursivo metafórico. Cabe esclarecer que tais visões de âmbito tradicional passam por uma revisão, quando há uma mudança de ordem psicológica e, em especial, na Psicologia Cognitiva, visto que a linguagem do cotidiano entra no *status* de ser vista como uma operação cognitiva.

A seguir, apontaremos outras visões, a respeito da metáfora, na tentativa de esclarecer outros domínios diferentes dos itens apresentados e discutidos anteriormente.

2.1 PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA DAS METÁFORAS: ABORDAGENS (NÃO)ARISTOTÉLICAS?

Diante das várias investigações, em torno da metáfora, consideremos estes conceitos: 1) a metáfora consiste em uma forma de transportar uma coisa em nome de outra. (ARISTÓTELES); e 2) a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. (LAKOFF E JOHNSON: 2002). Nesse estudo, para se chegar à discussão diante da mesma questão, discute-se o que as pessoas comuns, assim como os linguistas e filósofos pensam a respeito do conceito de metáfora?. O que mudou? Para tal mudança de visão o que se manteve para sustentar a mudança diante dos novos paradigmas?

Em Vilela (2002), há um tratamento dado à metáfora, que está longe das transposições da linguagem da arte do adorno. A metáfora é vista como a linguagem do cotidiano e entra na discussão como algo ubíquo na língua. Esse autor, em estudo específico, apresenta três grandes linhas que estudam a linguagem e o sentido, no que diz respeito às questões da metáfora: 1) retorno à concepção da metáfora clássica aristotélica; 2) metáforas na teoria cognitiva; e 3) metáforas do domínio da economia.

Com relação ao retorno da concepção/caracterização da metáfora, a literatura mostra-nos que esta metáfora tem sido interpretada como um fenômeno abrangente, de modo que atinge não só o sistema de pensamento e de realidade do mundo, mas também as ações humanas. Dentro dessa complexidade, em que os estudos desse fenômeno emergiram, é que há interesse em querer refletir tal linguagem, a partir de autores que se debruçaram em estudos que exploram conceitos mais voltados para a Linguística, filosofia e cultura, para uma grande metáfora da mente e mundo.

Conforme visto, a metáfora é abordada nos estudos como uma linguagem poética, como um processo lexical, isto é, sob a alçada da estilística. A Retórica abrigou-a, relacionando-a com a teoria da transferência, e deixando-a à margem da Linguística, da própria língua. A partir desse enfoque, procuraremos mostrar a metáfora sendo validada no discurso, isto é, dentro das linhas de pensamento da Semântica Cognitiva.

O enfoque a ser dado estará na palavra e/ou no enunciado, com ocorrências de expressões metafóricas que constituem o discurso, o que equivale dizer que há sujeitos que produzem e interpretam as metáforas como um fenômeno de linguagem, e há interação nesse jogo do dizer. Tal jogo possibilita, além da interação, dinamismos de cooperação, partilha dos significados ali pungentes nas expressões da língua. Possibilita ver que há esse sujeito inscrito na língua, porque usa essa língua, cujo sentido é (re)definido nesse jogo discursivo do ato de linguagem.

Há um marco teórico fundamental para dar início e evidenciar a discussão do fenômeno em questão: o paradigma do Estruturalismo. Como diz Eco (1991), tal pensamento herdou o objetivismo da linguagem, oriundo do positivismo-lógico, cujo entendimento mostra uma relação direta das palavras com o mundo, cujos significados partem do objeto reificado. Nesse viés de investigação, de se estudar a linguagem, o papel da linguagem ainda estava para nomear objetos, isto é, estava para a relação entre as palavras e as coisas. Dentro dessa linha teórica, havia uma preocupação, em torno da metáfora, em considerá-la como figura de linguagem, que pode ser explicada descritivamente, ser um desvio da linguagem literal e ainda ser palavra imprópria. Nesse momento, ainda se cria o discurso como a expressão do pensamento, o que reduzia a metáfora a figuras de linguagem, cuja propriedade é (re)apresentar isto a um pensamento, à arte do discurso “ornamentoso”, como deslocamento, correlação, correspondência e substituição. Com isso, metáfora,

comparação, metonímia e analogia passam a disputar conceitos, funções na busca da realidade e da significação de um discurso.

Em Vilela (2006), constam os estudos de Jakobson (1960), alicerçados no período estruturalista da linguagem. Neles a concepção da metáfora apresenta-se sob a bipartição: metáfora e metonímia, em analogia aos conceitos da dicotomia: sintagma e paradigma de Saussure (1997).

Nesse entendimento, as estruturas linguísticas estavam constituídas a partir da capacidade de outra dicotomia: seleção e combinação. A seleção envolveria um processo de manifestação, inserida num eixo paradigmático. Com isto, a metáfora surge da semelhança ou da similitude; e a combinação estava imbuída na relação do eixo sintagmático, o que suscita a função de contiguidade. É por meio dessa inter-relação bipolar dos eixos da linguagem, que a manifestação do fenômeno linguístico-metafórico tenta buscar a construção do significado da linguagem do cotidiano.

Vilela (2006) acredita que essa partição e/ou figuração fragmentada, ora em tropos, ora em pensamento e, ora em forma, em torno da língua, para entender o fenômeno natural da linguagem, deveu-se à oposição entre língua poética e língua prática. Tal visão está atravessada pelo Formalismo Russo, cujas associações e designações de conceitos e caracterizações estavam pautadas no desvio de linguagem, na polissemia da linguagem e na analogia, as quais se mantêm até hoje em alguns estudos tradicionais e estruturalistas. Nesse sentido, vê-se que a preocupação com os mecanismos de interpretação das estruturas linguísticas fica à margem dessa corrente de estudo da linguagem, o que gerou certo prejuízo para não só explicar, como também para acrescentar conhecimentos advindos da experiência do falante em situação real.

2.1.1 A semântica e a metáfora do nosso tempo: da ruptura do dogma inquestionável ao estabelecimento de um novo paradigma

Para uma investigação de linguagem metafórica, é preciso reaproximar e afastar, ao mesmo tempo, a (re)definição dada pelos estudiosos fiéis à visão aristotélica, como também pelas asserções dos semanticistas da Lógica Clássica e dos tradicionais da Semântica do século XX. Essas teorias d(ão)eram um tratamento

limitado à metáfora pela busca do significado, ora na palavra, ora na sentença, ora no léxico, o que oprime a metáfora pelo aspecto sociocultural e pela prática discursiva, relegando-a às análises estruturais, mesmo quando estas são aplicadas em textos. Isto, porque o fenômeno se configura em um acontecimento enunciativo: o discurso, cujos componentes envolvem sentido e significado, cultura, experiência, prática social e a questão linguístico-discursiva. Conforme Marcuschi (2007), a metáfora é um fenômeno discursivo de valor cognitivo, que se situa nos limites do dizível, dentro da esfera linguística, de modo que se desloca da esfera semântica para a área do conhecimento.

Não é de nosso interesse fazer grandes incursões na teorização dos surgimentos das novas teorias da metáfora, tampouco mostrar detalhadamente os caminhos percorridos pelos semanticistas que estudam, dedicando-se a este fenômeno linguístico, mas sim delinear um percurso que chegue aos cognitivistas, em especial, aos estudos de Lakoff e Johnson (2002). Do ponto de vista teórico, é preciso formalizar um breve quadro das perspectivas contemporâneas da metáfora, assim como discutir estudos importantes do uso do fenômeno nas esferas socioculturais.

É interessante deixar claro que não é tarefa simples definir ou redefinir o conceito de metáfora, mesmo apresentando as considerações dos especialistas. Diante disso, é preciso ver que, no momento da virada da discussão, há um consenso de que: a) a metáfora é um fenômeno de linguagem que tem natureza conceptual que é inerente à linguagem do cotidiano, conforme os estudos de Lakoff e Johnson (2002); e b) é um fenômeno linguístico e da Linguística, no âmbito da Teoria Interacional, como quer Black (1962). Assim também pensam os pragmaticistas como Searle, Sperber e Wilson e continuadores desse pensamento, como Moura (2007), para quem a linguagem metafórica, há uma exploração de uma rede conceptual de linguagem humana estruturada e sistematizada com valor cognitivo.

Há trabalhos, ainda, como os de Kittay (1987), que defendem a metáfora como fenômeno linguístico e conceptual. Como se verá, há alguns teóricos que vão se aproximar e/ou se afastarem desse consenso, apresentando características novas, quanto à natureza da metáfora. Mas é mister esclarecer que a problemática estará sempre nesse entorno discursivo, contextual, sociocultural e linguístico-

conceptual. Dessa feita, concordamos com Borborema Filho (2004, p. 18.) quando diz:

Se entendermos a metáfora como algo ubíquo na língua, o que junto com tantos outros teóricos o fazemos abertamente, acreditamos que dificilmente uma única posição teórica comportaria a multiplicidade de exemplos encontrados no nosso cotidiano.

A posição de Black (1962), diante de sua Teoria Interacional para estudar a metáfora, propõe que a construção do sentido metafórico deva partir do enunciado. Trata-se de um marco significativo nos estudos contemporâneos, de um estudo continuador e atualizador da teoria de Richards ([1936]), no que diz respeito à constituição da metáfora pelo enunciado, e à negação do mito de avaliar expressões metafóricas pelas palavras que carregam, em si, determinados significados.

Para Black (1962), a metáfora se instaura numa interação semântico-conceptual, decorrente da relação formal, não só da palavra/frase, mas também da inter-relação entre os elementos que compõem o enunciado - que vão do formal ao foco/frame. Isto para o autor se constitui como sistema associado de lugares comuns, cujas ideias associadas e crenças são amplamente difundidas em uma determinada comunidade linguística. Em Black, no ato do dizer metafórico, há uma asserção com *status* próprio expressando um conteúdo cognitivo, uma significação da metáfora, diante da organização das coisas, que são descritas no evento do discurso, manifestadas por uma instauração particular, porém social.

Como se pode notar, a teoria de Black (1962) já se instaurava numa perspectiva discursiva da metáfora, considerada por alguns filósofos, dentre eles Ricoeur, como indício de uma virada já cognitiva dos estudos da metáfora, o que alçava um novo olhar na interpretação do enunciado metafórico, possibilitando ver a realidade na metáfora ali constituída. Essa visão estava além da visão clássica de análise da metáfora - a de intercalar apenas figuras de linguagem - que se mostrava além da semântica da frase, isto é, estava na condição de uma prática linguística de caráter criativo, no âmbito do enunciado. Essa prática promove uma relação com o homem, pensamento e mundo, conforme já se profetizava no “triângulo semiótico” de Ogden e Richards ([1936]). Tudo isso leva a crer que o fenômeno de linguagem está na própria língua, veicula informação e inova os estudos semânticos, como pensa Ricoeur ([1974]).

A teoria de Black (1962) encadeou outros modelos interacionais para se estudar a linguagem metafórica. Faz-se necessário esclarecer que a teoria da Referência Dual Interacionista, de Glucksberg & McGlone (1993) concebe a metáfora a partir da idéia de tópico/veículo, conforme pensava Black. Nessa teoria, interpreta-se a linguagem metafórica por meio de procedimentos comuns, no que diz respeito aos usos literais, traz a idéia de uma estrutura de linguagem conceptual, o que faz ver que tal fenômeno de linguagem não se dá de forma aleatória; traz, também, a ideia de que a metáfora se utiliza de procedimentos linguísticos, diante da forma de categorização (não)literal, o que permite desmistificar a metáfora ser uma figura de linguagem, do tipo comparação, metonímia, catacrese, comparação, entre outras.

A partir de 1970, ocorre uma virada paradigmática que rompe com o enfoque objetivista – correntes da Filosofia Ocidental cuja visão da linguagem está em um mero espelho da realidade objetiva - e com a Tradição Retórica, para tratar da metáfora. Nesse momento de explosão e de novas investigações, surgem novos itens temáticos, modelos de categorias diversas dentro e fora da Linguística, conforme referenciamos anteriormente. Até os mesmos itens da Retórica e do sempre Estruturalismo se mantiveram em pauta, para se compreender quais posicionamentos poderiam ser realmente (des)considerados. Desse modo, veem-se muitas teorias, das teorias “velhas”, e teorias novas, já enlaçadas nas visões clássicas, assim como têm-se os fiéis teóricos da Tradição, como é o caso de Leite (2007), que precisaram rever a percepção da linguagem, nessa realidade de então.

Conforme Ortony (1993), o paradigma agora centra-se na ideia de que é preciso avaliar a linguagem pelo viés da cognição – resultado da construção mental, por trazer à tona o conhecimento da realidade, que tem origem, percepção para passar a informação. Essa nova linha de pensamento impulsiona as pesquisas e as novas formas de pensar a metáfora, assim como centraliza os estudos do fenômeno a partir da ideia de que a cognição é o resultado de uma construção mental. Nesse novo paradigma, os estudiosos revisam e criticam assunções a respeito da linguagem e, conseqüentemente, da metáfora. Esta linguagem muda de *status* saindo do perfil de uma simples linguagem figurada ou de uma ornamentação de retórica para uma operação cognitiva fundamental. O mesmo Ortony mostra, ainda, que outras questões, então em pauta, como a questão da linguagem (não)literal “também caíram por terra”, o que fez com que pesquisadores como os cognitivistas

revisassem tais questões e desafiassem a rever os estudiosos dessa área trazendo à tona obras com outros modelos de pensamento.

Dessas novas pesquisas, há os que se aproximam mais da posição da Semântica e os que se aproximam da Pragmática. Há, também, entre esses estudiosos, os que intercambiam nessas duas linhas de pensamento. Nesse pensamento, vale destacar alguns clássicos, como o próprio Richards ([1936]), já citado, anteriormente, por já ter apontado uma visão para a metáfora dentro do paradigma interacionista e semântico-pragmática. Isto, quando trouxe à cena das discussões da Semântica e do discurso semiótico, novos termos que fizeram repensar o estudo da linguagem e da linguagem metafórica, cuja continuidade está nos estudos também de base cognitivista e conceptualista da linguagem. Nessas novas pesquisas, muitas críticas surgem para os modelos teóricos apresentados, como o de Black (1962), por exemplo.

Quanto aos estudos da Teoria Pragmática da Metáfora, constam, na literatura, modelos de análise pautados nos pressupostos da Filosofia da Linguagem, cujo enfoque está na linguagem em uso, nas convenções de uso da língua por metáforas. Aqui o falante tem intenção do “querer dizer”, pelo que organiza desse dizer de forma livre e criativa, mas com um alto grau de valor cognitivo, dentro, ou a partir das convenções da língua para o uso da metáfora, que é de natureza lingüística.

Enfocar tais convenções de uso da língua e da metáfora significa avaliar como o sentido dessa metáfora vem sendo dado e recuperado pelo falante, diante de um uso, em cujo jogo está estrategizado numa linguagem (não)literal, e o significado ali estabelecido não é o convencional, mas um resultado de uma livre criação intencional de um falante. Dessa feita, os estudiosos dessa linha de pensamento pensam o significado metafórico vir de uma inferência pragmática, cujo princípio está para uma relação semântica, donde as implicações, ali proferidas, servirão de base para a inferência metafórica intercambiada da Semântica e da Pragmática. (MOURA, 2007; 2002).

Dos modelos pragmáticos que surgem, é mister destacar os trabalhos de Grice e de Searle (2002). Com Grice (1985), em sua teoria Lógica da Conversação, de base interpretativa, temos: a) os estudos dos implícitos, b) o princípio de suas máximas conversacionais, e c) as intenções comunicativas. O autor concebe a metáfora como uma violação de comunicação de base linguística, uma vez que, no

ato da conversação, as estruturas metafóricas violam o sentido literal, o que implica poder haver uma interpretação duvidosa daquela intencionada pelo falante.

Em Searle (2002), a metáfora é uma estratégia de recuperar o sentido que o falante quis dizer, diante de um sentido não-literal. Mas vale salientar que, diante do princípio da inferência pragmática, Searle acredita que o sentido metafórico - mesmo numa inter-relação Semântica e Pragmática -, deva ser tratado de modo separado de tais áreas diante da análise do fenômeno. Para Searle, o significado de uma sentença não é exatamente metafórico, uma vez que tal significado dado no ato de fala é que significa, de modo que não poderá haver mudança de significado das estruturas que formam uma metáfora. A exemplo desse entendimento, eis uma estrutura atributiva, do tipo *X SER Y*, em cujo ato de fala, tal expressão comunique:

[...] Eu como todo nordestino sou poeta no coco de embolada que tem sua origem histórica, [...].

(In: **CORREIO DA PARAIBA**. Verso de embolada. C1, p.6 de 18 jan 2006)

Diante da proposta teórica de Searle (2002), há, nesse ato, uma comunicação, um ato de língua em ação, mas de forma literal, aquela que o usuário quer realmente dizer e significar: *Eu ser Poeta*. Diante desse ato de fala, o falante espera que o ouvinte infira o significado exatamente como está na estrutura linguística.

Conforme esse dizer metafórico EU SOU POETA, apresentado acima, cujo exemplo está na crônica de nosso *corpus*: *O verso de embolada*, Jornal da Paraíba, p.6, de 18 de janeiro de 2006, do cronista Bráulio Tavares, permite compreender o que a teoria diz: o leitor do jornal e o cronista devem estar em processo do princípio de partilha para que a estrutura proferida seja reconhecida. E, ainda, pode se esclarecer tal questão, em monta, pela defesa de que o sentido de uma enunciação, conforme EU SOU POETA, por exemplo, seja compreendido caso se considerar, *a priori*, a expressão literal, pela metáfora estrutural de base primária: TODO NORDESTINO É POETA. Aqui o entendimento partilhado resgata o teor do sentido, quando se considera o sentido literal pré-existente. Dessa feita, a metáfora pós-existe, mediante o sentido literal dado.

Para Searle (2002), o sentido estabelecido na metáfora está além do que as palavras dizem, o que nos faz compreender que o fenômeno metafórico conceptua a linguagem diante da dicotomia literal e não-literal. Com base no exposto, a Semântica das Proposições V (verdadeira) ou F (falsa), cujas categorizações ali estabelecidas também não podem dar conta da explicação do que o fato exige, não dependem da Pragmática, pois esse dizer, no uso da linguagem, transmite uma mensagem e tem valor cognitivo.

Acerca dessa questão, Moura esclarece:

A mensagem da metáfora está fora das condições de verdade e não depende da conexão linguística entre o signo e a significação. A metáfora está fora do núcleo semântico da linguagem, e como tal, a única convenção válida para sua interpretação é de natureza pragmática. O poder expressivo, conforme Searle, deriva do ouvinte que precisa calcular o significado do falante e esse poder corresponde a um conteúdo proposicional que está relacionado, mas não contido na sentença. (MOURA, 2007, p. 32)

Para Searle (2002), a metáfora está fora da linguagem, diante do princípio da convenção do uso da linguagem metafórica, isto é, a estrutura é organizada metaforicamente, no ato de dizer, está à margem da linguagem, e está centrada na convenção de uso da língua.

Os estudiosos modernos da linguagem metafórica, como Gibbs (1994) apontam os trabalhos de Grice (1985) dentro de uma também limitação, para explicar a interpretação das estruturas linguísticas no âmbito da metáfora. Isto, porque o argumento desses filósofos ainda está na velha bipartição: linguagem literal e não literal, o que, por sua vez, remete à questão do sentido (não)literal. Diante dessa visão de análise, tem-se a metáfora em um segundo plano, dependente de uma pré-análise literal da forma linguística, de qualquer maneira dependente de uma intenção de um falante. Esse pensamento fez-se “cair por terra”, diante das teorias conceptualistas que mostram a realidade da língua natural ser a linguagem metafórica, em cujas estratégias suscitam o aspecto criativo, (re)inovador e informativo-argumentativo, conforme discutiremos adiante.

Kittay (1987) tratou a questão da linguagem metafórica por uma visão também semântico-pragmática. A autora apontou um enfoque direcionado para uma Semântica Cognitiva. Considerou a metáfora como um fenômeno situado no pensamento, cuja materialidade linguística envolve projeções ou correspondências

entre dois domínios conceptuais, de modo que tais estruturas dessa materialidade podem ou não se alterar diante do uso da linguagem metafórica. Para essa mesma autora, a metáfora é a realização linguística de um salto de um pensamento de um domínio para outro de modo que, nesse salto, tem-se como trampolim a correspondência que preserva a estrutura linguística, do tipo: $X \text{ ser } Y \rightarrow Xy - - - Yx = XY$, por exemplo: *Este garoto (X) é um anjinho (Y)*. Tal transferência transpõe relações de X para Y = garoto/anjinho. Nesta estrutura, ainda, mesmo não ordenada, altera transitoriamente ou permanentemente a forma de se olhar o mundo através dessa realização linguística.

Em Kittay (1987), a metáfora tem teor cognitivo. Tal teor vem da reconceptualização da informação, já disponível para o falante. No caso do exemplo acima, já havia uma concepção prévia: a de garoto e a de anjinho, que se reordenaram em *garoto-anjinho*. Como se vê, trata-se de uma nova forma de acomodar experiências, cuja fonte de (re)conceptualizar está no centro do nosso pensamento criativo, e aí que está o papel da metáfora, o de assimilar e de acomodar os conceitos e informações que estão disponíveis no mundo. Dessa virada dos estudos da metáfora, a Teoria da Perspectiva da Metáfora de Kittay já representa o novo olhar sobre o fenômeno. Como afirma Borborema Filho (2004), as contribuições dessa autora são relevantes, no tocante à força cognitiva, cuja peça do processo dá a conhecer mais as questões da metáfora.

Alguns estudiosos como Sperber e Wilson (1995) se encontram também numa fase de transição entre a Semântica/Pragmática e a Semântica Cognitiva, diante da sua Teoria da Relevância. Este entendimento desenvolve um modelo de processamento de informações de base cognitiva, privilegiando os estudos da metáfora. Para tal, propõe-se avaliar a compreensão das estruturas metafóricas por um método de análise de caráter inferencial, não-demonstrativo, por considerar as “restrições” da Lógica Formal para descrever o processo de inferência e modelar o raciocínio.

Tal teoria objetiva ampliar o modelo teórico de Grice (1985), ao acrescentar o modelo da cognição humana, em especial, a linguagem natural. Resta esclarecer que esse quadro teórico centra os efeitos cognitivos de um indivíduo usando e interpretando informações em contextos comunicativos, de modo que quanto mais efeitos contextuais, menos esforço cognitivo, logo será maior a relevância desse dizer. Ou, quanto menor o efeito contextual, maior será o processamento e,

consequentemente, menor a relevância das informações no contexto comunicativo. Esse perfil epistêmico é que faz pensar alguns autores, como Feltes (2007; 1992 a & b), tratar de um modelo teórico na zona da Pragmática e da Cognição.

Quanto à comunicação, em linguagem metafórica, esta linguagem é vista num processo de (não)ampliação não-litera e de base inferencial. Isto possibilita o interlocutor interpretar efetivamente o sentido codificado na estrutura da comunicação, ou em grau de ampliação, ou estreitamento conforme o interesse de avaliação da estrutura em foco. Para os autores, Sperber e Wilson (1995), as metáforas não violam regras ou máximas da conversação, como queria Grice (1985), mas tratam de comunicações que exploram criatividade, determinadas pelas condições de relevância dada pelo falante no ato da comunicação. Aqui não há preocupação em fazer uma linguagem literal e nem metafórica, apenas que os interlocutores alarguem as condições de relevância da estrutura linguística, para ser compreendida diante do contexto inferido a partir daquele uso.

Como se pode notar, à medida que os teóricos avançam nos estudos da linguagem, em situação de uso, suscita-se um novo enfoque dado à linguagem, em especial, à linguagem metafórica. Diante disso, é que iniciaremos a discussão da Teoria da Metáfora Conceptual, a partir dos estudos de Lakoff e Johnson (2002).

3 AS METÁFORAS CONCEPTUAIS: EXPERIENCIALISMO, MENTE E MUNDO NAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM

Em linhas gerais, iniciaremos a discussão da teoria do significado da metáfora de base cognitiva, a partir das questões básicas, que estão sempre em pauta. Tais questões fomentam novas teorias e/ou rediscutem as velhas, seja pelos filósofos, seja pelos linguistas e/ou literários, e, até pela visão que circula nas salas de aula de leitura e escrita, mediante processo da compreensão e da interpretação, e produção de gêneros textuais, cujas estruturas linguísticas estão imbuídas de conceitos socioculturais de forma metaforizada. Eis as questões: a) o que é metáfora conceptual? E b) qual a sua função no discurso linguístico?

Como ponto de partida, analisemos algumas teorias dos estudiosos pós-Aristóteles, pós-estruturalistas, para vermos o que descobriram no que se trata da linguagem da vida cotidiana, em cuja fonte podem ser encontradas as respostas que precisamos. Primeiramente, vimos, na Linguística de base Cognitiva, que a metáfora está infiltrada e imbuída na vida cotidiana; vimos que ela estrutura a ação de linguagem, ora concebendo, ora (re)construindo modelos cognitivos e culturais para agir no mundo. Conforme Lakoff e Johnson (2002), os indivíduos percebem o mundo pela cultura e agem pela fala e pelas ações sociais.

É interessante começar a discussão pela concepção de linguagem, adotada pelos cognitivistas de base conceptual, por ser ponto comum às diversas e diferentes escolas. Começemos pela visão da Linguística, em especial, a da Semântica Cognitiva.

Os estudos da linguagem de base cognitiva, após a década de 1970, tiveram uma crescente investigação, que pode ser compreendida em duas etapas: a) a da primeira geração – com a Teoria Representacional da Mente – cujo teórico Fodor (1960), filósofo da mente, enfoca sua interpretação na Semântica Combinatória – a mente passa a ser estudada como um computador. Nesse recorte, a linguagem conceptual é estudada pelo viés internalista, cujo sistema representacional para análise precisa ser caracterizado, mediante processos computacionais. Como se vê, trata-se de Modelos de Processos Cognitivos que consideram a mente simbólica e a linguagem como pensamento, de modo que não é aprendida socialmente. Para Marcuschi (2007 a), como uma visão solipista da linguagem. E b) a da segunda geração – a da Semântica Cognitiva: mente corpórea, cujos filósofos colaboradores:

1.Talmy; 2.Langacker; 3. Harder; 4 Geeraerts; e 5.Lakoff e Johnson, estes últimos representantes, dessa geração, com a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados – TMCI, que aborda alguns fenômenos semânticos, em especial, a metáfora.

Um breve quadro dessa segunda representação pode ser compreendido da seguinte forma: a) quanto à concepção de linguagem, Talmy tem preocupação com a organização conceptual da linguagem, ou seja, com a natureza do conteúdo conceptual dessa linguagem, bem como com o objeto de estudo desse pensamento, os fenômenos mentais qualitativos, com enfoque na compreensão da introspecção. E b) Langacker (1972) pensa a linguagem, num enlace da Semântica Cognitiva com o Funcionalismo, pelo viés da Semiologia e com função interativa. A literatura informa que esse autor se destaca por apresentar suas discussões da linguagem por dois domínios de investigação linguística: uma agenda descritivista e outra funcionalista, cujos métodos de análise querem atingir teoria/prática. Isto por se preocupar com a integridade dos dados, na tentativa de atender o fenômeno dentro de um construto delimitado, diante das habilidades de ordem cognitiva básica: abstração e categorização desta abstração.

Harder (1999) concebe a linguagem, imbricada no contexto da experiência. Interpreta-a como um fenômeno de base cognitiva, num processo *continuum* cognitivo e biológico. Preocupa-se com o uso da linguagem, no que se refere à vida humana, em especial, a cognição humana.

Geeraerts (1999) pensa a linguagem no âmbito da Filosofia, de natureza interpretativa com base na Semântica Cognitiva. Para esse filósofo, a linguagem é por natureza um pensamento natural no mundo. Desta feita, deve ser analisada por esse caráter. Para isto, vale-se dos métodos de análise da Linguística Cognitiva, e do Funcionalismo, que se preocupa com o uso e o conhecimento. A imbricação dessas duas teorias busca explicar que há uma mente, cujo sujeito é cognoscente, que pensa o mundo no mundo.

Como podemos notar, essas discussões dos colaboradores de Lakoff e Johnson, dessa segunda geração, estavam voltadas para revisar o ponto: linguagem e pensamento. Com isso, a língua é concebida por Lakoff & Johnson (2002), no âmbito da convenção, da cultura, da comunicação e da vivência.

Os cognitivistas tratam a linguagem dentro do aspecto formal, a partir de uma perspectiva conceptual. Já os autores Lakoff e Johnson (2002) concebem a linguagem dentro da abordagem da Linguística Cognitiva, subsumindo uma

variedade de interesses e de abordagens teóricas, conforme nos mostra Feltes (2007, p. 15):

[...] a linguagem é uma faceta integral da cognição que reflete a interação dos fatores sociais, culturais, psicológicos, comunicacionais e funcionais e que apenas deve ser compreendida no contexto de uma visão realista da aquisição, desenvolvimento cognitivo e processamento mental.

Diante disso, vê-se que a linguagem metafórica não é o objeto específico de investigação desse grupo cognitivista, como os estudos de Langacker (1972), Fauconnier (1999), por exemplo. Mas, conforme Feltes (2007), nesse modelo de discussão, tais estudos já suscitavam análises cognitivas de linguagem, cuja abordagem unificadora da estrutura da linguagem que evitasse dicotomias problemáticas como: a) léxico *versus* gramática, b) morfologia *versus* sintaxe, c) semântica *versus* pragmática, e d) sincronia *versus* diacronia. Tais autores mantiveram uma postura crítica com relação à linguagem, atentando para uma experiencição, introspecção, para o “mentalês”, o uso, o contexto; e deixar de fora o ontológico e o epistêmico da linguagem, tudo isso num amplo espectro filosófico, enquanto teoria da Semântica Cognitiva.

O estudo dos sistemas conceituais, na visão de Lakoff e Johnson (2002), preocupa-se com conceitos abstratos de natureza sociocultural, que dão suporte aos Modelos Cognitivos. Tal teoria leva em consideração alguns fundamentos de base filosófica, psicológica e linguística, para operar com os conceitos abstratos, numa tentativa de explicar o tratamento da teoria quanto ao potencial das expressões linguísticas de tal domínio conceitual levantado.

Os estudos de Lakoff e Johnson (1987; 2002) podem ser divididos em duas fases: a primeira, ligada à segunda geração dos teóricos cognitivistas, conforme os perfilamos anteriormente, apenas para orientar verticalmente a discussão da TMCI; e uma outra vertente dessa teoria que se preocupa com a linguagem metafórica, como um fenômeno essencialmente cognitivo, só que com aceitação de aspectos da Teoria de Mesclagens. Trata-se de um novo modelo de Semântica Cognitiva, que retoma e mantém a TMCI, mas que também toma seu rumo nas discussões, tem como representantes: Lakoff e Johnson, e seus seguidores: Fauconnier, Turner, Gibbs e Grady.

3.1 DA METÁFORA CONCEPTUAL À TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS

A proposta dos autores Lakoff e Johnson (2002) para estudar a metáfora muda a perspectiva desse fenômeno de linguagem, agora reconhecido como um fenômeno de base cognitiva. Sai da casta do domínio estilístico e ultrapassa a visão clássica, então postulada pelos estudos de base literária, para ser evidenciada nos estudos da Linguística, no âmbito da Teoria da Cognição, de base Experiencialista. Os autores concebem a metáfora sob a afirmação de que *o raciocínio humano é essencialmente metafórico*. Diante desse entendimento, aquela visão de tal linguagem ser um fenômeno apenas linguístico é desmistificada, diante da descoberta de que se trata de uma operação de base cognitiva, fundada na relação corpo e mundo, com o papel de: a) ser responsável pelo raciocínio do indivíduo nesse mundo; e b) possibilitar não só a compreensão, mas também a conceitualização das coisas do mundo, a partir de domínios também conceitualizados no Experiencialismo, a base da Semântica Cognitiva.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002), o nosso sistema conceptual é motivado pela nossa experiência corporal, o que possibilita entender a abstração do mundo. Isto é feito por nós, ao mostrarmos um mundo concreto em nossas ações e em nossas práticas de linguagens. Nessa linha de pensamento, as experiências de cada falante passam a se difundir na linguagem, através do recurso cognitivo, ao refletir e refratar o dizer e o pensar sociais no discurso, diante de um evento comunicativo, um gênero textual. Este tem caráter natural e social, seja pelo nível “individual” – experienciado no mundo, seja pelo nível cultural – experienciado e vivenciado nesse mundo.

Nesse sentido, vê-se que essa Semântica Cognitiva Experiencialista reflete a experiência humana, a partir de experiências sensório-motoras, do tipo emocional e social e de capacidades inatas ao homem, que vive socioculturalmente. Com isto, o falante dá forma às tais experiências, pela linguagem, no caso, metafórica, materializada num gênero textual. Isto, quando, diante de certa situação social, afirma-se que, ao ESTAR TUDO BEM É ESTAR TUDO EM CIMA. Por exemplo: ao se gesticular com sua mão direita, colocando o polegar dessa mão em riste. E experiências, que são vistas como funcionamento ativo, que é parte do ambiente natural, social e cultural.

Em Lakoff e Johnson (2002), a experiência social, que é parte do mundo real, motiva sem determinar exatamente o significado das formas operadas, a partir de nosso corpo. Ela tanto estrutura o entendimento, como também restringe determinados conceitos conceptualizados, até porque há um item importante no convívio social: as convenções socioculturais, conforme a cultura e a subcultura. Como no caso do exemplo anterior, em certa comunidade cultural, possui um modelo culturalmente internalizado para tal forma de dizer, pelo gesto, o que pode não significar que está tudo bem, no sentido de estar-bem socialmente. Diante disso, vale a pena entender: o que é?, e o que se deve considerar nesse experiencialismo?

Com base nos autores, em monta, trata-se de formas de operar o mundo, de capacidades naturais e variadas de experiências sensório-motoras - de base emocional e sociocultural, para conceptualizar e depois conceitualizar significativamente as coisas do/no mundo. Desse modo, vale considerar a mente/mundo e a capacidade inata do falante, como indivíduo social, que dá forma à experiência, categorizando o mundo. Como se vê, refere-se a um funcionamento ativo da mente no mundo, que, através de construtos mentais, organiza vários domínios da experiência humana. Esse experiencialismo envolve o (não)linguístico, a totalidade da experiência humana. Sendo assim, é importante levantar um quadro referencial, epistêmico, que aponte princípios e conceitos formais da teoria, inerentes ao processo desse funcionamento ativo, como: 1. Modelos Cognitivos Idealizados; 2. Modelos Culturais; 3. Categoria Conceitual, Humana; 4. Prototipicidade; e 5. Categorização.

3.1.1 Natureza, Tarefas, Alcance, Limites e Processos Metafóricos evidenciados nas crônicas dos jornais da Paraíba

Para compreender a metáfora, como também o significado, a partir dela, nos vieses Experiencialista e Cognitivista, é que tomamos a Teoria da Metáfora Conceptual – a TMC – com o objetivo de tratar das estruturas conceptuais metafóricas, atualizadas num discurso. Tem como ponto de partida a conceptualização dos fatos sociais, sendo internalizados em tais estruturas linguísticas discursivizadas, nas práticas com linguagem da vida cotidiana. A exemplo, vejamos, pois, um discurso de um cronista do século XIX, quando se

expressou, por meio de um jornal impresso, em seu discurso (amostra de nosso *corpus*), um fato social: a eletricidade chegando à Província da Parahyba, como em:

[...] A coisa não é nova. [...] um órgão-harmonium, inventado em Itália, e em que **a eletricidade, como força motora de suas madrinhas** [...] não representa apenas um papel secundario, tal como o de abrir as valvuras, mas produz ainda as notas de oscollação de laminas de diversas espessuras e comprimentos.
(Grifo nosso).

(In: **Campinense**. Maravilhas de Eletricidade. Parahyba do Norte: Anno I, n.31, p.3, 12 set 1892.)

Diante da expressão linguística, em *bold*, na crônica acima, compreendemos que o uso das metáforas, como: ELETRICIDADE É FORÇA e ELETRICIDADE É ATRITO, construídas a partir da expressão: “[...] a eletricidade, como força motora de suas madrinhas” [...] é um processo inerente à ação de/com linguagem. Podemos perceber que elas estão ao dispor do falante para tratar de um domínio mais concreto dos fatos sociais. Faz uso daquilo que lhe escapa ao terreno concreto do observável, para um campo abstrato, isto, pelas metáforas conceptuais, que subjazem tais expressões. Nesse recorte textual, o cronista organizou seu dizer incluindo aspectos imaginativos em diferentes níveis de percepção, a partir de sua experiência, pensamento e razão ali projetados, e colocando, nessas expressões, as informações do mundo e, ao mesmo tempo, contextualizando-as nos fatos sociais da então Província da Parahyba. Diante daquela modernidade da Europa, o cronista constituiu a história e colaborou com esta história do Estado da Paraíba. Isto pode comprovar que foram organizados diferentes domínios de sua experiência para fazer entender o mundo e dele construir o sentido, conforme o título da crônica, *Maravilhas da Eletricidade*, o que confirma a hipótese de Lakoff e Johnson (2002) de que a nossa língua cotidiana se assenta na metáfora, passando (in)conscientemente (des)percebida. Ela é parte do discurso do dia-a-dia, em falares banais ou não. Tal uso é uma questão do processo do pensamento e da ação humana.

3.1.1.1 Da natureza à definição

O caráter básico dessa TMC – Teoria da Metáfora Conceptual - está no Experiencialismo, cuja preocupação é o significado, que é inerente ao processo de categorização humana. Diante disso, tem-se a metáfora se apresentando numa realidade da linguagem do cotidiano, cuja TMCI – Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados - tem como objetivo operar o mundo, através das capacidades naturais e variadas da experiência do falante.

Os tipos de expedientes utilizados para estruturar esse dizer são construídos em vários modelos, do tipo: semelhantes, opostos, e mesma direção. Na tentativa de mostrar como se estabelecem esses construtos, é que organizamos um esquema, abaixo representado, que pode configurar a forma natural, isto é, a capacidade de o falante, via metáfora, conceituar e formar modelos idealizados para conduzir suas práticas sociais.

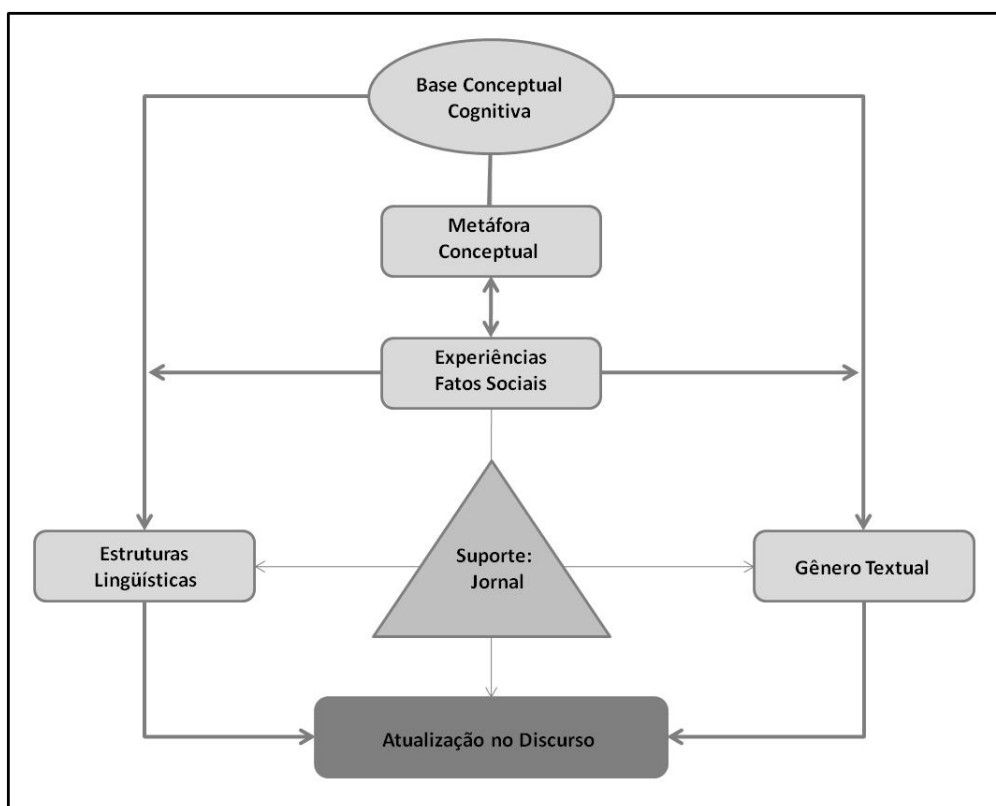


Figura 1 - A Língua atualizada por metáforas¹

¹ Das estruturas lingüísticas para o discurso, tais estruturas são atualizadas.

O esquema da Figura 01 mostra:

Mente → Experiência (Experiência → Mente) → Metáforas

Com base nesse entendimento, temos as metáforas conceituais sendo atualizadas no discurso, a partir dos fatos sociais. Tais fatos se refletem na língua; por meio das estruturas linguísticas que compoem o gênero textual, veiculado no suporte, o jornal.

Como se pode notar, as metáforas estão nos limites do dizível, dentro da esfera linguística e da esfera social, deslocando-se por "n" movimentos, controlados, que convergem para a área do conhecimento, através da experiência e da cultura. Por meio das metáforas conceituais, o falante se insere no mundo, para, assim, atuar nesse mundo. Nesse processo, cognitivo, em tal falante, como pensa Marcuschi (2007), há um ser linguístico, envolvido nos componentes: social e individual, responsável pelo seu jogo de dizer metaforicamente. Com isso, pensamos esse falar como um ato cognitivo, cuja significação é trabalho social, desenvolvido, mediante a presença, de alguma forma, do outro, em condições socioculturais.

3.1.1.2 O papel dos MCI e do analista cognitivista

O papel do MCI é o de expor as ideias complexas, isto é, ideias associadas pela vivência, pelo conhecimento e expor modelos sociais, adquiridos e interiorizados pela comunidade social, culturalmente constituída. Diante disso, cremos ser a tarefa do "analista lakoffiano", diante da metáfora no MCI é: 1. reconhecer e interpretar a metáfora nas estruturas de um determinado gênero textual; 2. inferir o significado considerando a cultura dos participantes desse dizer socialmente partilhado; 3. inferir pelo propósito do falante; 4. não interpretar a estrutura arbitrariamente. E 5. reconstruir o modelo cognitivo ali constituído para significar.

Quanto à natureza da metáfora, diante do MCI, apreciemos algumas considerações, colocadas por Lakoff e Johnson (2002), na década de 1980. O termo é aplicado a uma série de fenômenos, que, muitas vezes, não são considerados metáforas, em sentido estrito. As metáforas conceituais fazem parte do sistema metafórico convencional de uma determinada cultura e permitem entender o uso criativo que os poetas, os falantes fazem no seu discurso cotidiano; elas são de base conceitual e se caracterizam como um fenômeno linguístico, tendo como ponto de partida a linguagem natural do cotidiano. Conforme os autores, esta linguagem ocorre espontaneamente e é por natureza metafórica.

Para se chegar à compreensão da natureza desses MCIs, é preciso considerar alguns itens essenciais ao processo desses modelos, como: a) conceito, b) objeto, c) fatos, que fomentam a compactação dos modelos e dos tipos, d) domínio, como a realidade empírica, tendo como partida a experiência, imbuída na cultura, em direção ao ponto de chegada ao mundo. E, ainda, e) níveis de percepção. Quanto a estes níveis, os autores, Lakoff e Johnson (1987) defendem que há níveis privilegiados de percepção, o que resultará em modelos cognitivos, diferentes e variados. Tais níveis requerem do outro (o interlocutor) fazer as devidas inferências. Com isso, torna-se essencial o papel das propriedades da *gestalt*. Tais propriedades serão discutidas mais à frente, no capítulo de análises das amostras do *corpus*. Tudo isso, para chegar ao processo de análise, cujos métodos focam o nível estrutural e o funcional, para buscar o significado de nossas metáforas, que estão refletidas e refratadas, nas atualizações linguísticas, em especial, nas crônicas desse *corpus*.

Quanto ao domínio das metáforas, a literatura mostra o domínio conceitual, o linguístico e o linguístico-conceitual. Um possível conceito, a partir das considerações dos autores, seria o de a metáfora ser o próprio pensamento dos falantes, socialmente, em linguagem extraordinária, em uso, uma linguagem ubíqua na esfera da comunicação: a língua → discurso → gênero textual. Tem materialidade linguística, envolve projeções ou correspondências entre dois domínios conceituais: o fonte e o alvo. Conforme Borborema Filho (2004), lendo Lakoff e Johnson (2002), a metáfora é uma realização linguística, que se exorbita de um salto do pensamento de um domínio para outro.

A exemplo desse pensar, vejamos, por hipótese: [X ser Y] → Yx. Há, aqui, uma espécie de trampolim. Só que, nesse salto de X, este se imbrica em Y, de modo

que XY forma um amálgama, um corpo, um signo, um argumento de um discurso. Com isto, o interlocutor, perante o entendimento, precisará recuperar X e Y para compreender XY, ideia agora dada, que passará a ser refratada em outros dizeres no mundo. Essa “metáfora do trampolim” em direção a Y resultando em XY, faz-nos comprovar a tese dos autores Lakoff e Johnson (2002) de a metáfora estar infiltrada na vida cotidiana, seja na linguagem, seja nas ações socioculturais.

A metáfora tem como característica: a) o ato da transferência de conceito já formalizado para um outro que já esteve, está sendo e será construído; b) o das transposições de relações e de domínios conceptuais, ainda não estruturados no discurso; e c) conforme o mesmo Borborema Filho: trata-se de uma alteração transitória ou permanente da forma de o falante refletir o mundo e refratá-lo, diante do seu dizer, no evento de comunicação.

Para Lakoff e Johnson (2002), o sistema conceptual humano é metafórico, governa as atividades cotidianas, ao estruturar tal percepção, o modo de comportamento social, e, ainda, o modo do relacionamento e das crenças no mundo. Diante disso, a metáfora, através de seus MCIs, tem como essência a compreensão e a experiência sendo colocadas na expressão linguística, do tipo X ser Y, o que comprova o conceito de língua(gem) e as atividades de/com linguagem serem metaforicamente estruturadas. Ora, perante um dizer, por exemplo, de *H. S. Lima*, cronista do século XIX, do jornal da Província da Parahyba:

[...] **O homem é um ente composto de corpo e espirito.** O primeiro, substancia inerte, e apenas capaz de receber o impulso de força estranha, é mortal como bem mostram suas propriedades; o segundo é uma substancia inteligente e activa. [...].
(Grifo nosso)

(In: **O Academico do Norte**. Liberdade Religiosa. Anno I, n.1, p.1, 20/jul/1857.)

Vemos que o cronista quer discutir com seu leitor a questão da particularidade religiosa. Para isso, a) buscou conceitos abstratos de liberdade, explicados através da Teoria do Materialismo, de base Eleática, cuja essência está no recipiente e no espaço, como também na Dialética Dicotômica do Bem do Mal; b) explorou conceitos da Filosofia para criar seu modelo conceptual, diante do seu conhecimento

e de sua cultura; e c) partiu de sua experiência, cujos conceitos internalizados, acerca do homem e da liberdade, *a priori*, é de esse homem ser um recipiente, composto de matéria e de espírito, sendo capaz de receber energia, independente de sua vontade. E, ao mesmo tempo, mostra esse recipiente ser uma entidade ativa e inteligente, capaz de agir e de ter sua consciência, no caso, a da liberdade religiosa. Esta é o fim último desse indivíduo, conforme a intenção do cronista, ao querer fazer refletir essa questão nessa época e depois refratar na sociedade a questão da liberdade ao culto. Como se vê, o cronista utiliza-se de metáforas, como CORPO É INÉRCIA, CORPO É RECIPIENTE e ESPIRITO É AÇÃO, para formar conceitos, negar conceitos ou até manter alguns que estão sufocados, diante da convenção sociocultural desse espaço tempo.

Diante desse exposto, avaliemos o esquema abaixo para se compreender o processo da experientiação do homem no mundo até chegar à metáfora:

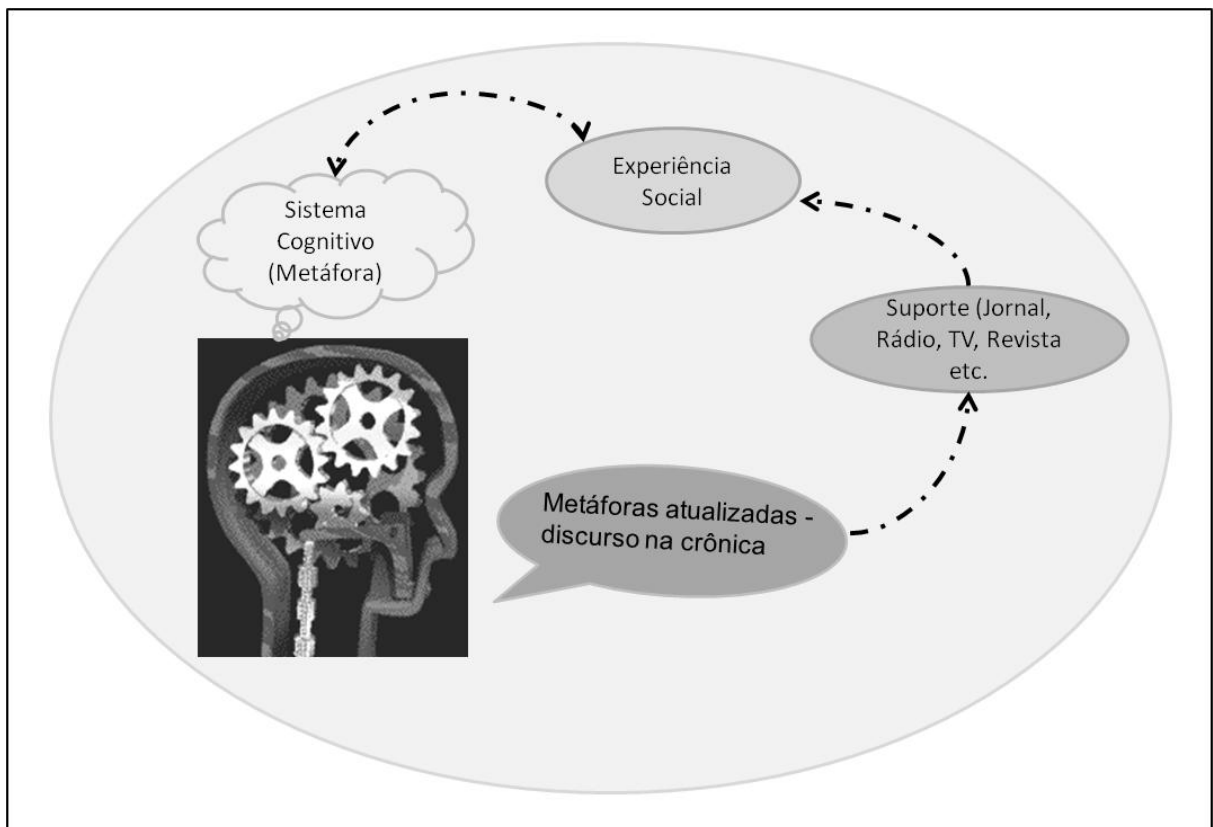


Figura 2 - O Homem - uma Entidade experienciando o mundo

Tal esquema da Figura 02 se apresenta com os objetivos de mostrar que: a) os conceitos ocorrem antes da interação, esta, por sua vez, é imediatizada por

esses conceitos socialmente experienciados; b) o homem, no mundo, reflete individualmente e socialmente, num tempo/espaço, os fatos sociais. Isto é, esse homem particulariza a sua intenção, pela palavra, por meio do fenômeno da interação social; c) o homem conceptualiza o fato, mediante um modelo cultural convencionado, depois mostra seu credo, sua paixão, seu ponto de vista para o leitor/ouvinte e falante, a partir de uma convenção. Tal pensamento pode estar de acordo com o de Lakoff e Johnson (2002) de a metáfora ser uma mostração, por meio de uma expressão rígida e frágil, no que trata, particularmente, o pensamento de o falante organizar o que deseja dizer, seja novo, seja dado, seja recriado. Esse querer dizer sempre despertará em alguém um ponto de vista e esse uso chama-se de metáfora.

Quanto ao termo metáfora, nesse pensamento, é aplicado ao estudo do fenômeno, conforme é evocado na Teoria da Metáfora Conceptual. Como termo, vale considerar os modelos metafóricos, conforme os autores, em monta, caracterizam o objeto dessa teoria o MCI, como um esquema de experiência corpórea, com fronteiras delimitadas, de modo que, a partir delas, delimitam-se o interno e o externo desse esquema.

Diante dessa caracterização de nossa experiência corpórea, vejamos uma estrutura linguística, de base metafórica, com ênfase nas delimitações de fronteiras:

[...] A trindade maldicta da Paraíba é Composta de três patifes perrepistas [...]

(In: **UNIÃO**. Trindade Maldicta. n. 93, p.3, 03 de jun de 1930.)

Dessa estrutura, retirada da crônica do Jornal da Paraíba, podemos perceber que as metáforas se apresentam como instrumentos cognitivos, que permitem aos falantes interlocutores a habilidade de criar formas adequadas, até certo ponto inéditas, para a situação do domínio em referência, com o objetivo de mostrar ao interlocutor as coisas como são no mundo. E perceber, ainda, que esse falante, ao construir a metáfora: [O PRP É UMA RELIGIÃO DO MAL], subjacente à expressão: *a trindade maldicta da Paraíba é composta de três patifes perrepistas*, tem na mente

o elemento: a) POLÍTICA (perrepista), no domínio alvo, cuja metáfora: [POLÍTICA É RELIGIÃO]; e b) RELIGIÃO (TRINDADE MALDITA) no domínio fonte.

A título de ilustração desse pensamento, vejamos o diagrama abaixo, que mostra como funciona a delimitação das fronteiras desses domínios, existentes no sistema cognitivo, do tipo: X(PRP) SER Y(UMA RELIGIÃO DO MAL). Sendo X alvo e Y fonte, de modo que se percebe haver dois conceitos e dois conteúdos nesse discurso interagido: um X e um Y $\rightarrow$ X ser Y $\rightarrow$ YX. Este se apresenta como conceito novo, já simbiotizado na estrutura da metáfora conceptual: [PARTIDO POLÍTICO (PRP) É O MAL], a ser refletida e refratada no meio sociocultural.

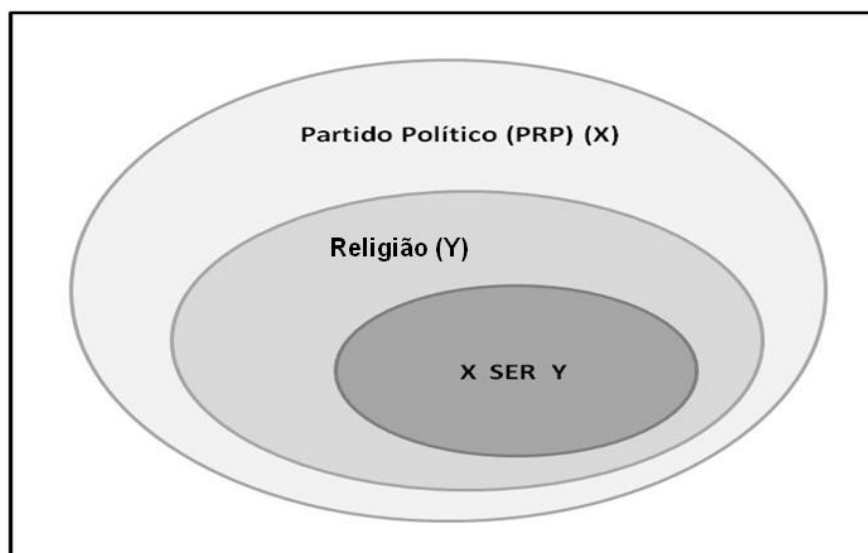


Figura 3 - Esquema Externo e Interno das fronteiras dos MCIs²

Conforme o diagrama da Figura 03, o sistema conceptual está dividido em três estratos, diante uma metáfora. Estes estratos se definem a partir de três elementos de composição interna, que, por sua vez, estarão em três níveis de percepção externa: X, Y e XY. Deste modo, se [X ser Y], logo teremos [X (Perrepista), Y (Religião). e XY(Xy $\leftarrow$ / $\rightarrow$ Yx) = (Perrepista Maldito)]. Para percepção e experiencição desse X, deve-se tomá-lo no sentido estrito: Partido Político da época; Y deve ser tomado pela convenção sociocultural, significa, conforme Luft (1998): crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, criadoras e

² A relação estabelecida é entre religião/seita e partido político. Com isto, a expressão “trindade maldita” é que nos leva a ideia de “religião” (santos, santíssima trindade etc.). Só que esta é do mal, é maldita.

reguladoras do universo que provêm do homem de uma natureza que se perpetua após a morte. E XY/YX deve ser percebido, a partir de um amálgama desses dois conceitos, abstraídos pelo falante, para gerar um terceiro, aquele da percepção do cronista, que, através da estrutura metafórica, quer fazer refletir e refratar, naquele meio social, esse terceiro conceito: Perrepistas são atividades malditas para aquela sociedade.

Se avaliarmos a estrutura, ainda, nos estratos acima, podemos ver que o homem reflete esse mundo sob uma perspectiva que já está lá no social, como diz François (1998), está no já-lá, que é abstraído (in)conscientemente para um já-lá-cá, isto é, do social para a mente; da mente para o social e depois para as mentes. Considerando essas ideias, vale a pena compreender que as metáforas possibilitam e difundem perspectivas de se olhar o mundo, isto é, funcionam como um espelho, que faz refletir essas metáforas através de lentes opacas e transparentes.

3.1.1.3 Do alcance e dos limites da metáfora

Quanto aos limites da metáfora, com base em Russel (2003), é possível compreender as fronteiras desse limite. Isto se considerarmos a metáfora como um retrato, aliás, um quadro, cuja função é mostrar, descrever o estado das coisas, mostrar a essência da coisa intencionada. Como se vê, ela dá meios para mostrar, para dizer o que quiser, como o (in)comum, o verdadeiro, o verossímil e por que não o falso?!

Diante do exposto, entende-se que, através da metáfora, é possível colocar, em discussão, o entendimento, o inexprimível, o transcendental. Isto porque o fenômeno possibilita apresentar uma realidade que não é vista, mas que pode ser refletida em um ato de interação, como se estivesse diante de um espelho, em cujas lentes estão os interlocutores, num entendimento sociocultural. Dessa forma, a metáfora surge como um meio, cujo limite está entre Mente e Mundo, cujo refúgio está no dizível e cuja proposição pode ser representada em um elemento do tipo: (b) → (a ser b). Neste movimento, para mostrar (b), há um jogo de linguagem em que se consideram similitude, amplitude e diminilidade. Segundo Wittgenstein ([1923]), esse jogo de linguagem só pode ser permitido em linguagem natural, em situação natural,

até porque tudo acontece de modo bem simples, para descrever o quadro da informação ali evidenciada, da forma como o falante vê e quer que seu ouvinte veja.

Nesse jogo de linguagem wittgensteineano, é possível visualizar esse jogo acontecendo em dois vieses: o da estrutura linguística e o da ideia, conceptualizada num Modelo, evidenciado nessa mesma estrutura. Neste modelo, cria-se um perfil; esclarece-se uma questão, e delineia-se um perfil socialmente já dado, no intuito de mostrar uma essência, não vista, mas que agora é possível mostrá-la diante da estratégia da metáfora. Tal procedimento é possível, porque, nesse entendimento, entre os interlocutores, existe: uma figura, delineada pelas lentes que permitem um *close*. Esta ajusta o olhar sobre o objeto, em referência, de acordo com a situação comunicativa. Tal olhar está determinado pela necessidade do entendimento, em direções e graus de percepções diversos. E existem construtos idealizados que vão se ajustar àquele entendimento, através da lente opacificizada que irá garantir esse sucesso da informação.

De Authiez-Revuz (2004), tomamos emprestada essa noção de opacidade da linguagem para a compreensão do processo da metáfora. Tal conceito traz grande contribuição para essa pesquisa, por mostrar a realidade da língua(gem), diante do entendimento entre interlocutores socioculturais..

Diante disso, confirmamos esse espelho na figura abaixo, conforme as lentes: (A) opaca e (B) transparente. Por esses espelhos, poderemos perceber formas semelhantes e diferentes de adentrar nesse mundo, de acordo com a experiência, atravessada pela cultura refletida na linguagem.

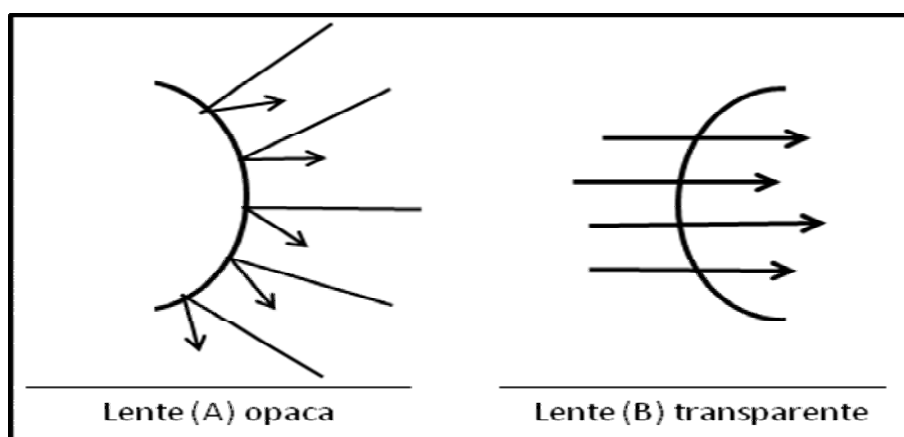


Figura 4 - Os movimentos reflexivos e refratados da língua(gem) diante das construções metafóricas

A partir dessa demonstração da Figura 04, pode-se conceber um outro quadro para tratar dos processos metafóricos: a) duas realidades sociocomunicativas, e b) duas situações, realizadas com a língua. Com isto, é preciso mencionar a relação da concepção metafórica, sendo refletida pelos MCIs, contida num gênero textual, com a língua - como ordem própria no social, afetada por elementos exteriores, que fazem viabilizar o trânsito entre a língua e o mundo.

Com base na lente (A), tem-se a realidade da língua, no nosso caso, através da metáfora, o que torna a prática sociodiscursiva mais real e concreta. Em (B), tal realidade pode ocorrer, mas não pode representar exatamente o processo da esfera comunicativa, conforme o dialogismo, postulado em Bakhtin (1997), por exemplo. Nesse sentido, quer-se mostrar, através desse esquema, a propriedade reflexiva dessa língua abstraindo e particularizando a realidade do falante, em situação natural, pela perspectiva da sua experiência, ao conceber algo e inseri-lo no evento textual - comunicativo, no nosso caso: a crônica.

Nesse entendimento, a realidade sociocomunicativa, representada pela lente (A) opaca, viabiliza compreender que existem: a) um movimento do olhar de reflexão e de partilha de um fato social; b) um controle de um dizer do ato de criação, peculiar ao falante; c) uma realidade do eliciamento do ato da concepção metafórica, sendo colocada para o outro falante, no mundo; d) uma reflexividade da língua(gem) no meio, diante dos fatos sociais, isto para construir a metáfora; e e) uma opacifidade dessa língua, refletida nessas construções metafóricas.

A partir do ato de eliciamento da construção metafórica, o falante coloca sua ideia já conceptualizada e particularizada para seu interlocutor, isto, no mesmo movimento do falante, diante da lente (A) opaca. Tal interlocutor reflete e refrata de volta para o meio, conforme reflexo dessa lente opaca, que não permite ir além do entendimento ali construído, no evento comunicativo. Nesse momento de movimento da percepção, a metáfora tem o papel de viabilizar o trânsito das informações, ao ser experienciada e interpretada. Tal movimento não se perde(rá) nessa lente não-transparente, isto é, não se perde diante do olhar do outro.

A lente (B), caracterizada, conforme o esquema metafórico é transparente. Diante desta realidade linguística, um falante não teria sucesso na situação de comunicação, uma vez que o controle do movimento do olhar do outro e a interpretação de um querer-dizer construído, ali-agora, não estariam garantidos, assim como não seria possível haver um entendimento do imaginário, ali colocados,

na metáfora. Como se pode notar, as lentes (A) e (B) representam duas situações de ato com/de linguagem, duas realidades de percepção e de concepção das construções metafóricas, diante da ocorrência dos fatos sociais, diante de um evento comunicativo.

Vale a pena refletir, nesse entendimento dessas lentes (A) e (B), colocadas por nós, a questão: *o que faz configurar tal opacidade dessas lentes do olhar do outro sobre uma situação comunicativa?* Aqui, na nossa situação de pesquisa, há elementos constitutivos da situação comunicativa que não permitem uma situação de/com linguagem, em uso, uma lente (B), isto é, transparente, que faça se ir além do que o falante naquela situação quis dizer.

Diante disso, apontaremos tais elementos, que formam uma espécie de “aura bloqueadora”, que impedem que os fios e as faíscas dessa reflexão sobre um fato social, ao ser colocado no entendimento, entre esses interlocutores, percam-se da/na situação, quais sejam: a) o gênero textual. No nosso caso, as crônicas de jornal da Paraíba, cujo recorte temporal está delimitado pelos séculos XIX e XX; b) o recorte histórico, conforme os séculos XIX e XX da Parahyba, como província; a Paraíba, como Estado confederado do Brasil República; dos fatos sociais, ali experienciados pelos cronistas dos jornais impressos, num espaço/tempo sociocultural e historicamente delimitados; c) a situação contexto - o frame -, dos interlocutores para compreender e interpretar os fatos ali discutidos, diante do suporte comunicativo: o jornal impresso; d) a vivência dos fatos, a partilha, a recuperação da informação, do ponto de vista ali eliciado pelo cronista; e e) a convenção da língua. Diante desta, faz-nos compreender que há: 1. o uso das construções metafóricas, regidas por certos padrões linguísticos, que governam a interpretação, sem perder de vista a criatividade que caracteriza essa linguagem. E 2. as estruturas linguísticas, que categorizam protótipos e estereótipos, arraigados pela ideologia daquele momento e, ainda, amarrados pela história e pela cultura dessa gente

Conforme Lakoff e Johnson (2002), a metáfora está *na* e *fora da* linguagem, e, sempre, na mente do falante, o que vincula tal prática às convenções de representação conceitual e às convenções sociais. Acerca disso, esses autores entendem que a estrutura, diante da convenção, ajuda a interpretar, a codificar os padrões sociais percebidos. Tais padrões são culturalmente formados da

experiência, auxiliam a determinar a natureza significativa e coerente da compreensão de(o) mundo

3.1.2 TMCIs: domínios conceptuais experiencializados em estruturas linguísticas

É interessante considerar alguns dados básicos acerca dos Modelos Cognitivos Idealizados. Os MCIs, segundo Lakoff (1987), estruturam o pensamento, são usados na formação de categorias e do raciocínio. Caracterizam os conceitos a serem compreendidos, via corporificação deles mesmos. Estes têm a função de fazer compreender o mundo e, ao mesmo tempo, adequar-se à compreensão de um fato, de um valor sociocultural de um falante, sujeito social, que reflete o mundo. Tais Modelos são usados para compreender esse mundo e criar conceitos sobre ele.

Ao analisar, em Alves (1998), o processo das estruturas (pré)conceituais, sendo categorizadas a partir de uma imagem gestáltica e de um esquema de imagens, para nós MCIs, é que percebemos que os MCIs são fontes de efeitos prototípicos e têm como princípio, primeiro, estruturar os espaços mentais. São constituídos por estruturas (in)diretamente significativas, com esquemas de imagens cinestésicas, e, ainda, com conceitos de nível básico.

A autora revendo a teoria de Lakoff e Johnson (1987) nos mostra que:

O “encorpamento” é que garante a base da significatividade e fornece a origem para a estrutura conceitual, através das estruturas pré-conceituais, representados por estruturas de nível básico – responsáveis pela categorização inicial, principalmente pela organização de partes responsáveis pela constituição de uma imagem de uma imagem gestáltica e esquemas de imagens – estruturas cognitivas inconscientes, relativamente abstratas e extremamente simples, formadas a partir da vivência cinestésica corporal. (ALVES, 1998, p.58).

Nessas estruturas, constam mecanismos imaginativos, que suscitam do falante e do interpretante um mapeamento gestáltico, à luz da Psicologia Cognitiva. Lakoff e Johnson (1987) defendem que tal modelo deve ser uma estrutura complexa, constituída de símbolos, estruturados, em modelos de *gestalt*.

A natureza teórico-prática do modelo pode ser compreendida, a partir do conceitual e do linguístico conceitual. E, quanto aos tipos básicos, é de nosso interesse tratar, especialmente, do Modelo Metafórico, muito embora, em alguns momentos, recorreremos a outros tipos do Modelo, para apoiar a discussão e a aplicação dos MCIs nas estruturas eliciadas nas crônicas.

Quanto à natureza dos MCIs, são construtos (re)construídos, de acordo com os diferentes propósitos do falante. Lakoff e Johnson (1987) tratam esses construtos como categorias conceituais ou categorias da mente, acessadas pela inferência, o que requererá o procedimento das propriedades dos *gestalts*. Como construto idealizado, os autores defendem que não precisam ajustar-se aos modelos estruturais de linguagem, que estão prontos no mundo, pois, para tal, tem-se a metáfora fazendo esse ajuste. O resultado disto e o efeito mostrarão a intenção desse falante e, em especial, o aparato cognitivo humano para corporificar a ideia e, por sua vez, a informação.

Tais MCIs revelam a realidade da prática das atividades linguísticas a partir da experiência. Esta é uma forma de operar o mundo, através da língua(gem), é uma capacidade natural e variada de o homem se colocar socialmente. Tal capacidade traz a totalidade de experiência desse homem. Nos resultados de tais operações, constarão propósitos, valores socioculturais e crenças “individuais” e, ainda, necessidade desse falante, diante daquela informação. Com base nessas considerações, os MCIs também resultam em atividades humanas cognitivamente experienciadas e determinadas pelas esquematizações coletivas e intersubjetivas. A depender da situação, os MCIs se constroem de vários modelos: dos semelhantes aos de oposição.

Para ilustrar tais considerações, observemos a figura abaixo, com o objetivo de mostrar uma situação experienciável, consciente e, ao mesmo tempo, conscientizável de o homem experienciar o mundo, através das práticas sociais, alocadas, num suporte comunicativo impresso, do tipo jornal. Diante do contato com as práticas discursivas, ou seja, da interação desse leitor com o mundo, ali evidenciado, em tais eventos textuais comunicativos, é que os MCIs se constroem, formam modelos para serem eliciados no mundo, mediante as construções metafóricas que darão continuidade àquelas experiências contidas nos gêneros textuais desse jornal. E, ainda, uma estrutura linguística de base metafórica retirada de nosso *corpus*.



Figura 5 - Indivíduo no mundo experienciando os fatos sociais num jornal

Para Russel (2004), tais aspectos podem ser entendidos, conforme já se apontava no Realismo, no caso Realismo Medieval, a partir do pensamento de que qualquer ser existente imaginável é, por si, UM ser sem que lhe acrescente nada. Em outras palavras, uma coisa qualquer se torna singular e particular, de forma numericamente, UNA. Ora, toda coisa, e(ou) ser, ao ser comparado(s) com outro ser, mediante uma estrutura metafórica, ou se apresenta como idêntico(s), a partir de uma referência no mundo ou como diferente(s), e/ou oposto(s). Isto compara em graus e em níveis, em relação àquela coisa a ser referenciada, em uma situação de um já-lá, existente, mas que agora vai estar em uma outra situação de um já-cá, colocada pelos Modelos cognitivos e culturais.

Os MCIs trazem também aspectos da cognição, por meio da metáfora. Esta repousa sobre uma correspondência ontológica, como pensa Lakoff Johnson (2002), entre a linguagem no cotidiano e a realidade ali evidenciada. Trata-se de uma correspondência psicológica entre a linguagem e o intento para gerar aquela, para identificar e mostrar a essência do objeto em referência. Tais aspectos cognitivos dos MCIs apresentam-se em diferentes níveis de percepção, isto é, a partir da experiência individual. Conforme Lakoff e Johnson (1987), esses MCIs são estruturas cognitivas, que constituem domínios, onde ficam a significação. Tais estruturas permitem, à situação comunicativa, diferenciar, a figura e fundo; permitem

organizar domínios dessa experiência para entender o mundo, para, a partir deste, construir o sentido e gerar conhecimento, ao passar a informação.

Como se pode notar, tal significação, dada pelas estruturas linguístico-conceituais, envolve o Eu e o Nós, a partir da experiência do Nós, em especial, numa situação comunicativa. Para melhor entender esse pensar, peguemos emprestado a noção de alteridade, dada por Bakhtin (1997a;b). Diante do entendimento de nosso estudo da metáfora, essa relação dialógica implica uma relação típica interacional, de modo que, na troca das ideias, no momento da partilha, os interlocutores precisam entender a metáfora, que subjaz à informação, que está imbuída na estrutura linguística e que não é transposta para o outro literalmente, mas metaforicamente. Desta feita, o frame, ali constituído, é dialógico, o que permite entender o processo: um se transpõe para entender o outro. Com isso, compreende-se também a noção do pensamento, ali internalizado pelo Modelo Conceptual, que se sustenta na capacidade de o falante conceituar e conceituar algo, que reflete para informar, ancorando-se em uma categorização.

Torna-se interessante entender essa proposta do MCI, aplicando-a numa estrutura de nosso *corpus*, a qual partiu de uma situação comunicativa, do cronista Osvaldo Jurema, no gênero textual, a crônica, do Jornal Correio da Paraíba, século XX, na tentativa de mostrar a significação linguístico-conceitual, construída pelo MCI.

[...] Afinal, enquanto o cão granfino degusta iguarias, a criança pobre rói ossos!

(In: **Correio da Paraíba**. Frívolas & Ridículas .n. 89,C2.,p.6, 01 de ago de 1994)

Diante do gênero textual, isto é, da crônica, é que se torna possível o reforço da ideia contida no discurso, ali proferido por estruturas tipicamente metafóricas. Para tal comprovação, partimos de duas sentenças simples e metafóricas, oriundas desse discurso, cujas metáforas se estruturam do tipo: (X ser Y) → (a) CÃO DE PESSOAS RICAS É SER HUMANO e (b) SER HUMANO É CACHORRO³.

³ A oposição está entre cão e gente, e entre criança carente e cachorro. Diante disto, o entendimento é: cão de granfino é ser humano (é gente) e degusta. Criança carente é cachorro (rói, é rato).

Com base no exposto acima, e, na estrutura linguístico-conceitual, eliciada pelo cronista, é que poderemos constatar que há uma forma de conceptualização, organizada pelo MCI. Tal forma emoldurou um determinado conceito, conforme está prototipizado na metáfora, através das/nas categorias: Cão/Cachorro, Pessoas ricas/Criança carente. Em tais construtos, pode-se observar que se trata de dois Modelos construídos, que, ora se assemelham e ora se opõem; e que se aproximam e se afastam. Esses se assemelham pelos traços da família dessa cadeia de classe biológica, no ponto da categorização:

CATEGORIA:[**Cão** A(cão granfino) e B(cachorro)].

E se afastam diante da ação categorizada pelo verbo:

VERBO: [para (A) cão granfino (DEGUSTAR) e para (B) cachorro (ROER)].

Tal avaliação desse afastamento, mediante a ação verbal, leva a uma outra cadeia ali categorizada: o *rato*. Diante desta nova categoria, logo será preciso fazer uma avaliação mais profunda, mediante a crítica do cronista àquela situação: CRIANÇA CARENTE SER RATO. Esse resultado leva-nos a compreender que, diante da categorização, existe uma estrutura interna dessa cadeia, mas sem uma fronteira limitada, o que permite tanto uma aproximação da categoria Cão, de um membro CAO, como um afastamento deste membro mais representativo, Cachorro → Rato.

Podemos observar que, nessa situação comunicativa, o falante (re)construiu seu Modelo, com um propósito típico da situação comunicativa do gênero em monta, ao colocar sua crítica e fazer o leitor do jornal refletir sobre uma cena, que, para tal cronista, é ridícula e frívola, conforme registrou no título do gênero textual. Isto, através das metáforas acima (a) e (b).

Em tais construtos, pudemos verificar o contraste social diante da realidade brasileira, trazida pelas mulheres “socialites”, “as chamadas ricas emergentes”: a) Figura social - Menino Carente rói osso; e b) Fundo: cachorro rói osso. A figura-fundo está, ali, conceptualizada e prototipizada nas metáforas como: a) Figura Social (saliente) – gente fina degusta iguarias; e b) Figura Fundo da figura social – cão

granfino degusta iguarias. Em cujo retrato, foram pintados dois entes no mundo: a) um ente: Cão Granfino, é tomado como Gente Fina, de modo que as palavras, ali organizadas, registraram um pensamento, pintaram tal ente, configurando-o ser uma entidade particularizada diante da intenção do Cronista, conforme construção metafórica, acima colocada. E b) o outro ente pintado retrata uma entidade dentro de uma visão mais geral, isto é, visada à luz dos modelos já cristalizados socioculturalmente, como os de a criança carente ser cachorro e adentrando mais profundamente pela categoria da ação verbal, ROER, através da classe dos roedores: rato.

Tal aprofundamento poderá ser mais bem visualizado, se buscarmos apoio na Figura 03: Esquema Externo e Interno do MCI, anteriormente apresentado por um esquema interno e externo, uma vez que tentou mostrar o funcionamento do esquema dos MCIs na metáfora retratada por três camadas, em forma de estratos. Estes se constituem em movimentos centrípetos, que afunilam, em direção ao centro. Lá, naquela camada mais profunda, é que está o intento particular e o geral do “novo”, que irão ser eliciados, que ganham corpo, a partir das substâncias que estão nos domínios respectivamente, Fonte e Alvo: X (substância individual (1)) SER Y (substância individual (2)). (1) e (2) criam vigor peculiar, conforme um perfil típico e prototipizado, à situação, para, em seguida, serem eliciados, em movimento centrífugo. Isto, para exprimir a essência das ideias, através das {Categorias [X’ (Cão Granfino), (Y’Gente Fina)] e [X” (Criança Carente), Y”(Cachorro → Rato)} , conforme a essência discursiva sociocultural, que será, ora puxada, ora empurrada por estes movimentos nesses estratos, conforme a categorização. Vejamos, pois, que só é possível tal entendimento, se considerarmos a direção dada pelos verbos: DEGUSTAR para X’/ Y’; e ROER para X” / Y”, diante da estrutura: *Afinal, enquanto cão granfino degusta iguarias, a criança pobre rói ossos!*

De acordo com a teoria, vemos que o papel da categorização é de ordem essencial, isto por ser viabilizada pelo MCI, perante o processo de tais construtos metafóricos. Na categorização, tem-se uma relação entre conceitos do tipo (A) categoria do mundo e categoria da mente, onde estão situados os MCIs; e (B) categoria no mundo e categoria na mente. Desta feita, compreende-se que esses construtos são (re)construídos de acordo com os propósitos dos indivíduos: a) dos grupos e subgrupos e b) dos locais diferentes, do tipo: comunidade e subcomunidade e, ainda, em níveis diferentes, mediante a cultura e a subcultura. É

mister esclarecer que as categorias, viabilizadas pelos MCIs, são resultados das relações que se estabelecem entre esses MCIs experienciados e o mundo. Tal categorização, ali formalizada, pertence ao domínio semântico-conceitual e é fruto da experiência desse falante.

Pensamos que, diante desse entendimento, temos um indivíduo social, isto é, um falante, em uma situação do cotidiano, sendo consciente e conscientizável. Isto, justamente, pela sua ação, perante a relação (bi)bidirecional [2 → (categoria da mente) e (categoria do mundo)]; e → [1 (categoria na mente) e (categoria no mundo)], permitida por estas categorias da relação (bi) bidirecional (Categoria (1)), ora em paralelo, ora em oposição com a (Categoria (2)).

Para demonstrar esse movimento da (bi)bidirecionalidade, vejamos a Figura 07 a seguir. Esta nos inspirará a discussão desse experiencialismo, tratado por Lakoff (1987), e, ainda, conforme discussão apresentada por Alves, em 1998. Resta esclarecer que Alves (1998; 2009) já mostrava, em seus estudos, a questão que envolve o cognitivismo linguístico, embora fosse do seu interesse, à época, tratar da categorização por uma outra abordagem de cunho funcionalista, mas perspectivando, num enfoque cognitivista de base conceitual, no objeto de estudo das Construções Lexicais Complexas (CLCs), por extensão, isto é, num processo semântico e semântico-pragmático.

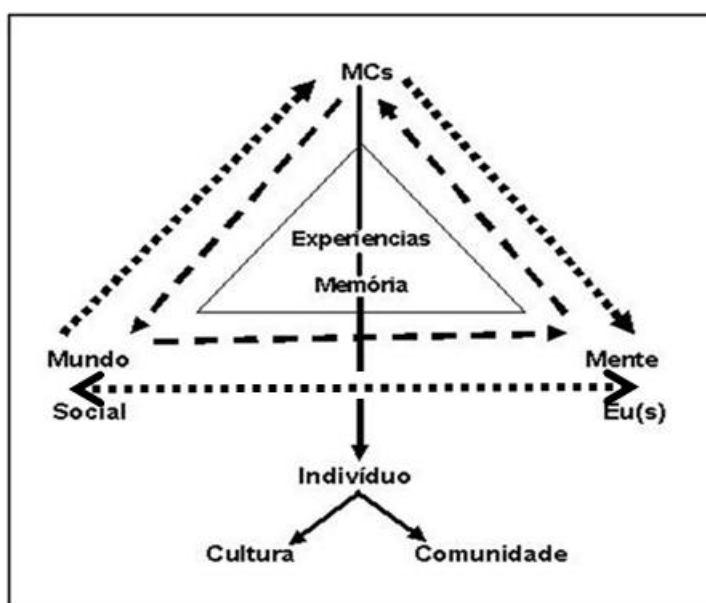


Figura 6 - MC(I)s em movimento e a Relação (bi)bidirecional das categorias na/da Mente e no/do Mundo⁴

⁴ O movimento tem duas direções, é mão dupla.

Com base nesse esquema da Figura 06, tentaremos evidenciar a questão da categorização, através da discussão da teoria prototipicidade e das categorias de nível básico, as quais direcionaram Lakoff (1987) a um tipo especial de categorização: as Categorias Radiais. Como ponto de partida, consideremos a hipótese lakoffiana de que os MCIs são fontes de efeitos de prototipicidade constatados, porque refletem diretamente a natureza da categorização humana. Para Lakoff, tal categorização é o coração da Semântica Cognitiva, por implicar diretamente o conceito de estrutura interna, o que levou Rosch, conforme Alves (1998), a associar a noção de protótipo. Alves (1998) e Feltes (2007) citam a anterior, Rosch. Esta linguista parte da ideia de que as categorias são compostas de significado nuclear, o que consiste em casos de similitude, ou similaridade, à semelhança das famílias dessa cadeia biológica. Conforme Lakoff (1987), essa cadeia se apresenta numa progressão (de)crescente em direção ao significado nuclear, o que poderia sustentar a estrutura prototípica, para entender as categorias semânticas.

Nessa visão, os membros de uma categoria, como um todo, apresentam-se numa cadeia e numa proporção de graus, em que os membros, em referência, têm semelhanças entre si, cujos atributos, ou traços semânticos, sobrepõem-se a outros membros dessa categoria em epígrafe. Desta feita, os membros mais prototípicos de uma categoria são aqueles que mais se aproximam da família da espécie, ali colocada, na figura fundo; ou, como pensa Wittgenstein ([1923]), são modelos que mais se aproximam, com menor e/ou maior semelhança, de outras categorias. Aplicando esta ideia ao nosso caso, já discutido acima, temos as categorias da ação verbal da figura fundo: DEGUSTAR e ROER.

Com base nesse entendimento, voltemos ao caso, citado anteriormente, conforme uma das amostras de nosso *corpus*, em que o cronista, Oswaldo Jurema (1984), através de sua crônica: Frívolas e Ridículas, colocou um fato social, a ser experienciado pelos leitores daquele Jornal, através das figuras / fundo, em cuja cadeia está: [cão granfino → cachorro → rato]. Assim sendo, a categoria CÃO seria estruturada de tal modo que *cachorro* seria o elemento mais central nessa cadeia e *rato* um dos membros mais periféricos possível, a ponto de o leitor precisar parar para refletir bastante, para poder chegar a esse membro: *rato*. Como se pode ver, há um grande afastamento entre os membros dessa família do *cão* nessa cadeia mostrada, muito embora, esse interlocutor tenha a chave para perceber, desvendar

nessa figura (saliente) a figura ao fundo: *rato*, no caso, pela categorização do verbo: ROER. Muito embora, fique claro que o senso comum pensa o CACHORRO ROER OSSO, (CACHORRO MORDE OSSO), o que faz refletir a ideia de O RATO ROER OSSO.

Defendemos a ideia de esta relação (bi)bidirecional: [Mente e Mundo] / [Eu (social e particular) e Nós (social)], conforme esquematizamos na Figura 06, concretizou-se pela estrutura interna, via protótipos. Estes atuam como pontos de referências cognitivos, por exemplo, atuam em uma categoria, que pode pontuar tal referência com relação aos membros da categoria a serem julgados no momento da reflexão, como a experiencição. Desse modo, tais categorias servem como chave tanto perceptuais, como as não-perceptuais, pois têm, intrinsecamente, uma estrutura interna, cujas instâncias diferem em graus, em que podem aproximar e/ou afastar do significado nuclear, para assim chegar aos MCIs, uma vez ancorados pela percepção. As autoras Alves(1999; 2009) e Feltres (2007) mostraram, em suas pesquisas, que tais protótipos têm um papel diante do raciocínio, em cuja base de inferências está os modelos de gestalts.

Ainda com base nessa Figura 06, resta esclarecer a questão da (bi)bidirecionalidade, que nos conduz a uma breve discussão, acerca da direção vertical: MCIs → Indivíduo → (A) Cultura, em paralelo com (B) Comunidade. A esse respeito, defendemos que se trata de uma afirmação, de nossa parte, em que há uma estrutura lá no mundo, lá na memória do social, que, por sua vez, também está na memória desse indivíduo, que irá experienciar tal estrutura, à luz da cultura e da subcultura dele e que convive socialmente em comunidade, especificamente, em um determinado grupo. Diante disso, a coisa experienciada, diante de algum fato social, deve resultar também de um entendimento, de uma reestruturação em potencial dessa estrutura, que está no já-lá, conforme François (1998), isto é, na estrutura fornecida desse mundo, cujo sucesso gerará um Modelo em MCI, que está na ênfase “particular” dada, através da estrutura metafórica. Esta tem a partilha do conhecimento do povo, da (bi)bidireção, colocada aqui: Cultura / Comunidade que esse povo estará categorizando.

Com base em Rosch e Mervis (1975), afirmamos que o conhecimento não pode reconhecer e/ou estipular uma estrutura no/para o mundo, onde não há nenhuma. Com isto, defendemos que o indivíduo, no mundo, diante da memória social, experiencia os fatos, seja ignorando, seja exagerando ou ainda adequando

um fato a uma outra experiência, conforme estará nas estruturas correlacionais eliciadas no ato do entendimento.

Diante dessa discussão, tendo como enfoque a teoria da protopicidade, procuramos mostrar que os processos metafóricos convergem em MCIs, de modo que os tipos e níveis de percepção tornam-se possíveis se objetivarmos compreender pelos tipos de correspondências entre forma e significado. Com esse entendimento, avaliemos a seguinte figura que se apresenta com o objetivo de pontuar a conceptualização da forma lingüística, concretizando-se numa metáfora, conforme as ligações entre: Forma, Conteúdo e Metáfora.

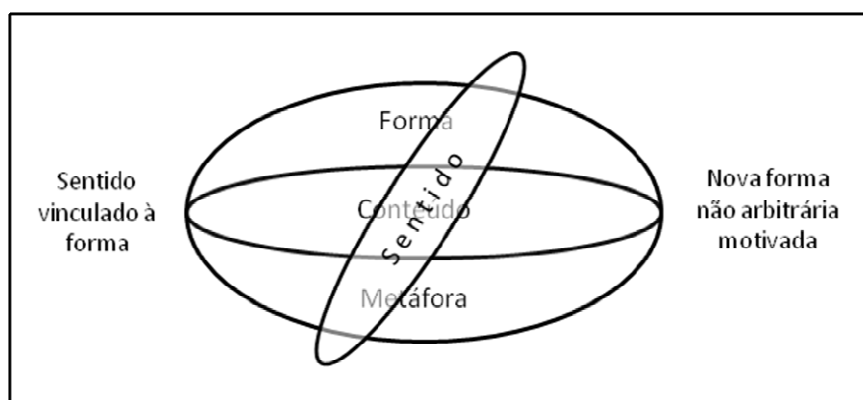


Figura 7 - A natureza dos MCIs - Forma, Conteúdo e Metáfora : representações cognitivas das categorias semânticas nas estruturas lingüísticas

Para essa questão, Lakoff e Johnson (2002) apresentam a seguinte questão: como a metáfora pode dar sentido a uma forma?, Isto, para inspirarmos a explicação da Figura 07, no que trata da conceptualização da forma lingüística representando os MCIs.

Lakoff e Johnson (2002) pensam a Forma através das palavras sequenciadas, em tempo e espaço ao mesmo tempo. A Forma como espaço subjaz ao sistema conceptual humano. Com isto, compreende-se a estrutura lingüística por sentenças, numa ordem e numa extensão. A exemplo disso, tomemos a estrutura:

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente que eles. Isto não é nenhum segredo para os bons médicos.
(Grifo nosso.)

(**A UNIÃO**. Como as Mulheres Sofrem. Paraíba, 17 de jan de 1930)

Esta estrutura linguística, retirada de uma das amostras de nosso *corpus*, à luz da forma metafórica, será explicada diante da aplicação da visão da forma “espacial”, a qual apresenta a ordem das palavras, numa sequência espacialmente intencional. Quanto à extensão, dessa estrutura, é curta, o que delimita o espaço e, por sua vez, delimita o conteúdo de um modo bem objetivo para expressar o pensamento da época, a década de 1930 na Paraíba do Norte. Neste entremeio, o indivíduo está retratado na figura mais saliente: as mulheres - um ente frágil, que faz evidenciar, faz “saltar aos olhos” a figura ao fundo: a de um homem.

Esse homem, alocado ao fundo, está por trás, retratado como um ser forte e saudável, aquele que não adoece nunca, ou tão facilmente. Na fonte desta configuração, fica o *locus* do conhecimento sociocultural⁵, como máxima, ou, como axioma, cujo valor ali constituído tornar-se-á indiscutível, diante da construção, em que o *ethos* – imagem constituída desses sujeitos: Homem forte e Mulher frágil - nesse discurso, proferido na metáfora, está representado no processo metafórico. Isto, conforme a forma do discurso organizada pelo cronista, ao introduzir a expressão construtora de espaço para poder abrir espaço na estrutura e colocar os discursos dos médicos, e, ao mesmo tempo, estabelecer um ponto de vista nesse espaço, ali criado, na expressão metafórica. Diante desse estabelecimento do novo espaço, abre-se um lugar no evento para o cronista colocar o discurso dos médicos dessa época: *Isto não é nenhum segredo para os bons médicos*. Tal estratégia remete a um pensar daquele espaço/tempo, remete a um já-dito, tantas vezes e agora introduzido nesse “novo discurso”, em forma de metáfora.

A partir dessas considerações, vale retomar o pensamento de Bourdieu (2000) quando afirmou que os instrumentos do conhecimento do mundo social são instrumentos políticos. Com isto, compreende-se aqui que o papel da metáfora é realizar a idealização sobre um evento comunicativo – o frame -, no caso: uma Consulta Médica, *on-line*, cujo instrumento de entendimento, como também procedimentos tornam-se possíveis através do gênero textual, veiculado no jornal impresso a UNIÃO, em pleno espaço/tempo: capital da Paraíba em 1930, conforme

⁵ Culturalmente, em nosso país, mulher na frente e homem atrás é interpretado da seguinte forma: Frente (é o que é bom) – Atrás (é o que é ruim). Portanto, há uma contradição a depender da cultura

está configurado o registro de um pensar na estrutura textual da crônica: *Como as Mulheres Sofrem*.

Vejamos, na estrutura grifada, a disposição das palavras, por exemplo: a) na posição 1, vem a forma *As mulheres* e b) na posição 2, *os homens*. Observamos que, diante dessa intencional ordem estrutural, tal aproximação “espaço-estruturalmente”, na sentença, não implica um vínculo de semelhança ou dessemelhança entre os entes categorizados e prototipizado ao pensamento da época. Tal aproximação espacial, entre esses entes gerou a metáfora: QUANTO MAIOR PROXIMIDADE MAIOR É O EFEITO. Diante desta metáfora, vê-se que a estrutura metafórica - intrincada, na correlação: forma e conteúdo - está associada ao sentido do que se quer dizer, por uma outra metáfora: OS HOMENS SÃO MAIS FORTES QUE AS MULHERES., o que, automaticamente, leva à inversão da ordem daquela estrutura, colocada pelo cronista. Quanto àquela e a esta, trata-se de formas motivadas, não-arbitrárias à língua social, cujos aspectos do sentido, ali atravessados, surgem pela intenção de significar o que está no sistema conceptual do indivíduo no mundo.

Diante do exposto, vemos que a Teoria Prototípica opera na visão dos estudos de Lakoff e Johnson (1987) Deste modo, vem a questão: afinal o que significa essa prototipização? Rosch (1977) defende que as pessoas categorizam objetos pela semelhança da família e da palavra. Por exemplo: [...] cão granfino degusta iguarias [...]. Então, o animal cão tornar-se-ia o protótipo se todos os cães praticassem o ato categorizado no verbo degustar realmente; ou, ainda em: [...] menino pobre rói ossos [...]. diante dessa estrutura, os traços partilhados para a categorização ROER, leva ao protótipo rato, isto porque a categoria emergida ali leva a um complexo de propriedades de categorização CÃO E RATO, fabricados pela crítica do cronista às emergentes sociais, que se apresentam *Ridículas e Frívolas* nos eventos sociais.

Os autores Lakoff e Johnson (1987) pensam que a essência prototípica desenvolve-se por meio de metáforas e que esta produz conceitos amplos e manipulam o interlocutor ao experienciar o seu pensamento diante da questão em monta. Os autores também defendem as dimensões dessa essência que permite fazer análises profundas para se chegar ao teor intencional do entendimento a ser evidenciado. Para estes, o resultado dos efeitos prototípicos são resultados do fato

de que o conhecimento está organizado em termos de MCIs de vários tipos e que tais modelos é que são fontes dos efeitos dessa prototipicidade.

Para melhor compreender o termo prototipicidade, vejamos a sequência, espaço estrutural 1, do modelo abaixo, hipotetizado por nós, mediante o entendimento dos nossos estudos em Lakoff e Johnson (1987):

{ Situação [MCI (ave) $\leftarrow$ Prototipicidade $\rightarrow$ Categorização (Sabiá) $\leftarrow \rightarrow$ Avestruz]}

Em comparação com a sequência espaço estrutural 2,

{ Situação [MCI (Humano) $\leftarrow$ Prototipicidade $\rightarrow$ Categorização (Criança (pobre)) $\leftarrow \rightarrow$ Cachorro]}

Diante dessa configuração em 1 e 2, queremos mostrar que a Prototipicidade foi gerada, a partir do Modelo que está sendo utilizado na situação particular de entendimento entre dois interlocutores, isto é, no momento dialógico. Desse momento, tem-se a prototipicidade dependente do Modelo, ali constituído e colocado, no caso: AVE, que está categorizando-se por uma categoria mais prototípica, isto é, que mais representa a classe, Sabiá, o que faz garantir, diante da mente, do mundo e do que está na mente e no mundo que o Avestruz não representa classe da AVE, uma vez que é categorizada e prototipizada socioculturalmente como uma não-AVE. A partir da sequência 1, subentende-se a prototipicização sociocultural dada à criança como não-HUMANO, conforme está subjacente na crítica da crônica: Frívola e Ridículas acima mencionada.

Diante desse entendimento, vemos que a discussão, colocada acima, para entender o protótipo cão granfino e rato, faz sentido, uma vez que tais categorias prototipizadas, em sociedade, pertencem a modelos diferentes, mas que, naquela situação, pela categoria verbal ROER, vimos que o cronista prototipizou criança carente como rato. Isto, porque tal situação também é vívida por ratos. Quanto ao termo *menino carente*, conforme vimos, foi usado pelo próprio cronista, para se referir ao menino de rua.

3.2 SITUANDO AS METÁFORAS CONCEPTUAIS NA TEORIA DOS MODELOS CONCEPTUAIS IDEALIZADOS - TMCS

Antes de adentrarmos na discussão, acerca dos processos metafóricos, examinemos a expressão: (X ser Y). Pela forma, processam-se as categorizações de X e de Y $\rightarrow$ XY e, nesta nova categorização XY, está imbricado no processo prototípico. Em Lakoff (1987), vemos que é, neste processo, onde estão os elementos determinadores dessa categorização, cujo efeito disso, poderíamos considerar como uma espécie de “encapsulamento”, o qual estará (re)construído pelo significado, formando numericamente (1) “UM” MC $\rightarrow$ MCI(s). Este UM, coisa UNA, está agora, assim, configurada, porque o XY é fruto da experientiação do falante naquela situação de comunicação, para entrar em entendimento com o mundo, com o outro, a quem se dirige diretamente ou não. Este nosso entendimento, penso, que terá o apoio dos autores da Teoria.

Cada MCI, nesse entendimento, estrutura um espaço mental:

são espécies de esquemas teóricos simplificados, por meio dos quais organizamos nossos conhecimentos e criamos, estruturando espaços mentais. São estruturas simbólicas relativamente complexas, organizadas, sobretudo, segundo a lógica de esquemas de imagens. São ditos idealizados porque necessariamente correspondem ao mundo objetivo, podendo inclusive ser inconscientes entre si. (LAKOFF, 1987, Trad.VASCONCELOS: 1995, p.184)

Conforme a leitura lakoffiana, realizada por Vasconcellos (1995), compreendemos que os tipos de MCIs, como o caso Simbólico, por exemplo, podem ser representados quando elementos conceituais desses MCIs são associados a elementos linguísticos.

Lakoff (2002) apresenta os MCIs, através de quatro eixos, os da: a) combinação e da relação dicotômica de elementos conceituais e elementos linguísticos; b) gramática cognitiva, de base teórica em Langacker (1986); e c) relação dicotômica: Forma/Significado, conforme tentamos mostrar no esquema apresentado anteriormente, no item 3.1.2, conforme Figura 07: A natureza dos MCIs – Forma Conteúdo e Metáfora – representações cognitivas das categorias semânticas nas estruturas linguísticas.

A partir das colocações, acerca dos MCIs, apresentamos, a seguir, um esquema estrutural arbóreo, tendo como objetivo contextualizar esses modelos, além de: a) esquematizar, pontuando a trajetória temporal e b) mostrar os avanços, de modo pluridirecional dos MCIs, para chegar ao item Metáforas Conceituais. Tal propósito se justifica por querer: a) mostrar os tipos básicos dos MCIs, embora não sejam discutidos todos os modelos, mas se torna interessante apresentar como eles estão formalizados no cacho arbóreo; b) especialmente, tratar dos tipos metafóricos - item de interesse da pesquisa; c) discutir as metáforas conceituais; e e) apontar as metáforas, que formam tais MCIs.

Diante do exposto, consideremos que as metáforas conceituais podem ser estudadas por parâmetros diferentes: o da função cognitiva, representada por metáforas estrutural, orientacional e ontológica; e pelos parâmetros da experiencição do falante, ou seja, dos esquemas imagéticos; pelo Princípio da Invariança; e pelos Modelos Cognitivos Idealizados, os MCIs.

Quanto aos tipos básicos dos MCIs, procuramos situá-los, através de uma estrutura, conforme constará na Figura 08, em forma de cacho. Isto porque, há interesse em apontar: *como* modelos metafóricos se fazem presentes? É interessante visualizar a sequência, pontuada, em *bold*, na figura esquema 08, apresentada a seguir, em cuja direção vertical a ser seguida:

TMCI → Experiencialismo → MCIs → Modelos Metafóricos → Teoria da Metáfora Conceitual → Tipos de Metáforas → Metáforas Conceituais.

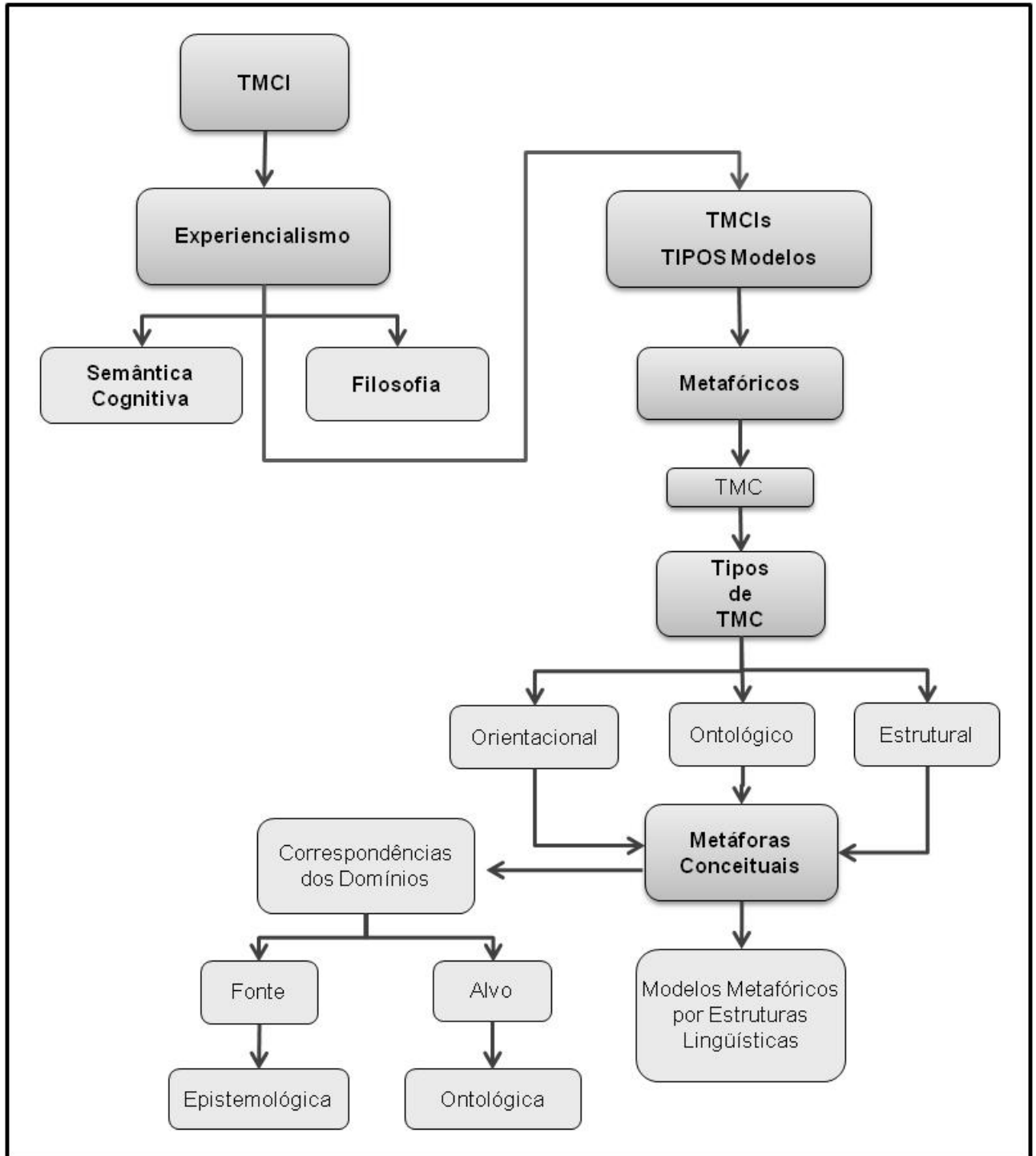


Figura 8 - Construção Empírica das Metáforas Conceituais

Uma possível explicação para esse quadro resumitivo da TMCI, entendimento nosso, da teoria de Lakoff e Johnson (1987 e 2002), teria como ponto de partida mostrar que esses autores centraram sua tese com base em dois parâmetros: 1º. o da dependência de conceito e razão sobre o corpo, o que convergiu para o 2º:

conceptualização e razão. Tal dependência culminou em pontos fulcrais, cujo eixo seguirá esta direção:

Metáfora→ Metonímia→ Protótipos→. Frames→ Espaços Mentais→ Categorias Radiais.

Como se pode notar, a Teoria dos Modelos Cognitivos idealizados (TMCI) torna-se melhor compreendida se tomarmos como “mola mestra”: o EXPERIENCIALISMO. Este envolve a totalidade da experiência humana como: a) natureza dos nossos corpos; b) capacidades geneticamente herdadas; c) formas de operar o mundo pelo viés físico; e d) pela forma de organização social.

Um outro ponto, defendido pelos autores, com base nesse experiencialismo, é que este contribui para que o homem esteja no mundo e, sendo parte desse mundo, possa formular novos significados, o que levará às novas teorias da razão e da categorização das coisas do/no mundo.

Com base nesse trunfo, os autores compreenderam que a Semântica Cognitiva alçaria um vôo rumo ao avanço da Ciência Cognitiva, em especial, a de mente corpórea, tendo como referência: a) o Experiencialismo, diante da Teoria da Categorização, conforme Rosch: a Teoria dos Protótipos, cuja formulação levou os autores à Categoria Radial. b) A Filosofia, considerando os estudos, especialmente, de Wittgenstein ([1923]) e de Putnam (1978).

3.2.1 Dos processos metafóricos nas crônicas dos jornais da Paraíba séculos: XIX e XX

Com base em Lakoff e Johnson (2002), diante dos processos metafóricos, compreendemos que a metáfora, *a priori*, parte de dois parâmetros: 1. o da convenção, que pode variar em graus mais ou menos convencionais. A medida que é automaticamente eliciada, a metáfora vai logo apresentando um ponto de vista entre os membros do evento comunicacional, ou da comunidade linguística, como querem os autores. E 2., o parâmetro da metáfora básica. Esta é considerada pela teoria como metáforas automáticas e inconscientes, ou, como quer Kövecses (2005), a básica se refere às metáforas primárias.

A partir do entendimento da representação da Figura 08, sugerida por nós, é que discutiremos as metáforas conceituais. As metáforas conceituais podem ser: Convencional e Básica, no que se refere aos processos de construção originária. Pontuamos acima tais itens, por uma questão de haver no discurso escolar tais nomenclaturas, iremos mostrar os três tipos mais discutidos pelos teóricos de base de nossa pesquisa, conforme o percurso transcorrido nesta seção.

Para apresentar os processos metafóricos, veiculados nas crônicas de nosso *corpus*, levantamos as metáforas do tipo estruturais, com ênfase na estrutura metafórica, conforme estão estruturadas espacialmente nas sentenças: forma, significado e metáfora, com o propósito de buscar o sentido estabelecido no momento daquela comunicação: século XIX e XX. Tais expressões, conforme já enfatizamos, foram proferidas nos discursos dos cronistas, representando historicamente um pensar de uma época. Cabe-nos esclarecer que a discussão girará em torno das metáforas fundamentadas no Experiencialismo, isto é, nas experiências físicas e não-físicas, por serem consideradas pelos autores, nesse estudo, fundamentais à comunicação da vida cotidiana: Estruturais, Orientacionais e Ontológicas.

Segundo Lakoff e Johnson (2002), tais metáforas permitem, para uso desse cotidiano, construção de conceitos mais detalhados, estruturados e delineados, de modo que clareiam o entendimento colocado na estrutura, diante do conceito a ser ali evidenciado e depois eliciado.

Diante desse exposto, eis a questão: *o que as expressões metafóricas podem gerar diante das construções metafóricas abaixo (1), (2), e (3)?* Para isto, tomemos três estruturas linguísticas metafóricas, atualizadas nas crônicas do *corpus*. Tais expressões são prototípicas conceituais, conforme os três tipos principais das metáforas conceituais, à luz de Lakoff e Johnson: Estruturais, Orientacionais e Ontológicas.

1. Metáfora Conceptual: POLÍTICA É FARSA / “ENGANAÇÃO”

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica (1):

A política, por sua vez, faz-se toda na mentira, procurando iludir a opinião com opitnismos de inconscientes, ao mesmo tempo que enriquece a parquinada para exditar’lhes os crimes contra a pátria e calumniar e denegrir os adversários.

(Grifo nosso)

(In: **O NORTE**. Mentira e Insinceridade. n.96, p.6 João Pessoa:,1936)

2. Metáforas Conceptual: BOM É PARA CIMA / RUIM É PARA BAIXO

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica (2):

O fato é que aportamos nos ápices e nas culminâncias. São exatamente referidos parâmetros que delimitarão as fronteiras do vencido e vencedores. Quem subir aos altares do Poder, rogamos trabalho, honradez e o cumprir dos juramentos. Aos demais, aconselhamos o exercitar do democrático conformismo.

(Grifo nosso)

(In: **JORNAL DA PARAÍBA**. O ouro, o incenso e a mirra. Ano 23, n. 6626, p.4. João Pessoa, 27 de set 1994.)

3. Metáfora Conceptual: “QUEM SE HUMILHA SERÁ EXALTADO”

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica (3):

Pois bem: o rei voltou! De joelhos escravos enthoai *o ave César*.

E’necessario que **provais a nossa sub-reverencia por todas as formas** é preciso que vos **mostreis obedientes** por todas as maneiras: obedecei cega e fanática **é o brazao das armas vis**. [...] se tinheis saudades desse senhor, ajoelha na terra e gritai: *ave César* [...] qual Paeux gloriosa. **A liberdade há de nascer das ruinas do despotismo**.

(Grifo nosso).

(In: **CORREIO NOTICIOSO**. Volta do Rei. Ano V, n.430. Parahyba do Norte, 27 de abril de 1872.)

Com base na nossa pesquisa, procuraremos uma possível resposta à questão, acima, com base nas metáforas: (1) POLITICA É FARSA / “ENGANAÇÃO”. Aqui se toma uma Instituição Social, por trás do discurso, estruturado pelo cronista daquele jornal. Desse modo, o conflito, ali estruturado, na crônica: *Mentira e Insinceridade*, perfila-se como experiência não-física, diante de uma batalha

puramente verbal entre adversários políticos, em cuja luta, ali institucionalizada, dá-se por meios de ideologias de partidos políticos, que lutam institucionalmente para obter um desejo: o de vencer e de liderar, de alguma forma, o estado da Paraíba, na década de 1930, em outras palavras, um desejo de ter o poder público nas mãos. Para isto, usam técnicas sofisticadas, em cujas práticas, ou táticas, constam: a) intimidação, b) defesa/ataque, c) apelação – no caso, pela mídia impressa, que vai dos insultos e dos desafios à negociação. Acerca dessa tática, confirmamos este trecho da estrutura acima:

A política, por sua vez, faz-se toda na mentira procurando iludir a opinião [...] e A política [...] caluniar e denigrir os adversários.

(In: **JORNAL DA PARAÍBA**. O ouro, o incenso e a mirra. Ano 23, n. 6626, p.4. João Pessoa, 27 de set 1994.)

Diante dessas práticas de batalhas verbais, estão embutidas, nos discursos políticos: as batalhas, e expostas, ao mesmo tempo, quando constam: a) a (i)racionalidade, marcada pela categorização GUERRA → LUTA; b) a (des)lealdade, diante das muitas subestimações, e desafios de vencer ou vencer; e c) a cultura e subcultura proferidas nos (contra)ataques, que, muitas vezes, levam a ataques tanto não-físicos como físicos: quando tais ataques levam a um homicídio, por exemplo.

Para essa metáfora, com base na estrutura (1), podemos compreender que a metáfora, ali constituída, implica em estruturar uma experiência, ou uma atividade, em termos de um outro tipo de experiência ou atividade. (LAKOFF E JOHNSON: 2002). Temos um tipo *Estrutural*, resultado de mapeamentos complexos, como POLITICA É FARSA / “ENGANAÇÃO”, cuja metáfora é formada de mapeamentos entre adversários políticos, cujo embate é ganhar o poder público. Conforme os estudos aqui evidenciados, trata-se de uma metáfora prototípica conceitual.

Quanto à expressão linguística, em cuja estrutura metafórica (2) está proferida na crônica: *Ouro, o Incenso e a Mirra*, do jornal da Paraíba, século XX, é que temos a estrutura metafórica de base orientacional: BOM É PARA CIMA / RUIM É PARA BAIXO.

Acerca dessa expressão (2), podemos ver que se trata de metáforas orientacionais, isto é, as que envolvem uma direção vetorial, em diversas posições:

para cima, baixo, esquerda, direita e etc. Lakoff & Johnson (2002) defendem que essas metáforas estruturam conceitos linearmente, orientando por referência os entendimentos culturais, que passam a ser metafóricos. Veremos o caso na metáfora acima da estrutura (2): BOM É PARA CIMA E RUIM É PARA BAIXO, de acordo com a seguinte expressão linguística do nosso *corpus*:

O fato é que **aportamos nos ápices** e nas culminâncias [...] [...] **Quem subir** aos altares do Poder, rogamos trabalho [...]. [...] **Aos demais**, aconselhamos o exercitar do democrático conformismo.
(Grifo nosso).

(In: **JORNAL DA PARAÍBA**. O ouro, o incenso e a mirra. a. 23, n. 6626, p.4. João Pessoa, 27 de set 1994.)

Como podemos notar, as sentenças destacadas convergem para as metáforas orientacionais. Através delas, o cronista conceituou a situação dos vencedores, direcionando para cima, através da categorização do advérbio de lugar: “nos ápices” e “nas culminâncias” para enfatizar bem a situação local de quem vence: VENCER É PARA CIMA; e a posição dos vencidos para baixo, evidenciado, conforme a posição com a categorização do protótipo: conformismo, o que resulta na metáfora: DERROTAR É PARA BAIXO.

Diante das estruturas em (3), procuramos identificar as projeções caracterizadas de entidades, ou substâncias sobre algo que não tem essa característica de maneira inerente. Nesse pensamento lakoffiano, as entidades referem-se tanto a coisas como a seres, constituindo-se como Personificação, cujas metáforas ontológicas especificam a entidade referenciada, como se fosse pessoa, como por exemplo:

[...] a liberdade há de **nascer das ruínas do despotismo**.

(In: **CORREIO NOTICIOSO**. Volta do Rei. Ano V, n.430. Parahyba do Norte, 27 de abril de 1872.

Aqui há um licenciamento dessa estrutura: *Liberdade há de nascer das ruínas do nepotismo* a partir da construção metafórica: RUINAS DO NEPOTISMO SÃO MAES GERADORAS DE FILHOS LIVRES. A construção é oriunda da experiência motivada por aspectos físicos do corpo humano: pela categorização da expressão:

nascer das ruas, que licencia outra metáfora: AS RUAS SÃO ORGANISMOS, PESSOAS, ENTIDADES DE PRODUÇÃO.

A partir desse tipo de metáfora, podemos entender que se trata de formas de conceber entidades como substâncias, através dos itens: a) eventos: *Volta do rei*, em 1872 na Província da Parahyba do Norte; b) atividades: *mostrar-se obediente de todas as formas, de joelhos escravos [...] ajoelha-te na terra e gritai ave César*; c) emoções: [...] *a crise passou e o homem volta com o sorriso estudado* [...]; e d) ideias: *Qual paeux gloriosa, a liberdade há de nascer das ruínas do despotismo*.

Pode-se notar que essa metáfora serve a vários propósitos e reflete diferentes fins, como em:

[...] quem sabe se um dia um correio há de passar gritando, como em 1780 na França sucedeu: armai-vos por que a povoação está se armando [...]

aqui, o cronista colocou sua crítica e seu ponto de vista diante do evento de então: a *Volta do rei*.

Diante desse exposto, compreendemos que a metáfora ontológica se presta a especificar objetos e seres de diferentes tipos, dá respaldo para construção de diferentes modelos metafóricos, e enfoca diferentes aspectos de experiência. E ainda, implica em projetar conceitos lineares, como em:

[...] Pois bem, o rei voltou! De joelhos escravos enthoai o ave César!.

(In: **CORREIO NOTICIOSO**. Volta do Rei. Ano V, n.430. Parahyba do Norte, 27 de abril de 1872.

Esta expressão se apresenta com uma estrutura de base à luz da metáfora orientacional: SER INFERIOR ESTÁ PARA BAIXO/ SER SUPERIOR ESTÁ PARA CIMA. Diante disso, temos que, aos subalternos do rei, o movimento orientacional indica o vetor direcionado para baixo, conforme a posição diante do Rei, que está para cima: a de ajoelhar-se; e o monarca, entidade superior, o vetor indica para cima, ficar de pé, diante da reverência dos subalternos.

3.2.2 A metáfora e os Modelos Culturais: o Experiencialismo em ação nas práticas linguístico-discursivas – a crônica

Com base em Kövecses (2005; 2002), vimos que as metáforas conceptuais convergem ou, como diz Feltes (2007), produzem modelos culturais, que operam no pensamento. Tais estruturas são tanto culturais como cognitivas, e são, também, representações mentais, específicas de aspectos de mundo.

Quanto a esse respeito, Lakoff e Johnson (2002) mostram que, nas e através das metáforas, estão os valores culturais, embora não independentes da sociedade, que formam um sistema coerente com os conceitos metafóricos, que orientam a vida cotidiana. Os autores ainda esclarecem que tais valores apresentam conflitos, pelo fato de haver na sociedade valores diferenciados. Desta feita, esses conflitos são refletidos e refratados na metáfora.

Com base na pesquisa de Feltes (2007), pautada na teoria de D'Andrade (1995), especialista em Modelos Culturais Humanos, pudemos compreender que um Modelo, em sociedade, consiste em um conjunto de elementos que se ajustam para representar algo. Para esse pensamento, todo esquema de base cognitiva serve como um modelo cultural, mesmo que simplificado, no sentido de representar algum objetivo, ou um evento; e uma das propriedades desse esquema é organizar esse evento de modo abstrato, a partir da experiência.

Diante disso, a mesma Feltes nos mostra como Quinn (1997, p.4) define os Modelos Culturais:

[...] são pressupostos modelos de mundo aceitos que são amplamente compartilhados (embora não necessariamente com a exclusão de outros modelos alternativos) pelos membros de uma sociedade e que desempenham um papel enorme em seu entendimento do mundo e seus comportamentos nele.

Pensando lakoffianamente, entendemos que tais modelos são utilizados para realizar atividades cognitivas diversas. Conforme tais definições quinniana, explica Feltes (2007) que se trata de esquemas cognitivos culturalmente formados, que têm forma motivacional, com objetivos conscientes e inconscientes; são apre(e)ndidos como padrões internalizados à luz da cultura e da subcultura, considerando também padrões de pensamentos e sentimentos, mediados a partir da interpretação da experiência vívida, e da reconstrução de memórias.

Diante desse exposto, é mister colocar a questão: *como linguísticas de base cognitiva e antropólogos pensam a questão desses modelos?* Iniciemos uma resposta colocando a ideia de que as implicações desses modelos, para os linguistas, focam a busca do fenômeno da significação/sentido, a partir da metáfora, da polissemia, da lexia entre outros fenômenos linguísticos.

Nesse sentido, avaliemos as considerações de Alves (1998, p.123), como linguista, de base funcionalista e cognitivista, que se preocupou com tais modelos, só que, para sua interpretação, diante de seu objeto de estudo, utilizou-se das Construções Lexicais Complexas - CLCs. Para tanto, interfaceou-as com o pensamento da Representação Social, aplicando-o em seu *corpus*. Nesse sentido, vemos que os modelos culturais têm a chave para compreender o uso linguístico e as expressões linguísticas que suscitam a construção metafórica no evento de comunicação.

Pela visão dos antropologistas, pensamos que vai de encontro aos procedimentos de análises de base Linguística, uma vez que esses antropólogos refletem tais modelos avaliando em direção a um pensamento mais antropológico, por exemplo, enfocando mais a cultura e seu papel, como uma tarefa não-linguística, e avaliando o comportamento humano social e respectivos valores com base na cultura pela Cultura em si.

Quanto a nossa postura, de base cognitiva experiencialista, diante da pesquisa em crônicas de jornais impressos, documentos vivos da história de uma gente de uma comunidade e de uma subcomunidade, como: a Paraíba Província e Estado confederado, é que pensamos que o uso linguístico são as fontes para reconstruir os modelos culturais. Isto por acreditarmos que, a análises das expressões metafóricas, além de adentrar o comportamento linguístico e outros comportamentos socioculturais, permitem a compreensão da organização do conhecimento cultural, dos mais ricos, no que diz respeito às pistas para o linguista, assim como constam fontes de bases ecléticas de dados possíveis da experiência de mundo desse falante. Por exemplo: nas metáforas eliciadas nos gêneros textuais – práticas sociais com linguagem – está a estratégia de reconstruir a organização desse conhecimento compartilhado, no caso: Cronista e Leitor dos jornais aqui pesquisados, porque os consideramos pessoas concretas, que registraram suas reais experiências e pontos de vista, quando discutiram algum fato social.

A título de exemplo, pegamos emprestado de Alves (1998) o entendimento da questão dessa Representação Social, ou simbologias Sociais para aplicar nas metáforas, veiculadas nas crônicas de nosso *corpus*, o item Modelo Cognitivo Idealizado Culturalmente. Tais crônicas poderão fornecer pistas para se entender as questões discutidas na Paraíba dos séculos XIX e XX.

Para tal entendimento, avaliemos a crônica abaixo, retirada do nosso *corpus*:

Realmente descobriram o Brasil

Pimontel Gomes disse e eu confirmo que só agora descobriram o Brasil, verdadeiramente. A Parahyba actual foi uma das maiores descobertas, feitas nos ultimos tempos, isto é, depois da Revolução de 1930.

Somente os anti-parahybanos, que destructam lá fora uma posição adquirida aqui, não se querem convencer da realidade. Vivem em campanha systematica e desmoralizadora o conhecido progresso agricola da nossa terra, progresso iniciado pelo dr. Gratuliano de Brito e seu valoroso Secretario da Fazenda e seguido com larga visão pelo actual governo.

Agora tivemos a prova disto, não satisfeitos com a campanha de palestras, iniciaram a publicação pelos jornaes do Rio de artigos que motivaram um energico telegrama do deputado Gratuliano de Brito, reduzindo a nada as fúteis insinuações dos taes descontentes.

Aqui do meu campo agricola, não pude ficar indifferente ao gesto do nobre deputado que tão brilhantemente reagiu, ao qual não posso deixar de me alliar.

Parahybanos, que deviam estar á nossa frente, batendo

palmas ao magnifico plano idéado por technicos de valor que, apesar de não serem parahybanos, têm amor e interesse por esta terra nova, andam por ahí afóra a propagar coisas infundadas, com o fim de de levar a Parahyba a um descredito financeiro.

Em Areia já se rescou a primeira missa agricola. Ella occupa hoje o primeiro plano no progresso do Estado, tanto pelos seus campos mechanicos e novas culturas, como pela sua Escola de Agronomia, a inaugurar-se, verdadeiro expoente de grandes relações agricolas, tudo isto indubituras dos technicos.

E' escusado se dizer mais alguma coisa sobre o progresso parahybano, pois os nossos vizinhos bem attestam esta minha asserção pela admiração que demonstram diante de tudo que testemunham.

E' preciso que estes parahybanos se operem da sua oegueira e venham visitar sua terra, com vontade de ver, só assim ficarão certos de que aqui se está fazendo, não reclame de jornaes mas a pura realidade.

Areia, 4 de Abril de 1936.

João Barreto

(In: **O NORTE**. Realmente descobriram o Brasil. C.1 p.6, Parahyba do Norte, 04 de abr de 1936.)

Com base nos dizeres, colocados nessa crônica, pudemos constatar que os esquemas mentais eliciam a ação, considerando-se a interpretação do fato social. Esses esquemas, construtos gerados dos significados culturais e motivados pelo objetivo do cronista, diante da realidade social e política da década de 1930 na

Paraíba, ou seja, no Brasil, é que se pode chegar às informações para os (sempre)leitores, acerca do estado de mundo, conforme João Barreto. Nesse evento, tentou fazer com que os leitores pudessem alcançar, a partir de seu objetivo: o valor da Parahyba, politicamente:

Pimentel Gomes disse e eu afirmo que só agora descobriram o Brasil verdadeiramente. A Parahyba actual foi uma das maiores descobertas, feitas nos últimos tempos, isto é, depois da Revolução de 1930. Somente os anti-parahybanos é que desfructam lá fora uma posição, uma posição adquirida aqui, não se querem convencer da realidade [...] o conhecido progresso agrícola da nossa terra. [...]

(In: **O NORTE**. Realmente descobriram o Brasil. Parahyba do Norte, 04 de abr de 1936.)

Assim, vimos que os mecanismos discursivos, como também metafóricos, de base ontológica: A REVOLUÇÃO DE TRINTA É UMA ENTIDADE, A PARAHYBA É UM RECIPIENTE, motivaram os objetivos particulares daqueles sujeitos sociais: Pimentel Gomes e João Barreto a quererem mudar os valores sóciopolíticos e também culturais. Através da entidade, Revolução de 1930, é que o cronista pode partilhar o conflito dominante de base sociopolítico-cultural e mostrar por outra entidade coisa: RECIPIENTE: Parahyba, os que estavam presentes, dentro, os que “vestiam a camisa” daquela província naquele momento; e os que estavam ausentes, fora das questões reais, como: o progresso da agricultura parahybana. Tal construção metafórica a Paraíba ser um RECIPIENTE, também faz mostrar que ali, lá dentro, naquela sociedade havia divisão sociopartidária e sociopolítica: parahybanos *versus* anti-parahybanos perante a visão do província/estado, tendo como argumento o reconhecimento de progresso agrícola existente, porém não-reconhecido pelos próprios paraibanos, que estavam no sudeste do país, o Rio de Janeiro. Como prova disse, vejamos o discurso de Barreto:

[...] Agora tivemos a prova disto, não satisfeito com a camapanha de palestras, iniciaram a publicação pelos jornaes do Rio de artigos que motivaram um enérgico telegrama do deputado Gratuliano de Brito, reduzindo a nada as falsas instituições dos taes descontentes.

(Idem: **Realmente descobriram o Brasil**).

Em suma, defendemos com Feltes (2007) e Alves (1998; 2009) que os Modelos Culturais podem ser chamados de Esquemas Culturais, considerando a situação comunicativa. Conforme Lakoff e Johnson (2002), tais modelos surgem à medida que a base experiencialista do falante é compartilhada. Aqui procuramos pontuar apenas o objeto: construções metafóricas, uma vez que há estudos de base cognitivistas, interfaceados com a Antropologia.

Procuramos fazer uma leitura parcial dessa temática, com tendências ao pensamento de Lakoff e Johnson (2002), na tentativa de compreender o potencial da TMCI, discutida anteriormente. Diante da leitura, acreditamos que os modelos culturais podem vir de várias fontes, suportes, gêneros textuais, o que nos levou a identificar conceitos em nossas crônicas, que trazem e mostram que a vida em sociedade é um processo de interação entre (im)precisos entendimentos privados ou não, entre objetos ontologizados nas metáforas, entre eventos públicos. Tudo isso são fontes desses construtos idealizados cognitivamente.

4 ABORDAGENS HISTÓRICO-DIACRÔNICA E TEXTUAL DA CRÔNICA DO JORNAL IMPRESSO DA PARAÍBA: SÉCULOS XIX, XX

Neste capítulo, o estudo procurou abordar um percurso sócio-histórico das crônicas dos Jornais da Paraíba, século XIX e XX, com o propósito de buscar as primeiras crônicas nesses jornais, como uma forma de reconstituir tal documento de ordem histórica. Interessa-se aqui querer contribuir para história da Língua Portuguesa do Brasil, em especial, trazendo, à cena, a escrita paraibana, através de análises das construções metafóricas das crônicas veiculadas nos jornais da Paraíba. Trata-se de crônicas mais antigas e preservadas no Museu Histórico de João Pessoa - PB, A Fundação Casa José Américo de Almeida, um recorte no tempo, cuja cultura será conhecida através dessas construções metafóricas, estrategizadas e refletidas nas práticas discursivas, contextualmente localizadas: a História da Paraíba.

É mister esclarecer que há interesse em fazer uma contextualização do editorial jornalístico da Paraíba, isto por se tratar de um *corpus* histórico. A incursão será breve, no que se trata dos desafios do domínio do jornalismo para com a sociedade até os nossos dias. Essa pesquisa faz parte de um estudo histórico-linguístico do Programa de Pós-Graduação, o PROLING-UFPB. O nosso propósito de tal informação é refletir a configuração das práticas comunicativas e discursivas, assim como cultural, sócio-política de uma determinada região, no caso: a Paraíba. Há, também, interesse em refletir acerca das condições linguísticas e extralinguísticas para identificação do editorial no decorrer da circulação, em especial, porque trataremos das práticas discursivas em torno da metáfora do cotidiano, registradas na crônica.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA IMPRENSA DOS JORNAIS DA PARAÍBA

Diante da presença/ausência e do (des)aparecimento dos jornais na então província no século XIX, consideramos interessante apresentar um quadro sinóptico, dos jornais que foram selecionados para este estudo. As informações desse registro histórico foram colhidas na Fundação Casa Jose Américo de Almeida, doravante

FCJAA, assim como em trabalhos históricos de autores paraibanos voltados para a História da Imprensa Formal na Paraíba, como Martins (1976); Araújo (1986) e, ainda, trabalhos já concluídos no PROLING, como o de Nicolau (2008).

A pesquisa, ao delinear o percurso histórico do jornal da Paraíba - a então província da Parahyba -, tem o propósito de buscar (desde) as primeiras crônicas nos jornais do século XIX, no intuito de reconstituir e, ao mesmo tempo, montar, uma amostra desse gênero, onde tal jornal esta(va)rá circulando. A preocupação está centrada em: as modificações pelas quais o gênero passou; as temáticas, as quais subsidiaram os discursos e os textos na história desse Estado, estabelecendo, de alguma forma, a relação sócio-histórica e sincrônica do estudo em monta.

O jornal, como suporte de comunicação, é um patrimônio social e histórico de uma nação. Transmite informações carregadas de culturas de geração a geração, funda raízes, presta serviços à sociedade através dos gêneros textuais, o que faz a gente social ler, interagir, comentar e discutir os seus pontos de vistas e os que estão ali materializados, em forma de discurso, estrategizadas nas metáforas. Esses jornais surgiam e, de repente, desapareciam e reapareciam com outro dono, e/ou com outro nome, mas sempre que surgiam, apresentavam-se com a mesma função, como a de correr com as informações pelas praças, a de tornar público opiniões, a de formar opiniões e a de prestar serviços sociais, como: vender/comprar.

Nossa pesquisa encontrou 90 jornais na FCJAA, que circularam desde o século XIX. Mas é de nosso interesse apresentar, no quadro abaixo, apenas os jornais onde foi detectada a presença de crônicas. Apontaremos dados desses jornais, que circularam, no século XIX, num total de 07, o que possibilitou formalizar 34 amostras desse século, mas para nossa análise, utilizamos 05. A descrição do quadro pontuará: a) nome do jornal; b) período de circulação nesse século em epígrafe; c) perfil estrutural, ideológico e sociocultural e, ainda, d) delimitação das práticas sociais, a crônica.

NOME DO JORNAL	PERÍODO DE CIRCULAÇÃO SÉCULO XIX	CARACTERÍSTICAS SOCIOCULTURAIS	CRÔNICAS
O Acadêmico do Norte	1857		Liberdade Religiosa.
O Publicador	1862	Liberal	O luxo; Chronica.
O Correio Noticioso	1872	Noticioso	Volta do rei.
O conservador	1875	Político e noticioso	Liberdade Religiosa; Rifa de uma moça.
Verdade	1880; 1889	Religioso, dogmático e literário.	22 amostras
Verdade	1890	(Id.)	Qual será a categoria da Parahyba.
A União	1891	Noticioso, Liberal	O rio transformou-se em rio...; (03 amostras)
Campinense O Publicador	1892	Liberal	Maravilhas de Eletricidade. O Bello sexo.
A União	1893	Noticioso, liberal e social.	Censura injusta

Quadro 1 - Os Jornais Impressos da Província da Parahyba Século XIX - A Imprensa Formal
Fonte Própria: com base nos suportes à mostra na Casa José Américo de Almeida

Quanto aos jornais formais, presentes no século XX, apresentaremos o Quadro 02 abaixo, ressaltando que a descrição seguiu a mesma orientação do Quadro 01, anteriormente formalizado, dos jornais pesquisados no século XIX. Nesse Quadro 02, constam 06 jornais, os quais nos forneceram 78 amostras para este estudo, embora só tenhamos utilizado no capítulo específico apenas 08 para análise.

NOME DO JORNAL	PERÍODO DE CIRCULAÇÃO SÉCULO XX	CARACTERÍSTICAS SOCIOCULTURAIS	CRÔNICAS
O Norte	1908		Chronica.
A União	1912		(05 Amostras).
A União	1913		Semaphora.
A União	1919		Os peixes da América do Sul.
A união	1921		(03 Amostras)
A União	1930		(07 amostras)
O Povo	1935		O Álcool.
O Norte	1936		(02 amostras).
A União	1940		(09 Amostras)
O Estado da Parahyba	1945		(02 amostras).
A Imprensa	1945		(02 amostras)
A imprensa	1946		Ao proletariado paraibano
A União	1950		(05 Amostras)
O Norte	1950		O Modo das grandes soluções.
A imprensa	1960		Voltando a pena de morte; Conceito cristão sexual.
O Norte	1975		(02 Amostras)0
A União	1978		(03 amostras)
A União	1980		(03 Amostras);
A União	1982		(02 amostras);
A União	1983		(02 Amostras);
Correio da Paraíba	1984		(03 Amostras;

O Norte	1985		(02 Amostras)
A União	1989		(02 Amostras)
A União	1990		(03 Amostras);
O Norte	1991		(02 Amostras);
Correio da Paraíba	1991		(03 Amostras);
Jornal da Paraíba	1994		(03 Amostras);
Correio da Paraíba	1999		(05 Amostras)

Quadro 2 - Os Jornais Impressos da Paraíba Século XX

Fonte Própria: Com base nos arquivos à mostra na FCJAA.

4.1.1 Tendências, Estratégias, Tradição dos/nos jornais da província

Em busca da sócio-história, por meio de marcos historiográficos, nos jornais paraibanos, é que objetivamos mostrar a relação da imprensa com os estudos da crônica numa perspectiva sincrônica do século XIX e XX, em especial, as tendências e as tradições que organizaram o pensamento de uma sociedade, conforme estão pontuadas nesse gênero textual dos jornais em pesquisa.

Para tratar desses itens: tendências, estratégias e tradição de uma gente social, nesses séculos, fizemos um levantamento e descobrimos, nesses jornais, um arquivo, através das crônicas, que: a) mostra a historiografia da província, fatos e pensamentos de uma época; b) revela, pelos gêneros textuais, no caso, a crônica, as manifestações sociais e discursivas, os aspectos culturais de ordem diversa - um verdadeiro documento da vida paraibana; c) constata-se uma fonte rica para se estudar as construções metafóricas, assim como para se conhecer os registros dessas tendências.

Diante desse contato direto com os “documentos”, apostos nos jornais da Parahyba do Norte, é que pudemos avaliar que se tratava de um suporte vivo, porém considerado como arquivo, o que o torna um “objeto de um tempo”; de um jornal moderno, bem noticioso, menos radical, dentro dos padrões estratégicos da época Moderna, à luz dos jornais de um centro maior, como o Rio de Janeiro. Diante de 90 jornais pesquisados, vimos que se tratava de um perfil informativo, noticioso, embora Barbosa (2005), também estudiosa desse material, no caso jornais, perfilasse-o como: literário, noticiador, científico, político, crítico e também comercial.

Constatamos, nesse suporte “vivo”, conforme nossas crônicas, movimentos de ideais, típicos do século XIX na província: a Modernidade. Neste pensamento, estão vinculadas, nos usos de linguagem, determinadas visões sociais, através de indivíduos ali inseridos na crônica, dentro de uma estrutura constituída

culturalmente. Tal visão se apresenta nesse gênero, justamente por estar: a) veiculada num suporte da imprensa, que se dirige para um interlocutor de âmbito geral, b) essa crônica pendular entre o discurso literário e o não-literário, c) o fenômeno linguístico, ali presente, caracterizando-se nos níveis de linguagem universal, histórico e particular, conforme Fonseca (2005). E ainda, d) tratando de um fenômeno espontâneo de linguagem – diante das condições de concepção e de produção desse gênero, em tal suporte comunicativo, que traz em seu bojo um pensar metafórico, refletido nos discursos, nos argumentos para melhor esclarecer a discussão em pauta, cujo propósito é o de, ora homogeneizar o pensamento social, ora idealizar alguns pontos de interesse do estado, até porque se tratava de uma cidade que estava se modernizando.

Diante desse material, em mãos, percebemos que a província estava recebendo/ganhando (sofrendo) influências de imigrantes estrangeiros, que chegavam ao Brasil, particularmente, na província da Parahyba. Tal chegada não se deu diferente das outras regiões. Com isso, podemos conferir, através do suporte do jornal, assim também, junto a historiadores como Seixas (1985), e a própria Fonseca (2005), que esse contexto da história da cidade, da cultura e do social seguiu a tradição e a tendência, conforme está refletida no discurso do cronista e nas questões discutidas nas crônicas, através da língua(gem).

4.1.1.1 Estudo histórico e sincrônico da língua(gem): acesso de leitura do jornal impresso da/na província paraibana

Para vislumbrar o acesso a esse jornal, naquela ocasião, por parte da comunidade da província, é necessário que se faça uma breve discussão, mesmo que, em linhas gerais, da linguagem registrada, dos atos linguísticos estabelecidos, com base no gênero em monta. Para isso, trazem-se, à luz da pesquisa, alguns conceitos essenciais, como o de língua e linguagem; de fala, de um saber linguístico que cria expressões, modelos próprios e técnicos para tratar de assuntos daquela cultura quando estava em processo de recepção de outras culturas e ideologias. Isto, para se compreender o estabelecimento da realidade, historicamente determinada pela cultura representada na crônica, como também em outros gêneros desse jornal.

Em Coseriu (1975), as línguas são técnicas históricas de linguagem e se acham estabelecidas com tradições firmes, peculiares, sendo reconhecida pelos seus próprios falantes, pelos falantes de outras línguas e de outras culturas e pensamentos. Tal autor afirma que essa língua costuma se apresentar metaforicamente, o que permite a identificação também historicamente, quando traz, em seu bojo, dizeres de outras línguas e culturas, como também os ditos daquela comunidade em foco. Diante desse pensamento, pode-se compreender que o falante, no caso aqui, o cronista e o leitor do jornal, revelam-se como pertencentes a essa comunidade historicamente determinada, de modo que esses falantes assumem a tradição idiomática que está/deve ser colocada nas atividades de linguagem desse veículo.

Com base nessa visão de língua, como também nessa situação comunicativa, defendemos que a realidade dessa língua está num saber linguístico, que se pauta numa atividade criadora, abstraída das questões sociais em pauta temporariamente. A partir do momento em que tais falantes: cronista e leitor entram em processo de interação, eles assumem a tradição idiomática, ideológica e cultural. Para isto, criam-se estruturas, com base em modelos existentes, em estruturas de si mesmo, em estruturas não-frouxas, mas intencionalmente (re)construídas para refletir a história que ali será constituída. Tal visão de língua se apresenta viva sempre ali-aqui-lá, criando e reconstituindo significados no uso da matéria: seja por metáforas, seja por matérias concretas, um tipo metáforas-produto. Nesse pensamento de língua(gem), a língua se faz e refaz, porque o falante entra num sistema de então e no sistema vigente, como dizem os sociolinguistas históricos: Fonseca, Castilho, Matos e Silva, entre outros. O falante entra no sistema (Ana)Diacrônico, ou Pancrônico para recuperar o sentido ali estabelecido pelo sujeito histórico cronista, que, para realizar seu dizer, utilizou-se do sistema de uma língua, refletiu a língua do outro que vai interagir com ele naquele gênero, naquele veículo historicamente constituído para dizer de tal forma. Nesse viés de língua, está talvez a essência do diálogo, por que não do dialogismo defendido em Bakhtin (1997a, 1997b) e pelo próprio Coseriu?

Através desse estudo, a crônica é compreendida historicamente determinada e constituída por um sistema de língua, por um sujeito histórico e por um suporte comunicativo em vigência do século XIX. Por meio dela, compreende-se uma língua sociointeracionista, dialógica. Isto, porque o gênero textual traz esse papel: o de instigar um falar com o outro, o de difundir as ideias ali pontuadas socialmente. As

crônicas, que foram analisadas, têm e fazem historicidade, a partir do momento em que pré-existe nelas o diálogo que, por si, já exorbita uma compreensão, uma adequação de fala “para todos”, uma explanação de argumentos para interagir, mesmo que de ex(in)tensão curta, de forma metafórica. Há, nesse gênero, um plano de linguagem concreto que suscita(rá) uma compreensão dentro de uma concepção de língua sociointeracional. Isto, para ser entendido (pré-pós)temporalmente de um sujeito que se coloca aqui/agora para um sujeito lá/depois, isto é, do homem para o homem, do social para um outro recorte social do/ no tempo. A linguagem que está ali estabelecida refere-se a uma linguagem do/no seio da comunidade que se quer compreender e experienciar.

Tal visão de um sujeito que sabe usar a língua pode ser constatada nas crônicas em estudo, pois nesse saber-fazer linguagem para um outro, ele se utiliza do sistema socialmente oferecido, porque pertence à historicidade dele e do seu interlocutor para poder se manifestar como um ser, para agir e pensar no falar cotidiano. No *corpus*, tais conceitos de língua, de fala se compreendem a partir do interesse do falante querer interagir, querer ser entendido. Para isto, ele preocupa-se em se adequar aos temas sociais que estão envolvendo aquela comunidade, ao outro que estão ali evidenciados àquele entendimento na discussão; preocupa-se com esse outro para que perceba o dito, o modo como foi dito, e o teor da informação. Esse falar, nesse contexto e nesse gênero, vislumbra destacar o interesse pela leitura daquela opinião ali estabelecida, assim como buscar a interação do interlocutor, para quem sabe mantê-lo leitor dessa matéria.

A crônica, veiculada no suporte histórico, torna-se interessante para se estudar a língua, porque nela há um texto de cultura de uma época e de épocas diferentes, há uma linguagem técnica e histórica, nos dizeres de Coseriu (1975). Isto, porque se acha a tradição firme de uma época, reconhecida pelos seus leitores, ora repetida, ora reorganizada pelos próprios falantes, o que faz dessa língua da crônica ter um estilo, como o de colocar o dizer e o não dizer pelas metáforas numa língua comum sociocultural de uma época. É, nesse gênero, que se compreendem mais facilmente os estágios da linguagem em atividade de comunicação para falar com outro sobre o mundo, por exemplo:

Linguagem → Língua → Falar(es) (Discurso) → Texto → Crônica.

Assim sendo, eis a Figura 09, que tem como objetivo ilustrar tais estágios para se compreender o objeto em estudo: construções metafóricas.

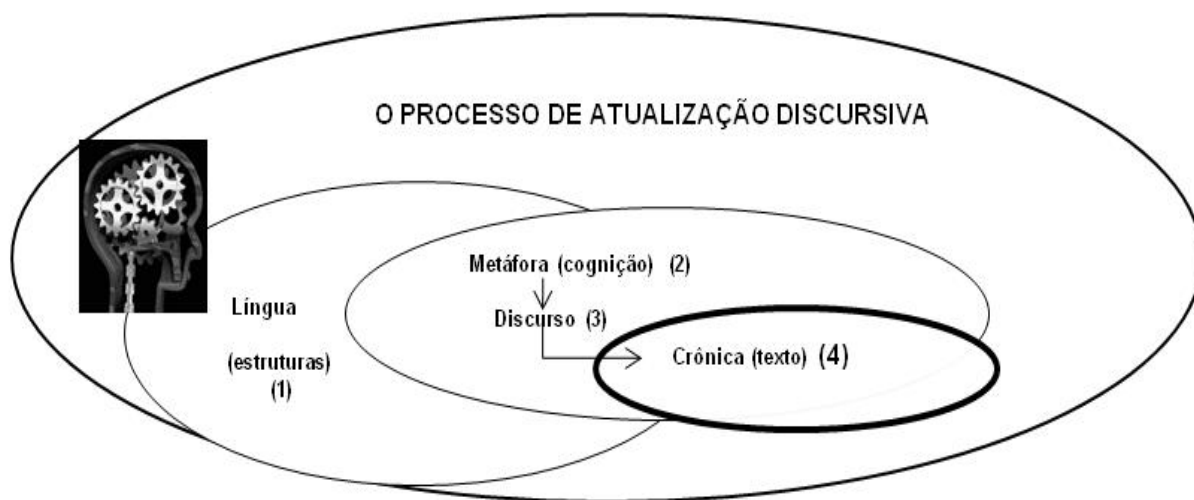


Figura 9 – Estágios do processo de atualização discursiva a partir da mente humana – Tempo, Objeto em movimento.

Com base nessa figura, defendemos, à luz de uma explicação histórica e sincrônica, a organização da linguagem metafórica, quando eliciada, por exemplo, nas crônicas de jornais. Faz-nos compreender as inferências e as implicações da realidade concreta de uma época, sendo conceptualizada por um falante, assim como a realidade criativa constituída por um cronista, conforme nosso caso. Essa realidade será compreendida através da metáfora em crônica de jornal, pelo interlocutor desse gênero, trabalhando em sua memória os falares ditos de agora, mas que, muitos deles, estão na “máquina do tempo”, sendo ora repetidos, ora retomados para ser transformados na situação de diálogo e da cultura em que cronistas e leitores de jornais, por exemplo, estão envolvidos no funcionamento da linguagem, como pensa Lakoff e Johnson (2002, p. 100): “aqui a expressão *para frente* organiza o futuro como estando na frente, enquanto *seguinte* o organiza como estando para trás”. (Grifos dos autores).

Esse movimento dinâmico do tempo para organizar e atualizar a língua, do tipo frente-trás fomenta as metáforas do cotidiano, justifica a presença delas na orientação do discurso de um falante. Conforme esta orientação, podemos chegar à metáfora: TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO, este movimento com direção: frente-trás-frente, aplicado ao funcionamento da língua(gem), permite-nos perceber essa língua em sociedade, interacionista, concreta, dinâmica e real.

Conforme Lakoff e Johnson (2002), as categorias de língua e as categorias prototipizadas, em nosso pensamento do cotidiano, são largamente metafóricas. Com base nesse pensamento e, tomando por base a figura acima, é que vemos que a realidade da língua está no processo diacrônico. Com isto, compreendemos que nossos raciocínios e percepções são oriundos e arrastados pela cultura em movimento cíclico, em movimento direcionado para frente, cuja sistematicidade interna e externa se estendem às expressões que são usadas metaforicamente para experienciar as coisas do/no mundo.

Essa sistematização, em movimento para frente, para trás, sendo retomada para frente, diz respeito ao funcionamento dinâmico da linguagem em sociedade. Sistematizemos, pois, esse processo diacrônico da língua(gem) no cotidiano como uma máquina do/no tempo, cuja função é produzir e reelaborar instrumentos de nossas experiências que não podem literalmente ser compreendidos em sua totalidade. Desse modo, a linguagem do cotidiano se reifica como substância / forma e, nesse processo de estruturação substância em forma, é que utilizamos essa linguagem em nossos falares socioculturais, estruturada linguisticamente.

Essas estruturas se movem com a força e o vigor de uma “catraca”, por exemplo, em sentido horário. Mas para a felicidade e o sucesso desse produto, como estruturas linguísticas, o movimento dessa “máquina do tempo” precisará de um outro movimento interno, que deve puxar, em movimentos anti-horários, essa expressão linguística, então elaborada, para trás, para mergulhar no tempo sociocultural e voltar trazendo para frente aquela expressão mais rica, mais fortalecida de seu conceito; ou, ainda, enfraquecida e apagada desse conceito, para ser eliciada nos falares sociais, ser atualizada no discurso, ser iluminada na metáfora e sustentar o propósito de um cronista, que é nosso caso, o gênero textual por ele escolhido para informar.

Consideremos, pois, o homem social ser essa máquina, A MENTE HUMANA É UM OBJETO EM MOVIMENTO. Essa mente processa modelos cognitivos

idealizados MCIs, que estão no meio e fazem parte desse meio em constante interação com o ambiente físico, histórico, social, assim como esta em interação com os outros homens de culturas diversas. Esses modelos também são absorvidos e processados, e, em seguida, eliciados nos dizeres do cotidiano, atualizados em forma de metáforas convencionais ou imaginativas. Essa interação é inerente a esse homem, pois o meio envolve-o, convida-o a interagir e agir nesse meio, sendo transformado e transformando o mundo por meio da experiência sociocultural. Esse movimento do e de um tempo traz sentido à vida desse homem, assim como significação aos seus discursos.

Conforme Lakoff e Johnson (2002), o homem necessita da diversidade de experiências históricas e culturais, e de pessoas para saber agir no mundo. Com isso, a língua em uso traz um papel relevante, como o de poder mergulhar no tempo – na memória desse homem - e buscar sentido aos dizeres sociais metaforicamente. E a metáfora - estratégia de uso da língua – se coloca como recurso, cujo papel é criar novos sentidos e novas realidades, assim como garantir a interação social, pela partilha das experiências, dos conhecimentos que estão no jogo daquele entendimento. A metáfora do cotidiano habilita os falantes sociais e flexibiliza-os à visão de mundo e ajusta-os ao modo de poder categorizar a experiência, especialmente, considerando esse estudo, na crônica, cujo diálogo é flexível e traz uma linguagem do cotidiano para alcançar a compreensão mútua, seja do momento, seja de uma situação sócio-histórica.

Retomamos os sociolinguistas citados anteriormente, como Fonseca (2005), quando pensam a língua como uma entidade dinâmica que se faz e refaz na “máquina do tempo”, acima referenciada, porque o falante entra num sistema de então e no sistema vigente, isto é, no sistema (Ana)Diacrônico, ou Pancrônico para recuperar o sentido ali estabelecido pelo sujeito histórico, no caso o cronista, que, para realizar e atualizar seu discurso traz de volta falares sociais, mergulha-os na situação de partilha e lança-os ao meio.

4.2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO GÊNERO TEXTUAL: A CRÔNICA

Por se tratar de um gênero textual dos séculos XIX e XX, é de interesse apontar uma caracterização geral, desde as crônicas do século XIX até o XX: os

aspectos formais da língua, gráficos, assim como a textualidade desse gênero numa perspectiva histórico-textual. Isto, porque, de acordo com os registros, ali colocados, e, conforme estilo do gênero da época, tais registros servirão de referência e de matéria para análise.

4.2.1 Aspectos conceituais e empíricos relativos às concepções do gênero textual

Em linhas gerais, dentro de uma perspectiva teórica, como também especulativa, vê-se que a crônica estabelece uma atividade discursiva, realizada sob a forma de prática de linguagem discursiva, institucionalizada, correspondente ao domínio dos discursos filosófico, religioso, científico, jurídico, literário, político e midiáticos. Esses domínios se materializam textualmente, em situação de comunicação, interação social, de modo que diferentes condições sociocognitivas de competência discursiva são de ordem formal, historicamente determinada, como por exemplo: em um jornal constam gêneros textuais, como: notícia, contos, novela, texto de opinião, crônicas etc. Tal dimensão representa possibilidades de estrategizar, registrar, discutir questões sociais de uma época.

Acerca desse gênero, muito já se tem discutido, cuja dedicação da investigação dá-se pelos vieses literário e/ou jornalístico. Nessa pesquisa, tal discussão se preocupará com o jornalístico, com o trabalho estratégico do cronista, como usuário da língua - em potencial -, operador de construções metafóricas para apresentar o pensamento sociocultural de uma época, isto em função da produção de efeitos de sentidos inten(s)cionais extensionais.

Dentro de uma visão especulativa e por que não teórica, trata-se de um gênero bem conhecido por leitores de jornais. Certamente, pela circulação diária, em termos do século XX, nos jornais, revistas, obras. Nesse século, a crônica se apresenta como um texto de curta extensão, conciso, contendo, ora um relato de um fato do cotidiano, ora um comentário de um tema em evidência durante a semana, isso de modo subjetivo. A estratégia de linguagem normalmente é bem maleável, mediando entre notícia e conto, texto de opinião, mas sempre com uma estruturação metafórica para argumentar, caracterizar, descrever o fato ali colocado.

Há um nível de linguagem mais aproximado do falar coloquial. Isto para estabelecer uma relação mais interacional com o leitor, assim como uma construção composicional bem flexível e híbrida. Conforme dito acima, o gênero se apresenta como um texto mixado de outros gêneros, de modo que tais características ficam difusas para identificar e até definir uma crônica de jornal impresso no século XIX, por exemplo. Essa característica difusa vem favorecer, aqui, nosso pensamento diante do que queremos estudar: as construções metafóricas que estão na natureza da crônica, por exemplo: a emergência da intenç(s)ão da abstração que se quer significar, daquilo que se metaforizar no discurso, em termos de manipulação, argumentação de determinações sócio-históricas e/ou socioculturais, isto sem pontuar a construção textual, estrutural linguística para significar (não)literalmente.

Diante de uma visão mais teórica, Sá (1987) apresenta o gênero textual - a crônica – como uma estrutura de narração, cujo sentido de fruição parte do imaginário. O gênero é construído à luz de um diálogo, uma espécie de relato indireto, com variação de estrutura, como se retomasse outros gêneros textuais de estruturas diversas, o que corrobora com a ideia de hibridização no gênero, conforme dito acima.

Quanto à composição do gênero, o mesmo autor mostra-a como uma composição frouxa, que se ajusta à sensibilidade de todo dia na notícia. Uma possível definição colocada por Sá (*Id. Ibid.*) é que possui um caráter de registro descritivista, via contato (in)direto com a realidade, através das metáforas do cotidiano, do diálogo, isto fazendo uma linguagem livre para narrar o cotidiano a experiência vívida, através da observação direta. Tal estratégia pode ser vista nas estruturas linguísticas ali registradas. Narra os fatos de tal maneira que estes ganham concretude, assegurando ali um ponto de vista.

Dessa feita, a crônica tem como princípio básico registrar o circunstancial numa narrativa curta para relatar um fato, uma discussão social a muitos e diversos leitores do jornal. Apresenta-se dentro de um espaço bem econômico do jornal. Quanto à linguagem desse cronista, constrói uma estrutura livre para verbalizar as verdadeiras significações, um texto de redação apressada como diz Sá. Nesse procedimento de construção, tem-se uma linguagem que se aproxima da conversação dialogal, cujo coloquialismo facilita a compreensão do que está ali discutido. Tem-se no mesmo gênero um despojamento verbal ágil, direto, sem

adjetivações, mas com metaforização, isto para explorar o sentido que está no social, a significação da palavra colocada nesse texto.

O foco da discussão tem caráter metalinguístico, de modo que o cronista seleciona o dito e o como dizer. Diante disso, o texto tem fases de elaboração marcadas, oriundas de outros gêneros. Como se pode notar, a crônica é manejada por uma linguagem de estrutura curta, por isso Sá (1987) considera-a leve. O autor da crônica se coloca em terceira pessoa disfarçada de uma primeira, isso mostra uma forma íntima de se lidar com a palavra. Para tal, metaforiza e também neologiza para caracterizar situações e interagir com o leitor, até porque o usuário da língua faz isso no seu dia-a-dia. O autor tenta fazer o espaço mental do seu leitor diante dos registros dos acontecimentos com emoção e humor. Muitas vezes, ele rompe com certos padrões da língua para colocar o leitor dentro daquela discussão, a qual certamente é de interesse dele e do social.

Diante de toda essa realidade de uso da língua, como não dizer criatividade, com certa magia, faz-se necessário esclarecer que o cronista se coloca dentro de uma visão racional, fiel e crítica da questão ali no mundo contextualizado. Para tal, ora constroi um dizer, ora desconstrói e reconstrói para descobrir uma nova estrutura do “seu” dizer. Toda essa inquietude para descobrir qual forma de linguagem apontará o significado sócio-histórico e cultural, o que faz com que tal registro se transmita às gerações. Isto, porque o jornal é um suporte oficial, o que faz dele ser um documento sócio-histórico-cultural.

Outros autores, como Mendes (2004), concebem a crônica como uma memória interdiscursiva. Nela, manifestam-se as práticas de linguagem sociais na mídia, representando uma interface com os gêneros literários de domínios diferentes. Esse autor vê a crônica como um campo fértil para o fenômeno linguístico, isto pela multifacetagem da língua e do texto ali permitido e, ainda, pelo espaço enunciativo. Nessa visão, defende-se a existência de um agenciamento de processo semântico e formal, de um estabelecimento de uma integração mais orgânica entre a dimensão semântica e a estilística. Nessa perspectiva, tem-se o gênero avançando sobre aspectos importantes, como o pragmático-discursivo, pelo uso real da língua, pela intencionalidade do cronista, usuário de “carne e osso”, isto porque esse sujeito falante se posiciona subjetivamente diante dos fatos em discussão em língua natural.

4.2.1.1 Uma perspectiva sócio-histórica do gênero crônica de jornal

O termo crônica de hoje aparece nos jornais da Paraíba do século XIX como *chronica*, conforme podemos constatar no gênero textual, Anúncio, retirado do jornal da então Província: **O Correio Oficial do Estado da Parahyba do Norte**, em Parahyba do Norte 16 de Maio de 1892.

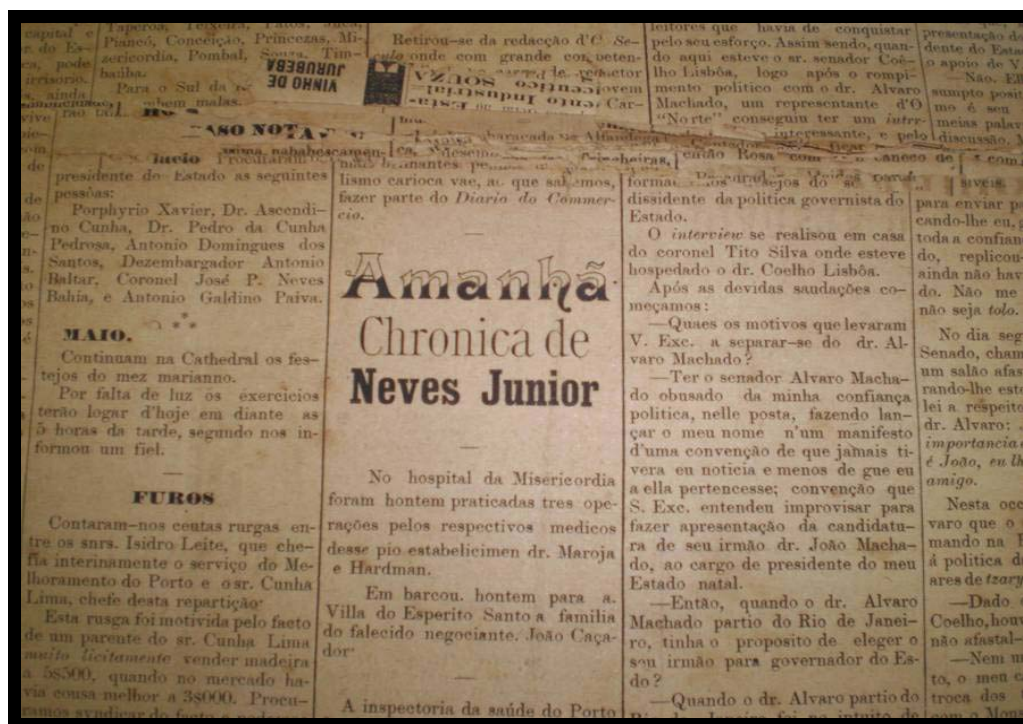


Figura 10 - Anúncio de Crônica

Fonte: Correio Oficial do Estado da Parahyba do Norte (1892)

Com base em Arrigucci (1987), o termo em monta remete à noção do tempo, como se nota no registro o etmo *chronos* do grego. Ao avaliar o termo, podemos notar que se trata de uma ação no tempo, numa memória sociocultural, que faz trazer e colocar à cena as atividades sociais, no âmbito da experiência vívida. Dessa feita, percebemos que se trata de um texto que tem um caráter histórico pela sua propriedade, isto sem esquecer que oscila entre uma ordem híbrida do tipo literária e jornalística.

Um outro aspecto relevante é que ela é histórica e reconhecida pelos leitores sociais, em especial, através do texto o Livro Sagrado, as obras Clássicas, e agora, destacamos o suporte comunicativo Jornal. O mesmo Arrigucci nos mostra que tal gênero supõe uma sociedade para qual importa a experiência progressiva do tempo,

não apenas um tempo cíclico, ou repetitivo, mas um tempo implicado numa forma narrativa. Na crônica, o ato de narrar os acontecimentos faz resgatar as experiências vividas na tradição de uma época, de uma gente, de uma ideologia. Tal prática discursiva e comunicativa faz do cronista um artesão, um historiador, um crítico (literário) ao transformar a experiência dessa gente vívida através do gênero em fato histórico.

As crônicas, que aparecem no jornal da província, não têm um único cronista, mesmo se tratando do mesmo jornal da mesma década. Vê-se que há uma variação de autor. Este, ora assina pelo seu dizer, ora pseudonomiza, ora não assina. Assim, como vemos que não é um texto freqüente nos periódicos daquela época, o que justifica a escassez de textos colhidos para a constituição do *corpus* da pesquisa desse século XIX.

Com base nos estudos de Cândido (1992), tal prática social e comunicativa nesse século não tinha ainda uma configuração, quanto à definição de gênero textual, como se apresenta hoje, como um produto moderno sempre presente nos jornais, entre outros suportes de comunicação, de modo que, muitas vezes, tomavam-na como um gênero folhetinesco, como conto, ou até mesmo como texto de opinião. No jornal, tal opinião se difunde por meio de uma ficção fantasiosa, como uma invasora do mundo real, uma espécie de “motor de arranque” do cotidiano, cuja estratégia é a metáfora que faz entrar o pensar social no mundo dos significados socioculturais, pelos atos de fala, pela crítica sutil, meio “à toa”. Quanto a esses aspectos, a análise evidencia, nesse gênero, os aspectos de pensar o mundo socialmente, conforme os significados socioculturais, pontuados nas expressões linguísticas guiadas pelas metáforas conceptualizadas nesse mundo.

É relevante compreender que essa língua(gem) histórica estrategizada, diante de um contexto histórico, mostra que há a questão da historicidade dessa língua nesse gênero, nas tradições discursivas. Tratar desse ponto é trazer à tona os estudos históricos da língua, os fatores da mudança da língua no tempo, tendo em vista que tal uso remete ao conhecimento do domínio da língua nesse século, visto que a crônica tem uma disposição estrutural funcional, cuja relação entre oralidade e escrita é bem evidente, o que nos faz conhecer o sistema da língua nessa fase histórica; além do mais pode servir para se analisar e explicar as metáforas conceptuais nas crônicas que foram selecionadas.

Com base nisso, deve-se esclarecer que não é nossa pretensão acompanhar o passo a passo dos falares parahybanos, quanto ao uso ortográfico de uma história social e uso linguístico, mas pontuar, através desse registro, as construções metafóricas configuradas nesse uso. Como se sabe, a história da língua também permite entrar na história social das gentes, dos grupos sociais, quanto ao pensar uma época, este manifestado no jornal.

Gomes (2007) nos mostra que esse século XIX trouxe um cenário de lutas políticas em busca de urbanização, com a chegada dos imigrantes, o que contribuiu para o avanço de questões socioeducacionais, sociopolíticas e culturais. Dessa forma, o jornal recebeu benefício de obter mais leitores. Tal fato também evidenciou o registro da língua, como diz Mattos e Silva (2002). Foi um período significativo na história da Língua Portuguesa do/no Brasil. Muito embora, resta esclarecer que, conforme está registrado nas estruturas linguísticas, em nosso *corpus*, não havia uma regularidade, ou um critério para um registro formal, o que suscitava uma reforma ortográfica. Havia uma presença marcante de uma mixagem da língua latina, francesa e portuguesa de Portugal.

Vejamos os registros de fala marcados nas estruturas da crônica a seguir:



Figura 11 - Crônica: O Natal

Fonte: - Verdade. Cidade D'areia, Província da Parahyba do Norte Anno I, 1888.

Através da figura acima, constamos nas crônicas que, naquele contexto, o espaço dos falantes passava por uma variação cultural exacerbada, isto é, uma mesma língua se marcava pelo uso, ora do clássico e ora do não-clássico, pelos falares e expressões dos imigrantes que estavam chegando ao Brasil.

Acerca desse uso, Castilho (2001) assegura que o século XIX é um período histórico da língua por guardar muitas revelações acerca das tradições comunicativas e discursivas, por meio das tradições de uma época em que os usos deixaram ora mudança, ora permanência. Quanto à dimensão estrutural do gênero, a organização discursiva não apresentava diferença quanto às crônicas registradas nos jornais de hoje. Uma das características divergentes é a extensão de algumas crônicas que, se longas e, ainda sem o título, nomeadas apenas pelo gênero. Em

algumas crônicas, aparece, no periódico da província parahybana, o título em grande destaque: CHRONICA. De um modo geral, aquelas crônicas assemelham-se às de hoje, mas sem a titulação do texto tematizando o gênero. Quanto à estrutura composicional, comprovou-se haver certo padrão de regularidade, tanto nessa estrutura como nas formas de conduzir o discurso, seja pelas colocações de pontos de vista, seja pelas expressões metaforizadas.

Quanto à dimensão temática, a crônica “de então” se propunha aos mesmos fins: trazer à reflexão uma questão, um fato do momento, como: *A seca*, *O coqueiral*, *O sal*, e, muitas das vezes, a temática não estava à amostra pelo título, conforme já dito acima, pois constava o nome do gênero. Como prática de ato de linguagem, ela reflete as tendências sócio-ideológicas e, ao mesmo tempo, dá abrigo à memória cultural, tem caráter subjetivo e atua de público na incorporação dos traços culturais da sociedade em vigência. Diante disso, ainda é mister mostrar que atua nas emoções, no ato de cidadania, de modo que o leitor mergulha (in)conscientemente nas discussões sociais. E, de modo pragmático, leva o leitor a ler o jornal cotidianamente. Com isso, vemos que o gênero atrai o leitor em busca de interação e de reflexão daquele dizer.

4.3 LINGUAGEM METAFÓRICA DA CRÔNICA DE/NO JORNAL: PROPRIEDADE DO GÊNERO NA BUSCA/REGISTRO DAS PRÁTICAS SOCIAIS

É de nosso interesse defender que a crônica de jornal tem como princípio fundamental: apresentar-se através de uma linguagem metafórica. Tal visão torna-se essencial para estudar as construções metafóricas do discurso das práticas sociais no cotidiano, em especial, o uso da linguagem natural (LN)¹, devido às confluências socioculturais ali pontuadas; à reconstrução do sentido das estruturas da língua, intermediado pelo linguístico e o extra-linguístico.

Diante desse pensamento, vê-se que tal linguagem estrategiza um discurso ao fazer uso de alusões a outros discursos, ideologias e culturas, da busca do entorno social, focado no teor da discussão que fomenta a prática discursiva no gênero. Essa linguagem também suscita o dialogismo, isto num mesmo domínio conceptual, que está se projetando a metáfora, ou melhor, construindo a

megametáfora, que estruturará as “micrometáforas”, as quais integrarão o todo textual do gênero e o discurso, para estabelecer o dialogismo ali constituído.

Tal linguagem registra as metáforas por um enigma proposto pelo autor e pela natureza do próprio gênero, seja para prender a atenção do leitor, isto é, para interagir, para fazê-lo buscar pistas para “de(s)codificar”, compreender o teor metafórico daquele domínio conceptual que projetou a mega e/para as micrometáforas. De acordo com os estudos de Riffaterre (1983) e de Werth (1994), conforme Coimbra (1999), a metáfora se desenvolve a partir de uma conceptualização em dupla camada: a) um nível fonte, que veicula a linguagem não-literal; e b) e um nível alvo, que conduz o teor metafórico na/para linguagem literal para uma não-literal. Um outro autor que trata dessa questão, também num nível conceptual é Stockwel (1992). Tais autores tratam da linguagem metafórica numa perspectiva sociodiscursiva, voltada para as práticas de atividades sociais, o que interessa em nossa questão: linguagem metafórica em crônicas de jornais impressos.

Nesse mesmo Stockwel, a metáfora se constitui em camadas, como defendem os mesmos autores: Werth e Rifaterre. A estrutura de uma “camada 1 se combina à estrutura de uma camada 2, como que se isomorfizando numa metáfora nova, isto é, constituindo-se de uma unidade bem estruturada, que, nos pensamentos de Lakoff e Johnson, correspondem à consistência metafórica. Nesse olhar, a metáfora nova se desenvolve por uma metáfora primária que vai se imbricando, simbiotizando-se pelo domínio fonte e pelo domínio alvo. Para ilustrar essa ideia, vejamos a crônica a seguir:

O ESCORPIÃO, A TARANTULA E O TIGRE...

O regime republicano atravessa uma fase de consolidação difícil e heroica, lançando mão, para este fim necessário, de medidas excessionaes, como a que ora está em vigor em todo o territorio do país.

Diante do inimigo numero primeiro, que é o Extremismo, os inimigos secundarios, os que vociferam a sua demagogia de escandalo mas inofensiva, e os inimigos terciarios, isto é, os que disfarçam os seus despeitosinhos inconfessaveis e se occultam na sombra, não podem preocupar um chefe de Estado conciente dos seus deveres para com a Nação: o perigo maior deve ser combatido acima de tudo.

Não ha quem não receie a picada de um escorpião ou de uma tarantula. Mas tambem não ha quem, entre esses dois bichinhos venenosos, se lembre de esmaga-los ou evita-los, estando-se em face de um tigre, mais perigoso que eles...

O nosso instinto de conservação impele-nos, muito naturalmente, a combater a fera...

Que tal a parabola? Aplica-se perfeitamente a certos casos regionaes...

Nesta tormentosa hora nacional, outra preocupação não póde ocorrer a um chefe de Estado que a de procurar, a todo transe, assegurar a estabilidade do regime em luta com os que premeditam solapar-lhe as instituições politicas e sociaes.

Podem picar, á vontade, o escorpião e a tarantula...

Em certas circunstancias, eles não passam de moscas ou de muriçocas...

Figura 12 - Crônica: O escorpião, a tarântula e o tigre...
Fonte: A UNIÃO. C.1, p.6. Paraíba, 14 de set 1950

Para ilustrar esse pensamento, levantamos a metáfora, extraída da crônica acima: OS INIMIGOS DO CHEFE DE ESTADO SÃO FERAS, ou melhor avaliada, a questão pelo cronista experienciador da situação, temos a ser: OS INIMIGOS DA PARAÍBA SÃO INSETOS → QUE NÃO PASSAM DE MOSCAS OU MURIÇOCAS.

Tais construções são metáforas conceptuais - ontológicas, especialmente, do tipo, as primárias, as chamadas básicas, por Lakoff e Johnson, bem presentes em

muitas culturas, motivadas pelo aspecto físico do corpo humano. Tais metáforas especificam objetos, coisas, entidades, por diferentes modelos, enfocando os diferentes aspectos e conhecimento de mundo da experiência do falante. Tudo isso refletindo no modelo que está sendo construído e será eliciado na expressão linguística. A exemplo, confirmamos na expressão construída na crônica, conforme segue:

O regime republicano atravessa uma fase de consolidação difícil e heróica [...] [...] diante do inimigo numero primeiro que é o Extremismo, os inimigos secundários os que vociferam a sua demagogia, de escândalo mas inofensiva, e é os inimigos terciários, isto os que disfarçam os despeitosinhos inconfessaveis e se ocultam na sombra, não podem preocupar um chefe de estado consciente de seus deveres[...] [...]em certas circunstancias eles não passam de moscas ou muriçocas.

(In: **A UNIÃO**.. O escorpião, a tarântula e o tigre... Paraíba, 14 de set 1950.)

Ao aplicarmos a teoria dos autores, citados acima, verificaremos que temos: UM INIMIGO É UM BICHO FERROZ (camada mais superficial 1) → OS INIMIGOS SÃO ESCORPIÕES, TARÂNTULAS E TIGRES (camada média 2), → INIMIGO SÃO INSETOS FRÁGEIS (camada mais profunda 3). Estas voltam, energizadas da avaliação do caso pelo cronista, à superfície como no plano: (a) OS INIMIGOS SÃO MOSCAS, ou, no plano (b) OS INIMIGOS SÃO MURIÇOCAS.

Nessa estrutura (a), por exemplo; temos como domínio fonte: muriçocas e domínio alvo; inimigo. Isto, porque é do interesse do cronista mostrar que: *O regime republicano atravessa uma fase de consolidação difícil e heróica*. Da situação difícil, quando se está diante da primeira fase da ideia do autor, ao mostrar que, no domínio fonte, estava um inimigo feroz do tipo: escorpião, tarântula e tigre, que vai da categorização da família animal mamífero selvagem à categoria dos animais insetos mortíferos. A situação torna-se heróica se se considerar o domínio fonte daquela situação como insetos comuns, fáceis de combater como moscas e muriçocas. Tudo isto levará à metáfora ontológica, primária ou básica: OS INIMIGOS SÃO HOMENS.

A extensão dessa linguagem metafórica tem base na relação de vários veículos entre si, por pertencerem ao mesmo domínio conceptual. Dessa feita,

perpassa todo texto, no caso aqui, a crônica, constituindo uma espécie de micro-idioleto, cujo papel é o de difundir as metáforas para outros dizeres, outras culturas.

Por esse “idioleto”, é que se chega às correspondências do significado, é que se descobre a inter-relação dos domínios fonte/alvo. Com base em Rifaterre ([1969]), tal idioleto, ou seja, a linguagem metafórica tem o papel de estender as metáforas no texto e na linguagem do leitor(interlocutor); de trazer as metáforas gastas pelo uso como novas; de vivificar as “metáfora ditas, ou consideradas mortas” presentificando na memória ativa da sociedade, do usuário da língua.

A título desse entendimento, refletamos acerca destas expressões metafóricas: “*vá cantar de galo em outro terreiro...*”, “*ou vá vender sua história em outra freguesia?*” em suas enunciações no seu cotidiano? E, com bases nessas construções metafóricas de uso social, no cotidiano, questionemos: há quanto tempo tal construção metafórica “vive”, gasta-se e retroalimenta-se aqui e ali, de modo que o falante não a deixa “morrer” consciente ou não de tal prática?

Para compreender tal processo da linguagem metafórica, também é preciso considerar o contexto, a experiência sociocultural do falante. Neste, há a memória cultural, em que autor(cronista) /leitor(usuário da língua) estão envolvidos, no momento da enunciação e de fazer a confluência cultural para o dizer pelo viés metafórico. Em muitas situações dessa enunciação, o cronista se vale de provérbios, de frases feitas, frases “célebre” expressões idiomáticas e engendramentos de outras expressões mais usuais. Tudo isso para manipular a opinião pública acerca de uma questão em foco, cujos jogos de linguagens estão sustentados pela metáfora. Diante disso, é mister colocar que, na constituição dessa linguagem, têm-se alguns elementos que precisam ser avaliados para se chegar ao teor da metáfora ali inten(s)cionada pelo cronista, assim como para se chegar à pista pela qual o leitor dessa palavra precisa dominar.

Na linguagem metafórica de uma crônica de jornal, por exemplo, tem-se: o contexto, a projeção conceptual, a memória sociocultural, a megametáfora, a motivação no contexto, as alusões, o domínio; alvo/fonte, ex(s)tens(ç)ao, a repetição e ainda a diversificação de outras metáforas gastas, “mortas”.

Diante desses elementos, é relevante considerar outros fatores fundamentais a uma linguagem metafórica na crônica: a (não)ambiguidade dessa linguagem, a metalinguagem, as combinatórias de outras metáforas, o disfarce. Todos esses fatores estão revestidos nos jogos da linguagem literal e da não-literal. Com base

nesses itens constitutivos de um dizer languageiro, considera-se tal linguagem metafórica ser um jogo de linguagem complexo.

A exemplo dessa colocação, vejamos, do nosso *corpus*, um recorte do discurso, materializado nas estruturas metafóricas, na crônica: *Rifa de uma moça*, retirada do jornal: **O Conservador**. Anno I, n.2, p.4. Parahyba, 15 de setembro de 1875. Periódico Polymathico.

Minnie Laurence [...] lembrou-se de rifar-se por meio de bilhetes numerados valendo cada um 50 centavos! [...] – pensou ella – junctarei um bom dote e alcançarei um marido, que poderá vir a ser bom ou mau como qualquer outro.

In: **O CONSERVADOR**.a.1, n.2, p.4. Parahyba, 15 de set de 1875.

Vejamos que esse discurso da moça pode ilustrar a forma metafórica de conceituar o mundo: A VIDA É UM JOGO. Tal metáfora de experiência externa, arraigada socioculturalmente, difundiu o modo de agir e de fazer o discurso, motivou ativamente a construção da percepção da realidade social de Minnie Laurence, de modo que ela se sustentou na hipótese de arranjar um marido e se fazer na vida através da sorte do jogo. E a ideia da sorte do jogo está tão saliente no modo de pensar e de agir que ela ainda desencadeou outra metáfora: CASAMENTO É SORTE. Quando proferiu o discurso: *alcançarei um marido que poderá vir a ser bom ou mau como qualquer outro*. Outra metáfora: PESSOAS SÃO OBJETOS.

Tal exemplo correferencia um outro aspecto das metáforas que orientam o nosso sistema conceitual, conforme Lakoff e Johnson (2002, p. 255), as metáforas conceituais são fundamentadas em correlações dentro de nossa experiência. No recorte discursivo, sob análise, tem-se a experiência, centrada na metáfora orientadora A VIDA É UM JOGO DE AZAR. Isto, porque alguém experiencia ações vividas como jogos de apostas e as possíveis consequências dessas ações: ganhar ou perder, de modo que a experiência aqui aspectuada é a de vida, jogo, sorte e/ou azar.

5 PROPOSTA DE ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS EM CRÔNICAS DOS JORNAIS DA PARAÍBA DOS SÉCULOS XIX E XX

No discurso, alocado na crônica de jornal impresso, do tipo “noticioso”, tem-se o uso de expressões “linguístico-discursivas” de base metafórica implicando a efetiva construção do significado de uma dada realidade, século XIX e XX, na Paraíba. Tal realidade interage com os interlocutores desses jornais, de tal modo que nos interessou descobrir, nas expressões linguístico-discursivas desse gênero, as metáforas conceptuais subjacentes a essas expressões, a partir das experiências, dos conceitos sociais ali estruturados, à luz da cultura e de uma subcultura do espaço sociocultural da Paraíba. Tais conceitos estão relacionados ao poder e/ou à ideologia, conforme mecanismos percebidos na estruturação da linguagem metafórica.

Como se pode notar, a metáfora é uma manifestação linguística de cunho cognitivo e social, e não uma mera figura de linguagem ornamento estilístico. As metáforas da vida cotidiana são conceitos metafóricos que alimentam a linguagem. A esse respeito, Lakoff e Johnson (2002) mostram que, para se identificar uma metáfora convencional ou imaginativa criativa, é preciso recorrer a uma metáfora que está sendo utilizada por um falante, ativada, em sua mente, pois o conceito metafórico, a que se refere, traz o significado que se quer expressar para identificar aquela metáfora que está por trás, introduzindo, mantendo conceitos socioculturais.

Com base nesses autores, essa metáfora é ativada, numa situação comunicativa, como estratégia de fazer o (inter)locutor pensar e agir, e, às vezes, manipular um pensar social, de modo que tais metáforas influenciam a nossa vida, uma vez que as vivenciamos cotidianamente, por ser uma forma de conceptualizar o mundo, por meio de linguagem ordinária.

Conforme já firmamos, anteriormente, as metáforas são um meio de estruturar o nosso sistema conceptual ordinário à luz de nossa cultura, de tal forma que reflete em nossa linguagem cotidiana. Com base nesse pensamento dos autores Lakoff e Johnson (2002), compreendemos que a função das metáforas, em uso social, sejam elas convencionais e/ou imaginativas, é de criar realidades, dar nova compreensão de nossa experiência às atividades e às crenças.

Como se vê, as metáforas apresentam um conceito ao estruturar um termo *X* em termo de um outro termo *Y*, como: *X SER Y*. O conteúdo e o sentido de *Y* já

estão na cultura, na memória social, de modo que Y tem o papel de dar sentido à experiência que X mostra. Conforme esse entendimento, o papel dessa metáfora é o de sancionar ações; de justificar as inferências para se entender o significado ali estabelecido; de auxiliar a estabelecer as metas do entendimento, propostas pelos interlocutores, participantes, diante da atividade que fomentam; e de trazer mudanças culturais, conforme as tendências socioculturais e sociopolíticas, isto pela introdução dos novos conceitos estabelecidos pelas metáforas.

Em se tratando do sentido dessas metáforas, que estão no uso social, aqui, discutidas, Lakoff e Johnson (2002) mostram que nelas há implicações interessantes, que dizem respeito aos efeitos desses usos no cotidiano, como o de *feedback*, por exemplo. Tais implicações guiam a opinião, a crítica e as ações futuras dos interlocutores, como também da comunidade ali envolvida diante desse entendimento. O falante, em seu dia-a-dia, faz usos das metáforas convencionais e, muitas das vezes, nesse intento opinativo, reflete os conceitos, e o *feedback* dessa reflexão refrata-se na criação de outras metáforas a partir das que são mais utilizadas e das que são mais recorrentes pelo seu interlocutor. Tudo isso, para fazer afirmações literais, para assecurar especificamente o seu conceito de X e o entendimento com o interlocutor, conforme a estrutura: X SER Y, uma vez que Y já está lá, o já-lá de François (1998), e X, ao ser introduzido, em termo desse Y, será melhor compreendido.

Aplicando esse pensamento à nossa pesquisa, compreendemos que o papel do cronista, diante da metáfora, estabelecida em seu discurso, é o de adequar o sentido partilhado ao tema em discussão, conforme o intento da crítica ali estabelecida. Para tal, as metáforas têm o papel de sancionar as ações desse cronista; de justificar as inferências das críticas que ele deixa(rá) implícita no discurso, assim como ajudará esse cronista a estabelecer sua meta, conforme seu objetivo naquela crônica.

Defendemos, junto com Lakoff e Johnson (1997 e 2002), que as estruturas metafóricas são eficientes e poderosas na língua do cotidiano. Desse modo, procuramos constatar tal influência nas crônicas de nosso *corpus*, *quando* e *onde* os cronistas colocam a linguagem em ação, seu pensamento, ponto de vista para influenciar os leitores do jornal, por meio dessa crônica. Para tal, consideramos interessante retomar as questões colocadas por Reddy (1979) para iluminar nosso objetivo de análise nessa pesquisa. Primeiramente, no âmbito dos procedimentos

formais das buscas, como: o que faz uma metáfora? e como pode ser identificada? Em seguida, no âmbito das interpretações, a) que tipo de informações e/ou discussões os cronistas colocam nas crônicas, para serem apreciadas pela sociedade?; b) e como esses cronistas descrevem certos fatos sociais para polemizar, informar, criticar?

Com base nas informações dos cronistas e das descrições de fatos evidenciados no gênero, para fomentar as discussões, retomamos a nossa questão central na pesquisa: *quais conceitos estão estabelecidos nas metáforas identificadas nas estruturas linguístico-discursivas nas crônicas escolhidas para análise?*

Os significados linguísticos, assim como os conceitos, ali estabelecidos resultaram das conceptualizações metafóricas, refletidas na sociedade, agora refratadas nos discursos imbuídos nas crônicas dos jornais impressos, conforme as práticas discursivas dos cronistas, alocados nesses jornais e nos séculos XIX e XX

Quanto ao procedimento de nossas buscas das expressões linguísticas discursivas, entendemos que as estratégias dos discursos são processadas pelas metáforas, sejam das mais simples às mais complexas, convencionais e os conceitos ali sistematizados metaforicamente ora encobrem, ora realçam certos aspectos dos conceitos implicados pelas bases sociais, culturais e físicas nas expressões metafóricas.

5.1 METÁFORAS CONCEPTUAIS NAS CRÔNICAS DOS JORNAIS DA PARAÍBA

Analisaremos as construções metafóricas, nas crônicas, com a finalidade de investigar a contribuição das estruturas linguísticas, eliciadas nessas práticas de linguagem para formação de opinião, ou para veiculação das ideias socioculturais. Trata-se de uma análise em nível macro dos conceitos estabelecidos nas expressões linguísticas que iluminam a análise; e em nível micro, no que se refere aos processos metafóricos.

Como procedimento, para a análise desse nosso estudo, neste capítulo, escolhemos 05 crônicas, oriundas de 05 jornais, dos pesquisados no século XIX. Tomamos, para essa discussão e análise, 01 exemplar de cada década, referente às cinco décadas: 1850, 1860, 1870, 1880 e 1890, conforme jornais que constam no arquivo da FCJAA ; e 08 de 06 jornais pesquisados no século XX, conforme

décadas: 1910, 1930, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980 e 1990. Com isto, tomamos uma amostragem de 13 crônicas para as análises

Como critério dessa escolha, selecionamos, por século, uma crônica que melhor abordasse o pensamento e a tendência da época sócio-histórica e cultural, para que pudéssemos levantar e analisar as construções metafóricas com base nos conceitos socioculturais, colocados no texto; e, depois, identificar as metáforas convencionais que estão, por trás, ancorando e iluminando o discurso do cronista, conforme as expressões linguísticas que se referem a tal domínio conceptual. E, com isso, buscar os modelos culturais, que constam na proposta de discussão, conforme a situação codificada linguisticamente na crônica.

Quanto à escolha do gênero crônica, foi um dos requisitos levados em conta quando lidamos com os jornais, por se tratar de fontes documentais do século XIX, os jornais da Paraíba. Durante o processo de busca, percebemos que as crônicas quase não apareciam, visto ser um primeiro momento sócio-histórico da imprensa na Paraíba e os jornais ainda não estavam preparados para uma diagramação com gêneros textuais diversos para seus devidos fins. Desta feita, foram selecionadas as 05 crônicas dos jornais: O Acadêmico do Norte de 1857, com a crônica *Liberdade Religiosa*; O Publicador de 1862, com a crônica *O Luxo*; O Correio Noticioso de 1872 com a crônica *A volta do Rei*; Verdade de 1888, com a crônica *O Natal*; Campinense de 1892, com a crônica *Maravilha de Eletricidade*.

Dos jornais selecionados para seleção das crônicas do século XX, é importante esclarecer que, de 1900 a 1940, constatamos irregularidade, quanto à manutenção de circulação desses veículos de informação. Muitos deles surgiam e desapareciam e, depois, reapareciam, mas sempre com vida curta, desse modo, não houve muitas possibilidades de busca do gênero crônica a nossa pesquisa nesse ínterim.

A partir de 1940, de acordo com os arquivos da FCJAA, percebemos haver uma maior regularidade de circulação dos seguintes jornais: A União, O Correio da Paraíba, O Norte, o Diário da Borborema e o Estado da Paraíba. Isto possibilitou uma maior busca de crônicas, muito embora tal gênero só aparecesse com mais frequência na década de 1960.

Diante disso, procedemos a seleção de jornais e, conseqüentemente, a seleção das amostras, conforme demonstração no quadro abaixo.

JORNAL	DÉCADA/ANODO SÉCULO XX	CRÔNICA SELECIONADA
A UNIÃO	1912	A questão da Alimentação
O NORTE	1936	Mentira e Insinceridade
A UNIÃO	1940	O homem Deus
A UNIAO	1950	Rádio: musica popular
A IMPRENSA	1960	Voltando a pena de morte
O NORTE	1975	Agonia em maio
A UNIAO	1980	Visão vê
CORREIO DA PARAÍBA	1999	Bandidos legais

Quadro 3 - Demonstrativo das crônicas do século XX, selecionadas para análise

No que diz respeito à análise linguístico-semântica, identificaremos, nas crônicas escolhidas, os elementos básicos de uma explicação experiencialista de compreensão, as expressões linguísticas de bases metafóricas. Priorizamos as propriedades interacionais, que estão de acordo com os autores aqui estudados: Lakoff e Johnson (1997; 2002) para, em seguida, proceder a análise.

Para tal, pontuamos nos elementos: a) o conceito metafórico mais saliente na temática geral, alocada na crônica, em epígrafe; b) o pensamento sócio-ideológico que permeou aquele momento sóciopolítico e cultural da província; através da técnica da gestalt experiencial; c) a crítica, estabelecida pelo cronista, do fato em discussão; e d) os conceitos que estão sendo ali difundidos no discurso do cronista, conforme orientação da metáfora convencional que sustenta seu dizer cronista metaforicamente.

Constataremos, nos gêneros textuais, a seguir, o cronista conceptualizando as metáforas conceptuais da cultura Ocidental e da cultura Nacional e da subcultura local. Isto em forma de metáforas conceptuais de base ocidental sendo experienciadas no país e na província e depois licenciadas para ser inferida e refratada pelo interlocutor, por meio das construções metafóricas das crônicas. Ao colocá-las no discurso, o cronista tem como objetivo evidenciar seu ponto de vista, sua crítica, e ser compreendido, assim como gerar opiniões, a partir da sua opinião ali eliciada. Tudo isto iluminado pelos lemas dos movimentos em discussão, conforme a tendência do século XIX: Independência ou Morte (1822), Ordem e Progresso para o Brasil (1889), Abolição da Escravatura (1862), Indústria no Brasil (1862) e, com esta vêm um início de um ciclo de globalização do capitalismo. Encontraremos também ênfase cultural acerca do novo Homem, livre, cordial.

A linguagem em ação no texto certamente está refletindo e, ao mesmo tempo, refratando as metáforas convencionais, cujos conceitos destas metáforas são oriundos e suscitados da cultura e da subcultura. Tais conceitos refletirão e se

infiltrarão, reproduzindo em nossas falas do cotidiano e, em nossas ações sociais, criam sentidos novos e, por sua vez, novas realidades.

As metáforas constituem um veículo de informação e se colocam como um recurso básico para compreender as experiências, as situações das novas realidades em discussão e os conceitos estabelecidos nas estruturas alijadas pelo falante. Conforme Lakoff e Johnson (2002) as atividades sociais são movidas pela metáfora e esta é um simples fato da língua social.

5.1.1 Metáforas conceptuais do século XIX atualizadas na crônica: Liberdade Religiosa

Liberdade Religiosa.

Deixando de parte outra qualquer observação, que a respeito desta questão se possa fazer, ou apenas a encarei debaixo destes dous pontos de vista: em primeiro lugar, examinarei se na enumeração dos Direitos naturais do homem pode ser incluída a liberdade de crer e de manifestar por actos propriamente a Religião; e em segundo lugar se o Estado deve permitir o exercício deste Direito em toda sua extensão.

A liberdade é sem duvida um direito absoluto do homem e até mesmo o principal, por que é delle que emanam todos os mais, é elle a forma porque todos se annunciam. Ora como Direito, a liberdade é meio indirecto pelo qual consegue o homem o seu fim, a que phylosophos denominam destino; porque os direitos sendo meios, com que consegue os fins, a que se pode chamar – particulares; estes são tambem por sua vez meios para consecução do fim ultimo, denominado destino. A liberdade deve estar na escolha destes fins particulares, por que do contrario não haveria moralidade na prosecução do destino do homem, o que por certo se oppõe á idéia, que ligamos a esta expressão: por tanto se a liberdade é a forma de todos os Direitos, e se estes são os meios, de que dispõe o homem para attingir a seus fins, é consequencia necessaria que a liberdade deve manifestar-se por tantos modos, quantos forem os fins, a que o homem se propozer; e assim tendo elle um fim industrial, artistica, etc. Resta porém saber se o homem tem um fim Religioso. É o que vou indagar.

O homem é um ente composto de corpo e espirito. O primeiro, substancia inerte, e apenas capaz de receber o impulso de força estranha, é mortal, como bem mostram suas propriedades; o segundo é uma substancia intelligente e activa, ella dá ao homem superioridade sobre todos os seres, que o cercam, e que com elle vivem; ella tem de remontar-se á Eternidade, pois é immortal. Sendo assim, é claro que, conseguindo o homem o fim social, que é puramente terrestre, não completou ainda seu destino, é pois necessário, que assim como pela sociedade elle atinge a essa felicidade tenha também um meio para alcançar [...] Eternidade.

Ora o homem, ente dotado de razão e consciencia, conhece que elle mesmo, que [...] universo é finito, e por consequencia d[...]. Da contemplação do universo finito e [...] conclue que deve existir um Ente i[...] Creador, a qual, por isso mesmo [...] onisciente e Onipotente e por [...], capaz de dar-lhe a felicidade etc [...] como tal elle se humilha em sua pr[...] adora-o. Esse reconhecimento de Deus e a crença, a adoração é o culto. Ora como a crença e o culto constituem a Religião, segue-se que o homem tem uma Religião, por tanto um fim religioso, por meio do qual completa o seu destino; mas dos fins do homem nascem outras tantas espécies de liberdade. Logo elle tem uma liberdade Religiosa.

Além disso, ninguém legitimamente poderá negar ao homem faculdade de pensar, ninguém poderá violentar-lhe consciência, e fazer com que deixe de usar deste dom, que aliás concorre poderosamente para torna-lo digno da posição, que occupa entre os seres creados ; e como pensamento produz a crença, como o homem crê, porque pensa; segue-se, que tem tambem a liberdade de crer; porque os productos das dificuldades do homem pertencem-lhe tanto como as próprias faculdades. É igualmente incontestavel, que todo o pensamento procura manifestar-se. É tal a sua tendencia para esse fim, que se pode dizer-se impossivel que uma concepção qualquer fique silenciosa no espirito que a teve; donde se segue que a crença, sendo por assim dizer o mesmo pensamento, deve ter a mesma tendencia que este , e por consequencia tambem a liberdade de manifestar-se, que em virtude della, a razão lhe reconhece: portanto, tendo o homem a liberdade crença e de manifesta-la ou de prestar culto, tem a liberdade Religiosa.

Provado como está, que a liberdade religiosa é um Direito do homem, será facil demosntarr, que elle, assim como todos os mais, deve ter toda effectividade no Estado. É o segundo ponto, de que de tratar.

É o próprio de Direito Publico universal, e que me parece incontestavel, que o Estado, sendo organizado para realizar justiça entre os homemns, não distroe a personalidade humana, antes pelo contrario a consolida e assegura; porque só assim poderá elle attingir a seu fim. Ora a liberdade Religiosa é uma parte constitutiva da personagem humana, porque é um Direito, logo não pode já mais ser distroida pelo Estado.

Mas, sendo verdadeiro este princípio, não é menos verdade, que o Estado, tendo sempre por base a ordem pública, que é ma condição indispensavel para consecução do fim social, deve fazer restrições ao exercício de certos Direitos; por tanto como o livre exercício da liberdade Religiosa podia trazer detrimento para ordem social; porque, como sabemos, não pensando todos do mesmo modo, uns entendem o culto diffrentemente dos outros e essa diversidade de cultos viria a produzir a desordem [...] como conservador da ordem deve [...], mas impor condições de culto Es/[...], porém, nunca se deve [...]

H. S. Lima.

Figura 13 - Liberdade Religiosa

Fonte: O ACADEMICO DO NORTE. n..1. – 20 de Julho de 1857

Analisaremos, neste momento, a crônica Liberdade Religiosa, registrada no jornal Acadêmico do Norte, da Parahyba do Norte, do ano de 1857. O tema discutido nessa crônica, conforme, citação a seguir é o direito absoluto à liberdade do homem. Para construir o sentido desse fato, o cronista H S. Lima afirma que,

[...] a respeito desta questão se possa fazer, ou apenas a encararei debaixo destes dous pontos de vista: em primeiro lugar, examinarei se na enumeração dos Direitos naturais do homem pode ser incluída a liberdade de crer e de manifestar por actos propriamente a Religião; e em segundo lugar se o Estado deve permittir o exercicio deste Direito em toda sua extensão.

Com base nesse discurso, o cronista pontuou o conceito de liberdade de crença religiosa. Trata-se do conceito que sustenta toda discussão no texto, a crítica e seu ponto de vista a serem difundidos no jornal. A temática do texto representa e recupera uma das preocupações do momento da província parahybana, conforme reflexão colocada por H. S. Lima. Para tal, primeiro ancorou-se nos princípios filosóficos da verdade para o Direito da Liberdade do Homem, de modo que acentuou a discussão com o pensamento teológico.

A esse respeito, afirma:

O homem é um ente composto de corpo e espirito. O primeiro, substancia inerte, e apenas capaz de receber o impulso de fôrça estranha, é mortal, como bem mostram suas propriedades; o segundo é uma substancia intelligente e activa, ella dá ao homem superioridade sobre todos os seres, que o cercam, e que com elle vivem; ella tem de remontar-se á Eternidade, pois é immortal. Sendo assim, é claro que, conseguindo o homem o fim social, que é puramente terrestre, não completou ainda seu destino, **é pois necessário, que assim como pela sociedade elle atinge a essa felicidade tenha também um meio para alcançar [...] Eternidade.**
(Grifo Nosso)

E para fundamentar esse princípio de verdade, estabelecida naquele entendimento, ele também se pautou no Direito Público Universal, quando mostrou:

É o próprio de Direito Publico universal, e que me parece incontestavel, que o Estado, sendo organizado para realizar justiça entre os homemnns, não distroe a personalidade humana, antes pelo contrario a consolida e assegura; porque só assim poderá elle attingir a seu fim.
(Grifo Nosso)

O cronista apresenta o direito à liberdade pelo Estado de Direito e pela Igreja, que regia aquela sociedade em paralelo, assim como o conceito da Liberdade Natural do Homem, em especial, o da Liberdade Religiosa; para, em seguida, estabelecer uma crítica dessa não-liberdade, vejamos o que pensa:

Ora a liberdade Religiosa é uma parte constitutiva da personagem humana, porque é um Direito, logo não pode já mais ser distroída pelo Estado.

[...] porque, como sabemos, não pensando todos do mesmo modo, uns entendem o culto diffrentemente dos outros e essa diversidade de cultos viria a produzir a desordem/ [...] como conservador da ordem deve /[...], mas impor condições de culto Es/[...], porém, nunca se deve /[...]

Naquele momento, em 1857, na Parahyba do Norte, conforme consta, nessa crônica, estabelecia-se uma crítica à liberdade, mas, no caso, aqui, em exame, a uma não-liberdade religiosa, diretamente direcionada aos dois pilares sociais: o Estado e a Igreja. O Estado agia em nome da ordem pública:

Mas, sendo verdadeiro este princípio, não é menos verdade, que o **Estado, tendo sempre por base a ordem pública**, que é ma condição indispensavel para consecução do fim social, deve fazer restrições ao exercicio de certos Direitos; [...]

(Grifo nosso)

E a Igreja agia pelo emocional, pela ideologia sociocultural, à luz da cultura ocidental predominantemente cristã,

Ora como a crença e o culto constituem a Religião, segue-se que o homem tem uma Religião, por tanto um fim religioso, por meio do qual completa o seu destino; mas dos fins do homem nascem outras tantas espécies de liberdade. Logo elle tem uma Liberdade Religiosa

O conceito de liberdade, estabelecido no texto, refere-se ao conceito de liberdade religiosa do homem. Para nossa análise, levantaremos as metáforas convencionais, de base cultural, propostas por Lakoff e Johnson que estão por trás desse conceito de liberdade e do discurso do cronista; e as construções linguístico-metafóricas, que são processo e produto de realidades, vindas desses conceitos,

concretos e abstratos. Isto, no intento de compreender a crítica difundida ao pensamento social da época, que está sendo colocada para os leitores desse jornal.

A exemplo disso, vejamos no esquema abaixo: as metáforas estruturais, oriundas do discurso do cronistas, aqui, consideradas como as metáforas novas, que dão sentido novo ao conceito de liberdade, proposto pelo próprio autor. Essas metáforas imaginativas, ou subjetivas, são metáforas conceptuais, licenciadas, ou motivadas pelas estruturas metafóricas.

Tais metáforas foram sistematizadas por nós, à luz das construções metafóricas das metáforas conceptuais de base lakoffiana e com base nas construções metafóricas, contidas nas expressões linguísticas, alocadas na crônica. As construções estão por trás da discussão do cronista, evidenciando o conceito de LIBERDADE para aquela questão: Liberdade Religiosa. Para tal, organizamos essa sistematização, mostrando a construção metafórica do cronista e a metáfora conceptualizada que conceitua essa LIBERDADE.

Metáforas conceptuais sistematizadas

1. *Liberdade são organismos.*
2. *Liberdade é um Direito do homem.*
3. *Liberdade é objeto de discussão.*
4. *Liberdade é poder de escolha.*
5. *Liberdade é parte constitutiva da personagem humana.*
6. *Pensamento é Liberdade.*
7. *Liberdade é ação para todos os fins do homem.*
8. *Liberdade não é violência emocional.*
9. *Liberdade é crença.*

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica

1. [...] dos fins do homem nascem outras especies de liberdade...
2. É próprio Direito Publico Universal, e que me parece incontestável, que o Estado sendo organizado para realizar justiça entre os homens não distroe a personalidade humana, antes pelo contrario, a consolida, e assegura;
3. [...] resta porem saber se o homem tem um fim religiosos. È os que vou indagar.

[...] que a liberdade religiosa é um Direito do homem, será fácil demonstrar...

4. O homem, ente dotado de razão e consciência que ele mesmo conhece;
5. Ora a liberdade Religiosa é uma parte constitutiva da personagem humana porque é um Direito, logo não pode já mais ser distroída pelo Estado.
6. [...] ninguém legitimamente poderá legitimamente negar ao homem a faculdade de pensar, ninguém poderá violentar-lhe a consciência e fazer com que deixe de usar desse dom...
7. [...] o homem para atingir a seus fins, consequencia necessaria que a liberdade de vê manifestar-se por tantos modos, qunatos forme os fins, a que o homem se propozer, tendo elle um fim industrial, artistica, etc.
8. Ninguém poderá violentar-lhe a consciência [...]
9. E como pensamento produz a crença, como homem crer, por que pensa; segue-se também a liberdade de crer.

Conforme demonstração acima, defendemos que o conceito de LIBERDADE RELIGIOSA DO HOMEM, discutido na crônica por H. S. Lima, partiu de estruturas conceptuais, exemplificadas no corpo da crônica. Estas são delineadas por orientações metafóricas, não-arbitrárias à vontade do cronista, mas motivadas pela orientação sociocultural, de base lakoffiana, conforme mostradas acima.

Um vez juntas, percebemos que as metáforas que enfocam ORGANISMOS, DISCUSSÕES, FINALIDADES, CRENÇA, focalizam os aspectos do conceito de LIBERDADE RELIGIOSA, apresentado acima. Diante de tais aspectos, é interessante mostrar, nessas metáforas imaginativas - eliciadas no discurso - que há argumentos para a crítica aposta ao conceito de LIBERDADE do homem naquela conjuntura sóciopolítico e cultural, na província, em especial, a crítica à liberdade religiosa.

Conforme a proposta de discussão do cronista, essa liberdade estava sendo encarada debaixo de dois pontos de vista: pelos direitos naturais do homem, porém negado pelo Estado; e pela permissão do Estado para execução desse direito. Com base na posição de H. S. Lima, o Estado restringia a Liberdade Religiosa dos indivíduos nesse momento da história da Paraíba.

No texto, identificamos 02 metáforas do tipo estrutural, LIBERDADE É PARTE CONSTITUTIVA DA PESONAGEM HUMANA e LIBERADE RELIGIOSA É UM DIREITO DO HOMEM, citada, pelo próprio cronista:

Ora a liberdade Religiosa é uma parte constitutiva da
 personagem humana, porque é um Direito, (...)
 Provado como esta, **que a liberdade religiosa é um Direito do**
homem, será fácil demonstrar.
 (Grifo nosso)

Conforme Lakoff e Johnson (2002), as metáforas conceptuais resultam de mapeamentos complexos. São consideradas prototípicas as metáforas conceptuais, que servem de exemplos para outras construções metafóricas.

As estruturas imaginativas do cronista se apresentam com a função de criar uma nova realidade para aquela situação, marcada nas atividades sociais e que são movidas pelas metáforas. O sentido, ali constituído, é suscitado pela experiência do cronista e pelo viés cultural, ao qual o discurso está atrelado. Tudo isso para se posicionar diante da questão:

[...] Resta porem saber se o homem tem um fim religioso. É o que vou indagar.

(In: **Liberdade Religiosa.**)

Vale a pena esclarecer que, nesse século XIX, a sociedade brasileira estava vivenciando o pensamento sócio-idelógico e econômico do “homem livre”, uma vez que tal liberdade foi sancionada pela Lei Áurea. Com isso, o Estado estava agindo conforme o que reza essa Lei, o que justifica o pensamento do cronista, assim como as críticas por ele colocadas para reflexão social. No caso, pontuou um conceito específico o da liberdade religiosa, objeto de seu interesse à época.

Conforme a memória sócio-histórica das gentes brasileiras, cada raça que vinha ao Brasil, para compor a nação, trazia consigo sua cultura e sua religião. Em especial, apliquemos o conceito de liberdade à situação dos negros “(ex)-escravos”, que estavam entrando no processo de serem considerados “homem”, homens livres. Desta feita, teriam o Direito de gozar desse Direito de fato e de direito.

A seguir continuaremos a análise interpretativa das construções metafóricas na crônica “O luxo”, conforme ilustração a seguir. Cabe esclarecer que faremos as análises das crônicas, que seguem, em busca das construções metafóricas, já anunciadas anteriormente, seguindo os mesmos critérios já acordados anteriormente.

5.1.2 As metáforas conceptuais do século XIX atualizadas na crônica de 1862:

O luxo

O PUBLICADOR.

ANNO I.—1862. SABBADO 6 DE SETEMBRO. NUMERO 6.

O Publicador he propriedade de Jose Rodrigues da Costa. publica-se diariamente, e subscreve-se nesta Typographia à razão de 18000 por mez, pagos adiantados. Os annuncios entregues até 5 horas da tarde serão publicados no dia seguinte, mediante a paga de 40 rs. por linha de 46 letras. Todas as mais publicações serão dadas à luz mediante uma contribuição razoavel, que será em todo caso paga adiantada. A empresa tem como indeclinavel dever o facilitar convenientemente em suas columnas a liberdade de imprensa em toda a sua plenitude

PARTE OFFICIAL.

ACTOS OFFICIAES DA PRESIDENCIA.

Dia de 3 Setembro.

Officiou-se ao barão de Mamanguape, vigário da capital, commendador F. A. de Souza Carvalho, Simplicio Narciso de Carvalho e José da Silva Coelho, encarregando-os do contrato das obras que vão ter lugar na matriz desta cidade, dependendo o mesmo da approvação da presidencia, que se comprometteu auxilia-las com 5:000\$ de rs. votados no orçamento do exercicio de 1863, e bem assim com mais algum dinheiro se o permittirem os recursos dos cofres da provincia; sendo que se declarou muito esperar-se da boa vontade e espirito religioso dos mesmos Srs.

—Solicitou-se do commandante das armas de Pernambuco as diligencias para verificar-se se é desertor de um dos corpos da guarnição da mesma a praça do corpo de guarnição de nome Antonio Ricardo Pereira dos Santos, para o que se lhe enviou a nota dos respectivos signaes.

—Ao chefe de policia declarou-se que por em quanto não é possível satisfazer ao pedido do delegado de Campina Grande, que representou a falta da pouca força ali destacada.

—Ao mesmo para que providencie em ordem a evitar-se as lacunas e faltas nas remessas de jornaes de que trata o conselheiro director da secretaria da justiça em officio dirigido ao secretario do governo, ordenando a menção dos numeros de cada jornal nos officios que os acompanhar.

—Ordenou-se aos commandantes superiores cumprirem o determinado nos §§ 11 a 13 do art. 1.º do Dec. n. 1,351 de 6 de Abril de 1851, afim de ser satisfeita a exigencia do ministerio da justiça, devendo os capitais, Mamanguape, Bananeiras e Areia, no prazo de 30 dias, ao de Campina no de 40 e aos no de 60.

—Mandou-se pagar os vencimentos dos empregados da cadeia, pertencentes ao mez de agosto.

—Ordenou-se a soltura de José Francisco da Silva, preso como desertor que se suppunha.

—Mandou-se recolher ao xadrez militar a Felix Ferreira da Silva, desertor do 2.º batalhão de infantaria, que deve seguir á Pernambuco na 1.ª oportunidade.

—Solicitou-se as guias de fardamento das praças Manoel Joaquim dos Santos e João Antonio Vieira; á fim de ser satisfeita a requisição do ministerio da guerra.

—Accusou-se a remessa de relações das embarcações entradas e sahidas, dando a manifestação de agrado pelo interesse que toma o commandante da fortaleza de Cabedello pelo serviço publico.

—Ordenou-se a entrega de dez armas para o serviço da policia em a cidade de Souza.

—Disse-se ao juiz municipal de Souza que não é possível satisfazer-o em tudo quanto pede em seu officio; mas somente na remessa de armas para o serviço da policia.

—Ao vice consul de S. M. Britanica declarou-se accusada a communicação de sua volta á provincia.

—Mandou-se dar transporte a um criminoso e uma praça que o deve conduzir ao Rio Grande do Norte.

—Nos Requerimentos dos tenentes do batalhão de Ma-

manguape, pedido passagem para Bananeiras, houveram despachos affirmativos

—No dito de Eneida Xavier Tavares da Silva, pedindo para ser admittida ao concurso para a cadeira de Guahira, marcou-se-lhe o dia 9 para apresentar-se a semelhante fim.

—No dito de M. de C. Pessoa de A. Mello, pedindo pagamento a onze dias que esteve empregado no tratamento de doentes em Serrinha, durante a ultima epidemia, mandou-se pagar oito dias tão somente, e na razão de dez, por se ter verificado de communicação daquelle tempo, fora esse justamente o prazo que durou a prestação de serviços do supplicante.

O PUBLICADOR.

O luxo.

Escritores condemnam, e outros defendem o luxo com muito boas razões de parte a parte. O celebre arcebispo de Cambrai queria, e antes d'elle Platão, que o legislador determinasse á cada uma das classes da sociedade um traje modesto, commodo e economico; e Platão e o arcebispo de Cambrai não alcançaram nossos tempos, em que o luxo tem chegado ao seu maior incremento.

O que não diria o bom Philippe Augusto da França, cujas salas eram tapeladas de palha, que elle, por uma generosidade então celebrada, deu em 1208 ao hospital de *Maison de Dieu*, todas as vezes que elle sabbasse d'aquella cidade para ir dormir algures, se hoje penetrasse ao lar domestico do mais modesto cidadão?

Entretanto é mister confessar que seus vassallos não eram então, apezar da pobreza franciscana, ou do modesto viver do seu soberano, mais moralizados do que os actuaes subditos de S. M. o Imperador Napoleão III; e nem mesmo aquelle rei, que pizava sobre palha, em lugar dos ricos e custosos tapetes de Napoleão, era mais respeitador do direito dos simi-gaulezes.

Entendemos que a moral pode condemnar o luxo como causa facil, e occasião proxima de ruina de algumas familias, ou de algum desvio da senda da honra d'aquelles que insensatamente entenderem que é vergonhoso não acompanhar os ricos no seu gozar e dispendir; mas ainda que desaparecesse o luxo, a moral reconhece que restariam milhões de causas, e talvez mais condemnaveis, que podem produzir o mesmo effeito.

A economia politica, porem, não pode condemnar um estímulo da industria e actividade, que faz desenvolver o commercio, e augmentar as riquezas de um paiz, que propo ciona a uma classe numerosa da sociedade, a manufatureira, os meios de viver e gozar, quando obriga ao rico a despendir uma parte do seu superfluo na compra d'esses mil artefactos, que ella produz.

Um paiz, onde somente fossem reconhecidas as necessidades reaes, onde o luxo e gozos não tivessem creado centenaes de necessidades ficticias, poucos passos distaria do estado selvagem. As artes, as sciencias e a industria, que manifestam o grau de civilisação de uma nação, seriam desconhecidas, e com ellas os commodos e gozos que o homem pode usufruir n'este vale de miserias.

O que, porem, a moral e a economia politica condemnam acordes é o luxo immoral, que corrompe os costumes, e vicia uma nação, como succedeu aos Romanos.

Figura 14 - O Luxo

Fonte: O PUBLICADOR.a.1. set de1862.

Para situar o teor da comunicação, ao contexto da época, em 1862, em plena Revolução Industrial, no Ocidente, cabe esclarecer que estava sendo implantada a Indústria no Brasil. Tal procedimento econômico estava diretamente inter-relacionado com a questão da libertação dos “escravos negros” no Brasil, conforme sanção desta libertação pela Lei Áurea. Com esse contexto, é que podemos entender que se tratava de um pensamento ideológico, de uma tendência de base sociopolítica e cultural.

Na crônica, *o Luxo*, acima ilustrada, veiculada no jornal *o Publicador*, em 1862, na Parahyba do Norte, percebemos que a discussão gira em torno da prática do luxo à época. Enquanto prática de comportamento social, o luxo é objeto de preocupação do cronista, assim como de alguns setores sociais, conforme consta no discurso. E a questão está dividida em dois parâmetros: uns defendem a prática, e outros a condenam, vejamos:

Escriptores condemnam, e outros defendem o luxo com muito bas razoes de parte a parte. O celebre arcebispo de Cambray queria e, antes d'elle Platão que o legislador determinasse á cada uma das classes da sociedade um traje modesto, commodo e economico; Platão e o arcebispo de Cambray não alcaçaram nossos tempos, em que o luxo tem chegado ao seu maior incremento.

(In: **O Publicador. Parahyba do Norte. O luxo. Anno I, n.6., 06 de set de 1862.**

A partir desse discurso introdutório, para reflexão social, o cronista quer estabelecer a compreensão de dois conceitos latentes, que se contrapunham e se complementavam à situação e àquele momento: o de luxo e o da pobreza. Aquele fomentando consumo e este como consequência do excesso desse consumo.

Vejamos nesse discurso uma crítica, seguida de uma preocupação da época com as gentes da província, diante da tendência do consumo acirrado pela cultura da Revolução Industrial:

Entendemos que a moral pode não condenar o luxo como causa fácil, e a ocasião próxima de ruína de algumas faimílias, ou de algum desvio da senda da honra d'aquelles que insensatamente entenderem que é vergonhosa não acompanhar os ricos no seu gozar e dispende: mais ainda que desaparecesse o luxo, a moral reconhecesse que respondem produzir o mesmo efeito.

(In: *O luxo.*)

Diante dos dois conceitos colocados pelo cronista, examinamos as expressões linguísticas que subsidiam o discurso dele, que fazem ressaltar as metáforas convencionais de base cultural. Como se sabe, estas estão na experiência e no conhecimento partilhado dos interlocutores desse jornal. Conforme exame, organizamos o conceito de LUXO, conforme a estratégia do discurso do cronista, sendo tal conceito licenciado pelas metáforas estruturais que seguem.

Metáforas conceptuais sistematizadas

1. *Luxo é uma entidade (Pessoa).*

Pessoas / Luxo são objetos de discussão.

2. *Luxo é objeto ideológico.*

3. *Luxo é objeto em movimento.*

5. *Luxo é um bem valioso.*

6. *Luxo é produto.*

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica

1. Escriitores condemnam, e outros defendem o luxo.

Entendemos que a moral pode condenar o luxo como causa facil.

[...] onde o luxo e gozos não tivesse creado centenares de necessidade fictícias...

2. [...]a moral e a economia politica condemnam acordes é luxo immoral que corrompe o costumes e vicia uma nação como succedeu em aos Romanos...

3. [...] o luxo tem chegado no seu maior incremento.

4. A economia politica não pode condenar o estímulo da industria e actividade que faz desenvolver o commercio e augmentar as riquezas de um paiz.

5. A industria [...] e actividade proposciona a uma classe numerosa da sociedade, a manufactureira o meio de viver e gozar.

As metáforas, acima, licenciadas mostram o conceito de LUXO, como consequência da indústria. Esse luxo representava para o comportamento social, uma nova experiência, como a de conviver à luz de uma nova tendência mundial, a da Revolução Industrial. No texto, as metáforas são inferidas e estão refletidas nos esquemas conceptuais de base cultural, estabelecendo a posição desse cronista para o público do jornal. Tais metáforas mostram o que significava luxo, à época,

atrelado a dois parâmetros sócios e ideológicos do século XIX: a Revolução Industrial e a Lei Áurea.

Diante do contexto situacional, século XIX, no que diz respeito ao LUXO, cremos que os conceitos, estabelecidos nas metáforas de base imaginativa, suscitadas das estruturas discursivas, dessa crônica *O luxo*, representam os novos conceitos que estavam em conflito no país: luxo *versus* pobreza, indústria e progresso, ao moldes do sistema capitalista.

Conforme o cronista, alguns indivíduos insensatos se envergonhavam de não poder acompanhar o luxo, o que os levava a consumir e depois ficar na miséria; outros defendiam o luxo, à luz do consumo, o que é pertinente à ideologia da Revolução Industrial. Esta, de certa forma, eleva a economia de um país, assim como fá-lo crescer e, por sua vez, desenvolver-se. Mas e a gente, massa consumidora, massa manipulada, como fica diante desse progresso, oriundo de uma base capitalista? São homens livres?

Logo, tomamos o luxo como instrumento de escravidão. Esta afirmação é reflexo de uma das metáforas, movida pela estrutura linguística e metafórica do texto:

A industria [...] obriga o rico a depender a parte de seu supérfluo na compra d'esses mil artefactos, que ella produz.

E licenciada, conforme estrutura feita por nós: EFEITO EMOCIONAL SÃO ENTIDADES DENTRO DE UMA PESSOA. Isto, para efeito de interpretação do pensamento de alguns que defendiam o (não)luxo da época, e interpretação do pensamento cronista, conforme o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, o mundo do Estado, na pessoa da Lei que rege as atividades sociais; da Igreja, na pessoa do arcebispo.

Com base nesse entendimento, afirmamos que as construções metafóricas eliciadas de um interlocutor, numa dada situação, por exemplo, nas crônicas, fazem história, busca dados dessa história sociopolítica, uma vez não discutidos, assim como faz conhecer o pensamento de uma gente em certa época e espaço sociocultural.

A discussão, estabelecida no texto, leva-nos a compreender que se trata do conceito do luxo refletido, que deverá ser refratado no pensamento e nos dizeres sociais dos interlocutores. Tal conceito deverá ser avaliado como visão de mundo para o mundo fazendo história num tempo e lugar, assim como mostrando verdades e realidades definidas pela metáfora.

A seguir, examinaremos a crônica *Volta do rei*.

5.1.3 As metáforas conceptuais do século XIX atualizadas na crônica de 1872:

Volta do rei

Assinatura. Per trimestre . . . 23000 Pagos adiantados.

A REDAÇÃO SÓ É RESPONSÁVEL POR SEUS ARTIGOS.

Publicação Na Typ. de J. J. da S. Braga Rua Conde d'Eu, casa 19

ANNO V. PARAHYBA DO NORTE, 27 DE ABRIL DE 1872. NÚMERO 430

CORREIO NOTICIOSO.

PARAHYBA 27 DE ABRIL DE 1872.

Volta do rei.

Final depois de tão longa ausência, voltou o imperador ao Brasil.

Os aulecos da monarchia, os thuriferarios do poder, fidos da virga ferrea, que os compramta, e desejosos de um poder que os avide, preparam grandes pompas ao seu senhor, e cada qual, que mais pressuroso, deseja beijar os pés do dono d'esto pobre povo.

Pois bem; o rei voltou.

De joelhos escravos, e entoa o *ace cesar*.

E' necessario que proveias a vossa subordinação por todas as formas; é preciso que vos mostreis obsequiosos por todas as maneiras: a obediencia cega e fanatica, é o laço das almas vis.

Se tinheis saudades desse senhor que vos abandonou, quando mais carceis da sua protecção, elle que chega; ajoelhai na lama, e gritai bem alto: *ace cesar*.

Corra, não recebar as suas ordens: o vosso rei voltou completamente reformado; não se lembra, para vós vai principiar uma

nova aurora de gosos e de liberdades.

O que quereis mais?

O rei voltou; estái satisfeitos todos os vossos desejos; dai parabens a vossa boa fortuna.

Esperai, esperai, e tereis uma nova ordem de cousas. Fundar todas as vossas esperanças no rei.

Brevemente apparecerá o jubileu, virão as condecorações, os titulos barbaros, e te reis lidas para cobrir o peito; por que a tanto cretin a vossas aspirações.

Pobre Brazil!

Deante de tanto aviltamento bem poderei amos dicar como Courrier: *non sumus un populi da laquais*.

Semelhana chegada, que todos auguram como um bem, como a aurora de uma nova era, nós auguramos como um mal, como um novo periodo de compressão e de terror.

Voltou o rei, é verdade; mas com elle não voltou os nossos direitos usurpados, a nossa felicidade destruida.

O homem que abandonou o Brazil em um momento de suprema crise, quando estavam em vesperras de grandes e graves acontecimentos, não poderá jamais fazer a felicidade do povo.

A crise passou, e o homem volta com um

Vai ver o sybillo do apito do motor da civilização.

Pelas a las emmidades da Barburema, vão cruza-se as locomotivas, as maxambombas, os telegraphos electricos, e tudo quanto o genio impetuoso do progresso tem inventado.

Parabens, parabens! vamos entrar em uma nova idade de ouro.

Teremos mosquitos por cordas e moscas por aramas.

O sertinejo, que estava acostumado a descer a serra no seu proverbial melado, agora terá de descer como uma freza do foguete do ar, encaixado dentro de um wagon.

Os homens estão dispostos a emendar a mão e fazer desta terra alguma coisa.

A esperança é que alimenta a humanidade.

Ao menos valha-nos isso.

Esperemos pelos trilhos, locomotivas e wagons; e em quanto não chegam os trens de carga e de passageiros ponhamos o olho

sortido estudado nos muros, como os os brazileiros possessem. Mas acreditai nossa surriso.

Deixando-nos abraços com a grande que tãe do elemento servi, o imperador retirou-se, por que: ou a e he era to revel, e eurtão o throno tinha de ceder o lugar a melhores instituições; ou a crise passava, e tudo voltaria ao antigo estado.

No primeiro caso não continha ao imperador assistir a sua própria queda; no segundo, que se realisou, vem elle saborear o seu triumpho, no meio das nozarias dos seus aulecos.

Iludido na mas nobre das tuas ambições, o amor da liberdade, és a victima sacrificada a uma corbã, peo crime de filhos traidores, que todos os dias te cravam o punhal no coração.

Nós, porém, não desanimamos, e havemos de combater até o ultimo momento pela causa da liberdade.

Qual Phoenix gloriosa, a liberdade ha de nascer das cinzas do despotismo. E nossos filhos hão de ser livres, já que nós não o temos podido ser.

Quem sabe, se um dia entre nós, um correio não ha de passar graando, como em 1789 na França seu eleden: armavos, por que todas as povoações estão se armo caninhos.

Se eu fora o tanejo não queria mas ter um só senheiro na estrada; nava vendendo-os todos, e empregar o producto da venda em acções da nova empresa.

E o nosso porto?

Nemillar nelle é bom.

Qual Lesseppe abrindo o canal de Suez.

Ha de ficar tão aberto, que não de entrar nelle, nios, fragatas, curvetas, barcas, trigues e el reliqua.

Parece-me que já estou vendo as dragas em motu continuo a escavarem e a baldearem areia.

As docas surgirão como que por encanto; o cabo submarino ligará o Cabedello com a Europa; o telegrapho viverá com o da viva ligando bandeiras e fazendo signais. Simplicio perderá o divertimento de meter navios de cabos a dentro.

Por toda amargem do rio, o movimento, a animação, o bulicio e essa vida ruidosa, que o commercio sabe desenvolver nos grandes emporios.

FOLHETIM.

NOTAS A' LAPIS.

do

Correio Noticioso.

Está chegado o tempo de retirarem-se os nossos representantes a tomar parte nos árduos trabalhos da temporaria.

Está salva a patria.

Desta vez a nossa Parahyba vai ter um augmento de cincoenta por cento.

Se ate hoje esteve votada a es pecimen to, de hoje em diante não será assim.

Cada representante apresentará dez projectos, cada projecto será de argentinissima necessidade, e sobre elle fallarão vinte vezes, e quatro horas por cada vez.

O alto sertão vai ver uma cousa, que nunca vio desde que America e America, e Colombo as descobrio.

Figura 15 - Volta do Rei

Fonte: O CORREIO NOTICIOSO, Parahyba do Norte Anno 5. C.1, p.1, 27 de abr de 1872.

A crônica ilustrada, acima, *Volta do rei*, está no contexto sociocultural do século XIX, em especial, em 1872. Nesse momento da história sociopolítica, os conceitos ali estabelecidos são reflexos dos temas vigentes à época: Riqueza versus Pobreza, Crise Sociopolítica e Liberdade.

O cronista coloca para seu interlocutor que a *Volta do rei* trazia de volta o cenário de uma crise econômica não resolvida por essa autoridade, e que, agora, *com grande pompa, e de sorriso estudado arrasta no tempo a subserviência de um povo*, conforme relação sociocultural: rei e súditos.

Experienciemos, pois, o que significa essa *Volta do rei*:

Voltou o rei, é verdade; mas com elle não voltaria os nossos direitos usufrutos, a nossa felicidade destruída.

O homem que abandonou o Brazil em um momento de crise, qual, estávamos em vespas de grandes e graves acontecimentos, não poderá jamais fa/[] a felicidade do povo.

A crise passa, e o homem volta com um sorriso estudado / []

(In: **Correio Noticioso**. Volta do rei. ANNO V, Parahyba do Norte, 27 de abr de 1872.

Como se pode notar, o cronista, em pleno jornal, de cunho noticioso, divulga seu ponto de vista, atrelado a uma crítica ao acontecimento histórico. Em seu modo de criticar, faz o interlocutor trazer, a cada momento de leitura desse acontecimento, a história do povo, assim como também faz a história daquele povo “em pauta” da discussão.

Essa *Volta do rei*, como tema de discussão, suscita conceitos de liberdade e de riqueza, assim como traz à cena o momento socioeconômico do país. Busquemos esses conceitos nas estruturas linguísticas, que compõem o texto. Tais expressões ressaltam metáforas conceptuais de base cultural, que carregam, na memória sócio-histórica do momento e do espaço da Paraíba província, os pensamentos, as ideologias, elementos determinadores de comportamentos sociais, de questões políticas e culturais.

Ao colocar a *Volta do rei*, tematizando o conceito de LIBERDADE, que se tinha, naquele momento, vemos que o pensamento do cronista é metafórico, assim como o do seu interlocutor. Com isso, é possível haver compreensão dos conceitos estabelecidos nas construções metafóricas, assim como identificação do potencial desses conceitos discutidos, por meio de metáforas diretas ou indiretas, uma estratégia discursiva naquele momento.

Ilustraremos as metáforas que exprimem os conceitos, em evidência de LIBERDADE, a seguir, com o objetivo de melhor mostrar a presença das construções metafóricas na crônica com base nas metáforas conceptuais lakoffianas

no discurso de um falante, em especial, de um cronista, sem autoria especial no jornal. Conforme já acordado, anteriormente, procuramos seguir o mesmo critério de análise interpretativa das crônicas acima examinadas.

Metáforas conceptuais sistematizadas

1. *Liberdade é um jogo.*
2. *Liberdade são organismos/ entidades.*
3. *Liberdade é um jogo.*

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica

1. Corre, p/[] a receber as suas ordens...
2. Qual paeux gloriosa, a liberdade há de nascer das ruínas do despotismo. E nossos filhos hão de ser livres, porque nós não o temos podido ser.
3. [...] cada qual que mais pré /[] que deseje beijar os pés do dono deste pobre povo.

É mister fazer uma reflexão dessas metáforas estruturais, conceptualizadas indiretamente. Defendemos que nelas constam o modo de esse cronista ver e mostrar o mundo naquela situação na província; o mundo dele e de um grupo de pessoas - constituídas no texto para evidenciar o comportamento sócio-histórico e sociocultural, iluminados pela relação política monárquica.

Como se pode notar, nas críticas pontuadas, em torno da LIBERDADE também está atrelada à questão sócio-econômica de uma gente em pleno século, especialmente, em 1862, quando se viviam os valores da Independência, à luz do pensamento da Revolução Francesa, que centrava o homem de natureza livre e de iguais condições perante o pensamento dessa conjuntura mundial. Nesse contexto mundial, o Brasil foi um dos últimos a rever esse caráter de independência desse homem. Conforme historiadores, como Holanda (1997), por exemplo, esse país também foi o último a assinar a Lei que libertava os escravos.

É interessante refletir nas metáforas estruturais, conceptualizadas indiretamente pelo cronista, o modo de ele ver e mostrar o mundo naquela situação na província; não só o mundo dele, mas de um grupo de pessoas - constituídas naquele contexto -, para evidenciar o comportamento sócio-histórico e sociocultural, iluminados pela relação política e pela Monarquia. Como se pode notar, nas críticas

pontuadas, em torno da liberdade, também está atrelada a questão sócio-econômica de uma gente em pleno século, especialmente, 1862, quando se viviam os valores da Abolição.

No tocante à Constituição do Império, outorgada em 1824, esta foi considerada mais liberal pelos historiadores do que várias outras Cartas Monárquicas. Mesmo assim, o sistema político mantinha a escravidão usando de um subterfúgio, o de declarar o respeito aos direitos de propriedade ao mesmo tempo em que empregava a expressão metafórica HOMENS LIVRES, mas que dava a entender que nem todos eram livres, isto é, a LIBERDADE ERA UM RECURSO LIMITADO, conforme consta no discurso dos cronistas, aqui evidenciados, embora fosse legítima a propriedade sobre aqueles homens não-livres.

Com isso, examinemos, nas metáforas novas, toda essa experiência do cronista e do interlocutor desse jornal com a questão da liberdade tão aclamada e desejada naquele momento. Conforme examinamos, nesses jornais pesquisados, há em larga medida, esse ideário do Movimento Abolicionista, assim como estão muitos outros pronunciamentos comemorativos em torno dessa libertação, conforme consta nos discursos eliciados nas crônicas dos jornais, nos editoriais, na estampa dos jornais, assim como na literatura nacional.

No texto, *Volta do rei*, encontramos 01 metáfora nova, estrutural: LIBERDADE É SOOFRIMENTO, conceptualizada pelo cronista, sistematizada (in)conscientemente, da expressão:

Iludido na mais nobre das tuas ambições, o amor da liberdade, és **a vítima sacrificada a uma corôa**, pelo crime de filhos traiçoeiros, que todos os dias te cravejam o punhal no coração.
(Grifos nossos)

A metáfora ali conceptualizada leva-nos a conhecer um tempo e um lugar, em que havia uma crise sociopolítica, uma realidade aviltada de tudo, de uma gente que ansiava o gozo de liberdade, de uma gente desprotegida pelo então monarca. E, ainda, faz-nos conhecer um Pobre Brasil, conforme está registrado no texto:

Pobre Brazil.
Deante de tanto aviltamento bem poderíamos dizer como Courier: *nous some um people da laquais*.
(Grifos do cronista)

As metáforas conceptuais revelam-nos perfis culturais, tanto da cultura local (subcultura) como a cultura, por uma visão macroscópica da realidade social, possibilitando acessar a conjuntura mundial, no caso a Revolução Francesa, seguida da local, aclame da Abolição da Escravatura.

A seguir, em exame, *O Natal*, em pleno século XIX, de 1888, pelo cronista do jornal Verdade.

5.1.4 As metáforas conceptuais do século XIX atualizadas na crônica: O Natal

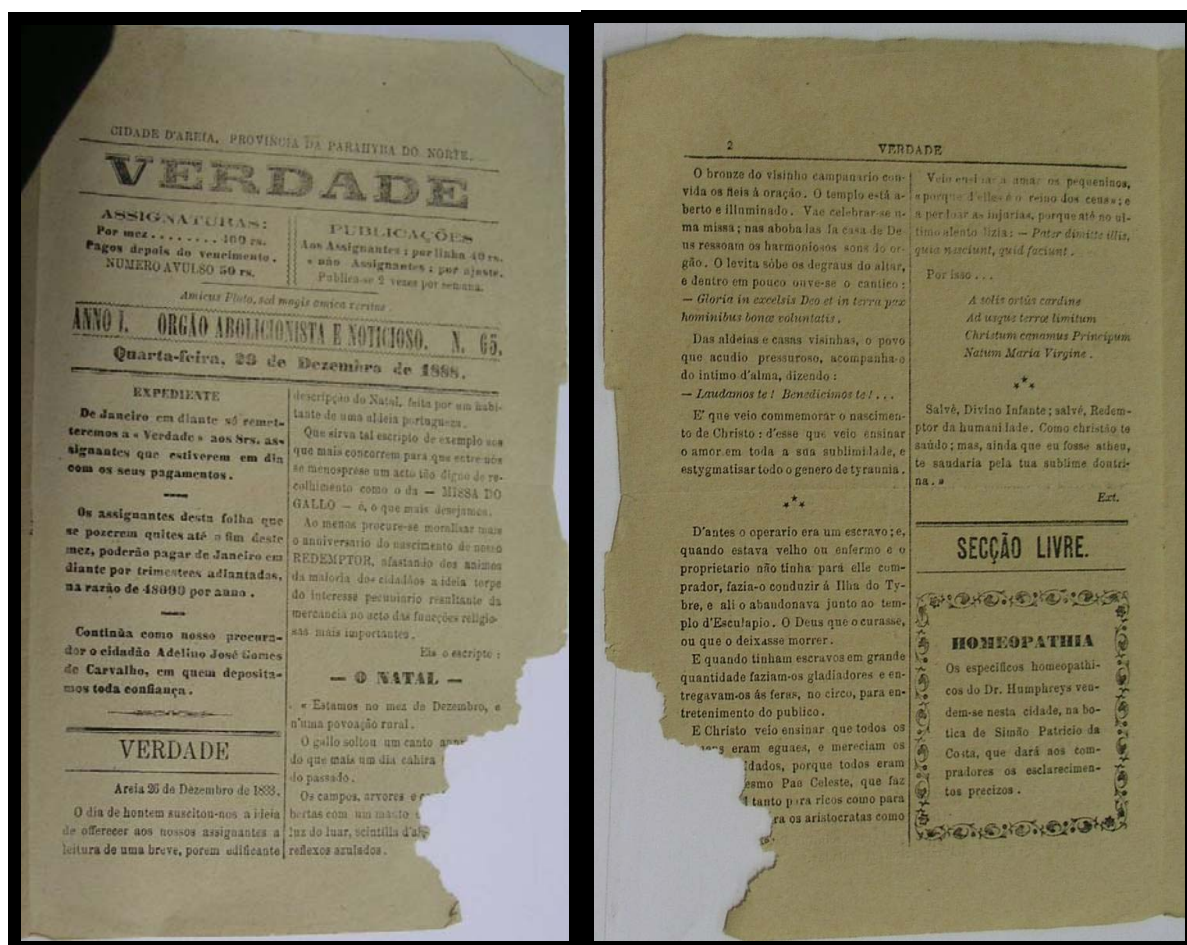


Figura 16 - O Natal

Fonte: VERDADE, 23 de dez de 1888, Cidade D'areia Província da Parahyba do Norte.

Para situar o teor do conceito de LIBERDADE, na crônica *O Natal*, nós nos baseamos no contexto da época, em 1888, em plena Revolução Industrial, no Ocidente, momento em que estava sendo implantada a indústria no Brasil, assim como estava se vivendo o novo tempo da Abolição, promulgada em 13 de maio de 1888.

Tais movimentos são de cunho econômico, diretamente inter-relacionado com a questão da libertação dos “escravos negros” no Brasil, conforme sanção desta libertação pela Lei Áurea. Com esse entendimento, é que podemos depreender que se tratava de um pensamento ideológico, de uma tendência de base sociopolítica e cultural.

Nesse contexto, em pleno Natal, o cronista anuncia o tempo de crença, mas atrelado a esse tempo, temos um conceito de LIBERDADE, somado a uma crítica bem sutil a esse momento 1888, conforme está no discurso abaixo:

Estamos no mez de Dezembro, a n'uma povoação rural.
E' que veio commemorar o nascimento de **Christo**: desse que veio ensinar o amor em toda sua sublimidade, e **estygmatisar o genero da tirania**.
(Grifo nosso)

(In: **Verdade**. O Natal. Areia, 23 de dez de 1888)

É interessante entender como se estabeleceu esse conceito de LIBERDADE, conforme quer mostrar o cronista. A estratégia discursiva do texto está na forma como foi dividido o teor da crítica constituída no texto em três etapas. Na primeira, poetiza o espaço físico e psicológico, iluminados pelo tempo do Natal,

O gallo soltou um canto / [] do que mais **cahira** / [] **do passado**.
Os campos arvores e / [] bertas com um manto / [] luz do luar
seintila d'alv / [] reflexos azulados.
O bronze do vizinho campanario convida os reis à oração.
(Grifo nosso)

Como se sabe, tal época no Brasil, em especial, num ambiente rural da província, as pessoas estavam mais sensíveis ao aprendizado, às questões religiosas, ao espírito de fraternidade. Desta feita, tem-se o momento propício para rever as questões sociais, em especial, para criticar a tirania vigente. Com isso, vemos o papel da metáfora, ora embutindo, ora realçando um conceito novo, um novo olhar sobre um velho conceito nas expressões linguísticas, para interagir com o outro acerca de um conceito que se quer colocar.

Na segunda etapa, ele metaforiza a situação sociopolítica e cultural, quando traz um discurso argumentado, dando um exemplo da realidade do que quer mostrar

como significado de escravidão e de tirania; e, ainda, o perfil do procedimento do Estado, perante seu povo frente a essa realidade metaforizada e realidade “real” da província.

D’antes o operário era um, escravo quando estava velho ou enfermo e o proprietário não tinha para elle comprador, fazia-o conduzir à ilha do Tybre, e ali abandonava junto ao templo d’Esculapio, o Deus que o curasse, ou que deixasse morrer.

E quando tinha escravo em grande quantidade faziam0s gladiadores entregavam-os às feras, no circo, para entretenimento do publico.

E Christo veio ensinar que todos os / [] eram eguaes e mereciam os / [] dados, por que todos **eram** / [] esmo **pae Celeste** (...)
(Grifo nosso)

E, mostra, “em nome do Pai”, o Direito de igualdade do homem, independente de raça ou de credo. Tal Direito está fundamentado no Livro Sagrado, onde se pode acessar o exemplo de atitude do maior homem do Ocidente: Jesus Cristo. Com base no exemplo desse Homem, o cronista pôde tecer sua crítica, fazer o interlocutor desse jornal refletir a situação social vigente. Esse Direito, aqui suscitado, também é reflexo do pensamento da macrocultura Ocidental, à luz do pensamento do Iluminismo, o de valorizar o homem, conforme os ideais da Revolução Francesa.

A terceira etapa do texto apresenta uma saudação ao nascimento do menino Deus, enaltecendo-O, não só pela fé, mas pela coragem de ser livre, pelos ensinamentos deixados para humanidade e pela ideologia de liberdade, objeto, objetivo e recurso em foco nessa época, conforme consta em:

Salve Divino Infante: salve Redemptor da humanidade. Como Christão te saúdo: mais ainda que eu fosse atheu, te saudaria pela tua sublime doutrina.

Cremos ser esse Infante, a LIBERDADE que está crescendo a passos curtos e perseguidos, conforme reza a história da infância do Menino, em referência. Vale salientar que a Abolição dos Escravos no Brasil foi promulgada de “fato e de Direito” perante o Estado, em 13 de maio de 1888, mês de Maria, mãe desse pequeno Infante. Só que, no discurso do cronista, há um jogo discursivo e metafórico, quando fez analogia da LIBERDADE com CRISTO. Para isto, colocou a metáfora, sistematizada por nós: MENINO DEUS É AURORA DE UM NOVO TEMPO DE LIBERTAÇÃO. e poetizou:

O gallo soltou um canto / [] do que mais **cahira** / [] **do passado** [...] Salve, Divino Infante; salve Redemptor da humanidade. Como christão te saúdo; mais ainda que eu fosse atheu te saudaria pela tua sublime doutrina.

Se se considerar a idade do menino, representado na crônica, ele está com 07 meses e 15 dias. Esta idade tem base na data da crônica, 28 de dezembro de 1888, cuja mãe está representada pela princesa, também Maria, só que Maria Isabel. Trata-se daquela que assinou a Lei Áurea, a que pré-anunciou novos tempos, representados pelo canto do galo tecendo a aurora, trazendo a cada canto um novo raiar de um novo dia na história.

Dessa feita, defendemos que o cronista convida a sociedade para comemorar o Natal e, ao mesmo tempo, refletir a liberdade, princípio precípua do homem, objeto de interesse de todos. Objeto dos que são estigmatizados pela não-liberdade, conforme consta na crônica de H.S. Lima: *Liberdade Religiosa*, anteriormente discutida; como também dos que estigmatizam o homem, por não querer reconhecer e, nem tampouco, dar a liberdade, isto é, esse Direito. No caso, referimo-nos à Aristocracia e com esta o Estado.

Acerca desse entendimento, o cronista metaforizou: *Ser pai é reconhecer o direito dos filhos*, para realçar e, ao mesmo tempo, embutir sua crítica ao Estado, que, certamente, não estava fazendo cumprir a Lei da Liberdade. A metáfora é: PAI É PROTEÇÃO.

[...] todos eram/[] smo Pae Celestial / [] que faz / [] tanto para os ricos como / [] ara os aristocratas como / [].

A seguir, apresentaremos o conceito de LIBERDADE, suscitado na crônica, conforme as metáforas conceptualizadas a partir do discurso do cronista.

Metáforas conceptuais sistematizadas

1. *Liberdade é uma entidade.*

Liberdade é objeto do tempo.

2. *Liberdade é princípio universal.*

Liberdade é princípio de justiça.

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica

1. O gallo soltou um canto / [] de que mais um dia cahira / [] do passado.

2. [] porque todos eram / [] esmo Pae Celestial que faz / [] tanto para os ricos como / [] ara os aristocratas como / []

Como se pode notar, as metáforas sistematizadas no texto conceptua GUERRA, AMOR, OBJETO DESEJO, PRINCÍPIO UNIVERSAL, IDEOLOGIA e PROGRESSO. Com base nesses conceitos, vemos que a questão está diretamente ligada a grandes discussões da época, conforme lema do século e década: 1880 (1888): Abolição da Escravatura e Ordem e Progresso.

Eis a estrutura discursiva e metafórica:

O gallo soltou um canto / [] de que mais um dia cahira / [] do passado.

[...] por que todos eram / [] esmo Pae Celeste que faz / [] tanto para os ricos como para / [] tanto para os aristocratas como / []

Nesse caso, a LIBERDADE é PRINCÍPIO UNIVERSAL, de IDEOLOGIA, JUSTIÇA. Com base nesses conceitos, vemos que estão diretamente ligados ao lema do século e década: 1880(1888): Abolição da Escravatura e Ordem e Progresso. Com isso, justifica o discurso do cronista ao dizer: *Pai é aquele que cuida e coloca ordem na casa para todos*, em iguais condições.

Vejamos abaixo algumas metáforas sistematizadas por nós, com base no teor da discussão do cronista,

O REINO DE DEUS É UM RECIPIENTE → *Os elementos do reino de Deus são os pequeninos* → *Os pequeninos são os escravos do Brasil* → *Liberdade dos pequeninos do Brasil é progresso no Brasil.*

Na crônica, constatamos a presença de 01 sistematização de metáfora estrutural, diante da estrutura: O REINO DOS CÉUS É DOS PEQUENINOS, oriunda da metáfora conceptual de base lakoffiana: MENTE É UM RECIPEINTE, logo: O REINO DOS CEUS É UM RECIPEINTE. Neste, contêm os pequeninos e os que amam e perdoam as suas injúrias, e suas dívidas e etc.

A seguir, examinaremos a crônica: *As maravilhas da eletricidade* para fechar o ciclo dos estudos do século XIX.

5.1.5 As metáforas conceptuais do século XIX(1892) atualizadas na crônica: Maravilhas de eletricidade

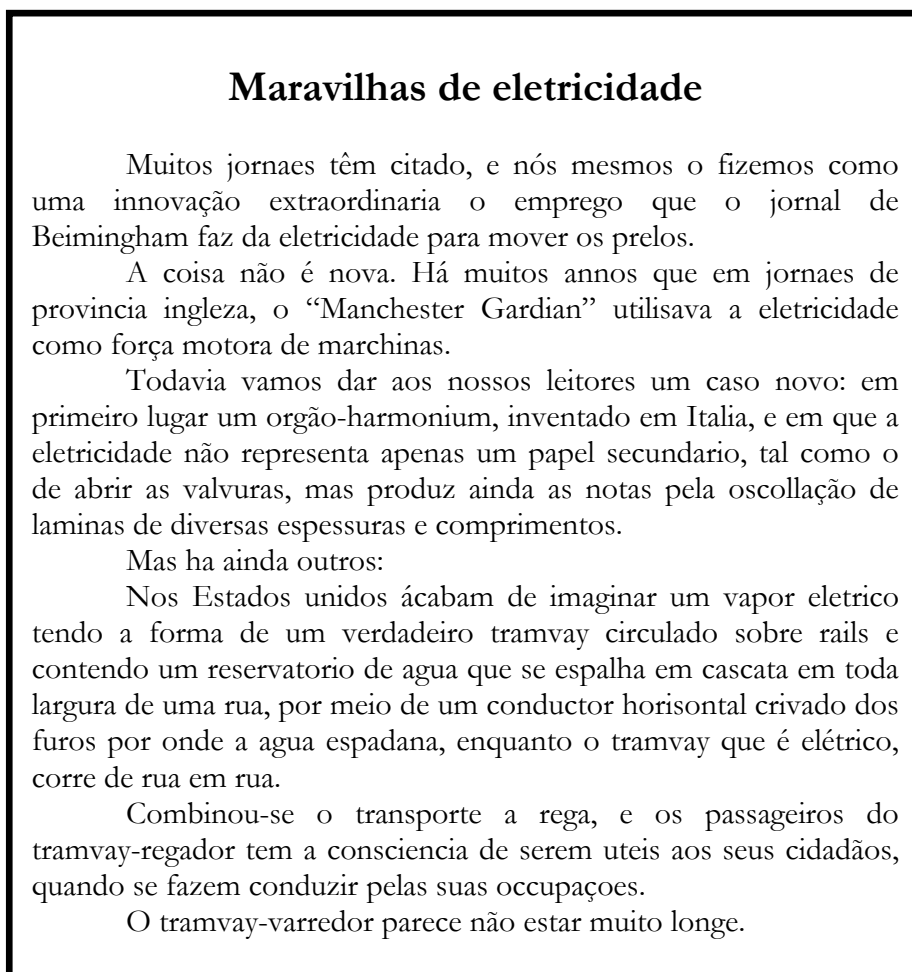


Figura 17 - Maravilha de Eletricidade

Fonte: CAMPINENSE, Anno I, Parahyba do Norte N. 31, p. 3 12 de nov de 1892.

Com base nessa crônica, procuramos examinar o teor do conceito de PROGRESSO, por ser o foco da discussão do cronista. Conforme já mencionamos, nesse fim de século, existem duas tendências socioeconômicas que iluminam o Brasil, em especial, nessa crônica a Paraíba de 1892, ainda província. Trata-se de

um novo ciclo capitalista regendo o mundo, tal ciclo é idealizado sob o comando da Revolução Industrial, do Imperialismo Americano, tudo isso fazendo chegar ao Brasil um progresso banhado nessa tendência de ordem mundial.

Ao analisarmos o texto, apontamos como crítica do cronista, a ausência, e/ou o retardo da chegada da iluminação das ruas na Paraíba, uma vez que já existia no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, só que, neste lugar, tal iluminação era movida à gás, conforme consta na História do Brasil. Desta feita, o cronista mostra que o benefício de iluminação, de base elétrica, e não de gás, já foi colocado em prática na Europa e nos Estados Unidos, há muito tempo, o que não cabia ou justificava o atraso desse benefício, aqui, no Brasil. Ao afirmar:

Muitos jornaes têm citado, e nós mesmos o fizemos como uma inovação extraordinária o emprego que o jornal de Beimingham faz da eletricidade para mover os prelos.

A coisa não é nova. Há muitos annos que em jornaes de provincia ingleza, o “Manchester Gardian” utilisava a eletricidade como força motora de marchinas.

(Grifo nosso)

(In: **CAMPINENSE** .Maravilha de eletricidade. Parahyba do Norte, nov de 1892.)

À luz desse pensamento, é que compreenderemos como o conceito de PROGRESSO se estabeleceu no discurso do cronista para ser refletido na memória sócio-histórica do seu interlocutor. Para isto, estabelecemos a estratégia da sistematização das metáforas conceptuais, como segue.

Metáforas conceptuais sistematizadas

1. *Progresso é inovação.*
2. *Progresso é acompanhar os acontecimentos do mundo.*
3. *Progresso é recurso tecnológico.*
4. *Progresso é uma entidade.*
Progresso é ideologia.
5. *Progresso é um objeto alcançável.*

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica

1. Muitos jornaes têm citado, e nós moemos o fizemos como uma innovação extraordinária...
2. A coisa não é nova. Há muitos annos que em jornaes de província ingleza o “Mabchester Gardian” utilisava a electricidade como força motora de marchinas.
3. [...] em Italia, e em que a electricidade não representa apenas um papel secundario, tal como o de abrir as valvuras, mas produz ainda as notas pela oscollação de laminas de diversas espessuras e comprimentos.
4. Combinou-se o transporte a rega, e os passageiros do tramvay-regador tem a consciencia de serem uteis aos seus cidadãos, quando se fazem conduzir pelas suas occupaões.
5. O tramvay-varredor parece não estar muito longe.

Resta esclarecer, acerca do conceito de PROGRESSO, aqui pontuado, que este se movia em torno da ideia de “Recurso”, oriunda da metáfora PROGRESSO É UMA ENTIDADE; de CONSTRUÇÃO, de OBJETO, de PRODUTO, de MODA, de ORGANISMOS, de DINHEIRO. Tudo isso ratifica os acontecimentos históricos em nível macro e micro, na sociedade do Brasil, nesse final de século XIX.

Como se pode notar, o discurso do cronista conceptualiza as tendências e os modelos culturais idealizados da/naquele momento, de tal feita que recuperam dados da História do Brasil e da cultura local, como, por exemplo: as questões do transporte no Brasil, cuja estrada de ferro central foi instalada a partir de 1850, assim como as estradas de rodovias, o que já sustentava a tal Ordem e Progresso de/nesse Brasil, agora República, conforme contam os historiadores e informações, veiculadas e noticiadas, nas estampas de primeira página, nos jornais por nós acessados.

A seguir, trataremos de analisar as crônicas do século XX. Esclarecemos que, no processo analítico-interpretativo das construções metafóricas, eliciadas pelos cronistas, tomaremos os mesmos critérios adotados para as análises das crônicas do século XIX.

5.2 CRÔNICAS DO SÉCULO XX

As metáforas são baseadas em conceitos físicos simples - para cima – para baixo, dentro-fora, objeto - substância etc. - são fundamentais no nosso sistema

conceptual e, sem ele, não poderíamos viver no mundo que nos cerca; não poderíamos raciocinar e nem comunicar. (LAKOFF: JOHNSON: 2002, p.133.) Com base nesse pensamento, constataremos, a seguir, que as metáforas estão profundamente enraizadas em nossa cultura, em nossas questões sociais, num movimento *continuum*, ora para frente, ora para trás e arrastando para frente, em busca de conceitos arraigados por natureza, em nossa experiência, cujo papel cognitivo é fazer a compreensão imediata dos conceitos que são colocados no momento da comunicação.

Conforme os autores, Lakoff e Johnson (2002), a metáfora une razão e imaginação, para velar e desvelar, revelando um ponto de vista, um conceito de algo que se quer discutir. A exemplo desse entendimento, constam, nessa seção, 08 amostras exemplares do gênero crônica, retiradas dos jornais do século XX da Paraíba. A intenção de escolha foi aleatória, sem preocupação de achar temas específicos, visto que nosso objetivo é levantar as construções metafóricas eliciadas pelos cronistas de tais jornais, no sentido de compreender o processo dos conceitos que estão ali estabelecidos; assim como mostrar que tais construções dizem respeito às tendências socioculturais e políticas de cada momento aqui evidenciado, no caso por década.

5.2.1 Crônica da década de 1910 (1912): A questão da alimentação: inconvenientes do systema vegetariano

Doctum será normal e sahirá até o dia 20 de cada mes.

A. Lima. Sr. Coronel Francisco Coutinho de Lima e Moura. D. D. Ec. presidente do Museu Commercial no Estado da Parahyba.

Prevalença da oportunidade para apresentar os meus projetos de elevada estima e consideração.

Candido Mendes de Almeida.
Diretor.

Discos e Grammophones
Da Casa Edson, receberam Navarro & Ca

Dr. Seraphico Nobrega

A bordo do «Pará» chegou ante-hontem, a esta capital, de regresso do Rio, onde vem de prestar os seus serviços na Camara Federal, onde dignamente representa a Parahyba, o nosso brilhante amigo dr. Francisco Seraphico da Nobrega.

S. Ex.ª e o Sr. acompanhados de sua distincta familia e ficou hospedado em Ponta de Mattos, na residencia de seu digno cunhado pharmaceutico Manoel Soares Londres, onde lhe foi offerecido lauto jantar em que tomaram parte parentes e amigos do illustre patricio.

A UNIÃO saudá o valoroso amigo e prestimoso correligionario.

A questão da alimentação
Inconvenientes do
systema vegetariano

Escreve um notavel medico brasileiro

Escreve o notavel medico dr. Eduardo Magalhães:

«Ninguém, de boa fé, negará a função dos principios azotados na vida do homem.

Não basta trabalhar e para isso encontrar na substancia alimentar o combustível para a produção do calor organico, principio da força. E' tambem necessario manter o corpo em condições de sustentar as funções, reparadas as perdas que os tecidos sofrem com a execução do trabalho.

Se esta renovação não se der, o corpo perderá pouco a pouco a capacidade para trabalhar e resistir.

A reparação é pois, essencial, e os principios alimenticios encarregados de executar a são os azotados.

Taes principios, que constituem a substancia da carne, cuja composição, note-se, é quasi exclusivamente de azotados, entram, com effeito, na composição dos alimentos vegetaes.

Estes, na verdade, sendo de incomparavel valor no sustentamento dos povos, visto constituirem verdadeiros alimentos hydro-carbonados, qualidade que a carne não tem, possuem de commum com esta os principios albuminosos.

Encarada sob este ponto de vista geral, é manifesta a superioridade dos alimentos vegetaes sobre o alimento animal, visto terem o que este tem, e possuirem aquillo que a carne falta, parecendo dar razão aos vegetarianos.

Se obtivessemos, com effeito, dos principios albuminosos, dos alimentos vegetaes o mesmo resultado que se obtém dos da carne, a supremacia do regimen vegetariano seria universalmente proclamada.

Neste caso não haveria necessidade de se recorrer a alimentos auxiliares, o leite, os ovos, o queijo e os gordurosos.

Tanto para o uso quotidiano como para o banquete, a boa sopa de aveia, ou de lentilhas, ou de favas, de feijão, etc., satisfaria ás exigencias da occasião.

A alimentação do homem seria, como a do carneiro, do boi, do cavallo, simples e, portanto, comoda.

Se assim não se dá, a razão é não ser o estomago do homem tão vigoroso quanto o de qualquer desses animais.

Qualquer delles apura do seu alimento vegetal o que o homem não pode apurar do feculento da sua refeição.

A gallinha engole o pão de milho inteiro com a pellicula e o diger.

Os animais herbivoros sustentam-se do pasto, engordam e são fortes.

Idêntico resultado não lográria o homem com o seu estomago menos vigoroso que o da gallinha e dos animais herbivoros.

Effectivamente, não só não apuramos de igual modo os principios alimenticios dos feculentos, como a assimilação dos principios albuminosos, conforme o reconhecem os proprios vegetarianos, torna-se mais difficil e restricta que a dos azotados da carne.

Não é dizer que estes principios se perdem de todo durante o trabalho digestivo, não é isso; elles são, cumpre reconhecer, em parte aproveitados, com o que auxiliaremos, poupando o consumo da carne.

Deste modo, para se obter somente dos alimentos vegetaes a albumina exigida para a reintegração organica, necessario se faria ingerir-os em maior somma, supprindo pela quantidade a deficiencia resultante da qualidade, com gravame do trabalho digestivo.

Eis porque o professor Arnould reconhecendo serem os feculentos de preço commodo, conservarem-se facilmente e fornecerem aos—ESTOMAGOS FORTES—séria quantidade de azoto, pondera que taes alimentos constituiriam, elles só, uma alimentação mui volumosa, enquanto que serviriam bem, associados á carne.

No DICCIONARIO DE THERAPEUTICA. Dujardin—Beaumetz expõe ser o regimen herbáceo exclusivo aquelle com que o homem menos se accomoda, visto ser-lhe necessario ingerir, alimentando-se de legumes e fructas, grande massa delles, o que acarretaria sérias desordens gastro-intestinaes.

Poucos, acrescenta, adoptam os preceitos de Pythagoras, os paradoxos de Rousseau e acompanham os legumistas inglezes, visto ser a ALIMENTAÇÃO POR VEGETAES A MAIS INSUFFICIENTE E DEPRIMENTE.

Barweld demonstrou, com effeito, que as operações em vegetarianos pela pouca vitalidade dos tecidos, são acompanhadas de accidentes graves, demorada cicatrização, abundante suppuração e formidaveis hemorragias.

Pensando sensatamente as circunstancias e os factos, o dr. Monteunis considera que a alimentação vegetariana conduz a outro peigo, certamente mais grave—o da indigestão habitual com as suas consequências deplethora abdominal e da carencia de sufficiente estímulo da appaarella digestiva para o bom digestão de onde infero o considerado clinico que, a pretexto de evitarem o peigo da carne, os vegetarianos cahem em outro ainda maior.

Um simples exemplo, que já

Figura 18 - A Questão Alimentícia: Inconvenientes do Systema Vegetariano
Fonte: A UNIÃO, 1912.

A crônica, em referência, trata do princípio adotado na vida do homem, no que diz respeito à questão alimentar, em especial, de base vegetariana. Conforme a discussão, proferida pelo cronista, então médico, como ele mesmo se auto-intitula, Dr. Eduardo Magalhães, traz como tema central: inconvenientes do sistema vegetariano.

No texto, há uma crítica da adoção do hábito alimentar de base vegetariana. Para isto, o cronista mostra a importância da presença da carne na alimentação humana e que, ao se optar apenas por alimentos de base vegetal, não é interessante para o organismo humano:

Se obtivessemos, com effeito, dos principios, albuminosos dos alimentos vegetaes o mesmo resultado que se obtem dos da carne a supremacia do regimen vegetariano seria universalmente proclamada.

Neste caso **não haveria necessidade de se recorrer a** alimentos auxiliares, o leite, os ovos, o queijo e os gordurosos.

(Grifo nosso.)

Para defender seu ponto de vista e convencer o seu interlocutor do inconveniente da ideia de ser um vegetariano, ele mostra, como médico, exemplos de princípios teórico-práticos, assim como mostra a estrutura animal. Para isto, utiliza-se da estratégia da comparação entre o organismo humano e o do animal herbívoro.

O cronista compara o estômago humano com estômago de alguns animais herbívoros, aspectuando detalhes funcionais do órgão digestivo dos dois domínios em foco, homem e animal, vejamos:

Se assim não se dá, a razão é não ser o estômago do homem tão vigoroso quanto o de qualquer um dos animaes.

Qualquer delles apura do seu alimento vegetal o que homem não pode apurar do feculento da sua refeição.

A galinha engole o pão de milho inteiro com a pelcula e o digere.

Os animaes herbivoros sutentam-se do pasto engordam e são fortes.

Identico resultado não lograria o homem com seu estomago menos vigoroso que o da galinha e dos animaes herbivoros.

E, ainda, reverbera:

Pensando sensatamente as circunstancias e os factos o dr. Monteunis considera que a alimentação conduz a outro perigo certamente grave o da indigestão habitual e suas consequencias de pletora abdominal e da carencia de suficiente estímulo do aparelho digestivo para uma boa digestão.

Com base nas informações da crônica, podemos afirmar que, na década de em 1910, já se discutia o comportamento social-alimentar, o de base vegetariana, em contra posição ao consumo da carne, no cardápio do brasileiro, em especial, na Paraíba:

Tanto para o uso quotidiano como para o banquete, a boa sopa de aveia, ou de lentilhas ou de favas, de feijão, etc, satisfaria as exigencias da ocasião.

A alimentação do homem seria, como a do carneiro, a do boi, a do cavalo simples e, portanto, commoda.

Se assim não dá, ar razão é não ser o estomago do homem como[...].

Como se pode ver, o cronista não está a favor do pensamento da época em discussão, o de ser vegetariano. Com base nisso, procuramos examinar como se deu o processo do conceito apontado no texto: SYSTEMA VEGETARIANO, conforme será demonstrado abaixo, através das sistematizações de metáforas conceptualizadas por nós, a partir do discurso do cronista.

As metáforas conceptuais de base lakoffiana, experienciadas pelo cronista, inconscientemente, estão refletidas nas experiências sociais, e são reflexo das tendências da época, conforme estão eliciadas nas construções linguísticas e metafóricas, cujo discurso suscita outras conceptualizações - Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) nas metáforas, baseadas em conceitos de experiência simples, conforme mostraremos a seguir.

Metáforas conceptuais sistematizadas

1. *Sistema vegetariano é produção de energia.*
2. *Sistema vegetariano é objeto de renovação.*

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica

- 1.[...] Não basta trabalhar e para isso encontrar na substancia alimentar o necessário para a produção do calor necessario, principio da força.
2. [...] Se esta renovação não se der , o corpo pendera pouco a pouco a capacidade para trabalhar e resistir.

Como se pode notar, a base da discussão do cronista, assim como a base para mostrar seu ponto de vista e sua crítica ao pensamento da adoção da alimentação de base VEGETARIANA, sustentam-se nos Princípios Azotados. Uma vez que tal substância química estava sendo aplicada na vida desse homem da Modernidade.

Do começo ao fim da discussão, têm-se esses princípios como âncora, para mostrar como funciona o “sistema vegetariano” na vida do homem.

Ninguém, de boa fé, negará a função dos principios azotados na vida do homem. [...]

[...] Pensando sensatamente as circunstancias e os factos, o dr. Monteunis considera que alimentação vegetariana conduz a outro perigo, certamente mais grave - o da indigestão habitual com as suas consequencias de plethora abdominal e da carência de sufficiente estímulo do aparelho digestivo para a boa digestão de onde infere o considerado clinico que, a pretexto de evitarem o perigo da carne, os vegetarianos cahem em outro ainda maior.

(Grifo nosso)

Para entender essa crítica, é preciso considerar o contexto situacional da informação, conhecer que princípios são esses e de onde vêm.

Conforme vinha sendo estampado nos jornais, ora em pesquisa, no início do século XX, havia uma campanha em prol da Modernização, ainda banhada na visão Revolução Industrial, só que, naquela década de 1910, pré-momento da Primeira Guerra Mundial, já havia, por partes de algumas indústrias, a fabricação de explosivos. Estes, por sua vez, estavam sendo reconvertidos para produção de adubos à base de azotados para agricultura. Com isso, vemos a crítica realçar e, ao mesmo tempo, ocultar o conceito de SISTEMA VEGETARIANO.

Assim, surge a Agricultura Moderna, orientada pelos avanços da Modernidade, trazida pelos estados Unidos e pelos avanços tecnológicos do século XX. Nessa época, conforme consta nos jornais, em matérias e editoriais diversos,

que esse avanço trouxe desenvolvimento de vários âmbitos, inclusive o da indústria dos pesticidas que uniformizavam as práticas de agricultura para uma superprodução, isto é, para aumentar os rendimentos, os lucros – objeto e objetivo do novo ciclo de globalização do capitalismo.

Nos mesmos jornais, dessa época, constam críticas diversas a esse desenvolvimento, porque tal produtividade, de modo elevado, contaminava o solo, as águas, a terra e os alimentos. Tudo isso causava efeito na saúde do homem como também dos animais consumidos por aquela sociedade. A agricultura se modernizava, a prática da agricultura crescia e com esta vinham as doenças, como CANCROS – doença típica à época -, que atingiam homens e os animais consumidos na alimentação desse homem. Como se vê, as consequências eram irreparáveis ao ambiente, o que justifica a discussão do cronista, seguida da crítica aos alimentos de base vegetal.

Com base no contexto sociocultural e histórico e nas metáforas conceptuais, apontadas, sistematizadas conforme as construções metafóricas do cronista, constatamos que o conceito de SISTEMA VEGETARIANO, objeto da crítica do autor se fundamenta no conceito de PRODUTOS AZOTADOS, de COMBUSTÍVEL, de PRODUTO INORGANICO, de CONDUTOS DE ACIDENTES INTESTINAIS GRAVES e de PERIGO À BIODIVERSIDADE.

No que se refere à estruturação de metáfora conceptual X SER Y, por parte do cronista, consideramos a construção: VEGETAL É FONTE DE ENERGIA ser a negação dos conceitos das metáforas conceptuais, o que nos leva a compreender a crítica da crise alimentar.

Se se adotassem apenas vegetais, oriundos da produção agrícola, contaminada de adubos azotados, o homem não estaria agindo bem em favor de sua vida; e, se adotasse o seu cardápio à base da carne de herbívoros, estaria agindo de forma incompleta, pois, como colocou o cronista – médico –, é preciso trazer ao organismo humano a carne e os vegetais. Só que, diante daquela conjuntura sociopolítica e industrial, o homem estava à beira de uma crise alimentar e de saúde por conta do alimento que teria de consumir, do tipo *se não comer morrerá e se comer adoecerá*, sob o efeito e a consequência do desenvolvimento industrial.

A seguir prosseguiremos com a análise da crônica Mentira e Insinceridade da década de 1930.

5.2.2 Crônica da década de 1930 (1936): Mentira e insinceridade

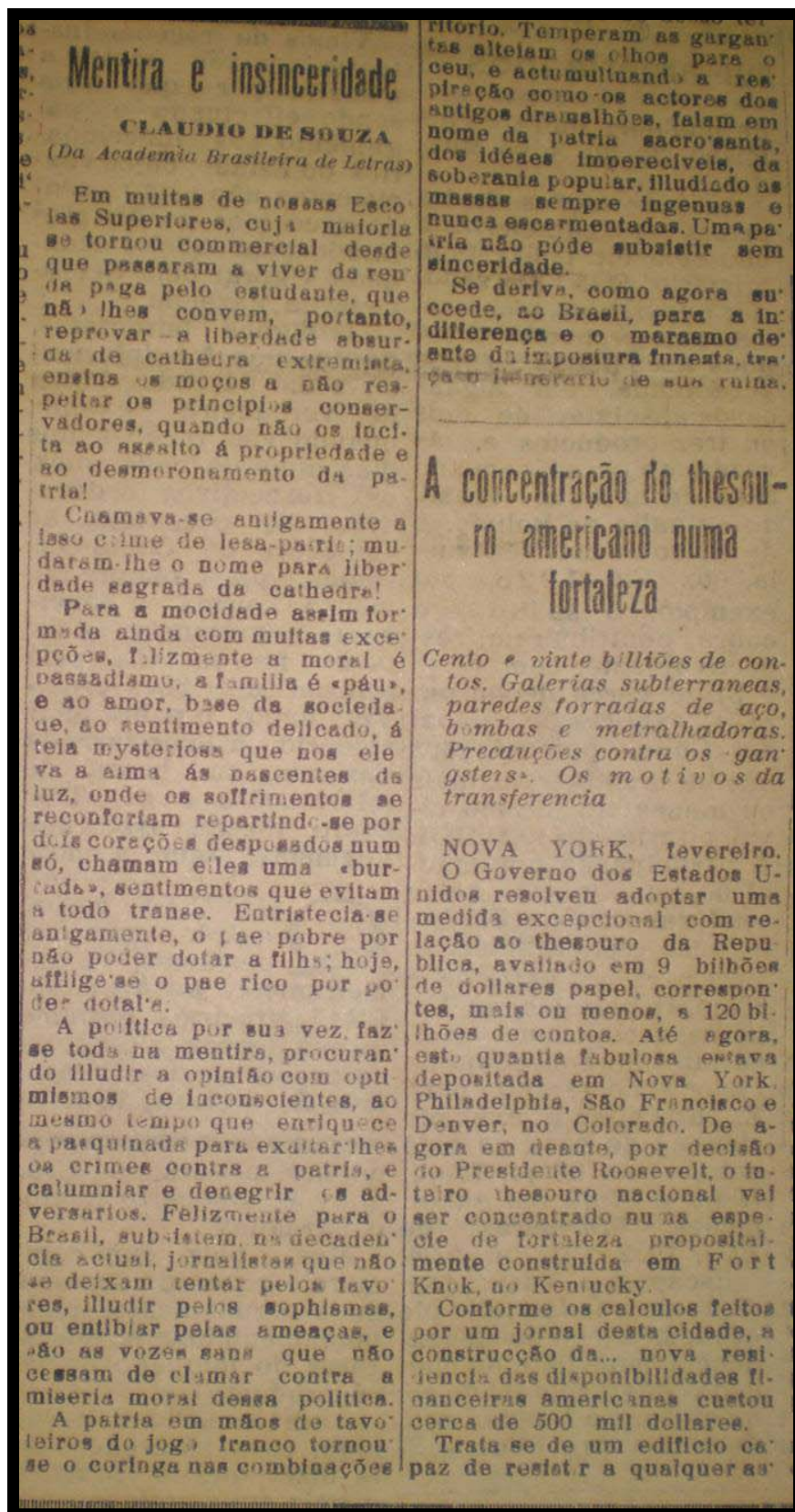


Figura 19 - Mentira e Insinceridade
Fonte: O NORTE, 1936.

A crônica em estudo enfoca a questão do ensino nas escolas superiores, de caráter comercial, idealizada sobre o lema da entrada do Capitalismo para produção da indústria, e do lema País em Desenvolvimento, sob a égide da Segunda República de 1936. Diante desse contexto, o cronista apresenta críticas à natureza do ensino da IES COMERCIAL, ao apontar acusações em torno de aprovação em massa desses alunos; da adoção de um caráter não-conservador na educação dos jovens; e do seguimento de uma ideologia fora dos princípios do amor à Pátria.

Em sua discussão, o cronista apresenta a mocidade de 1936, sendo formada nesse viés, da Liberdade Sagrada de Cátedra, conforme o seu discurso,

Em muitas de nossas Escolas superiores, cuja maioria se tornou commercial desde que passaram a viver da renda paga pelo estudante, que não lhe convem, portanto, reprová-la a liberdade absurda da cathedra extremista ensina os moços a não respeitar os princípios conservadores quando não os incita ao assalto à propriedade e ao desmoronamento da pátria!

Em seguida, coloca seu ponto de vista, diante do procedimento desse ensino,

Chamava-se antigamente a isso crime de lesa-pátria; mudaram o nome para liberdade sagrada da cathedra!
(Grifo nosso.)

E conceitua metaforicamente alguns princípios sociais e culturais, conforme a linha do pensamento desse ensino, que dá “liberdade sagrada” para escolher as disciplinas do curso, liberdade expressão, entre outros ideais:

Para a mocidade assim formada, ainda com muitas exceções, felizmente **a moral é passadismo, a família é <páu>** e **ao amor**, base do sentimento delicado, á tela misteriosa que nos eleva a alma às nascentes da luz, onde os sofrimentos se reconstroem repartindo-se em dois corações desposados num só, **chamam ele de burrada**, sentimentos que evitam a todo transe.

Conforme constatamos, nas construções metafóricas do autor, são conceitos básicos de ordem sociocultural, que são essenciais ao ensino, mas que estão ausentes nessa realidade escolar: MORAL, FAMÍLIA, AMOR DIVINO, AMOR ROMÂNTICO, e CASAMENTO.

O cronista ainda ressalta, em sua crítica, a visão dos pais – ricos ou pobres – daquela sociedade, no que diz respeito ao acesso a essa escola, assim como o tipo de escola que se estava oferecendo,

Entristecia-se antigamente **o pae pobre por não poder** dotar a filha;
 hoje **aflige-se o pae rico por poder adotar.**
 (Grifo nosso)

Para entender o que estava acontecendo nesse momento da discussão do cronista, experienciamos com Ferreira (2006) e Ianni (1963 e 1983), no âmbito sociocultural, o projeto nacionalizador e a proposta educacional que assumia uma dimensão social fundamental. Neste perfil de ensino, a escola seria um local de educar um jovem “brasileiro”; e tinha como preocupação gestar ideias e valores de exaltação patriótica. E, naquele momento histórico, as escolas e o ensino estavam passando por reformas de base educativa, de modo que a escola se mantinha tradicional e as escolas particulares, as chamadas “as escolas comerciais” tinham uma visão de um projeto mais técnico e profissionalizante.

Ianni (1963) mostra, em seus trabalhos, que o ensino técnico destinava-se aos meninos de “pae pobre” (conforme os dizeres do nosso cronista), através do acesso da escola chamada Instituto Comercial e/ou Industrial. Esta tinha como objetivo principal formar jovens para o trabalho técnico, para indústria e artes técnicas. E as escolas, que eram típicas das meninas de “pae pobre”, as que tinham mais acesso à educação, por meio das escolas Normais Superiores, estavam fora dos projetos do ensino particular, pois estas Escolas, que formavam as Normalistas, estavam também se extinguindo com a política desenvolvimentista.

Nessa década de 1930, com base no mesmo Ianni (1963), havia o chamado ensino LICEAL, assumidamente destinado à elite social. E esse mesmo ensino passava pela proposta da Educação Nova, ou Educação para Todos, isto, no sentido da simplificação do currículo, do tipo “pagar cadeiras” ou créditos, retirando algumas disciplinas de ordem filosófica e sociológica.

Para entender a posição do cronista, frente à questão da crise no ensino superior, buscamos nos estudos de Ferreira (2006) alguns dados das práticas políticas pedagógicas nas escolas da Nova República. Tais políticas, expressas nas práticas dessas escolas, configuravam-se dentro de um bojo nacionalizador, no intuito de homogeneizar a sociedade, de inculcar ideias, cujos valores resultariam

numa modernidade com os mesmos ideais e partilhas de sentimentos comuns de pertencimento.

Nessa época, havia Manifestos da Educação Nova, cujo ideal, EDUCAÇÃO É DIREITO DE TODOS, liderado por Fernando Azevedo, o que suscitou a Nova política da Educação no Brasil, como a do Ministério da Educação e da Cultura. Com estes movimentos, incluíam-se os intelectuais negros, os brasileiros naturalizados e imigrantes que se envolviam em busca da inclusão dos jovens em geral (pobres, negros, filhos de imigrante) na escola.

Com base nisso, eis a construção do discurso do cronista,

A política, por sua vez, **faz-se toda na mentira**, procurando iludir a opinião pública com opinismos de inconvenientes ao mesmo tempo em **que enriquece a parquinada para exditar-lhes os crimes contra a pátria** e callumniar e denegrir os adversários.
(Grifo nosso)

Como se pode notar, no discurso, acima, esse sentimento de inclusão social e essa congregação de novos valores na escola superior comercial – de maioria particular - estavam ameaçando a identidade nacional que o Estado Novo propunha, as quais estavam na proposta desse ensino superior particular.

Em Ianni (1963; 1983) consta que, nesse momento da história do Brasil, têm-se as primeiras medidas do “pós-Guerra I”, por parte do governo, tais medidas de caráter nacionalista que regimentavam a administração do ensino. Desse modo, os docentes precisavam apresentar no seu currículo itens básicos do tipo: ser brasileiro nato, dominar o português e ainda ter domínios diversos como: noções de Moral e Civismo, Geografia, História Pátria.

Conforme Ferreira (2006), os professores teriam que atender às exigências desse nacionalismo. A exemplo disso, tinha-se o lema a “Ordem e Progresso” na ordem das pautas das aulas de Educação Física, através das posturas de ordem, de disciplina e de obediência a valores de exaltação à pátria. De acordo com a história nacional e com o discurso do cronista, era preciso referendar os símbolos nacionais, assim como aos personagens sociopolíticos.

Cabe ainda esclarecer que as escolas que estivessem fora desse sistema, fechavam, eram denunciadas, o que significa que as medidas do governo eram coercitivas para manter essa “Ordem e Progresso”. Com base em Ianni (1963),

experienciamos manifestos em busca de uma Educação Nova, nessa época, cujo idealismo: EDUCAÇÃO É DIREITO DE TODOS.

É interessante colocar ainda, a ideia de posição contrária a esses movimentos. Cabe esclarecer que os jornais passavam por censura política, de modo que temos no discurso do cronista a dupla face do problema sob a ótica de dois pólos, o dos que estavam com os ideais do governo; e o dos que estavam fora (sem) desses ideais, do pensamento Nacionalista, os progressistas, por exemplo.

A pátria em mãos de taleiros de jogo franco tornou-se o coringa nas combinações que temperam as gargantas, alteiam os olhos para o ceu, e actumulando a respiração como os actores dos antigos dramalhões, falam em nome da pátria sacro santa dos ideais imperecíveis da soberania popular, iludindo as massas sempre ingenuas e nunca escarmentadas. Uma pátria não pode subsistir sem sinceridade.

Com base no tema central do discurso do cronista, evidenciaremos a investigação, em forma de mapeamento, do conceito de EDUCAÇÃO NAS ESCOLAS PARTICULARES DE ENSINO SUPERIOR. Para isto, ilustraremos o processo desse conceito, conforme descrição das construções metafóricas, construídas e constituídas no discurso do cronista, conforme construções metafóricas descritas abaixo e as metáforas conceptuais licenciadas pela memória cultural, para mostrar o sentido do termo.

Metáforas conceptuais sistematizadas

1. *Ensino superior é um jogo.*
2. *Ensino superior é desconstrutivista*
Ensino superior é anti-nacionalista.
3. *Educação superior é problema social.*
4. *Educação superior é uma entidade política.*

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica

1. Em muitas de nossas Escolas Superiores [...] não lhe convem, portanto, reprovar...
2. [...] a liberdade absurda da cathedra extremista ensina os moços a não respeitar os princípios conservadores.

3. Para a mocidade assim formada, [...] a moral é passadismo, a família é <páu> e ao amor, [...] sentimentos que evitam a todo transe.

[...] Entristecia-se antigamente o pae pobre por não poder dotar a filha; hoje aflige-se o pae rico por poder adotar.

4. A política, por sua vez, faz-se toda na mentira, procurando iludir a opinião publica com opinismos de inconvenientes ao mesmo tempo em que enriquece a parquinada....

Identificamos, na crônica, 01 metáfora, sistematizada pelo cronista, do tipo X SER Y, em cuja visão do cronista diz respeito à questão, ora conceituada nas metáforas sistematizadas por nós, acima: EDUCAÇÃO NAS ESCOLAS PARTICULARES DE ENSINO SUPERIOR É UM MAL SOCIAL, e cujas definições são compreendidas no jogo das construções metafóricas, experienciadas à luz das metáforas convencionais que estão no pensamento ocidental, na cultura das gentes aqui envolvidas.

A seguir, a crônica *O Homem Deus* da década de 1940.

5.2.3 Crônica da década de 1940 (1940): O homem Deus

TOLIO VARGAS
GRE, 20 (Agência
sil) — Informam
o Grande que vai
e subscrição po-
mento ao Presi-
ica, que será er-
da cidade, como
consolidador da

**ÇÃO PERMA-
NCO DIAS NA
NTOS REIS**
20 (Agência Na-
— Sabe-se que
ílio Vargas per-
lias na Fazenda
ressando em se-
alegre onde en-
stro da Guerra
Estado inspecio-
ões do interior.
Monteiro se de-
ete devendo re-
unto com o mi-
tra.

**BATISTA LU-
GOU A SÃO**
0 (Agência Na-
— Procedente
hegou ante-on-
embaixador Ba-
participou das
tadas ao presi-
gas.

**IA FEDERAL
RAIBA** —
temiro de Figuei-
a. telegramas de
motivo da comu-
ver reassumido o
de regresso da
al dos Intervento-
interventores Pau-
Executivo do Ma-
a. José Vicente de
Teixeira Junior e
interinos dos Go-
erritório do Acre,
respectivamente.

O HOMEM DEUS

NÊSTES DIAS SANTIFICADOS, ELE VEMO-NOS À ALTURA DAS GRAÇAS DO DIVINO MESTRE, JÁMAIS ESQUECENDO OS ALTOS ENSINAMENTOS QUE ELE LUMINOSAMENTE LEGOU AO MUNDO

○ BRASIL nasceu, tem vivido e prosperado à sombra da cruz, ungido o seu povo de uma intensa fé naquele doce Nazareno que viera ao mundo, ha tantos séculos, para redimi-lo e salva-lo.

E porque somos um povo possuído dos mais profundos sentimentos católicos, é claro que os últimos dias desta grande semana, a começar de hoje, tenham para todos os brasileiros uma significação excepcional.

E' através deles, sentindo toda a enormidade da tragédia do Gólgota, que melhor apuramos as nossas virtudes cristãs e melhor nos preparamos para acreditar e crer em Jesus, na onipotência de sua força, na beleza sem confronto dos seus ensinamentos e na perenidade do seu reinado sobre todas as coisas.

Porque os seus ensinamentos atravessaram séculos e nunca envelheceram. Atualizam-se sempre e penetram sempre nas consciências, dominando-as e iluminando-as de um estranho fulgor. Nada há com o poder de lhes tirar e diminuir a força da persuasão.

E enquanto tudo envelhece sobre a face da Terra angustiada, eles permanecem com o mesmo viço e a mesma claridade.

Ha momentos em que essa impressão não parece bem exata por que não reflete propriamente a verdade.

E' que por vezes o mundo os esquece, como si todas as consciências entrassem momentaneamente numa fase de eclipse, mergulhassem numa grande noite.

E desentendem-se por isso as nações e surgem as guerras.

O mundo todo se avermelha e se tinge de sangue; imperios se entrecrocizam, tremem e ameaçam ruir; civilizações as mais perfeitas desaparecem, convencendo-nos de que o suave Mestre foi esquecido e desdenhadas as suas mais sabias lições.

Mas logo depois, quando a razão volta a dominar, é para Ele que as vistas se debruçam, inquietas, e é nele que o mundo confia.

E' que a Verdade está e sempre esteve e estará com Ele, na doçura e suavidade infinitas de suas preces, na infinita grandeza dos seus sofrimentos.

O mundo sabe disso. Póde esquecê-los e os tem esquecido alguns instantes, e nisso residem os grandes erros da humanidade.

Mas com que força interior e com que extraordinária união todos nós nos voltamos para o Cristo quando nos apercebemos dos erros cometidos e das faltas a reparar.

E' aí quando sentimos que a sua força e o seu estranho domínio descem mesmo do alto. São obra do Pai, a quem Ele se dirigiu naquele amargo e imperecível instante em que sentiu que ia ser atraído, preso, enxovalhado, negado, crucificado.

Nêstes dias santificados, elevemo-nos à altura das graças do Divino Mestre, jámais esquecendo os altos ensinamentos que Ele luminosamente legou ao mundo.

E que o Brasil do Estado Novo, norteado pelo genio politico do presidente Vargas — o Brasil profundamente cristão, continue sob as benções do céu e as cintilações do Cruzeiro do Sul, realizando o seu destino e cumprindo vigilantemente o seu itinerario, para felicidade de quantos o habitam e amam.

"DOIS PRESIDENTES"

foi o tema de uma conferência do jornalista Danton Jobim — "O que vem realizando o governo do presidente Getúlio Vargas é a obra que o governo dos Estados Unidos emprende por metodos nem sempre idênticos, mas igualmente eficientes"

RIO, 20 (Agência Nacional-Brasil) idênticos, mas, igualmente eficientes, O jornalista Danton Jobim realizou numa ação distinta, mas, paralela.

Figura 20 - O Homem Deus

Fonte: A UNIÃO, 1940.

Neste momento, mostraremos como as metáforas fizeram parte do discurso do cronista, no sentido de ajudá-lo a formar opinião dos interlocutores, e de refletir os acontecimentos da época. Para isso, utilizou-se de um jogo discursivo e metafórico, em abril de 1940, em especial, na Semana Santa, num contexto de fórum religioso, para avaliar conceitos: de um BRASIL CRISTÃO, um BRASIL DO ESTADO NOVO, POVO BRASILEIRO, SEMANA SANTA, ENSINAMENTOS CRISTÃOS, FORÇA INTERIOR, GUERRA, SACRIFÍCIO, ERROS DA HUMANIDADE, e VARGAS – O gênio político.

Para investigar o sentido nas construções metafóricas, esclarecemos que, nessa época, década de 1940, o mundo estava sob a égide da Segunda Guerra Mundial e o Brasil sob o idealismo do pensamento do Estado Novo de Vargas. Como se pode notar, conforme o contexto sociopolítico, o Brasil estava à luz de uma ordem de Repressão Política, de âmbito externo, com as pressões por parte da Alemanha e Estados Unidos – Socialismo e Capitalismo; e interno, com a força da Política Interna de Vargas, meneando tal Repressão de um lado para o outro, isto é, equilibrando essas faces dessa Repressão e da história sociopolítica e cultural.

Com base nos historiadores do Brasil, em especial, Holanda (1997), entre outros, o estilo populista desse Estado Novo, tinha duas faces, “cara e coroa”. De um lado, a cara de um Pai dos Pobres, por institucionalizar o *salário mínimo*, por exemplo, por consolidar Leis Trabalhistas aos brasileiros, conforme a CLT, por exemplo; o que levou o Brasil a uma categoria de país em desenvolvimento. Tudo isso, retratou a imagem de Vargas de ser Homem Bom, Justo, ou até HOMEM DEUS, como está estampado no jornal para intitular a crônica em exame.

Por outro lado, a coroa, em cuja face mostra-se um HOMEM PERSEGUIDOR, que impôs a censura à imprensa, perseguiu líderes sindicais e políticos, contrários ao seu ideário populista. A face deste homem, não é, e não pode ser mostrada na crônica, mas sim no registro dos historiadores.

Com base nesse entendimento, podemos compreender os conceitos, acima mencionados e as construções metafóricas, feitas pelo cronista para discutir a situação do Brasil no (con)texto, ora publicado numa imprensa sob censura, conforme departamento criado por esse governo, o famoso DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda; e, ainda, vale a pena lembrar a “hora do fala sozinho”, que é típico de uma Ditadura, o tradicional programa de rádio, a Hora do Brasil, irradiado de segunda a sexta, às 19h em ponto, conforme o relógio do Senado, hoje em Brasília. Este programa se mantém até hoje, para tratar das questões dos feitos do Estado.

Dessa feita, o cronista se vale das construções metafóricas, assim como do jogo do discurso da ordem religiosa para “poder” se pronunciar e colocar seu ponto de vista, acerca dos fatos e acontecimentos do momento, nesse censurado jornal, que abriga e dá suporte a seu texto e discurso. A começar pelo título:

O HOMEM DEUS

Nestes dias santificados, elevemo-nos a altura das graças do divino mestre, jamais esquecendo os altos ensinamentos que ele luminosamente legou ao mundo.

(Grifo nosso.)

Para situar o contexto cultural, apontou a Semana Santa, conforme a construção metafórica: “Nestes dias santificados”.

E para apontar o contexto sócio-político, coloca que:

O BRASIL nasceu, tem vivido e **prosperado à sombra da cruz**, ungido o seu povo **de uma intensa fé** naquele Nazareno que viera ao mundo, há tantos séculos para redimi-lo e salvá-lo.(...)

O mundo todo se avermelha e se tinge de sangue; impérios se entrechocam, tremem e ameaçam ruir; **civilizações as mais perfeitas desaparecem** convencendo-nos de que **o suave mestre foi esquecido** e desdenhadas as suas mais suaves lições.

(Grifo nosso; Destaque da palavra BRASIL do cronista.)

Ao examinar a crônica, ora estudada, constatamos que as críticas aliadas pelo cronista estão construídas e constituídas por duas estratégias. Primeiramente, vale-se do contexto sócio-religioso e cultural o da Semana Santa para fazer os interlocutores experienciar os ensinamentos de Cristo. Este falava por meio das metáforas, para tratar de questões sociais, “problemáticas”, para as gentes simples, mas sem perder de vista os (in)fiéis de Cristo, mas fiéis a César. Trata-se dos que estavam também entre os interlocutores que recebiam “ensinamentos” e as críticas sociais, veladas e realçadas nas metáforas. Eram “os olheiros da censura” daquele império de César.

E como estratégia dois, apropria-se desse contexto da Semana Santa, para conscientizar o público dos fatos do momento de âmbito interno; para mostrar a situação e a posição do Brasil, diante daquela conjuntura política mundial de guerra e morte; e de luta idealista, em torno dos pólos Comunismo e Capitalismo. Para isso, as construções metafóricas - subsídio da língua e da mente – tem o papel de melhor idealizar os fatos, ao produzir os modelos cognitivos idealizados, os MCIs; e, em seguida, conduzi-los para uma reflexão daquele momento e para uma experiência junto a seu interlocutor, por exemplo,

Mas com **que força interior se criam** e com extraordinária unção **todos nós nos voltamos para Cristo** quando **nós nos apercebemos dos erros cometidos** e das faltas a reparar.

[...] E que o **Brasil do Estado Nôvo**, norteados pelo **genio político** do Presidente Vargas – o **Brasil profundamente cristão** continue **sob as bênçãos do céu e as cintilações do Cruzeiro do Sul** realizando seu destino e cumprindo vigilantemente o seu itinerário [...] (Grifo nosso)

A seguir, sistematizaremos algumas construções metafóricas da crônica, em exame. Tais expressões lingüísticas estão ajustadas à luz das metáforas de base cultural, propostas pelos estudos de Lakoff e Johnson (2002). Apropriamo-nos dessas metáforas conceituais culturais como subsídio técnico e como experiência às construções de nossas metáforas licenciadas por essas construções do cronista. Tais metáforas apresentarão o conceito do termo do **HOMEM DO ESTADO DO NOVO** – o gênio da política

A escolha desse termo, em apreciação semântica de base Semântico-Cognitiva, deveu-se por acreditarmos ser o ponto fulcral da reflexão do cronista, diante dos fatos e acontecimentos históricos. Tais fatos eram temas de grande repercussão ao nível de mundo; e a crônica tem como princípios noticiar, apontar uma posição, e fazer o interlocutor participar das questões em pauta social. Com isso, vemos que a crônica é um gênero que suscita experiência, pela sua propriedade intrínseca e extrínseca de fazer ser um gênero de experiência interativa, cujos participantes são cronista e seu interlocutor; e um gênero que fomenta, difunde pontos de vistas à base de construções metafóricas.

E, ainda, pelo seu jogo do dizer metonímico-metaforicamente, o cronista tomou o Homem – Cristo, de uma situação cultural, pelo Homem – gênio da política. Isto para mostrar o significado do conceito e o retrato do homem que fez nascer e prosperar o Brasil, *O ESTADO NOVO*. Mostra também que, pelo “Homem César”, há a forma de esse homem controlar o país e dominá-lo, administrando-o, internamente, entre duas grandes e perigosas situações, cujas facções levaram o mundo à guerra e à repressão, conforme está refletido no discurso do cronista e da opinião pública, e notícias refratadas nas paginas dos jornais. As amarras dessa facção estão refletidas na forma de governo do Brasil, do então ideologicamente,

colocado como um *Estado Novo*, conforme o termo para conceituar o idealismo de Vargas.

Metáforas conceptuais sistematizadas: O *HOMEM DO ESTADO NOVO* É...

1. *um Deus.*
2. *homem poderoso.*
um rei.
um pai.
3. *um homem influente.*
um humano.
4. *um articulador político.*
um membro de organismos ocultos.
um protegido do alto.

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica

1. O BRASIL nasceu, tem vivido e prosperado à sombra da cruz, ungido o seu povo de uma intensa fé naquele Nazareno que viera ao mundo [...]
2. [...] é melhor nos preparamos para acreditar e crer em Jesús, na onipotência da sua força, na beleza sem confrontos dos seus ensinamentos e na perenidade do seu reinado sobre todas as coisas.
3. Mas com que força interior e com que extraordinária união todos nós nos voltamos para o Cristo quando nos apercebemos dos erros cometidos e das faltas a reparar.
4. E' aí que sentimos que sua força e seu estranho domínio vem do alto

Os aspectos do conceito do *HOMEM DO ESTADO NOVO* tratados, até aqui, conforme sistematizamos nas metáforas, acima, representam, a nosso ver, o conceito desse homem, colocado na discussão do cronista, com cujos conceitos sob a mira de um: *DEUS*, *PAI*, *REI*, *HOMEM HUMANO*, *DEUS MITOLÓGICO*, *GÊNIO DA POLITICA DE 1940*, *CRISTAO*, *SER UMA ESTRELA DO CRUZEIRO DO SUL* e *DEPENDENTE DA ECONOMIA AMERICANA*.

No texto, identificamos 01 metáfora, sistematizada do tipo X SER Y, pelo cronista para conceituar esse *HOMEM DO ESTADO NOVO*:

[...] sua força e seu estranho domínio descem do alto. são obras do pai.
(Grifo nosso.)

O que licencia: SUA FORÇA E SEU DOMÍNIO SÃO OBRAS DO PAI → VARGAS É PODEROSO; VARGAS É ABENÇOADO POR UM PAI QUE VEM DO ALTO.

Com base no texto, licenciemos ainda 01 metáfora estrutural: O PODER ESTÁ NO ALTO, o que nos leva a compreender que *A felicidade de um país está no alto, vem de cima e depende da força interior*. O cronista nos coloca que,

[...] o Brasil profundamente cristão, **continúe sob as bênçãos do céu e as cintilações do Cruzeiro do Sul** realizando seu destino e **cumprindo vigilantemente o seu itinerário para a felicidade** de quantos o habitam o amam.
(Grifo nosso)

O ALTO está configurado na categorização ambígua, que corporifica o Cruzeiro do Sul em dois domínios-alvo: o da localização geográfica - o Brasil está localizado na posição abaixo da América Central (EUA); e, na posição do domínio político-econômico – parte do corpo celeste, em nome do Cruzeiro (Moeda) do Sul, em cujas estrelas cintilam e refletem o domínio e o alvo do Poder Americano, assim como o destino da “felicidade dos brasileiros” serem dependentes dessa economia de base Capitalista. Desta feita, temos *A felicidade do país (Brasil) depende da força superior*.

A título de esclarecimento da crítica do cronista, nessa década, a moeda do Brasil estava sendo convertida de Réis para Cruzeiro, o que justifica a presença da construção,

[...] **sob as bênçãos do céu e as cintilações do Cruzeiro do Sul** realizando seu destino...
(Grifo nosso)

Abaixo, trataremos da crônica *Rádio: música popular*, da década e 1950, para experienciarmos, pelo ponto de vista do cronista, a discussão da nova música que surgia numa situação sociocultural pós- Guerra.

5.2.4 Crônica da década de 1950 (1950): Rádio - Música popular



Figura 21 - Rádio: Música Popular
Fonte: A UNIÃO, 1950.

A crônica em referência trata da discussão em torno da nova música, que estava como alvo de diversas críticas na década de 1950. Com base nesse foco de discussão, apresentado pelo cronista, a NOVA MÚSICA DE 1950, é que tomaremos este termo para o estudo do seu significado, à luz da teoria de Lakoff e Johnson (2002).

Para uma melhor compreensão do processo do sentido, estabelecido no discurso do cronista, situaremos a questão da música popular brasileira por um viés sócio-histórico, político e cultural, em torno do tema que ilumina a crônica, como também o panorama musical do Brasil à época: *a música popular brasileira da década de 1950*. Para isso, faremos um recorte da história na cultura, do tempo da discussão, apresentaremos de forma breve, a título de contextualização esse momento e esse meio musical brasileiro, que estava sendo polemizado na Imprensa falada e impressa. Dessa forma, tomamos os estudos de Egg (2004), que tem como preocupação analisar esse meio musical.

Conforme Egg (2004), na virada da década de 1950, o meio musical brasileiro envolveu-se num grande e polêmico debate sobre a validade de certas técnicas de composição de vanguarda. Com isso, compositores, críticos musicais, jornalistas, militares, e militantes comunistas discutiam na imprensa o uso da técnica dodecafônica de composição.

Conforme Egg:

[...] o uso da técnica dodecafônica de composição dividia entre os que defendiam a pesquisa estética (e conseqüentemente o livre uso desta ou de qualquer outra técnica de composição) e aqueles que consideram a música dodecafônica uma ameaça à identidade musical do país. (EGG, 2004, p. 2).

E o cronista apresenta a discussão da seguinte forma: coloca a questão para ser experienciada pelo interlocutor do jornal, transportada de uma entrevista radiofônica, feita pela estação de Rádio KRE, de Berkeley, na Califórnia, com o crítico musical Ruddy Rich.

A música popular de nossos dias esta errada, afirma Ruddy Rich, não tem havido nada de interessante em musica popular, excepto o movimento dos chamados “progressistas”. Mas estes “progressistas” estão produzindo música que está totalmente fora do alcance da inteligência e da cultura do ouvinte comum.

Ruddy Rich acha que a nova musica tem bem pouco de musica.

Como se pode notar, a discussão tomou uma amplitude de âmbito não só nacional como internacional. O que revela, à época, o quanto o valor da música popular e erudita eram preservadas e conceituadas, a ponto de uma nova vanguarda ameaçar a identidade musical do país. A título de experiência, apresentaremos, em linhas gerais, de que trata essa técnica dodecafônica na composição da música popular brasileira.

Com base em Egg (2004), a técnica do dodecafonismo refere-se ao não-cumprimento do princípio clássico das sete notas musicais, encadeadas dependentemente, *dó ré, mi fá sol lá si dó*. E, como isso, a música dodecafônica refere-se à utilização sistemática de doze sons existentes na escala musical, de forma que o uso dessas doze notas, de forma independente, desestrutura o conceito de tonalidade clássico tonal, ou seja, há, nesse uso, uma politonização desses doze tons, de forma independente, não-sequencial, livre das sete notas clássicas. Dessa feita, surge um novo estilo.

A exemplo desse estilo de música, posicionada à luz dessa dodecafonía, temos o compositor Arrigo Barnabé, cujas letras e canções já ganharam seu espaço na história da música popular brasileira. Para melhor entendimento, tomemos a canção *Acapulco Drive-in*, do compositor Arrigo Barnabé, no Brasil:

Boca da noite
Boquinha de gata
Chupando, mordendo
Bala de conhaque
Colored
Color na garoa
Dentro do maveric
Cheirando a jasmim
Passa o coroa
Fazendo sinal
- ei, psiu, psiu, princesa
Você já foi ao play center?
- hum, mas que ideia extravagante...
- então que tal uma tela?
- ah, essa não
- topas um drinque num drive-in
- meu preço é alto
- por você eu faço tudo
Por você eu perco o juízo
- tire. quero sua pele parda
Lábios de carmim
Brr... tentação nua

Empina o volante
 No zíper, a surpresa que já tarda
Calcinha imitando pele de leoparda
 ACAPULCO DRIVE-

(In: **Enciclopedia de Música Brasileira**)

O cronista contextualiza a questão, quando aponta um fato social, político e histórico para o interlocutor da crônica, ao afirmar, “porém”, colocando um recorte do discurso de Rich:

“A música popular não recebeu a injeção de valores novos de que necessita e seria a única coisa capaz de elevá-la aos níveis de antes da guerra.”

“E a menos que se estude harmonia desharmoniosa jamais se entenderá o que está acontecendo quando se toca a música dos ‘progressistas’.

Eu confesso que não entendo nada.

A crônica traz um divisor de águas para a questão: a Segunda Guerra Mundial, assim como uma divisão com duas facções, cujos movimentos e pensamentos políticos se aninharam no seio do Estado Novo de Vargas, o Movimento Progressista e o Nacionalista.

Os compositores, ideologizados à luz da linha progressista, trazem as novidades da Vanguarda Musical da Europa e dos Estados Unidos da América na produção da música, que, aos olhos do cronista, tais novidades nada acrescentam, porque estão fora do alcance, da inteligência e da cultura local, ameaçando a identidade nacional.

No outro ponto de vista, estão os Nacionalistas, idealizados à luz da política de Vargas, negando essa tendência da chamada *Música Viva*, conforme termo utilizado por Egg (2004).

Com base nesse entendimento, compreendemos que a música popular de 1950 era considerada a música dos progressistas, feita por compositores de esquerda ao pensamento do Estado Novo de Vargas. Segundo Egg (2004), esses congressistas eram considerados comunistas. Dessa feita, a modernização, que eles traziam, influenciava a cultura nacional e, com isso, a música se tornava instrumento primordial para difundir os ideais progressistas e comunistas à população.

A seguir, estrategizaremos o processo de significação do termo MÚSICA NOVA, conforme mapeamento feito com base nas metáforas conceptuais de Lakoff e Johnson (2002) e das metáforas licenciadas a partir das construções metafóricas do cronista. Com base nesse processo, é que podemos compreender como se estabeleceu a crítica colocada no texto, em torno da MÚSICA NOVA e quais conceitos estão por trás do significado desse termo.

Metáforas conceptuais sistematizadas: *MUSICA NOVA* (1950) É...

1 cultura inútil.

produto ideológico.

loucura.

produto ininteligível

produto irrelevante para identidade nacional.

2. instrumento de ideias progressistas.

3. coisa nova.

ritmo desentoado.

objeto contraditório.

4. letra ilegível.

são idéias sem sentido.

5. equivoco cultural.

objeto de avaliação social e político.

6. organismo fraco.

objeto de discussão internacional.

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica

[...] “Mas estes progressistas estão produzindo musica que está absolutamente fora do alcance da inteligência e cultura do ouvinte comum”.

2. [...] “Não tem havido nada de interessante em musica popular excepto o movimento chamado ‘progressistas’.

3. Não é possível dançar essas coisas novas, a menos que se tome um curso especial de 30 anos de duração. / E a menos que se estude hamonia deshamoniosa (...)

4 Eu confesso que não entendo nada.

[...] jamais se entenderá o que está acontecendo quando se toca a musica dos progressistas

5. “A musica popular de nossos dias está errada”.

[...] Não surgiu – diz ri Rich nenhuma banda nova de real valor nos últimos quatro ou cinco anos injeção de valores novos de que necessita...

[...] Porisso, a musica popular não recebeu a injeção de valores novos seria a única coisa capaz de eleva-la aos níveis antes da guerra.

6. Estas observações de Ruudy Rich foram feitas durante uma entrevista radiofônica irradiada pela estação KRE de Berkeley da California.

Com base na demonstração acima, podemos compreender que o conceito de MUSICA NOVA, conceptualizada pelo cronista para difundir seu ponto de vista, suscitou dos conceitos de INSTRUMENTO DO MAL, IDEOLOGIA DE PROGRESSISTA, CULTURA INÚTIL, AMEAÇA À IDENTIDADE NACIONAL.

A crônica, ora apresentada, tem característica e estratégia de estruturação da ordem composicional do gênero texto, tem um perfil diferenciado e rico, quando comparada à estrutura composicional das outras crônicas aqui examinadas.

Trata-se de uma estratégia discursiva de mixar uma entrevista com o texto crônica. Tal esquema de comunicação, em forma de crônica, deu uma maior ênfase na crítica que o cronista quis difundir para música nova. Para isto, colocou um esquema linguístico de discurso direto, trazendo para a crônica a entrevista de âmbito internacional, na figura de Ruddy Rich, para opinar e autorizar o ponto de vista de interesse desse cronista, dos Nacionalistas do estado Novo e do jornal. Em nome e na voz de Rich, diretamente da RKE, na Califórnia, o autor conceitua a MÚSICA NOVA DE 1950.

Na crônica, constatamos 02 construções que podem ser consideradas como metáforas conceptuais sistematizadas pelo cronista, do tipo X SER Y: **A INJEÇÃO DE VALORES NOVOS SERIA A ÚNICA COISA** CAPAZ DE ELEVÁ-LA AOS NÍVEIS ANTES DA GUERRA; e **NÃO É POSSÍVEL** DANÇAR ESSAS COISAS NOVAS → *DANÇAR ESSAS COISAS NÃO É POSSÍVEL*.

A seguir, examinaremos a crônica da década de 1960, *Voltando à pena de morte*.

5.2.5 Crônica da década de 1960 (1960): Voltando a pena de morte

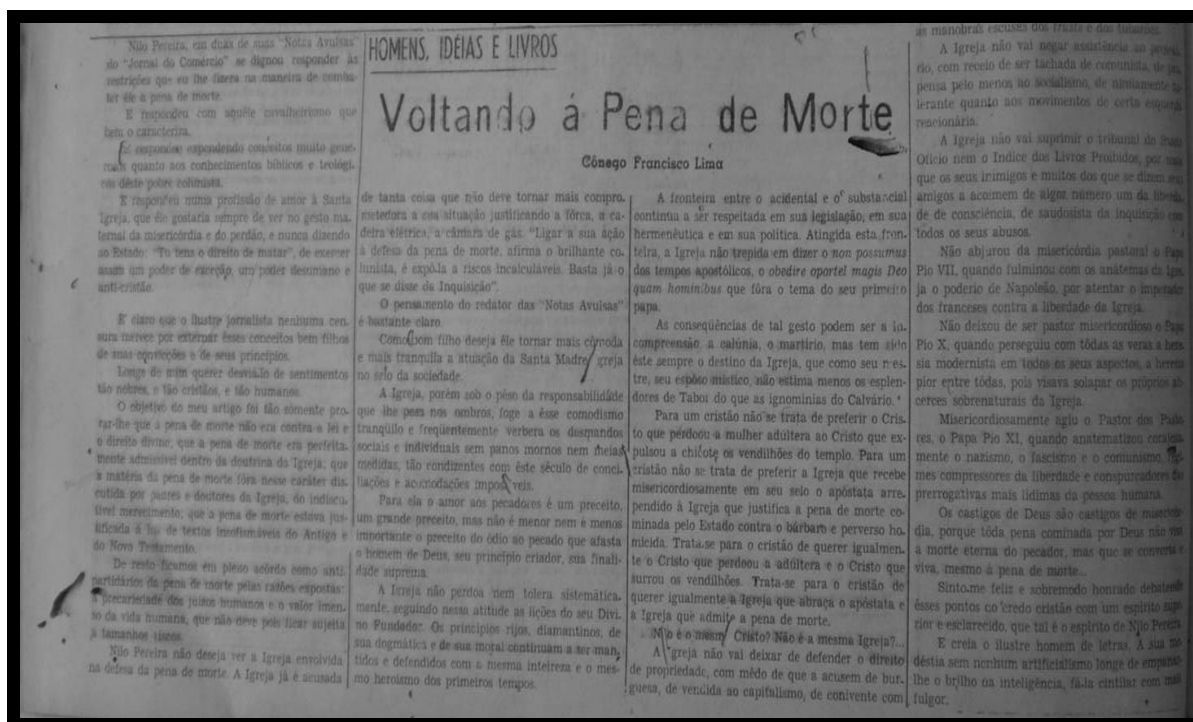


Figura 22 - Voltando a Pena de Morte

Fonte: A IMPRENSA, 1960.

A crônica acima mostra um relato de um redator Nilo Pereira, referindo-se a uma das falas, contidas num depoimento dado ao Jornal do Comércio em Recife, denominado de *Notas Avulsas*. Esse depoimento foi feito para tratar da questão *A volta da pena de morte*, cuja discussão gira em torno do conceito do termo *Pena de Morte*, por dois pensamentos, o da Igreja e o do Estado.

Vejamos como o cronista estrategizou a organização do gênero textual, para discutir e noticiar a questão polêmica VOLTANDO PENA DE MORTE:

Nilo Pereira, em duas de suas “Notas Avulsas”, do “Jornal do Comercio” se dignou de responder as restrições que eu lhe fizera na maneira de combater / [] le a pena de morte.

E respondeu com aquele cavalheirismo que tão o caracteriza quanto aos acontecimentos bíblicos.

Vi responder expondo conceitos muito genéricos e teológicos deste pobre colunista.

E respondeu numa profissão de amor à santa Igreja que ele gostaria de ver no gesto maternal da misericórdia e do perdão e nunca dizendo ao Estado “Tu tens o direito de matar” de exercer assim um poder de execução um poder desumano e anticristão.

[...] O pensamento das “Notas Avulsas” é bastante claro.

Para situar a questão em foco, colocada pelo cronista, Cônego Francisco Lima, faremos, em linhas gerais, um breve panorama desse tema à época, década de 1960, no que tange o Brasil. Conforme pesquisas em jornais paraibanos e jornais nacionais, especialmente, “O cruzeiro”, de 30 de julho de 1960, momento contemporâneo ao da discussão do cronista, havia uma grande polêmica em torno da possível volta da Pena de Morte. De modo que boa parte da sociedade, conforme representada aqui por intelectuais de várias áreas das ciências políticas e sociais, se posicionam diante dos acontecimentos que envolvem essa temática em jornais. Tais intelectuais refletem a questão, do ponto de vista sociocultural e jurídico para colocar a sociedade a par dos acontecimentos, perante a Lei.

Abaixo, colocamos à mostra uma página do “Cruzeiro”, jornal de grande circulação para compor o coral de discussão: Rio, Recife e Paraíba, em torno do que significava essa Volta da Pena de Morte.

No caso, apresentaremos parte de uma primeira página do “Cruzeiro” do Rio de Janeiro (1960), onde os intelectuais juntam-se também nos jornais diversos para avaliar a Volta da Pena de morte, suscitada pelas gentes, e motivados por um fato “particularizado”, O caso da Penha, no Rio - o da Mulher-Monstro (Neide), ou, também chamado de caso da Menina Tânia -, barbaramente assassinada. Este assassinato, feito por “Neide” foi considerado pela sociedade em geral como crime hediondo, de modo que a população chegou a cogitar a volta da pena de morte. No Brasil.

Tal acontecimento foi bem oportuno à época e aos acontecimentos que envolviam esse ponto PENA DE MORTE, velado e vetado para notícias. Oportuno também por colocar a sociedade em alerta, diante de casos isolados, do tipo político, que aconteciam, mas que não eram possíveis discutir formalmente num jornal, por exemplo. Tal caso “calçou como uma luva” nas mãos dos intelectuais e dos cientistas sociais para colocar as autoridades legais frente à questão e para rever a Constituição, que regia naquele momento, cuja orientação jurídica vedava a Pena de Morte.

A título de melhor esclarecer os conceitos da VOLTA DA PENA DE MORTE, estabelecidos na crônica em discussão, eis uma página do “Cruzeiro”:



Desembargador Romão C. Lacerda é favorável a uma reforma penal.

O Cruzeiro - 30 de julho de 1960.

Autoridades pedem a reforma do Código Penal

No Rio há mais crimes que em toda a Inglaterra



Prof. Jurandir Manfredini: "Quem mata criança não merece perdão".

O PROFESSOR Jurandir Manfredini, docente de Psiquiatria da Faculdade de Medicina, ex-diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, diz: -“Em princípio, sou contra a pena de morte, com exceção de alguns casos, nos quais sou francamente favorável a essa punição. Por exemplo, todos os crimes contra crianças, como ataque, estupro, sevícia, ou morte cruel - caso da mulher-monstro da Penha - só podem ser punidos com a execução sumária do criminoso. Do mesmo modo, os crimes contra velhos indefesos devem merecer a mesma pena. Nestes aspectos, acho que o Código Penal brasileiro é deficiente e muito benévolo, o que tem permitido, pela impunidade, o aumento progressivo de crimes dessa natureza. Devemos acentuar que os países mais civilizados da atualidade adotam a pena de morte para certos casos de crimes perversos, e até mesmo para crimes que, aqui, seriam considerados leves. Considero que não haveria, em absoluto, regresso social ou cultural se o Brasil também adotasse a medida. O que, desgraçadamente, vai acontecer com Neide é que, protegida pela benevolência da nossa Lei e a intervenção da dialética dos advogados, essa criminosa acabará tendo uma penaleve, se não fôr até absolvida - o que não é de surpreender em face dos nossos costumes judiciais onde a impunidade é a regra comum”.



Cordeiro Guerra: pede a aplicação de pena rigorosa para Neide.

DISCUTE-SE se a mulher-monstro é demente ou normal. O Delegado Olavo Campos Pinto, do 24.º Distrito Policial, onde Neide confessou o crime, afirma que a bêsta-humana manteve, durante o tempo em que ali permaneceu, o comportamento de todo criminoso sabido e manhoso, que esconde o crime, inventa histórias, dá pistas falsas, nega a autoria, e o pouco que confessa é o que não pode ser mais negado. - “Assim procedeu Neide”, diz o Delegado Olavo Campos Pinto. -“Ela negou, negaciou, protestou inocência até o momento em que lhe mostramos o revólver e a bala com que varara o crânio de Tânia Maria”. Dissemos-lhe que, se o revólver era dela, fôra ela quem matara a criança. Neide, espavorida, perguntou: -“E por que havia de ser eu?” Explicamos-lhe que um revólver tem raia dentro do cano; que a bala, quando é expelida, sai girando e que o projétil apresenta as marcas das raia do cano. Ela examinou o cano do revólver, viu que de fato tinha estrias. Mostramos-lhe a bala e ela viu que de fato havia os arranhões das estrias. Mostramos-lhe o laudo dos peritos criminais, que em poucas horas ficara pronto. Neide, então, se transfigurou, sentindo que a máscara de inocência, de que se munira, acabava de cair. Sua resistência à confissão arrefecera. Ela hesitou algumas horas mais a contar como praticara o crime. De repente, teve uma crise de choro, e confessou tudo. Era o desabafo. Com minha experiência de velho policial, digo que ela se comportou no Distrito como uma criatura perfeitamente normal e consciente. Tanto que, após confessar em cartório, eu lhe disse: -“Agora só falta você pagar pelo que fez”. Ela respondeu: -“Eu mereço”.



Delegado Olavo C. Pinto (acima) e Promotor Everardo Lima.



O DR. Cordeiro Guerra, ex-promotor do 1.º Tribunal do Júri que marcou sua passagem por aquela tribuna, atuando em alguns casos que fizeram época nos anais forenses e exerce atualmente a função de assistente do Procurador-Geral da Justiça da Guanabara, fez as seguintes declarações: -“A admitir-se a responsabilidade penal da acusada, Neide Maia Lopes, a pena aplicável deverá ser imposta em sua plenitude, com o maior rigor. Difícilmente se encontrará uma personalidade tão insensível, perversa, uma intensidade de dolo tão grande, uma capacidade de dissimulação tão excepcional - tudo em ação contra uma criança indefesa. Considerando as circunstâncias do crime, pode-se dizer que a êle se aplicam numerosos agravantes previstos no Código Penal. É preciso que o tempo não apague da mente popular o horror do crime, e que, depois, não tenhamos o paradoxo freqüente de ver o criminoso objeto de simpatia ou piedade. Fatos como êste e como outros que ainda recentemente abalaram a opinião pública, estão a indicar que já se aproxima a hora da revisão dos Códigos Penal e de Processo Penal, no Brasil. O homicídio qualificado por motivo torpe, praticado contra criança, com requintes de perversidade, dificilmente escaparia à penacapital nas legislações dos povos mais cultos”.

PRONUNCIANDO-SE contra a pena de morte, mas pedindo apenas a mais severa possível, o Promotor Everardo Moreira Lima que acaba de reassumir suas funções no 1.º Tribunal do Júri, assim se expressou: -“A pena de morte é anacrônica e sua adoção como meio de punir o crime é anti-histórica. A pena de morte, que é contemporânea das civilizações mais elementares, vem paulatinamente desaparecendo das legislações, e mesmo nos países que a prescrevem é restrita sua aplicação. A proceder o argumento do maior efeito intimidativo, teríamos de retornar ao sistema das penas aflitivas e infamantes, como a lapidação, a impalação, o chicote, a golilha e o pelourinho e a ninguém de bom-senso pode ocorrer tal ideia. No caso brasileiro, penso que precisamos reformar nosso Processo

Penal, e dotar a Polícia e a Justiça de elementos pessoais e materiais em número suficiente para a boa consecução de sua tarefa, criando novas Varas para dar andamento rápido aos processos. Atualmente, os julgamentos são retardados, a distância leva a uma decisão que não consulta os interesses da sociedade. Para mim, o julgamento imediato dos crimes é mais importante que o rigor da pena. Quanto ao crime de Neide Maia Lopes, que traumatizou a opinião pública brasileira, na hipótese de ser ela responsável e de mente sã, estará configurado o homicídio qualificado por motivo torpe e emprêgo de meio cruel, com a agravante de ter sido praticado contra criança. Está sujeita à condenação de 12 a 30 anos, e o juiz deverá aplicar a pena máxima. Acrescentando-se a pena de 2 a 8 anos, pelo seqüestro, essa criminosa bárbara poderá pegar 38 anos de prisão. O dispositivo de que o réu condenado a mais de 20 anos tem direito a novo júri deve ser extinto do Código Penal".

OPINIÃO das mais abalizadas é a do Desembargador Romão Côrtes de Lacerda, não só pela função que exerce como pela larga experiência que possui no manuseio de processos criminais de toda espécie. Diz êle: - "As penas eliminatórias - pena de morte ou prisão perpétua - são adotadas na luta contra a criminalidade pela maioria dos povos mais cultos. Tenta-se contestar a eficácia de tais penas com o recurso às estatísticas, sempre equívocas. É inútil, como diz Tarde, argumentar com isso quando são as próprias associações de criminosos ("gangs"), que, nos seus códigos draconianos, reconhecem essa eficácia, cominando a pena de morte a torto e a direito aos seus parceiros. (Lembrem-se os pactos da "Maffia"). São ainda os delinqüentes que reconhecem a força intimidativa da pena de morte, praticando assaltos sem armas, onde até os policiais trabalham desarmados". Na exposição de motivos do Código de 1930. Rocco apresentou o melhor exame possível dos argumentos pró e contra a pena capital, então adotada e substituída, com a República, pela prisão perpétua. Lembrando o caso da Suíça, salientou que a história da pena de morte é uma seqüência de supressões e restaurações. Beccaria a justifica como "justa e necessária quando se julga que a morte de um indivíduo se impõe ao bem público. Santo Tomás de Aquino a aceitava. Rocca reputa-a necessária para os crimes mais graves, aqueles que profundamente comovem a opinião pública e põem em perigo a paz social. Se põe termo aos crimes mais graves, é certo que também os diminui, donde a resistência dos países que a adotam em aboli-la. Nos crimes mais atrozes, abre-se ao legislador, conforme observou Tarde, um dilema: ou fazer morrer sem fazer sofrer, ou fazer sofrer sem fazer morrer. E, dificilmente, se concluirá que a última solução é mais justa e humana que a primeira. Dizer que a pena de morte não põe termo ao crime é aconselhar a abolição de todas as leis penais, porque também elas não porão termo à criminalidade. Por outro lado, argumentar pela abolição da pena de morte, com a possibilidade dos erros judiciários, é como justificar a abolição da Medicina, com os erros dos médicos, que causam mortes com mais freqüência que os erros dos juizes. Ademais, os erros da Justiça são muitíssimo mais difíceis, só se aplicando a pena capital quando provado fora de dúvida o crime. No Brasil, praticamente, a pena, nos delitos mais graves, não passa de 15 anos, graças à facilidade legal do livramento condicional, que reduz à metade as penas detentivas ou a 2 terços na reincidência. É claro que essa fraqueza influi, decisivamente, para a exacerbação da criminalidade no País, onde os mais temíveis delinqüentes voltam sempre à circulação para de novo delinqüir, como é notório entre nós. Os piores homicidas, na verdade, são condenados a 12, 20, 24 anos e raramente a 30. Graças ao livramento condicional, voltam ao convívio social após cumprirem a metade ou 2 terços dessas penas... Não é de admirar, pois, que haja mais homicídios no Rio de Janeiro que em toda a Inglaterra. É que, naquele país, o criminoso não escapa: ou é condenado à morte ou à prisão perpétua; se louco, é internado por toda a vida. A enérgica repressão penal é ainda o meio mais eficaz para a defesa social contra o crime, sendo de notar que os Códigos Penais mais severos do Mundo são precisamente os das nações mais cultas, que adotam sempre penas eliminatórias - morte ou prisão perpétua - para crimes como êste, que está causando grande comoção na opinião pública brasileira".

Figura 23 - O Cruzeiro

Fonte: O Cruzeiro.C.1, p.1, Rio 30 de jul de 1960

Acerca dessa "volta", experienciemos com Cabral (2009) a Pena de Morte em 1960. A autora mostrou que a prática existia, especialmente, na década de 1930, visto que era parcialmente legalizada, para os casos de homicídios - quando considerados como crimes hediondos; para os casos de crimes de caráter político; e para casos de efeito intimidativo. Conforme a mesma autora Cabral, tal prática foi vedada para qualquer caso, a partir da década de 1940, em especial, com a Constituição de 1946.

Voltando à discussão para o jornal da Paraíba, em “A Imprensa”, vamos compreender o teor da crítica e da reflexão ali em pauta. Pelo texto, vemos que o cronista quer trazer à discussão dessa possível “volta”, colocando os dois poderes, que, naquele momento, opunham-se, em torno da prática de execução por qualquer técnica, e do que esta prática significa para essas entidades: o Estado e a Igreja.

Conforme o cronista colocou no discurso, constituído no texto, partes da fala do articulista de Notas Avulsas, Nilo Pereira, para mostrar algumas posições como a do Estado, da Igreja e da opinião da sociedade cristã:

“O objetivo do meu artigo foi tão somente provar-lhes que a pena de morte não era contra lei e direito divino, que a pena de morte era perfeitamente admirável dentro da disciplina da Igreja, que a matéria da pena de morte fôra discutida por padres e doutores do indiscutível merecimento”.
(As aspas para indicar o depoimento do articulista do Jornal do Comércio na crônica.).

Em relação ao Estado,

[...] e nunca dizendo ao Estado “Tu tens o direito de matar” de exercer assim um poder de execução um poder desumano e anticristão

Tal discurso, esquematizado no discurso indireto do cronista, quer mostrar a posição da Constituição Brasileira, conforme a História, ora permite, ora veda a prática da pena de Morte.

A posição da Igreja,

A igreja porém sob o peso da responsabilidade que lhe pesa nos ombros foge a esse comodismo tranqüilo e freqüentemente verbera os demandas sociais e individuais em panos mornos nem meias medidas tão condizentes com este século de conciliações e acomodações humanamente impossíveis.

E o cronista mostra a posição do cristão, para velar a posição dos dois pensamentos, a do articulista das Notas Avulsas; e a do redator da crônica, em exame, para desvelar, através das construções metafóricas, as verdades, em formas de conceitos.

E fecha o texto com a posição do articulista,

Sinto-me feliz e honrado debatendo esses pontos com um credo cristão com um espírito por manter esclarecido que tal é esse o espírito de Nilo Pereira.

E creio o ilustre de letras a sua modéstia sem nenhum artificialismo longe de impedir-lhe o brilho da inteligência para cintilar com mais vigor.

(Grifo nosso)

As metáforas são conceptuais por natureza e desempenham um papel central na construção da realidade social e política na fala do cotidiano. E para adquirir a verdade, num certo entendimento, nada melhor que fazer uso de metáforas, já que emergem de nossas experiências, e, para isso, e através delas, buscamos no mundo experiências outras para garantir esse entendimento.

Vejamos como o cronista assim o fez:

Para um cristão não se trata de preferir o Cristo, que perdoou a mulher a mulher adúltera ao Cristo que expulsou a chicote os vendilhões no templo. Para um cristão não se trata de preferir a Igreja que recebe misericordiamemente em seu seio o apostata arrependido à Igreja que justifica a pena de morte cominada com o Estado contra o bárbaro e perverso homicida. Trata-se para o cristão de querer igualmente a Igreja que abraça o apostata e a Igreja que admite a pena de morte.

Ao avaliarmos a discussão, colocada pelo cronista, em torno da questão polêmica à época A VOLTA DA PENA DE MORTE, compreendemos que ele quer mostrar a temática sendo avaliada por dois poderes: de um lado, o Estado; do outro a Igreja e, no meio dessas entidades, está o problema social a PENA DE MORTE.

Com base nesses depoimentos, aliados na crônica, experienciamos os conceitos desse termo, com base nas construções metafóricas, eliciadas no gênero, nas metáforas conceptuais de base cultural, conforme descrição apontada abaixo.

Conceito: PENA DE MORTE É... nas metáforas estruturadas e licenciadas nas estruturas discursivas do cronista.

1. *Pena de morte é...*

um ato desumano.

um ato anticristão.

prática do poder do Estado.

2. *pena contra lei dos homens.*

pena contra o direito divino.

objeto de discussão social.

3. *objeto de consciência, de censura.*

Instrumento de repressão.

4. *controle social.*

ideologia.

instrumento de intimidação.

5. *covardia humana.*

Instrumento de poder.

Estruturas linguísticas metafóricas marcadas na crônica

1. E respondeu numa profissão de amor à santa Igreja que êle gostaria de ver no gesto maternal da misericórdia e do perdão e nunca dizendo ao Estado “Tu tens o direito de matar” de exercer assim um poder de execução um poder desumano e anticristão.”

2. E respondeu numa profissão de amor à santa Igreja que êle gostaria de ver no gesto maternal da misericórdia e do perdão e nunca dizendo ao Estado “Tu tens o direito de matar” de exercer assim um poder de execução um poder desumano e anticristão.”

3. A igreja porém sob o peso da responsabilidade que lhe pesa nos ombros foge a esse comodismo tranqüilo e freqüentemente verbera os demandos sociais e individuais em panos mornos nem meias medidas tão condizentes com este século de conciliações e acomodações humanamente impossíveis

4. Para um cristão não se trata de preferir o Cristo, que perdoou a mulher a mulher adúltera ao Cristo que expulsou a chicote os vendilhões no templo. Para um cristão não se trata de preferir a Igreja que recebe misericordicamente em seu seio o apostata arrependido à Igreja que justifica a pena de morte cominada com o Estado contra o bárbaro e perverso homicida. Trata-se para o cristão de querer igualmente a Igreja que abraça o apostata e a Igreja que admite a pena de morte.

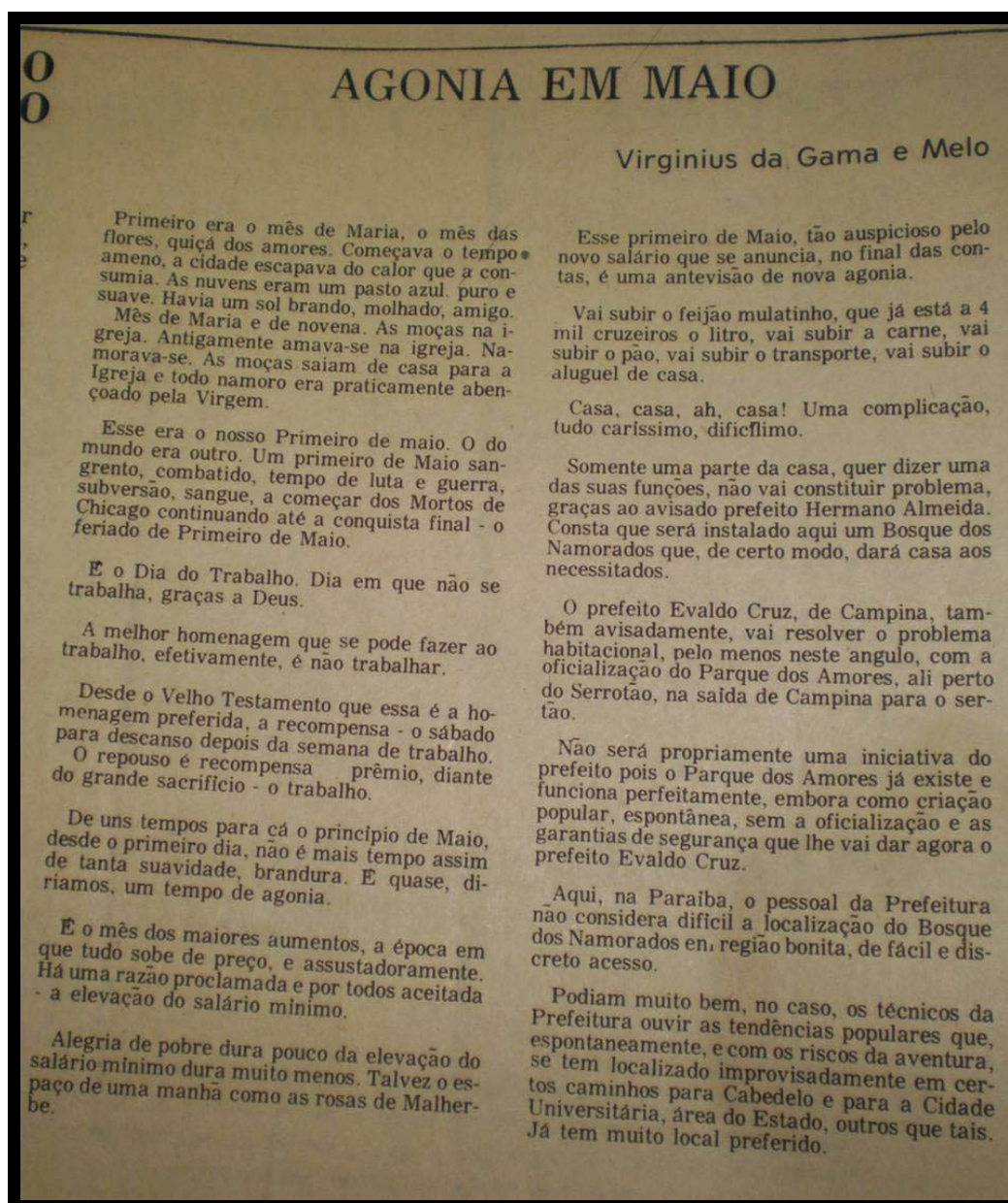
5 Não é o mesmo Cristo? Não é a mesma Igreja?...

A Igreja não vai deixar de defender o direito de propriedade, com medo de que acusem de burguesia e de vendida ao Capitalismo, de conivente com as manobras

Podemos verificar que o conceito de PENA DE MORTE gira em torno de ORGANISMOS, PROBLEMAS PRECIPITATIVOS, LUTA PODER, VISÃO, RECURSOS.

Na próxima seção apresentaremos a crônica *Agonia em maio*, referente à década de 1970.

5.2.6 Crônica da década de 1970 (1975): Agonia em maio



Quadro 4 - Agonia em Maio
Fonte: O NORTE, 1975.

Para fazer o estudo da crônica em referência, "*Agonia em maio*", procuramos situá-la no âmbito sociocultural, na tentativa de compreender o tema em discussão, com base no Dia 1º de Maio, obviamente, aqui, tomado pelo Dia do Trabalho. Com

base nesse tema, evidenciaremos a crítica que está por trás do discurso do cronista, assim como o ponto de vista dele, acerca do significado desse feriado e âmbito nacional, só que é de seu interesse realçar diante da questão: agonia em maio, por vários motivos: mês da fé, da das flores, da inflação, de comemorar e refletir as questões sociais, especialmente, o trabalho e a renumeração deste, em termos dos Direitos Trabalhistas.

Com base nesse foco de discussão é que pontuaremos qual o conceito do Feriado, com a COMEMORAÇÃO: 1º. de Maio – Dia do Trabalho. De acordo com o texto, o princípio de maio referenda:

[...] Era o mês de Maria, era o mês das flores, quiçá dos amores. [...]
Esse era o nosso primeiro de maio. O do mundo era outro. [...]
É o dia do Trabalho.
(Grifo nosso).

Para compreender tal conceito, evidenciaremos as críticas apontadas pelo cronista, em torno dos problemas sociais, vigentes na década de 1970: aumento de preços, aumento do salário mínimo, aumento de aluguéis habitacionais e, por ultimo, a forma como as tendências populares aproveitavam tal feriado,

É o Dia do Trabalho. Dia em que não se trabalha, graças a Deus.
É quase, diríamos, um tempo de agonia.
É o mês dos maiores aumentos, a época em que tudo sobe de preço e assustadoramente. Há uma razão proclamada é por todos aceita a elevação do salário mínimo.

A partir dessas construções metafóricas, na base do discurso do cronista, leva-nos a compreender que a crítica gira em torno do Estado, em especial, da pessoa dos prefeitos das cidades de João Pessoa e Campina Grande-PB, que, diante do feriado e de tantas reivindicações sindicais, em torno de questões do Direito do Trabalhador, e da reverência tradicional à Maria, transformaram esse momento sócio-histórico e cultural para comemorar o trabalho deles. Tais deleites estão fora do teor da data histórica: sócio-religiosa, mas dentro de um propósito político, para ocultar, em vez de realçar a questão nacional e cultural. Os prefeitos, em referência, transformaram a ocasião para fazer dela uma disputa político-administrativa, quando avisam a inauguração do Bosque dos Namorados, na Ponta de Cabo Branco, em João Pessoa; e o Parque dos Amores em Campina Grande.

Analisemos o procedimento desses governantes popula(ista)res nas construções metafóricas, alijadas no discurso do cronista,

Desde o Velho Testamento que essa é a homenagem preferida a recompensa o sábado para descanso depois da semana de trabalho. O repouso é recompensa prêmio diante do grande sacrifício do trabalho.

[...] Casa, casa, ah, casa! Uma complicação tudo caríssimo.

Somente uma parte da casa, quer dizer uma das suas funções, não vai constituir problema, graças ao avisado prefeito Hermano Almeida. Consta que será inaugurado aqui o Bosque dos Namorados que, de certo modo, dará casa aos necessitados.

O Prefeito Evaldo Cruz, de Campina, também avisadamente, vai resolver o problema habitacional, pelo menos neste ângulo, com a oficialização do Parque dos Amores.

Como se pode notar, o Dia do Trabalho será comemorado, mas pelos trabalhos dos prefeitos, que irão resolver parte dos problemas sociais, em reivindicação, o problema habitacional, colocando parques para se namorar, amar, o que, certamente, para nos futuros dias 1º de Maio, serem referenciados, por tal feito.

Com base nesse contexto situacional, e nas críticas colocadas pelo autor, procuramos examinar as construções metafóricas, constituídas nas estruturas linguísticas, eliciadas na crônica, em busca do conceito de COMEMORAÇÃO do Dia do Trabalho, experienciado pelo cronista em 1975, conforme descrição abaixo.

Metáforas Conceptuais – Conceitos: Crônica “Agonia em Maio”
COMEMORAÇÃO DE 1º DE MAIO É...

*1 dia de não trabalhar.
dia sagrado.*

*2 era dia de Maria.
era dia romântico.*

3. ia da preguiça.

4. recompensa do trabalho autorizado pela historia das sociedades

*5. dia de repouso.
dia de recompensa.
dia de premio
dia do trabalho sacrificado*

*6. história da vida social.
tempo de mudança*

*7 tempo de alegria de pobre.
tempo de decepção para o pobre.
tempo de agonia.
tempo de elevar o salário mínimo.
tempo de reflexão.
tempo de sentimento.*

*8. dia de promessa.
dia de animação.*

9. dia da eterna agonia.

*10. dia da inflação.
dia da cesta básica.
dia da agonia*

*11. dia de patrocínio.
dia da solução de problemas.
dia dos namorados.
dia de atender os mais necessitados.*

*12. tempo de avaliação técnica para atender as tendências populares.
tempo de amar.
mágico.
guerra.*

Das construções linguísticas metafóricas para o conceito

COMEMORAÇÃO DE 1º DE MAIO É... :

1. É o Dia do Trabalho. Dia em que não se trabalha, graças a Deus.
2. Primeiro era o mês de Maria, o mês das flores, quicá dos amores.
3. A melhor homenagem que se pode fazer ao trabalho, efetivamente, é não trabalhar.
4. Desde o Velho Testamento que essa é a homengagem preferida a recompensa – o sábado
5. O repouso é recompensa, é premio, diante do grande sacrifício – o trabalho
6. De uns tempo para cá o principio de Maio, desde o primeiro dia, não é mais tempo assim de tanta suavidade [...]
7. Alegria de pobre dura pouco [...]
[...] da elevação salário mínimo dura menos ainda.
Talvez o espaço de uma manhã como as rosas de Malherbe.
8. Esse primeiro de maio tão auspicioso pelo novo salário que se anuncia
9. No final das contas é uma antevisão de nova agonia.

10. Vai subir o feijão mulatinho [...] , a carne [...], o pão [...]
11. Somente uma parte da casa, quer dizer, uma das suas funções, não vai constituir problema [...] [...] a instalação do Bosque dos Namorados que atenderá aos mais necessitados.
12. Podiam muito bem os técnicos de a Prefeitura ouvir as tendências populares que espontaneamente com os riscos da aventura, se tem localizado improvisadamente na estrada de Cabedelo e para Cidade Universitária lugares preferidos.
(Grifo nosso)

Com base no texto, o conceito de COMEMORAÇÃO do Dia do Trabalho, poderá ser compreendido se consideramos as três fases, apontadas pelo autor para se referir o significado dessa COMEMORAÇÃO daquele momento em João Pessoa. Dessas fases, a primeira, Sócio-Religiosa: DIA DO TRABALHO É RECOMPENSA DE DESCANÇO PARA O TRABALHADOR → DIA DO TRABALHO É SÁBADO. A segunda fase, Sócio-Ideológica: DIA DO TRABALHO É DIA DE REIVINDICAÇÕES DOS DIREITOS SOCIAIS E TRABALHISTAS, conforme é comemorado internacionalmente e historicamente. E a terceira, Sócio-Política e “eleitoreira”: DIA DO TRABALHO É DIA DE COMEMORAR OBRAS DE PREFEITOS.

E para efeito de validação da crítica, apontada, apresentamos a metáfora: DIA 1º. MAIO É DIA DE DIVERSÃO / PASSEIOS, sistematizada por nós, com base nas construções metafóricas do cronista:

Primeiro é o mês de Maria, o mês das flores, quiçá dos amores, começava o tempo ameno, a cidade escapava do calor que a consumia.
Será instalado aqui um Bosque dos Namorados que de certo modo dará abrigos aos necessitados.
O prefeito de Campina, avisadamente também vai resolver o problema habitacional [...] com a oficialização do Parque dos Amores.
A melhor homenagem que se pode fazer ao trabalho é não trabalhar, graças a Deus.

No que diz respeito às metáforas “conceptuais”, em torno do conceito em evidência, identificamos as seguintes metáfora conceptuais na crônica, pontuadas nos conceitos de REPOUSO, DIA 1º DE MAIO, RECOMPENSA , COMEMORAÇÃO.

Metáforas conceptuais sistematizadas

Repouso é recompensa.

Repouso é premio diante do grande sacrificio - o trabalho.

Repouso é trabalho.

Repouso é sacrifício.

Princípio de maio é uma antevisão de nova agonia

Princípio de maio não é mais tempo de brandura.

Princípio de maio é um tempo de agonia.

Princípio de maio é Dia do Trabalho.

Maio é mês das flores.

Maio é mês de Maria.

Maio é mês dos maiores aumentos.

Maio é época em que tudo sobe.

Maio é tempo de agonia.

Melhor homenagem ao Dia do Trabalho é não trabalhar.

Conforme constatamos, há inúmeras metáforas conceptuais que podem ser inferidas nessa crônica. Para nosso estudo, pontuamos apenas as mais salientes, para confirmar nosso objetivo de levantar as construções metafóricas e comprovarmos que elas se constituíram das metafóricas tradicionais de base cultural, conforme apontada por Lakoff e Johnson (2002). Elas constituem outras metáforas que estarão no pensamento do interlocutor e que serão, de alguma forma, eliciadas nos seus falares e influenciando nas ações sociais.

A seguir, analisaremos a crônica *Visão vê*, de 1980, com os mesmos propósitos e critérios para o exame nas crônicas anteriormente estudadas.

5.2.7 Crônica da década de 1980 (1980): Visão vê

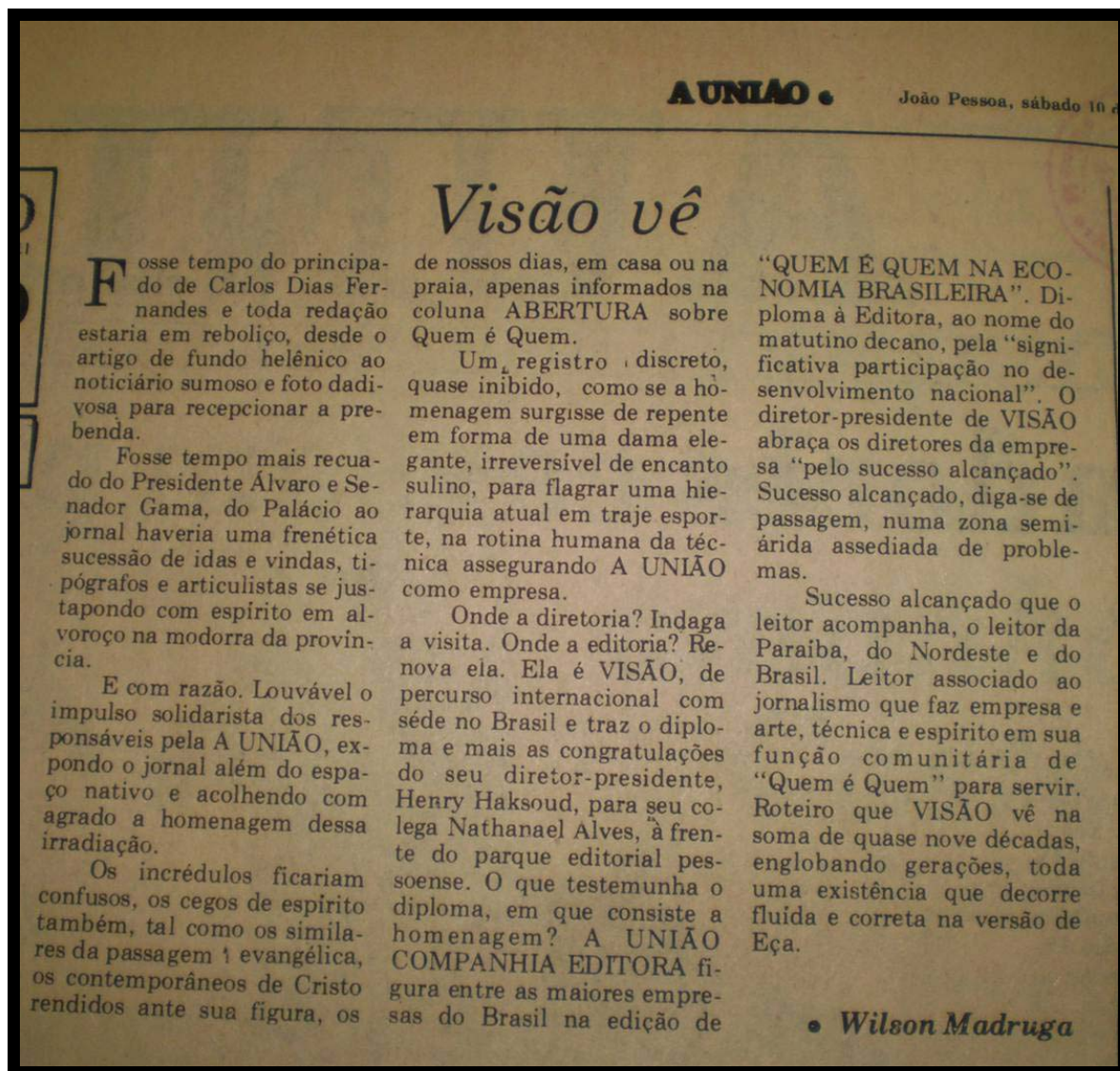


Figura 24 - Visão Vê
Fonte: A UNIÃO, 1980.

A crônica "Visão" vê trata da comemoração pela expansão econômico-administrativa do jornal A UNIÃO. A discussão gira em torno do sucesso da administração vigente desse jornal. O tema central foca a homenagem dada a essa entidade de Comunicação, diante do diploma A UNIÃO COMPANHIA EDITORA. Conforme a fala do cronista, temos;

O que testemunha o diploma, em que consiste a homenagem? A UNIÃO COMPANHIA EDITORA figura entre as maiores empresas do Brasil, na edição de "QUEM É QUEM NA ECONOMIA BRASILEIRA". Diploma à Editora, ao nome do matutino decano pela "significativa participação no desenvolvimento nacional".
(Grifo do autor).

Com base no discurso do cronista, elegemos o conceito de VISÃO para esse momento de nossa pesquisa, por considerarmos ser o mais saliente na discussão. Em torno desse conceito, levantaremos as construções metafóricas, constantes na crônica, para compreendermos a experiencição do fato pelo cronista, diante da formação do significado de VISÃO ali estabelecido.

Quanto ao contexto situacional da discussão, pautamo-nos nas construções linguísticas, manifestadas metaforicamente, como exemplo,

Os incrédulos ficariam confusos os cegos de espírito também [...] [...] na coluna ABERTURA sobre Quem é Quem.

Isto, para entendermos as metáforas conceptuais complexas, sistematizadas pelo cronista que também quer homenagear esse jornal.

Identificamos, nas expressões linguísticas, metáforas formuladas pelo cronista, a exemplo de: VISÃO VÊ, QUEM É QUEM, que resume uma série de abstrações de outras metáforas linguísticas, usadas socialmente em contextos variados. Nesse caso, haveria já-agora na metáfora conceptual e tradicional, a referencia à expressão popular: PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO VÊ. Note que esta metáfora reflete-se no discurso do cronista, quando afirma:

Os incrédulos ficariam confusos, os cegos de espírito também, tal como os similares da passagem evangélica, os contemporâneos de Cristo rendidos ante a sua figura, os de nossos dias, em casa ou na praia, apenas informados na coluna ABERTURA sobre Quem é Quem.

(Grifo em *bold* nosso; e destaque com letras maiúsculas pelo autor.)

Identificamos nessa a história cultural. Esta carrega a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, construídos em determinada cultura. Conforme Lakoff e Johnson (2002), essas construções metafóricas não dependem da vontade do indivíduo, elas possuem uma base que assegura a partilha para compreensão; é um meio de interação, de se compreender como as pessoas vivem, pensam o meio social.

Dessa feita, justifica-se a estratégia de argumentação discursiva do cronista, com base nas construções metafóricas, refletidas e refratadas do discurso de Cristo, para fazer a partilha do entendimento e aproximar o interlocutor da sua complexa metáfora: *QUEM É QUEM PARA SERVIR; QUE VISÃO VÊ NA SOMA DE QUASE*

90 ANOS ENGLOBANDO GERAÇÕES; ou ainda: PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO VÊ O SUCESSO DESSE JORNAL. (Esta foi sistematizada pelo licenciamento da metáfora conceptualizada pelo cronista.).

Abaixo, apontaremos as metáforas conceptuais e conceptualizadas, conforme as construções metafóricas feitas pelo cronista.

Metáforas conceptuais sistematizadas

VISÃO É...

1. *viagem no tempo.*
desenvolver novas metodologias.
2. *racionalidade.*
solidarismo.
trazer recursos.
uma máquina tecnológica.
Sociedade.
3. *ver além do visível.*
estar sempre informado.
um recurso econômico.
organismos vivos.
...acompanhar a rotina.
objeto de desejo.
inovar, cooperar e flexibilizar em novos negócios.
procura de desenvolvimento de novas ideias e oportunidades.
4. *uma entidade financeira.*
capital estrangeiro.
uma força econômica.
são pessoas.
uma injeção sócio-econômica dentro de empresa.
um recurso econômico oculto
5. *são organismos.*
é um campo visual econômico- administrativo.

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica

1.Fosse o tempo do principado de Carlos Dias Fernandes [...]
Fosse o tempo mais recuado do Presidente Álvaro [...]
[...] desde o artigo de fundo helênico ao noticiário sumoso e foto dadivosa para recepcionar a prebenda.

[...] ficariam confusos [...] os contemporâneos de Cristo rendidos ante sua figura, os de nossos dias [...]

2. E com razão. Louvável o impulso solidarista dos responsáveis pela UNIAO, [...] [...] Acolhendo com agrado a homenagem dessa irradiação.

3. Os incrédulos ficariam confusos os cegos de espírito também[...] [...] na coluna ABERTURA sobre Quem é Quem.
[...]Um registro discreto quase inibido, como se a homenagem surgisse de repente em forma de uma dama elegante, irreversível de encanto sulino para flagrar uma hierarquia atual em traje esporte na rotina humana, da técnica assegurando a UNIÃO como empresa.

4. Onde a diretoria? Indaga a visita. Onde a Editoria? Renova ela
Ela é visão de percurso internacional com sede no Brasil e traz o diploma e mais as congratulações de seu diretor-presidente Henry Haksoud.

[...] o que testemunha o diploma, em que consiste a homenagem?
[...] VISÃO abraça os diretores da empresa pelo sucesso alcançado.
Sucesso alcançado, diga-se de passagem numa zona semi-árida assediada de problemas

5. “Quem é Quem” para servir Roteiro que VISÃO vê na soma de quase nove décadas englobando gerações.

Conforme estratégia do mapeamento - via metáforas conceptuais e conceptualizadas, pela licença das construções metafóricas do cronista -, compreendemos pela estrutura linguística de base metafórica: “*Quem é Quem*” ser uma empresa, de âmbito internacional, que veio trazer recursos financeiros para o jornal. Entendemos, ainda, que a crítica do cronista está direcionada para os grandes empresários brasileiros, que não reconheceram o trabalho e a tradição do jornal, no que diz respeito aos investimentos que, certamente, a empresa estava precisando. Dessa feita, a crítica está apontada para os que não investiram e não acreditaram na potência e na tradição do jornal. Tal crítica se oculta, incorpora-se na construção metafórica: *Visão Vê* e na metáfora QUEM É QUEM NA ECONOMIA NACIONAL.

Quanto aos conceitos que sustentaram o significado de VISAIO, consideramos que giraram em torno de ORGANISMOS VIVOS, UNIAO, SUCESSO, RECURSO, TRABALHO, RECONHECIMENTO, LUTA, TEMPO, HISTÓRIA, e TRADIÇÃO.

Ainda examinando os conceitos, acima apontados, entendemos que o cronista quer evidenciar a VISÃO como sucesso:

Sucesso alcançado, diga-se de passagem numa zona semi-árida assediada de problemas.

Sucesso alcançado que o leitor acompanha, o leitor da Paraíba, do Nordeste e do Brasil.

Como se pode notar, a crônica tem o propósito de informar ao interlocutor do jornal o investimento, feito pela

dama elegante, irreversível, de encanto sulino, para flagrar uma hierarquia atual, em traje esporte em traje esporte na rotina humana, da técnica **assegurando a UNIAO** como empresa.
(Grifo nosso).

Tem o propósito de também homenagear esse jornal que trabalha em prol da sociedade paraibana, trazendo e fazendo informações há 90 anos. Da mesma forma, quer informar a renovação tecnológica pelo qual a empresa passa no âmbito da Administração, pela parte da Direção Geral, como também do Editorial.

A seguir, discutiremos a crônica *Bandidos Legais*, da década de 1990 e, com esta, fecharemos o ciclo do século XX.

5.2.8 Crônica da década de 1990 (1999): Bandidos legais

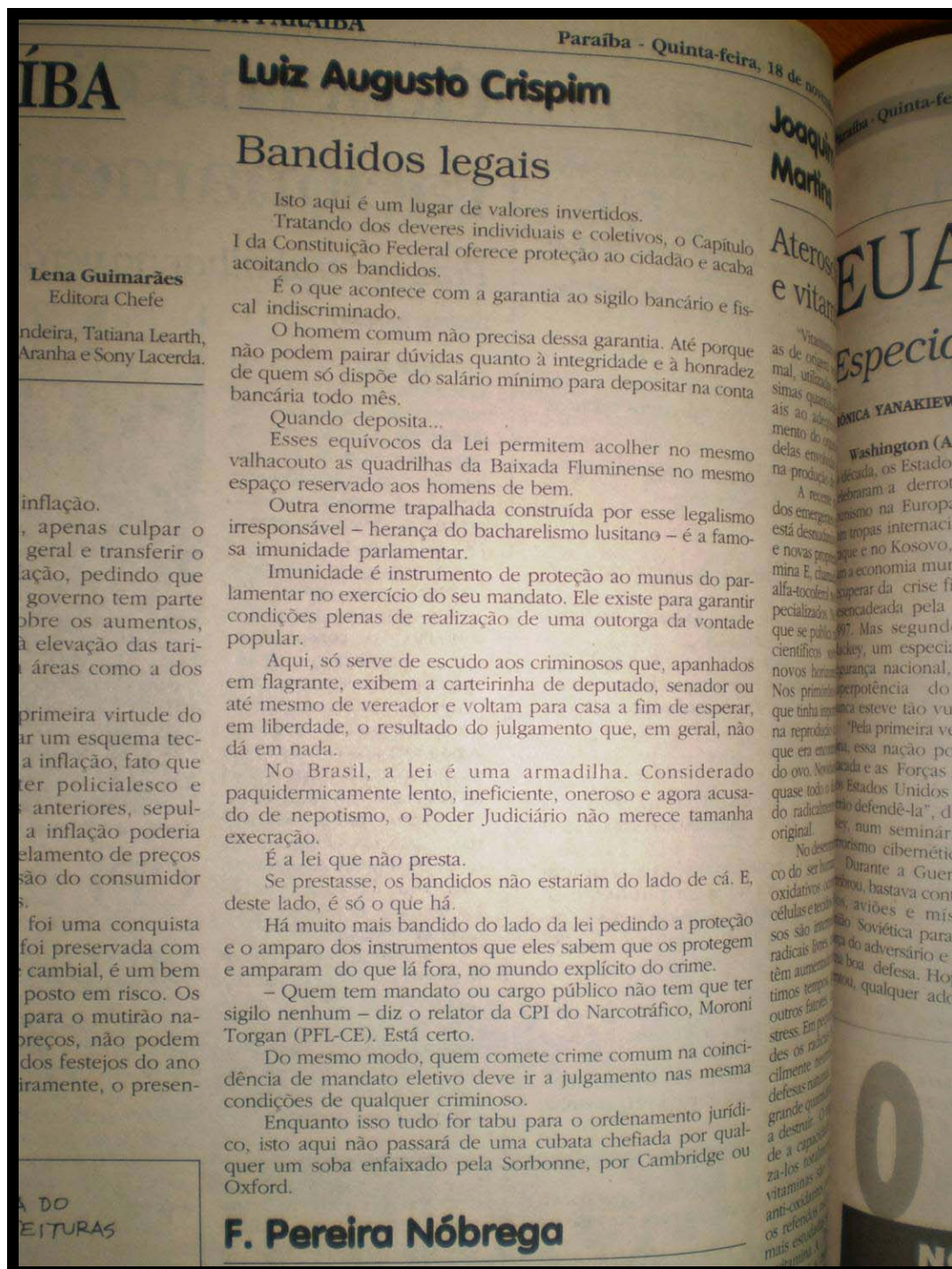


Figura 25 - Bandidos Legais
 Fonte: CORREIO DA PARAÍBA, 1999.

Para mostrar a questão dos *Bandidos Legais* na virada do milênio, sob olhar de um cronista paraibano, utilizaremos as metáforas construídas e experienciadas por ele. No discurso desse sujeito social, constam metáforas em abundância para definir a LEI, perante aquele momento social, uma crise no Poder Judiciário, com

base em dois Direitos, ou privilégios, concedidos aos parlamentares: o do sigilo bancário e fiscal, e o da imunidade parlamentar aos parlamentaristas.

Para melhor entender a posição do cronista, cabe esclarecer que, nos jornais, estampavam-se críticas e feitos por parte do presidente da Câmara, o então deputado Aécio Neves, que representava todos os partidos políticos para debater o novo conceito de Imunidade Parlamentar. Para esse pensamento, essa imunidade devia proteger apenas atitudes ligadas ao exercício de representação política, do tipo liberdade, livre expressão e é claro o voto.

Na opinião de comentaristas e críticos da política em jornais, como Kellen Santana, por exemplo, esse conceito de imunidade refere-se a um *pacote ético*, termo utilizado por aquele deputado, na tentativa de fortalecer o Poder Judiciário. Nesta mesma época, também se discutia em mídias falada, impressa e televisiva o fim do sigilo bancário e fiscal das autoridades e parlamentares. Tais medidas, se respeitadas, certamente fortaleceria o Poder Judiciário, diante da crise em que se encontrava o país.

O cronista apresenta uma acentuada crítica ao Poder Judiciário, principalmente, nas questões que giram em torno desse sigilo bancário e fiscal, e da imunidade parlamentar. Para isso, mostra esse Poder do Legislativo do Estado como negligente e impotente para resolver as questões sociais. Como estratégia de reflexão para seu interlocutor, o autor apresenta metáforas sistematizadas e experienciadas, à luz da cultura dos interlocutores para refletir o tema Bandidos Legais.

Vejamos as metáforas conceptuais do cronista que fazem conceituar a LEI no Brasil, perante os dois objetos alvos da discussão: Imunidade Parlamentar e Sigilo Bancário e Fiscal; assim como tais metáforas realçam a crise política, em forma de crítica:

Isso aqui é um lugar de valores invertidos.

Outra enorme atrapalhada [...] é a famosa imunidade parlamentar.

Imunidade é instrumento de proteção ao munus do parlamentar em exercício.

No Brasil, a lei é uma armadilha.

É a lei que não presta.

[...] os bandidos [...] é só o que há.

(Grifo nosso).

Em plena virada de milênio 2000, temos o meio social e político envolvidos num grande debate sobre questões de ordem jurídica, em especial, de uma crise no

Poder Judiciário. Diante desse fato, o cronista não mede palavras, nem oculta sua opinião a respeito dessa crise social. Nem mesmo com as construções das metáforas, o cronista não vela seu ponto de vista; ao contrário, atualiza metáforas para realçar o conceito, para pontuar o alvo da crítica à LEI, cujos domínios desse alvo vêm da experiência explícita, com nome e endereço: PODER JUDICIÁRIO, PARLAMENTARES, QUADRILHAS DA BAIXADA FLUMINENSE.

Com base nesse entendimento, trataremos do uso das construções metafóricas, que suscitaram as metáforas conceptuais, relacionadas ao Poder Judiciário, mais especificamente à Lei, no que diz respeito à forma desta para conduzir os instrumentos dos *Bandidos Legais*, como o sigilo bancário e fiscal e a imunidade, assim como para compreender como o cronista conceptua a LEI. Para tal, partiremos das construções metafóricas, desse cronista, das metáforas conceptuais de base lakoffiana.

Dessa forma, a seguir, sem pretensão de dissecar todas as metáforas em profundidade, mas de apresentar as que estão na base do discurso do cronista com o papel de mostrar, a seu interlocutor, o que é a LEI nessa crônica de jornal.

Metáforas conceptuais sistematizadas

LEI É...

1. Lei é visão em declínio.

Lei são territórios.

Lei um teatro.

Lei são valores socioculturais.

2. Lei são organismos vivos.

Lei é jogo de interesse.

Lei são recursos de bandido.

3. Lei é recurso ilimitado

Lei é uma entidade poderosa.

Lei é instrumento de parlamentar.

Lei é instrumento de bandidos legais.

4. Lei é um bem social.

Lei é instrumento de garantia.

Lei é consciência social.

5. Lei são palavras.

Lei é ninho de bandidos.

*6. Lei é uma maquina
 Lei é uma entidade mal conduzida.
 Lei é parte constitutiva de uma nação.
 Lei é recurso de outorga da vontade popular.
 Lei é objeto coletivo.*

*7. Lei é escudo de criminosos.
 Lei é guardiã de bandidos.*

*8. Lei é objeto imoral
 Lei é substancia.
 Lei é principio do mal.*

*9. Lei é companheira d bandido.
 Lei é lugar de abrigar bandidos.*

*10. Lei é principio de igualdade social.
 Lei é símbolo de justiça social.*

Estrutura linguística metafórica marcada na crônica

1. Isso aqui é um lugar de valores invertidos.
2. O Capítulo I da Constituição Federal oferece proteção ao cidadão e acaba acoitando os bandidos.
3. É o que acontece com a garantia do sigilo bancário e fiscal indiscriminado.
4. O homem comum não precisa dessa garantia.
5. Esses equívocos da Lei permitem acolher no mesmo valhacouto as quadrilhas da baixada fluminense.
6. Imunidade é um instrumento de proteção ao múnus do parlamentar em exercício do seu mandato.
 Ela existe para garantir condições plenas de realização de uma outorga da vontade popular.
7. Aqui só serve de escudo aos criminosos.
8. É a lei que não presta.
9. Há muito mais bandido do lado da lei pedindo a proteção e o amparo dos instrumentos que eles sabem que o protegem e ampara do que há lá fora, no mundo explícito do crime.

10. Quem tem mandato ou cargo público não tem que ter sigilo nenhum.
[...] quem comete crime comum na coincidência do mandato deve ir a julgamento nas mesmas condições de qualquer criminoso.

Com base nas metáforas, conceptualizadas pelo próprio autor, anteriormente apresentadas, nossa análise revelou que há conceitos bem direcionados para a problematização da LEI NO BRASIL, em nome do Poder Judiciário. As metáforas colocadas pelo cronista mostram e evidenciam tal Poder à beira de uma crise sociopolítica, quando afirma: e conceitua com toda indignação para o interlocutor:

“No Brasil, LEI É UMA ARMADILHA”.
(Grifo nosso)

De modo que destaca a figura dos “Valores Invertidos” daquele momento 1999, à beira de 2000, para tecer seu ponto de vista e difundi-lo em cadeia nacional, e deixar (conforme está) registrado na história. As metáforas sistematizadas, no discurso do cronista, estão documentadas não somente no jornal – suporte dessa discussão -, como também na memória social, pelo uso bem sucedido das metáforas:

ISSO AQUI É LUGAR DE VALORES INVERTIDOS. Tratando dos deveres individuais e coletivo o Capítulo I da Constituição Federal oferece proteção ao cidadão e acaba acoitando os bandidos.
(Grifo nosso)

E corporifica a inoperância, categorizando-a no termo técnico, de base cultural: LEI, de cuja espécie pode ser identificada na família dos seres, que tem um aspecto de um ente desacreditado e desmoralizado literalmente. Isto, quando afirma, de forma metafórica,

O Capítulo I da Constituição Federal **oferece proteção** ao cidadão e **acaba acoitando** os bandidos.
(Grifo nosso.)

Esse jogo discursivo, estruturado sob os pilares da construção metafórica para desvelar a inoperância, mostra que o autor se inspirou em metáforas com o seu real papel no uso das necessidades discursivas, o de clarificar o alvo de sua crítica e apontar como flechas na mente do seu interlocutor, assim como registrar na História

essa crise nas entidades de cunho social: LEI e PODER JUDICIÁRIO, que estava virando a página do milênio. Para isto, mostrou a origem espaço-temporal dessa crise:

É herança do bacharelismo lusitano.

[...] enquanto isso tudo for um tabu para o ordenamento jurídico, **isso aqui não passará de uma cubata** chefiada por qualquer um soba **enfaixado pela Sorbone, por Cambridge ou Oxford.**

(Grifo nosso)

Como se pode notar, as metáforas fazem parte das informações constituídas nos gêneros textuais do cotidiano por qualquer falante. Trata-se de uma realidade de comunicação. A exemplo disso, vimos, nas amostras de nosso *corpus*, metáforas ajudando a formar diferentes visões e entendimentos de um conceito que o cronista quis realçar, por exemplo: LEI É AMPARO. Esta mostra esse entendimento *quem ampara quem*; e quem é amparado pó essa Lei que o cronista nos mostra.

Veja mais uma estratégia do cronista com uso das metáforas, para esclarecer e enfatizar o domínio do alvo em *Bandidos Legais*:

É a lei que não presta.

Se prestasse, os bandidos não estariam do lado de cá. E deste lado é só o que há.

(Grifo nosso)

Há muito mais bandido **do lado da lei** pedindo a prestação e o amparo do instrumento que eles sabem que os protegem e amparam do que lá fora, no mundo explícito do crime.

(Grifo nosso).

As metáforas se mostraram como componentes essenciais ao estilo desse cronista. Vejamos que ele se valeu de metáforas explícitas simples e complexas, o que deu uma melhor feição, e um maior argumento ao discurso de Luiz Augusto Crispim. Conforme constatamos, ele fez-se dependente delas para fazer comentários diretos, apresentar conceitos para ficar na História sobre o assunto da crônica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esse estudo com o objetivo de investigar as construções metafóricas nas crônicas dos jornais da Paraíba, para tal, caracterizamo-las num percurso sócio-histórico de prática discursiva do contexto dos séculos XIX e XX. Diante desse objetivo, foi possível investigar boas evidências de que a crônica de jornal foi o material ideal para defender a nossa tese: os significados linguísticos das estruturas do gênero crônica, esses significados são resultados das conceptualizações metafóricas socioculturais, especialmente, nas práticas discursivas, experienciadas pelos cronistas no século XIX e XX, conforme constatamos a cada crônica em exame por décadas.

A crônica mostrou-se ser um gênero fértil para nossa proposta, pela sua forma composicional, e pelos conteúdos abordados, além de ser noticiosa, e de ser fomentadora de experiência entre interlocutores e, especialmente, porque, no *corpus*, aqui constituído, em cujo recorte apresentou informações sócio-históricas, relativas a temas diversos. Esse gênero textual conduziu-nos no tempo e no espaço da província, ao mesmo tempo, em que nos fez conhecer o pensamento social e cultural. Isto nos possibilitou compreender os conceitos discutidos à época, as críticas e os pontos de vista dos cronistas em relação a temática direcionada para seus dos interlocutores.

À medida que investigávamos os conceitos, estabelecidos nas estruturas metafóricas, compreendíamos que as metáforas, como foram exploradas pelo cronista, não se restringiram apenas à prática discursiva da crônica. Observamos que esses textos estão na fala natural, no linguajar do cotidiano das gentes sociais, em qualquer nível sociocultural, como um todo. Isto, conforme experienciamos em nossas crônicas, que trouxeram, na sua composição, outros gêneros para compor a ideia do cronista, como foi caso da crônica da década de 1950: *Rádio – música popular*. O gênero se compôs de um depoimento, oriundo de uma entrevista dada em cadeia de rádio de âmbito internacional, para colocar o ponto de vista de Ruddy Rich, acerca do tipo de música que estava sendo difundida à época. E o caso da crônica de 1960, *Voltando a Pena de Morte*, que se mixou com o gênero textual Notas Avulsas, publicado num outro jornal, o do Comércio. Nessas Notas, consta o depoimento de Nilo Pereira, para evidenciar a questão da Volta da Pena de Morte ao Brasil.

No que diz respeito aos caminhos percorridos, por meio do qual chegamos à conclusão, ressaltamos que estes resultaram dos estudos das concepções da Semântica de base Cognitiva. Esta teoria teve um peso maior nas investigações, e se enlaçou com a Teoria Discursiva, com a preocupação de analisar, no discurso do cronista, através das construções metafóricas, os conceitos que estavam ali sendo estabelecidos. Isto porque a metáfora de base conceptual se constitui como âncora para sustentar nossa forma de realidade, para nós mesmos e para mostrar ao outro. Tudo isso nos faz ver que a metáfora é parte do modo como compreendemos o mundo, como interagimos com ele e como experienciamos fatos e acontecimentos com os seres humanos.

Tendo em vista que as crônicas, selecionadas e analisadas são textos socialmente compartilhados e atravessados por vários discursos, por tendências de base sociocultural. Vimos que os sentidos estabelecidos nos conceitos em foco de cada crônica, conforme os séculos, o XIX, por exemplo, trouxe à tona a discussão acerca da LIBERDADE e do PROGRESSO, cujos conceitos foram mostrados à luz da experiência dos interlocutores. Desta feita, os cronistas metaforizavam a LIBERDADE como objeto de desejo, mas o experienciando a cada tendência, a cada direcionamento da década; e mostraram o que significou o PROGRESSO para a gente da província, com suas causas e suas consequências.

No exame feito dos conceitos, estabelecidos nas crônicas do século XX, acessamos uma pauta diversificada, com discussão acerca de: SISTEMA VEGETARIANO, ENSINO SUPERIOR, HOMEM DO ESTADO NOVO, MÚSICA NOVA DA DÉCADA DE 1950, PENA DE MORTE, COMEMORAÇÃO DE 1º DE MAIO, VISÃO, e LEI.

Vimos que o jogo metafórico é processo natural na estratégia de fala de qualquer usuário da língua, o que nos fez ver que o falante mostra que domina sua língua, colocando discurso no discurso, trazendo fatos sociais para serem experienciados. Desse modo, o interlocutor, para compreendê-los, precisou mobilizar conhecimentos enciclopédicos, de mundo, histórico, cultural e socioculturalmente partilhado.

Com esse entendimento, vimos que é possível conceber a metáfora como fenômeno discursivo, revelador de práticas socioculturais que estão na linguagem do cotidiano, que estão no entendimento, que se refletem nas ações sociais. Ela também se enquadra na dinâmica do texto, conforme vimos nas estruturas

metafóricas para comunicar. Podemos ainda destacar a multiplicação de metáforas que a construção suscita a cada movimento interpretativo, a cada busca de memória social e a cada movimento de interpretação na crônica.

No primeiro estágio de nossa pesquisa, em torno da metáfora convencional, de base aristotélica, compreendemos que ela não se sustenta numa análise que se preocupe com a descrição de uma realidade, colocada no discurso de um interlocutor. Conforme vimos, tal metáfora é compreendida como desvio de linguagem, como figura retórica etc. Com base nisso, vemos que o estudo da metáfora de base conceptual, aqui tomada pela sistematização X SER Y, como LIBERDADE É FORÇA DE EXPRESSÃO, deva estar nos liames do experiencialismo, porque ela significa e ressignifica de uma maneira particular de representar o mundo, assim como em um modo de descrever a realidade, em conformidade com as práticas socioculturais de uma comunidade, como nos apontam Lakoff e Johnson (2002).

Num segundo estágio, vimos que o estudo da metáfora de base conceptual responde pela determinação do significado, quando nos faz experienciar os conceitos estabelecidos nos domínio alvo e fonte, e de uma estrutura discursiva. Com base nos autores Lakoff e Johnson (2002), o significado, eliciado nos conceitos categorizados das metáforas, é inerente ao processo de categorização humana. Desse modo, a experiência humana é considerada para haver entendimentos do dia-a-dia e tornar inteligente uma comunicação de um sujeito social, que, ao passar por outro, diz: *Quem é o cara?*, *Esta tudo em cima*, *Amigo?*

Para uma ideal compreensão de metáforas conceptuais, consideremos, pois, a experiência sócio-motora, emocional, social e cultural. Com base em Lakoff e Johnson, essas metáforas estão permeando, em nosso meio social, seja para verbalizar, seja para reverberar ações no dia-a-dia, surgem de forma automática e inconsciente; são universalmente adquiridas, apreendidas e, depois, refratadas pelo entendimento, como resultado da comunicação social.

Conforme os exemplos aqui investigados, as construções metafóricas refletem-se no plano do discurso social, na construção do sentido de base metafórica, no contexto sócio-historicamente experienciado, o que nos levou a fazer o enlace das teorias: Semântica de base Cognitiva com a teoria Discursiva bakhtiniana. Desse modo, foi-nos possível compreender o fenômeno metafórico na construção do dizer do cronista.

Diante de nossa proposta inicial, a de realizar um estudo das construções metafóricas no gênero textual crônica de jornal do século XIX e XX, restou-nos a certeza de que alcançamos muitas informações, além das esperadas. Precisávamos, pois, recorrer à História da Paraíba e do Brasil para poder compreender os temas discutidos e os conceitos ali levantados. Pois, a cada construção, que identificávamos e colocávamos à interpretação para identificar as metáforas, de base lakoffiana, precisávamos recorrer a momentos sócio-históricos e culturais das gentes ali envolvidas para que pudéssemos experienciar os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), que estavam no domínio do entendimento de base humana e cultural.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eliane Ferraz. Os sentidos de construções lexicais constituídas com o verbo. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J.; BARROS, Kazuê S. **Um linguista e orientações diversas**. Recife-PE: Ed. UNIVERSITARIA DA UFPE, 2009, v.2.

_____. **Construções Lexicais Complexas com o Verbo “Levar”**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da UFPE, 1998.

ALMEIDA, Horácio. **História da Paraíba**. João Pessoa: Imprensa Universitária, 1966.

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: imprensa e vida**. Campina Grande-PB: Grafset, 1986.

ARISTOTELES, **Arte Poética**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ARRIGUCCI, JR. Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

AUROUX, Sylvain. **A Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 1997 a.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997 b.

BARBOSA, Socorro de F. Pacífico. **Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARNABÉ, Arrigo. Acapulco Drive-in. In: ENCICLOPÉDIA DE MÚSICA BRASILEIRA. Disponível em: <[HTTP://www.mpbnet.com.br/canto.brasileiro/arrigo.barnabé/letras/acapulco_dive_in.htm](http://www.mpbnet.com.br/canto.brasileiro/arrigo.barnabé/letras/acapulco_dive_in.htm)>. Acesso em: 02 de jan: 2009.

BEVIR, Mark. **A Lógica da História das Idéias**. Bauru-SP:EDUSC,2008.

BERWANGER, Ana Regina; FRANKLIN, João Eurípedes. **Noções de paleografia e de diplomática**. 2. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995.

BLACK, Max. *Models and metaphor*. Ithaca, New York: Cornell University Press,1962.

BORBOREMA FILHO. Edimilson de A. **A metáfora na construção da percepção da realidade no discurso jornalístico**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2004. Col.Teses.

BOURDIER, Pierre .**Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2001.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil: 2000.

CABRAL, Carline Regina de Negreiros. Pena de morte em 1960: Aspectos históricos e ilegais do uso da pena de morte. **O NEÓFITO**. Acesso em ® BuscaLegis.ccj.ufsc.br em 07 de abril de 2009.

CÂNDIDO, Antonio et al. **A Crônica**: o gênero sua fixação, sua transformação no Brasil. Campinas-SP: UNICAMP, 1992.

CANÇADO, Márcia. Protótipos e Metáforas. In: **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Corpus diacrônico do português brasileiro**. Lisboa: 1º Encontro Internacional da AILP, 2001.

_____.**Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 1998. v.1,

_____. O português do Brasil. 2.ed.In: ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 1997.

CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex. (Org.). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2005.

CHIERCHIA, Genaro. **Semântica**. Campinas: UNICAMP, 2003.

COIMBRA, Rosa Lúcia. **Estudos linguísticos dos títulos da imprensa em Portugal**: a linguagem metafórica. Universidade de Aveiros – Portugal, 1999. Tese de Doutorado.

_____. **O homem e sua linguagem**: estudos de teoria e metodologia lingüística Rio de Janeiro: Presença, 1982.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança lingüística. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editorial, 1971. v.6.

D'ANDRADE, R. Schemas and motivation. In: D'ANDRADE, Roy.; STRAUSS, C. **Humaaan motives and cultural models**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

DRAISMA, Douwe. **Metáforas da Memória**: uma história das idéias sobre a mente. Bauru-SP: EDUSC, 2008.

ECO, Umberto. **Semiótica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Ática, 1991.

EGG, André. **O debate no campo do nacionalismo musical no Brasil dos anos 1940 e 1950**: o compositor Guerra Peixe. Curitiba: UFPR, 2004. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO.

_____. **Mappings in thought and language**. Cambridge: CUP, 1997.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces**. New York: CUP, 1994.

_____. **Mappings in thought and language**. Cambridge: CUP, 1997.

FELTES, Heloisa P. de M. **Semântica Cognitiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

_____. **A teoria dos modelos idealizadores de George Lakoff**: um projeto experiencialista para a semântica do conceito. Porto Alegre-RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS): 1992a. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO.

_____.A semântica cognitiva prototípica de George Lakoff. **LETRAS DE HOJE**. Porto Alegre: 1992b.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. **Supervisão educacional para uma escola de qualidade**: da formação à ação. 5.ed. São Paulo contexto, 2006.

FILIPAK, Francisco. **Teoria da Metáfora**. 2.ed.Curitiba:HDV, 1984.

FINGER, Ingrid. **Metáfora e significação**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.

FODOR, Jerry A. Representation: philosophical essay on the foundation of cognitive science. Cambridge. Mass: A Bradford Book- the MIT Press, 1981/ 1960.

FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto. **A Escrita Oficial**: manuscritos paraibanos dos séculos XVIII e XIX. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005. Col.Teses.

FRANÇOIS, Frederic. **Les discours et seus entours**. Paris: L'Harmattan, 1998.

GEERAERTS, dirk. Introduction: prospect and problems of prototype theory. **Linguistics**. .v. 27, n.4, 1989.

GIBBS Jr. R. **The poetics of mind**: figurative thouth, language, and undrstanding. New York: Cambridge University Press, 1994.

GIBBS, R. W. The new look at literal meaning in understanding what is said and implicated. **Journaul of Pragmatics**. n. 34. New York, Cambridge Universiy Press, 2002.

GLUCKSBERG, S. Brown; & MCGLONE, M.. Conceptual metaphors are not automatically accessed during idiom compreenshension. **Memory and Cognicion**, 21. 1993.

GOMES, Valéria Severina. **Traços de Mudança e de Permanência em Editoriais de Jornais Pernambucanos**: da forma ao sentido. Recife: PPGL-UFPE, 2007. Tese de Doutorado.

GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo. (Org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística**. Campinas: Editora do autor,1985.

GUIRAUD, Paul & Kuentz Pierre. **La stylistique**: lectures. Paris: Klincksieck, 1970.

HARDER, Peter. Partial autonomy: ontology and methodology in cognitive linguistics. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela. (Orgs.) **Cognitive linguistics** ; foundations, scope, and methodology. New York: Mouton de Gruyter, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Brasil Monárquico do Império a República**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.

IANNI, Octávio. **Industrialização e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963.

_____. **Revolução e cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1983.

JAKOBSON, R. **Linguística da comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1960.

KITTAY, Eleanor. F. **Metaphor**: its cognitive force and linguistic structure. Oxford: Oxford University Press, 1987.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor: a practical introduction**. Oxford: CUP, 2002.

KÖVECSES, 2005.

LAGES, Nilson. **Linguagem Jornalística**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **A estrutura da Notícia**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas-SP: Mercado de Letras – EDUC, 2002.

_____. **Women fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. W. **A linguagem e sua estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1972.

LEITE, Jam Edson Rodrigues.. **Metáfora e Categorização na Percepção da Realidade**. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. Anais ABRALIN 40 ANOS. João Pessoa : Idéia, 2009. v. 01.

LIMA, Aldo de. **Metáfora e Cognição**. Recife: Editora Universitária-UFPE, 2006.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário LUFT**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

LOPES, Edward. **Metáfora**: da Retórica à Semiótica. 2.ed. São Paulo:Atual, 1987.

MAHMOUDIAN, Mortéza. **A Lingüística de Hoje**. Lisboa: edições 70, 1982.

MARCUSCHI, L. A. **Fenômenos de da linguagem**: reflexões semânticos discursivas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007 a.

_____. **Cognição, linguagens e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007 b.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: (Orgs.) DIONISIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTINS, Eduardo. **Primeiro jornal paraibano**: apontamentos históricos. João Pessoa: UNIÃO, 1976.

MATOS E SILVA, R. S. reflexões e questionamentos sobre a constituição de corpora para o projeto: Para a história do português brasileiro. In: DUARTE, M.E.L. e CALLOU, D. (Orgs.). **Para uma história do português brasileiro**: notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro: Faculdades de LETRAS DA UFRJ/FAPERJ, 2002. Vol. 4,

MELO, José Marques. **Jornal Opinativo**. 3.ed. Campos do Jordão-SP:Mantiqueira, 2000.

_____. **Orientações atuais da lingüística histórica brasileira**. São Paulo: DELTA, 1999. v. 15. (edição especial).

MENDES, Paulo Henrique Aguiar. Os Gêneros Discursivos em Debate: análise de uma crônica de L. F. Veríssimo. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. (Orgs.). **Gêneros Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos – UFMG, 2004.

MEYER, Michel. **A Retórica**. São Paulo Ática, 2007.

MOURA, Heronides. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. In: **Linguagem em (Dis)curso**. LemD, v.7, n.3, set /dez 2007.

NETTO, Modesto Carone. **Metáfora e Montagem**. São Paulo: Perspectiva, 1974

NICOLAU, Roseane. B. Feitosa. **Forma e Sentido**: a arquitetônica dos anúncios na imprensa paraibana dos séculos XIX e XX. João Pessoa: Tese. Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística – PROLING – UFPB, 2008.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica In. MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à Lingüística**: domínios e fronteiras. 2.ed. São Paulo:Cortez, 2001. v.2.

ORTONY, Andrew. **Metaphor and thought**. 2nd.ed. United States of America: Cambridge University Press, 1993.

PAIVA, Vera Lúcia M. O e.(Org.) **Metáforas do Cotidiano**. Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 1998.

PANDOLFI, D. (Org.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

PONTES, Eunice. (Org.). **A Metáfora**. 2.ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

PUTNAM Hilary, **Representation and reality**. Cambridge, Mass.: A Bradford Book/ The MIT Press, 1988.

QUINN, Naomi. Research on shared task solution. In: STRAUSS, Claudia; QUINN, Naomi. **A cognitive theory of cultural meanings**. Cambridge University Press, 1997.

REALE, Miguel. **Introdução à Filosofia**. 4.ed. São Paulo: Saraiva,2004.

REDDY, Michel. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew. (org.) **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press:1979.

RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. Porto-Portugal: RÊS Editora: 1983.

RIFFATERRE, Michael et al. **Literatura e realidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1984.

_____. **Estilística estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RICHARDS, I. A. **The philosophy of rhetoric**. Londres, 1936.

ROSCH, E.; MERVIS, C.B. **Cognitive Psychology**, n. 7, 1975.

RUSSEL, Bertrand. **História do Pensamento Ocidental**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

SACKS, S. **Da metáfora**. São Paulo: Pontes, 1992.

SALOMÃO, Margarida. "A perspectiva sócio-cognitiva para análise da linguagem". **Veredas** . v.1 . Juiz de Fora, Pós-Graduação do IFCL, 1998.

_____. **O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso**. Texto arcabouço do Projeto Integrado de Pesquisa do Grupo de Pesquisa Gramática & Cognição. Rio de Janeiro/Juiz de Fora, fev. 1999.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. **Viagem através da província da Paraíba**. João Pessoa: Secretaria da Educação/Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, 1985.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1990.

SEARLE, John R. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos de fala. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Col. Tópicos.)

SILVA, José Pereira. **A nova ortografia da língua portuguesa**. Niterói-RJ: Impetus, 2009.

SILVA, Marconi O. da. **A apresentação do mundo pela linguagem no jornalismo**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2004. Col.Teses.
SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SPERBER, D. & WILSON, D. **Relevance**: communication and cognition. Cambridge: Blackwell, 1995.

STEFANO, Mariana di. (Coord.). **Metáforas em uso**. 2.ed. Buenos Aires:Biblos, 2006.

VASCONCELOS, Zinda M. Carvalho. **O Processo de expansão de sentido e a questão da (ir)representabilidade semântica**. Rio de Janeiro: TESE DE DOUTORADO DA PUC, 1995.

VILELA, Mário. **Metáforas do nosso tempo**. Coimbra-Portugal: Almeida, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus lógico-philosophicus**. London, 1923

ANEXOS

ANEXOS SÉCULO XIX

CRONICA (01): LIBERDADE RELIGIOSA
O ACADEMICO DO NORTE. N.1. – 20 de Julho de 1857
Periódico Litterario e Cientifico

Liberdade Religiosa.

Deixando de parte outra qualquer observação, que a respeito desta questão se possa fazer, ou apenas a encarei debaixo destes dous pontos de vista: em primeiro lugar, examinarei se na enumeração dos Direitos naturais do homem pode ser incluída a liberdade de crer e de manifestar por actos propriamente a Religião; e em segundo lugar se o Estado deve permittir o exercicio deste Direito em toda sua extensão.

A liberdade é sem duvida um direito absoluto do homem e até mesmo o principal, por que é delle que emanam todos os mais, é elle a forma porque todos se annunciam. Ora como Direito, a liberdade é meio indirecto pelo qual consegue o homem o seu fim, a que phylosophos denominam destino; porque os direitos sendo meios, com que consegue os fins, a que se pode chamar – particulares; estes são tambem por sua vez meios para consecução do fim ultimo, denominado destino. A liberdade deve estar na escolha destes fins particulares, por que do contrario não haveria moralidade na prosecução do destino do homem, o que por certo se oppõe á idéia, que ligamos a esta expressão: por tanto se a liberdade é a forma de todos os Direitos, e se estes são os meios, de que dispõe o homem para attingir a seus fins, é consequencia necessaria que a liberdade deve manifestar-se por tantos modos, quantos forem os fins, a que o homem se propozer; e assim tendo elle um fim industrial, artistica, etc. Resta porém saber se o homem tem um fim Religioso. É o que vou indagar.

O homem é um ente composto de corpo e espirito. O primeiro, substancia inerte, e apenas capaz de receber o impulso de força estranha, é mortal, como bem mostram suas propriedades; o segundo é uma substancia intelligente e activa, ella dá ao homem superioridade sobre todos os seres, que o cercam, e que com elle vivem; ella tem de remontar-se á Eternidade, pois é immortal. Sendo assim, é claro que, conseguindo o homem o fim social, que é puramente terrestre, não completou ainda seu destino, é pois necessário, que assim como pela sociedade elle atinge a essa felicidade tenha também um meio para alcançar [...] Eternidade.

Ora o homem, ente dotado de razão e consciencia, conhece que elle mesmo, que [...] universo é finito, e por consequencia d[...]. Da contemplação do universo finito e [...] conclue que deve existir um Ente i[...] Creador, a qual, por isso mesmo [...] onisciente e Onipotente e por [...], capaz de dar-lhe a felicidade etc [...] como tal elle se humilha em sua pr[...] adora-o. Esse reconhecimento de Deus e a crença, a adoração é o culto. Ora como a crença e o culto constituem a Religião, segue-se que o homem tem uma Religião, por tanto um fim religioso, por meio do qual completa o seu destino; mas dos fins do homem nascem outras tantas espécies de liberdade. Logo elle tem uma liberdade Religiosa.

Além disso, ninguém legitimamente poderá negar ao homem faculdade de pensar, ninguém poderá violentar-lhe consciencia, e fazer com que deixe de usar deste dom, que aliás concorre poderosamente para torna-lo digno da posição, que occupa entre os seres creados ; e como pensamento produz a crença, como o homem crê, porque pensa; segue-se, que tem tambem a liberdade de crer; porque os productos das dificuldades do homem pertencem-lhe tanto como as próprias faculdades. É igualmente incontestavel, que todo o pensamento procura manifestar-se. É tal a sua tendencia para esse fim, que se pode dizer-se impossivel que uma concepção qualquer fique silenciosa no espirito que a teve; donde se segue que a crença, sendo por assim dizer o mesmo pensamento, deve ter a mesma tendencia que este , e por consequencia tambem a liberdade de manifestar-se, que em virtude della, a razão lhe reconhece: portanto, tendo o homem a liberdade crença e de manifesta-la ou de prestar culto, tem a liberdade Religiosa.

Provado como está, que a liberdade religiosa é um Direito do homem, será facil demosntarr, que elle, assim como todos os mais, deve ter toda effectividade no Estado. É o segundo ponto, de que de tratar.

É o próprio de Direito Publico universal, e que me parece incontestavel, que o Estado, sendo organizado para realisar justiça entre os homemns, não distroe a personalidade humana, antes pelo contrario a consolida e assegura; porque só assim poderá elle attingir a seu fim. Ora a liberdade Religiosa é uma parte constitutiva da personagem humana, porque é um Direito, logo não pode já mais ser distroida pelo Estado.

Mas, sendo verdadeiro este princípio, não é menos verdade, que o Estado, tendo sempre por base a ordem pública, que é ma condição indispensavel para consecução do fim social, deve fazer restrições ao exercicio de certos Direitos; por tanto como o livre exercicio da liberdade Religiosa podia trazer detrimento para ordem social; porque, como sabemos, não pensando todos do mesmo modo, uns entendem o culto diffrentemente dos outros e essa diversidade de cultos viria a produzir a desordem [...] como conservador da ordem deve [...], mas impor condições de culto Es/[...], porém, nunca se deve [...]

H. S. Lima.

CRÔNICA (02): O LUXO
O PUBLICADOR ANNO I 1862

O PUBLICADOR.

ANNO I.—1862.

SABBADO 6 DE SETEMBRO.

NUMERO 6.

O **Publicador** he propriedade de Jose Rodrigues da Costa. publica-se diariamente, e subscree-se nesta Typographia à razão de 18000 por mez, pagos adiantados. Os annuncios entregues até 5 horas da tarde serão publicados no dia seguinte, mediante a paga de 40 rs. por linha de 46 letras. Todas as mais publicações serão dadas à luz mediante uma contribuição razoavel, que será em todo caso paga adiantada. A empresa tem como indeclinavel dever o facilitar convenientemente em suas columnas a liberdade de imprensa em toda a sua plenitude

PARTE OFFICIAL.

ACTOS OFFICIAES DA PRESIDENCIA.

Dia de 3 Setembro.

Officiou-se ao barão de Mamanguape, vigário da capital, commendador F. A. de Souza Carvalho, Simplicio Narciso de Carvalho e José da Silva Coelho, encarregando-os do contrato das obras que vão ter lugar na matriz desta cidade, dependendo o mesmo da approvação da presidencia, que se comprometteu auxiliá-las com 5:000\$ de rs. votados no orçamento do exercício de 1863, e bem assim com mais algum dinheiro se o permittirem os recursos dos cofres da provincia; sendo que se declarou muito esperar-se da boa vontade e espirito religioso dos mesmos Srs.

—Solicitou-se do commandante das armas de Pernambuco as diligencias para verificar-se se é desertor de um dos corpos da guarnição da mesma a praça do corpo de guarnição de nome Antonio Ricardo Pereira dos Santos, para o que se lhe enviou a nota dos respectivos signaes.

—Ao chefe de policia declarou-se que por em quanto não é possível satisfazer ao pedido do delegado de Campina Grande, que representou a falta da pouca força ali destacada.

—Ao mesmo para que providencie em ordem a evitar-se as lacunas e faltas nas remessas de jornaes de que trata o conselheiro director da secretaria da justiça em officio dirigido ao secretario do governo, ordenando a menção dos numeros de cada jornal nos officios que os acompanhar.

—Ordenou-se aos commandantes superiores cumprirem o determinado nos §§ 11 a 13 do art. 1.º do Dec. n. 1,351 de 6 de Abril de 1851, afim de ser satisfeita a exigencia do ministerio da justiça, devendo os do capital, Mamanguape, Bananeiras e Areia, no prazo de 30 dias, ao de Campina no de 40 e aos no de 60.

—Mandou-se pagar os vencimentos dos empregados da cadeia, pertencentes ao mez de agosto.

—Ordenou-se a soltura de José Francisco da Silva, preso como desertor que se suppunha.

—Mandou-se recolher ao xadrez militar a Felix Ferreira da Silva, desertor do 2.º batalhão de infantaria, que deve seguir á Pernambuco na 1.ª oportunidade.

—Solicitou-se as guias de fardamento das praças Manoel Joaquim dos Santos e João Antonio Vieira; á fim de ser satisfeita a requisição do ministerio da guerra.

—Accusou-se a remessa de relações das embarcações entradas e saídas, dando a manifestação de agrado pelo interesse que toma o commandante da fortaleza de Cabedello pelo serviço publico.

—Ordenou-se a entrega de dez armas para o serviço da policia em a cidade de Souza.

—Disse-se ao juiz municipal de Souza que não é possível satisfazer-o em tudo quanto pede em seu officio; mas somente na remessa de armas para o serviço da policia.

—Ao vice consul de S. M. Britanica declarou-se accusada a communicação de sua volta á provincia.

—Mandou-se dar transporte a um criminoso e uma praça que o deve conduzir ao Rio Grande do Norte.

—Nos Requerimentos dos tenentes do batalhão de Ma-

manguape, pedido passagem para Bananeiras, houveram despachos affirmativos

—No dito de Enequina Xavier Tavares da Silva, pedindo para ser admittida ao concurso para a cadeira de Guahira, marcou-se-lhe o dia 9 para apresentar-se a semelhante fim.

—No dito de M. de C. Pessoa de A. Mello, pedindo pagamento a onze dias que esteve empregado no tratamento de doentes em Serrinha, durante a ultima epidemia, mandou-se pagar oito dias tão somente, e na razão de dez, por se ter verificado de communicação daquelle tempo, fora esse justamente o prazo que durou a prestação de serviços do supplicante.

O PUBLICADOR.

O Luxo.

Escreptores condemnam, e outros defendem o luxo com muito boas razões de parte a parte. O celebre arcebispo de Cambrai queria, e antes d'elle Platão, que o legislador determinasse á cada uma das classes da sociedade um traje modesto, commodo e economico; e Platão e o arcebispo de Cambrai não alcançaram nossos tempos, em que o luxo tem chegado ao seu maior incremento.

O que não diria o bom Philippe Augusto da França, cujas salas eram tapeladas de palha, que elle, por uma generosidade então celebrada, deu em 1208 ao hospital de *Maison de Dieu*, todas as vezes que elle sabbasse d'aquella cidade para ir dormir algures, se hoje penetrasse ao lar domestico do mais modesto cidadão?

Entretanto é mister confessar que seus vassallos não eram então, apezar da pobreza franciscana, ou do modesto viver do seu soberano, mais moralizados do que os actuaes subditos de S. M. o Imperador Napoleão III; e nem mesmo aquelle rei, que pizava sobre palha, em lugar dos ricos e custosos tapetes de Napoleão, era mais respeitador do direito dos simi-gaulezes.

Entendemos que a moral pode condemnar o luxo como causa facil, e occasião proxima de ruina de algumas familias, ou de algum desvio da senda da honra d'aquelles que insensatamente entenderem que é vergonhoso não acompanhar os ricos no seu gozar e dispendir; mas ainda que desaparecesse o luxo, a moral reconhece que restariam milhões de causas, e talvez mais condemnaveis, que podem produzir o mesmo effeito.

A economia politica, porem, não pode condemnar um estímulo da industria e actividade, que faz desenvolver o commercio, e augmentar as riquezas de um paiz, que propo ciona a uma classe numerosa da sociedade, a manufatureira, os meios de viver e gozar, quando obriga ao rico a despendir uma parte do seu superfluo na compra d'esses mil artefactos, que ella produz.

Um paiz, onde somente fossem reconhecidas as necessidades reaes, onde o luxo e gozos não tivessem creado centenaes de necessidades ficticias, poucos passos distaria do estado selvagem. As artes, as sciencias e a industria, que manifestam o grau de civilisação de uma nação, seriam desconhecidas, e com ellas os commodos e gozos que o homem pode usufruir n'este vale de miseria.

O que, porem, a moral e a economia politica condemnam acordes é o luxo immoral, que corrompe os costumes, e vicia uma nação, como succedeu aos Romanos.

**CRÔNICA (03) VOLTA DO REI
PARAYBA DO NORTE Anno 5. C.1, p.1, 27 de abr de 1872**

Assinatura. Per trimestre . . . 25000 Pagos adiantados.	A REDACÇÃO SÓ É RESPONSÁVEL POR SEUS ARTIGOS.	Publicação Na Typ. de J. J. da S. Braga Rua Conde d'Eu, casa nº
---	--	---

ANNO V. PARAYBA DO NORTE, 27 DE ABRIL DE 1872. NÚMERO 430

CORREIO NOTICIOSO.

PARAYBA 27 DE ABRIL DE 1872.

Volta do rei.

Afinal depois de tão longa ausência, voltou o imperador ao Brazil.

Os aulecos da monarchia, os thuriferarios do poder, fultos da *virga ferrea*, que os comprimia, e desejosos de um poder que os aulte, preparam grandes pompas ao seu senhor, e cada qual, que mais pressuroso, deseja bojar os pos do domo deste pobre povo.

Pois bem; o rei voltou.

De joelhos escravos, e entoaui o *ave cesar*.

E' necessario que proveia a vossa submissão por todas as formas; é preciso que vos mostreis obsequiosos por todas as maneiras; a obediencia cega e fanatica, é o lazo das almas vis.

Se tinheis saudades desse senhor que vos abandonou, quando mais careceis da sua protecção, eillo qua chega; ajoelhai na lama, e gritai bem alto: *ave cesar*.

Corra, não recebar as suas ordens: o vosso rei voltou completamente reformado; ido serfetes, para vós vai principiar uma

nova aurora de gosos e de liberdades.

O qui quereis mais?

O rei voltou; estai satisfeitos todos os vossos desejos; dai parabens a vossa boa fortuna.

Esperai, esperai, e tereis uma nova ordem de cousas. Fundai todas as vossas esperanças no rei.

Brevemente apparecerá o jubileu, virão as condecorações, os titulos barbaros, e la reis litas para cobrir o peito; por que a tanto creem as vossas aspirações.

Pobre Brazil!

Deante de tanto aviltamento bem poderi amos dizer como Courrier: *nous sommes un peuple de laquais*.

Semelhante chegada, que todos auguram como um bem, como a aurora de uma nova era, nós auguramos como um mal, como um novo periodo de compressão e de terror.

Voltou o rei, é verdade; mas com elle não voltão os nossos direitos usurpados, a nossa felicidade destruida.

O homem que abandonou o Brazil em um momento de suprema crise, quando estavam em vesperras de grandes e graves acontecimentos, não poderá jamais fazer a felicidade do povo.

A crise passou, e o homem volta com um

Vai ver o sybillo do apito do motor da civilização.

Pelas alas cumindas da Borburema, vão cruza-se as locomotivas, as maxambombas, os telegraphos electricos, e tudo quanto o genio impetuoso do progresso tem inventado.

Parabens, parabens! vamos entrar em uma nova era de ouro.

Teremos muijitos por cordas e moccas por aramis.

O sertinejo, que estava acostumado a descer a serra no seu proverbial melado, agora terá de descer como uma freza do foguetto do ar, encaixado dentro de um wagom.

Os homens estão dispostos a emular a mão e fazer desta terra alguma coisa.

A esperança é que alimente a humanidade.

Ao menos valha-nos isso.

Esperemos pelos trilhos, loco notivas e wigons; e em quanto não chegam os treas de carga e de passageiros ponhamos o olho

sorriso estudado nos olhos, como os os brasileiros podessem mais acreditar nesses surrisos.

Deixando-nos abraços com a grande questão do elemento servi, o imperador retirou-se, por que: ou a coisa era to rível, e então o throno tinha de ceder o lugar a melhores instituições; ou a crise passava, e tudo voltar a ao antigo estado.

No primeiro caso não continha ao imperador assistir a sua própria queda; no segundo, que se realisou, vem elle saborear o seu triumpho, no meio das musas dos seus aulecos.

Iludido na mais nobre das toas ambições, o amor da liberdade, és a victima sacrificada a uma corda, pelo crime de filhos traidores, que todas as dias te cravam o punhal no coração.

Nós, porém, não desanimamos, e havemos de combater até o ultimo momento pela causa da liberdade.

Qual Pienix gloriosa, a liberdade ha de nascer das ruinas do despotismo. E nossos filhos hão de ser livres, já que nós não o temos politico sei.

Quem sabe, se um dia entre nós, um correio não ha de passar grando, como em 1789 na Franca sue edeu: armai-vos, por que todas as povoações estão se ar-

no caninho.

Se eu fora se tanejo não queria mais ter um só senteiro da estrada; nava vendendo-os todos, e empregar o producto da venda em acções da nova empresa.

E o nosso porto?

Nemillar elle é bom.

Qual Lesseps abrindo o canal de Suez.

Ha de ficar tão aberto, que não de entrar nelle, nios, fragatas, curvetas, barcas, frigues e et reliqua.

Parece-me que já estou vendo as dragas em movimento a escavarem e a baldearem areia.

As docas surgirão como que por encanto: o cabo submarino ligará o Cabedello com a Europa; o telegrapho avisará com a viva igando bandeiras e fazendo signais. Sim, licho perderá o demovimento meteo-

do navios de cabos a dentro.

Por toda a parte do rei, o movimento, a animação, o bulicio e essa vida ruidosa, que o commercio sabe desenvolver nos grandes emporios.

**CRÔNICA (04): RIFA DE UMA MOÇA
O CONSERVADOR.****Anno I, N. 2 P 4 Parahyba, 15 de Setembro de 1875****Rifa de uma moça.**

Para darmos um singular exemplo das extravagâncias moraes que podem acarretar a falta de verdadeiros princípios religiosos e a leitura de máis livros, quando cimentados por uma mal entendida liberdade, relataremos um caso veirdico que se realizou pelos últimos dias de Dezembro do anno passado:

Na cidade de Seymour, pertencente ao Estado Indiana, uma das pujantes estrellas da confederação Norte- Americana, vivia uma moça por nome de Minnie Laurence.

Educada na religião, protestante e nos habitos de emancipação feminina, tão preconizada n'aquella republica, a moça se entregava com fervor á leitura de novellas e contos phantasticos.

Ficando orphã aos 18 annos preservará até então o corpo de fataes transvios: o mesmo, porém não conseguira fazer com a intelligencia e o bom senso: E por isso lembrou-se um dia de ... que?

De rifar-se por meio de bilhetes numerados valendo cada um 50 centavos! Por essa forma – pensou ella – junctarei um bom dote e alcançarei um marido, que poderá vir a ser bom ou máu como qualquer outro.

Minnie Laurence era formosa... está claro que só phisicamente. A concurrencia, portanto, foi immensa, e os bilhetes foram tomados n'um abrir e fechar d'olhos. A raça de Epicuro é prolífica! E assim está alcançado o pecúlio, muito além da previsão da moça, por que alguns bilhetes haviam sido comprados por avultada somma, a heroína apresentou-se na sala do sorteio para servir de premio grande. A sorte designou-a a um jovem chamado Lynn Falconer, do qual approximou-se immediatamente, e, tomando-lhe este o braço, sahiram de sala entre enthusiastic applausos de uma multidão tão material quanto excêntrica! Não admira: era composta de yanekes!

Redactor e Proprietario: Dr. Caetano Filgueiras.

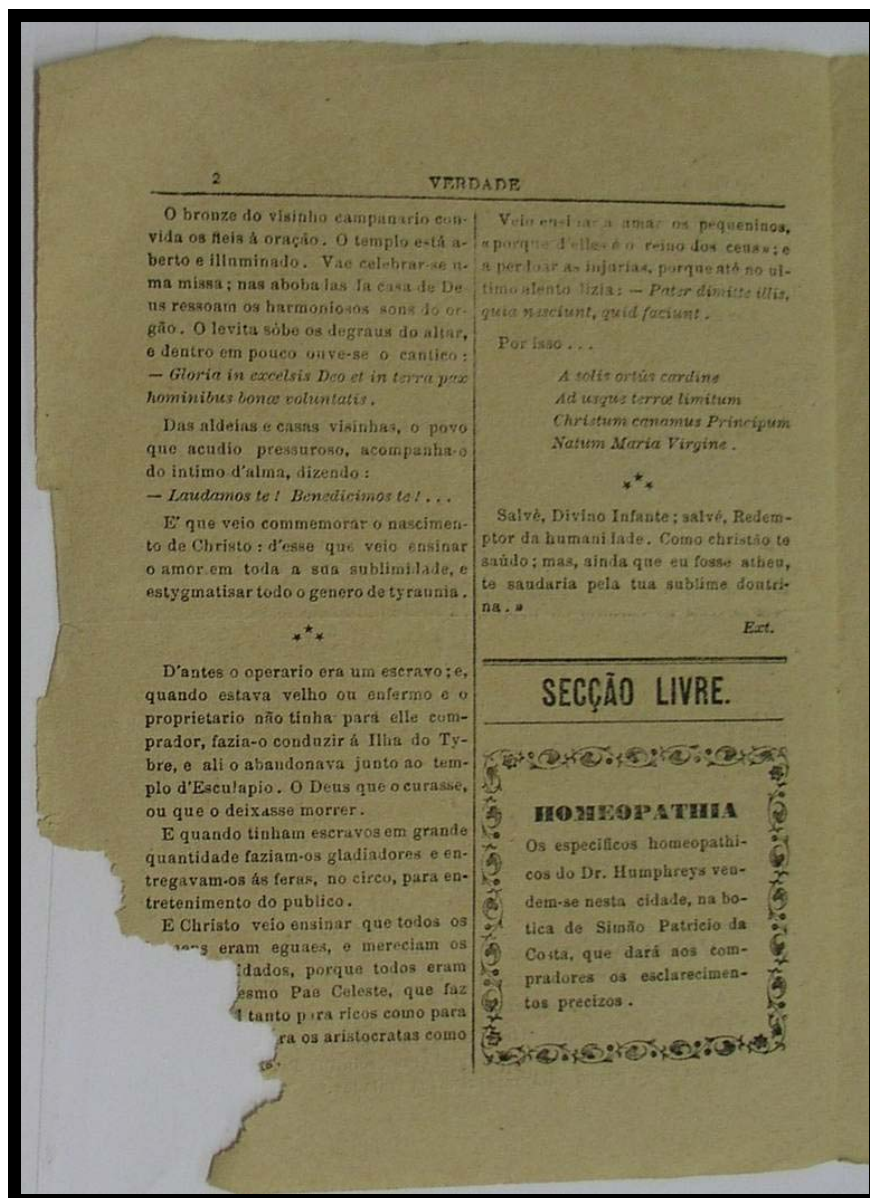
CRÔNICA (05): O NATAL VERDADE

Quarta-feira, 28 de dez de 1888.

Cidade D'areia Província da Parahyba do Norte



CRONICA (05): O NATAL (CONTINUAÇÃO)



**CRONICA (06): MARAVILHA DE ELETRICIDADE
CAMPINENSE**

**Anno I, Parahyba do Norte N. 31, P. 3 12 de Novembro de 1892
ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO**

Maravilhas de eletricidade

Muitos jornaes têm citado, e nós mesmos o fizemos como uma innovação extraordinaria o emprego que o jornal de Beimingham faz da eletricidade para mover os prelos.

A coisa não é nova. Há muitos annos que em jornaes de provincia ingleza, o “Manchester Gardian” utilisava a eletricidade como força motora de marchinas.

Todavia vamos dar aos nossos leitores um caso novo: em primeiro lugar um orgão-harmonium, inventado em Italia, e em que a eletricidade não representa apenas um papel secundario, tal como o de abrir as valvuras, mas produz ainda as notas pela oscollação de laminas de diversas espessuras e comprimentos.

Mas ha ainda outros:

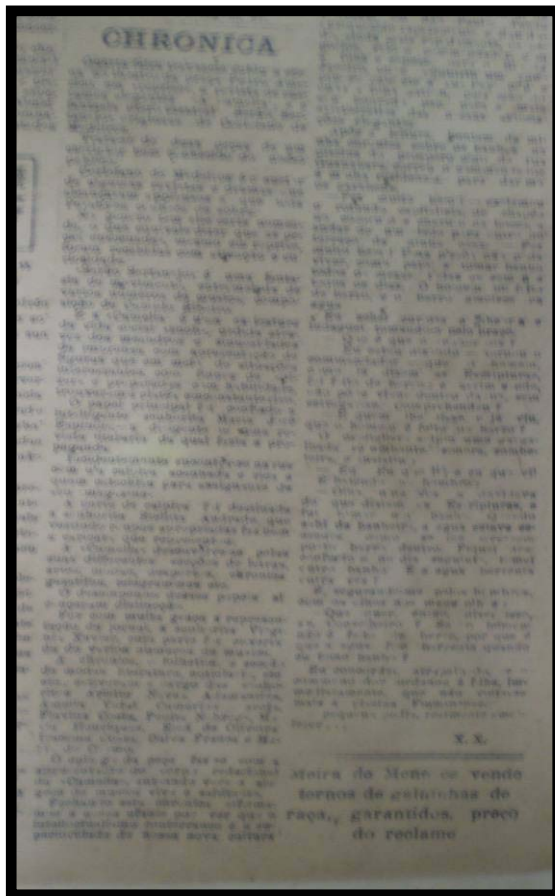
Nos Estados unidos ácabam de imaginar um vapor elettrico tendo a forma de um verdadeiro tramvay circulado sobre rails e contendo um reservatorio de agua que se espalha em cascata em toda largura de uma rua, por meio de um conductor horisontal crivado dos furos por onde a agua espadana, enquanto o tramvay que é elétrico, corre de rua em rua.

Combinou-se o transporte a rega, e os passageiros do tramvay-regador tem a consciencia de serem uteis aos seus cidadãos, quando se fazem conduzir pelas suas occupaões.

O tramvay-varredor parece não estar muito longe.

ANEXOS SÉCULO XX

CRÔNICA 01: CHRONICA



CRÔNICA 02:A questão da alimentação: inconvenientes do systema vegetariano. (1912)

(7) Reprodução por...

Deletem será normal e sahirá até o dia 20 de cada mes.

As. Lino, Ser. Coronel Francisco Coutinho de Lima e Moura, D. P. Representante do Museu Commercial no Estado da Parahyba.

Prevalece-me da oportunidade para apresentar os meus pedidos de elevada estima e consideração.

Candida Mendes de Almeida.
Director.

Discos e Grammophones

Da Casa Edison, receberam Navarro & Ca

Dr. Seraphico Nobrega

A bordo do «Pará» chegou ante-hontem, a esta capital, de regresso do Rio, onde vem de prestar os seus serviços na Camara Federal, onde dignamente representa a Parahyba, o nosso brilhante amigo dr. Francisco Seraphico da Nobrega.

S. Ex.^a viajou acompanhado de sua distincta familia e ficou hospedado em Ponta de Mattos, na residencia de seu digno cunhado pharmaceutico Manoel Soares Londres, onde lhe foi offerecido lauto jantar em que tomaram parte parentes e amigos do illustre patrio.

A UNIAO saudá o valoroso amigo e prestimoso correligionario.

A questão da alimentação

Inconvenientes do systema vegetariano

Escreve um note al medico brasileiro

Escreve o notavel medico dr. Eduardo Magalhães:

«Ninguém, de boa fé, negará a função dos principios azotados na vida do homem.

Não basta trabalhar e para isso encontrar na substancia alimentar o combustivel para a produção do calor organico, principio da força. E' tambem necessario manter o corpo em condições de sustentar as funções, reparadas as perdas que os tecidos sofrem com a execução do trabalho.

Se esta renovação não se der, o corpo perderá pouco a pouco a capacidade para trabalhar e resistir.

A reparação é pois, essencial, e os principios alimenticios encarregados de executar a são os azotados.

Taes principios, que constituem a substancia da carne, cuja composição, note-se, é quasi exclusivamente de azotados, entram, com effeito, na composição dos alimentos vegetaes.

Estes, na verdade, sendo de incomparavel valor no sustentado dos povos, visto constituirem verdadeiros alimentos hydro-carbonados, qualidade que a carne não tem, possuem de commun com esta os principios albuminosos.

Encarada sob este ponto de vista geral, é manifestá a superioridade dos alimentos vegetaes sobre o alimento animal, visto terem o que este tem, e possuírem aquillo que á carne falta, parecendo dar razão aos vegetarianos.

Se obtivessemos, com effeito, dos principios albuminosos, dos alimentos vegetaes o mesmo resultado que se obtem dos da carne, a supremacia do regimen vegetariano seria universalmente proclamada.

Neste caso não haveria necessidade de se recorrer a alimentos auxiliares, o leite, os ovos, o queijo e os gordurosos.

Tanto para o uso quotidiano como para o banquete, a boa sopa de aveia, ou de lentilhas, ou de fava, de feijão, etc., satisfaria ás exigencias da occasião.

A alimentação do homem seria, como a do carneiro, do boi, do cavallo, simples e, portanto, comoda.

Se assim não se dá, a razão é não ser o estomago do homem tão vigoroso quanto o de qualquer desses animaes.

Qualquer delles apura do seu alimento vegetal o que o homem não pode apurar do feculento da sua refeição.

A gallinha engole o pão de milho inteiro com a pellicula e o digere.

Os animaes herbivoros sustentam-se do pasto, engordam e são fortes.

Idêntico resultado não lograria o homem com o seu estomago menos vigoroso que o da gallinha e dos animaes herbivoros.

Effectivamente, não só não apuramos de igual modo os principios alimenticios dos feculentos, como a assimilação dos principios albuminosos, conforme o reconhecem os proprios vegetarianos, torna-se mais difficil e tresticta que a dos azotados da carne.

Não é dizer que estes principios se perdem de todo durante o trabalho digestivo, não é isso; elles são, cumpre reconhecer, em parte aproveitados, com o que auxiliaremos, poupando o consumo da carne.

Deste modo, para se obter somente dos alimentos vegetaes a albumina exigida para a reinte-gração organica, necessario se faria ingerir-lhes em maior somma, supprido pela quantidade a deficiencia resultante da qualidade, com gravame do trabalho digestivo.

Eis porque o professor Arnold reconhecendo serem os feculentos de preço commodo, conservarem-se facilmente e fornecerem aos—ESTOMAGOS FORTES—séria quantidade de azoto, pondera que taes alimentos constituiriam, elles sós, uma alimentação mui volumosa, enquanto que serviriam bem, associados á carne.

No DICCIONARIO DE THERAPEUTICA. Dujardin—Beaumez expõe ser o regimen herbiceo exclusivo aquelle com que o homem menos se accomoda, visto ser-lhe necessario ingerir, alimentando-se de legumes e fructas, grande massa delles, o que acarretaria sérias desordens gastro-intestinaes.

Poucos, acrescenta, adoptam os preceitos de Pythagoras, os paradoxos de Rousseau e acompanham os legumistas inglezes, visto ser a ALIMENTAÇÃO POR VEGETAES A MAIS INSUFICIENTE E DEPRIMENTE.

Barweld demonstrou, com effeito, que as operações em vegetarianos pela pouca vitalidade dos tecidos, são acompanhadas de accidentes graves, demorada cicatrização, abundante suppuração e formidaveis hemorragias.

Pensando sensatamente as circunstancias e os factos, o dr. Monteuin considera que a alimentação vegetariana conduz a outro peigo, certamente mais grave—o da indigestão habitual com as suas consequencias de plethora abdominal e da carencia de sufficiente estímulo do aparelho digestivo para a boa digestão de onde infere o considerado clinico que, a pretexto de evitarem o perigo da carne, os vegetarianos caem em outro ainda maior.

Um simples exemplo, que já

CRÔNICA 03: (1921): Vida social



CRÔNICA (04): MENTIRA E INSINCERIDADE
JORNAL UNIAO.Nº.96, p.6 João Pessoa: ,1930.

Mentira e insinceridade

CLAUDIO DE SOUZA

(Da Academia Brasileira de Letras)

Em muitas de nossas Escolas Superiores, cuja maioria se tornou commercial desde que passaram a viver da renda paga pelo estudante, que não lhes convem, portanto, reprovar a liberdade absurda da cathedra extremista, ensinam os moços a não respeitarem os principios conservadores, quando não os inclita ao assalto á propriedade e ao desmembramento da patria!

Chamava-se antigamente a isso crime de lesa-patria; mudaram-lhe o nome para liberdade sagrada da cathedra!

Para a mocidade assim formada ainda com muitas excepções, felizmente a moral é passadismo; a familia é «páu», e ao amor, base da sociedade, ao sentimento delicado, á teia mysteriosa que nos eleva a alma ás nascentes da luz, onde os soffrimentos se reconfortam repartindo-se por dois corações desposados num só, chamam elles uma «burrada», sentimentos que evitam a todo transe. Entristecia-se antigamente, o pai pobre por não poder dotar a filha; hoje, afflige-se o pai rico por poder dotal-a.

A politica por sua vez, faz-se toda na mentira, procuram illudir a opinião com optimismos de laconscientes, ao mesmo tempo que enriquece a pasquinada para exaltar theas os crimes contra a patria, e calumniar e denegrir os adversarios. Felizmente para o Brasil, subsistem na decadencia actual, jornalistas que não se deixam tentar pelos favores, illudir pelos sophismas, ou entibiar pelas ameaças, e são as vozes sãs que não cessam de clamar contra a miseria moral dessa politica.

A patria em mãos de favores do jogo franco tornou-se o coringa nas combinações

ritorio. Temperam as gargantas alteiam os olhos para o ceu, e accumulando a respiração como os actores dos antigos dramalhões, falam em nome da patria sacro-santa, dos idéaes impereciveis, da soberania popular, illudido as massas sempre ingenuas e nunca escarmentadas. Uma patria não pôde subsistir sem sinceridade.

Se deriva, como agora succede, ao Brasil, para a indifferença e o marasmo de ante da imposição funesta, traça o generoso de sua ruína.

A concentração do thesouro americano numa fortaleza

Cento e vinte billhões de contos. Galerias subterraneas, paredes forradas de aço, bombas e metralhadoras. Precauções contra os gangsters. Os motivos da transferencia

NOVA YORK, fevereiro.

O Governo dos Estados Unidos resolveu adoptar uma medida excepcional com relação ao thesouro da Republica, avaliado em 9 billhões de dollares papel, correspondentes, mais ou menos, a 120 billhões de contos. Até agora, esta quantia fabulosa estava depositada em Nova York, Philadelphia, São Francisco e Denver, no Colorado. De agora em diante, por decisão do Presidente Roosevelt, o thesouro nacional vai ser concentrado numa especie de fortaleza propositamente construída em Fort Knox, no Kentucky.

Conforme os calculos feitos por um jornal desta cidade, a construção da... nova residência das disponibilidades financeiras americanas custou cerca de 500 mil dollares.

Trata-se de um edificio capaz de resistir a qualquer as-

CRÔNICA (05) TRINDADE MALDICTA
A UNIAO N. 93, C.1, p.3. 03 de jun de 1930-

TRINDADE MALDICTA

A nossa capital está sendo dia a dia saneada com a ausencia de individuos de maior influencia no seio do heraclismo. Já ninguém vê mais pelos cafés e pontos de bonde aquella malta de traidores cujo contacto a nossa população já vinha de algum tempo evitando.

Só ainda não quizeram deixar a Parahyba esses três patifes que constituem a Trindade Maldicta do perre-pismo: — Tinhôco, do Telegrapho, Caveira, dos Correios e Atiapalaba da Alfandega.

O primeiro continua cercado de soldados do Exército, acovardado dentro de sua propria miseria, sem sahir á rua, nem mesmo nas horas de refeições, como fazia, envergonhado, talvez, pelo facto escandaloso occorrido no seu gabinete, se é que aos crapulas da sua especie é dado possuir o sentimento de vergonha.

O segundo, mais afoito, ainda é visto em alguns pontos da capital, enquanto manda dizer para os seus patrões que se acha sem garantias e foragido. Patife.

O terceiro, o homem que possui mais cabellos no queixo do que pudor nas faces, permanece entre nós, farejando aviões e descobrindo em cada barrica de cebôla um deposito de munição para o governo da Parahyba.

Que felicidade para nós, parahybans, se elles imitassem o exemplo dos outros sacripantas que já se fôram...

(:)

— ALBERTO GREGO DAYMA —

CRÔNICA (06) COMO AS MULHERES SOFREM A UNIÃO. Paraíba, 17 de jan de 1930)

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoececem muito mais facilmente do que eles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Médicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibrátil e mais sensível do que o dos homens.

A prova é que um Sueto ou Malão Repentino tem sempre efeitos mais desastrosos e consequências mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensíveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta às vezes a leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma notícia inesperada, para que certos Órgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Mulheres mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequências de Suetos, Contrariedades ou Comições Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobressalto qualquer, é o que nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter entendida Santa causa sempre transtorna e perturbações orgânicas, que podem ter o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquilas e pacientes, contendo o gozo do maguas, dissabores e penas são, no íntimo, tão impressionáveis e sensíveis quanto as outras.

Contra as Lágrimas, não se pode, de nada, sofrer tudo calado, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma ínfima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo tormento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e amoeira tanto a Vida.

Não convém facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já há muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de

Aperto na Garganta, Canções, Falta de Sono, Falta de Apetite, incomodidade do Estômago, Arroto Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quenoura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Torturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Calambres e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormências, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memória, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Cortes Feridas, Cortes Coceira, Cortes Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero! Mas o Gosto da Mulher pode ficar aborrecido.

Mãe, veja a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo estava do Utero doente!

A prova de que tudo vem do Utero doente é que com o uso do Regulador Gesteira todos estes males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use Regulador Gesteira

O Melhor tratamento é usar Regulador Gesteira.

Sim! Sim!

Regulador Gesteira é o Remédio da Coelentera para tratar inflamação do Utero, Câncer do Utero causado pela infamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pecca Menstruação, as Dores e Colicadas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações exageradas e muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores de Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Pêlo do Utero inflamado!

Com o uso do mesmo se usa o Regulador Gesteira

CRÔNICA (07): REALMENTE DESCOBRIRAM O BRASIL
UNIÃO. C1 p.6 Parahyba do Norte, 04 de abr de 1936

Realmente descobriram o Brasil

Pimontel Gomes disse e eu confirmo que só agora descobriram o Brasil, verdadeiramente. A Parahyba actual foi uma das maiores descobertas, feitas nos ultimos tempos, isto é, depois da Revolução de 1930.

Somente os anti-parahybanos, que destructam lá fóra uma posição adquirida aqui, não se querem convencer da realidade. Vivem em campanha systematica e desmoralizadora o conhecido progresso agricola da nossa terra, progresso iniciado pelo dr. Gratuliano de Brito e seu valoroso Secretario da Fazenda e seguido com larga visão pelo actual governo.

Agora tivemos a prova disto, não satisfeitos com a campanha de palestras, iniciaram a publicação pelos jornaes do Rio de artigos que motivaram um energico telegrama do deputado Gratuliano de Brito, reduzindo a nada as falsas insinuações dos taes descontentes.

Aqui do meu campo agricola, não pude ficar indifferente ao gesto do nobre deputado que tão brilhantemente reagiu, ao qual não posso deixar de me alliar.

Parahybanos, que deviam estar á nossa frente, batendo

palmas ao magnifico plano idéado por technicos de valor que, apesar de não serem parahybanos, têm amor e interesse por esta terra nova, andam por ahí afóra a propagar coisas infundadas, com o fim de de levar a Parahyba a um descredito financeiro.

Em Areia já se rescou a primeira missa agricola. Ella occupa hoje o primeiro plano no progresso do Estado, tanto pelas seus campos mechanicos e novas culturas, como pela sua Escola de Agronomia, a inaugurar-se, verdadeiro expoente de grandes relações agricolas, tudo isto indubituras dos technicos.

E' escusado se dizer mais alguma coisa sobre o progresso parahybano, pois os nossos vizinhos bem attestam esta minha asserção pela admiração que demonstram diante de tudo que testemunham.

E' preciso que estes parahybanos se operem da sua oegueira e venham visitar sua terra, com vontade de ver, só assim ficará certo de que aqui se está fazendo, não reclame de jornaes mas a pura realidade...

Areia, 4 de Abril de 1936.

João Barreto

CRÔNICA (08): O ESCORPIÃO A TARANTULA E O TIGRE
ESTADO DA PARAÍBA. C.1, p.6. Paraíba, 14 de set 1940

O ESCORPIÃO, A TARANTULA E O TIGRE...

O regime republicano atravessa uma fase de consolidação difícil e heroica, lançando mão, para este fim necessário, de medidas excessivas, como a que ora está em vigor em todo o território do país.

Diante do inimigo número primeiro, que é o Extremismo, os inimigos secundários, os que vociferam a sua demagogia de escândalo mas inofensiva, e os inimigos terciários, isto é, os que disfarçam os seus despeitosinhos inconfessáveis e se ocultam na sombra, não podem preocupar um chefe de Estado consciente dos seus deveres para com a Nação: o perigo maior deve ser combatido acima de tudo.

Não ha quem não receie a picada de um escorpião ou de uma tarantula. Mas também não ha quem, entre esses dois bichinhos venenosos, se lembre de esmagá-los ou evitá-los, estando-se em face de um tigre, mais perigoso que eles...

O nosso instinto de conservação impele-nos, muito naturalmente, a combater a fera...

Que tal a parábola? Aplica-se perfeitamente a certos casos regionais...

Nesta tormentosa hora nacional, outra preocupação não pôde ocorrer a um chefe de Estado que a de procurar, a todo transe, assegurar a estabilidade do regime em luta com os que premeditam solapar-lhe as instituições políticas e sociais.

Podem picar, á vontade, o escorpião e a tarantula...

Em certas circunstancias, eles não passam de moscas ou de muriçocas...

CRÔNICA 09:(1940): O homem Deus

TÓLIO VARGAS
GRE, 20 (Agência
sit) — Informam
o Grande que vai
subscrição po-
mento ao Presi-
ica, que será er-
da cidade, como
consolidador da

**ÇÃO PERMA-
NÇO DIAS NA
NTOS REIS**

20 (Agência Na-
— Sabe-se que
ílio Vargas per-
lias na Fazenda
cessando em se-
legre onde en-
stro da Guerra
Estado inspecio-
ões do interior.
Monteiro se de-
ete devendo re-
nto com o mi-
tra.

**BATISTA LU-
GOU A SÃO**

0 (Agência Na-
— Procedente
hegou ante-on-
embaixador Ba-
participou das
tadas ao presi-
gas.

**IA FEDERAL
RAIBA**

emiro de Figuei-
a. telegramas de
motivo da comu-
ver reassumido o
de regresso da
al dos Intervento-
interventores Pau-
Executivo do Ma-
a. José Vicente de
Teixeira Junior e
interinos dos Go-
erritório do Acre,
respectivamente.

O HOMEM DEUS

**NÊSTES DIAS SANTIFICADOS, ELE VEMO-NOS À ALTURA DAS GRAÇAS DO
DIVINO MESTRE, JÁMAIS ESQUECENDO OS ALTOS ENSINAMENTOS QUE
ELE LUMINOSAMENTE LEGOU AO MUNDO**

○ BRASIL nasceu, tem vivido e prosperado à sombra da cruz, ungido o seu povo de uma intensa fé naquele doce Nazareno que viera ao mundo, há tantos séculos, para redimi-lo e salva-lo.

E porque somos um povo possuído dos mais profundos sentimentos católicos, é claro que os últimos dias desta grande semana, a começar de hoje, tenham para todos os brasileiros uma significação excepcional.

E' através deles, sentindo toda a enormidade da tragédia do Gólgota, que melhor apuramos as nossas virtudes cristãs e melhor nos preparamos para acreditar e crer em Jesus, na onipotência de sua força, na beleza sem confronto dos seus ensinamentos e na perenidade do seu reinado sobre todas as coisas.

Porque os seus ensinamentos atravessaram séculos e nunca envelheceram. Atualizam-se sempre e penetram sempre nas consciências, dominando-as e iluminando-as de um estranho fulgor. Nada há com o poder de lhes tirar e diminuir a força da persuasão.

E enquanto tudo envelhece sobre a face da Terra angustiada, eles permanecem com o mesmo viço e a mesma claridade.

Ha momentos em que essa impressão não parece bem exata por que não reflete propriamente a verdade.

E' que por vezes o mundo os

esquece, como si todas as consciências entrassem momentaneamente numa fase de eclipse, mergulhassem numa grande noite.

E desentendem-se por isso as nações e surgem as guerras.

O mundo todo se avermelha e se tinge de sangue; impérios se entrecrocaram, tremem e ameaçam ruir; civilizações as mais perfeitas desaparecem, convencendo-nos de que o suave Mestre foi esquecido e desdenhadas as suas mais sabias lições.

Mas logo depois, quando a razão volta a dominar, é para Ele que as vistas se debruçam, inquietas, e é nele que o mundo confia.

E' que a Verdade está e sempre esteve e estará com Ele, na doçura e suavidade infinitas de suas preces, na infinita grandeza dos seus sofrimentos.

O mundo sabe disso. Póde esquecê-los e os tem esquecido alguns instantes, e nisso residem os grandes erros da humanidade.

Mas com que força interior e com que extraordinária unção todos nós nos voltamos para o Cristo quando nos apercebemos dos erros cometidos e das faltas a reparar.

E' aí quando sentimos que a sua força e o seu estranho domínio descem mesmo do alto. São obra do Pai, a quem Ele se dirigiu naquele amargo e imperecível instante em que sentiu que ia ser atraído, preso, enxovalhado, negado, crucificado.

Nêstes dias santificados, elevemo-nos à altura das graças do Divino Mestre, jámais esquecendo os altos ensinamentos que Ele luminosamente legou ao mundo.

E que o Brasil do Estado Novo, norteador pelo genio político do presidente Vargas — o Brasil profundamente cristão, continue sob as bênçãos do céu e as cintilações do Cruzeiro do Sul, realizando o seu destino e cumprindo diligentemente o seu itinerario, para felicidade de quantos o habitam e amam.

"DOIS PRESIDENTES"

foi o tema de uma conferência do jornalista Danton Jobim — "O que vem realizando o governo do presidente Getúlio Vargas é a obra que o governo dos Estados Unidos empreende por metodos nem sempre idênticos, mas igualmente eficientes"

RIO, 20 (Agência Nacional-Brasil) — O jornalista Danton Jobim realizou

idênticos, mas, igualmente eficientes, numa ação distinta, mas, paralela.

CRÔNICA 10:(1950): Rádio - Musica popular

RÁDIO

Musica popular

O mal da musica popular dos nossos dias, na opinião de Buddy Rich, é que não existem bandas novas, orquestras que tenham surgido recentemente.

"Não surgiu — diz Rich nenhuma banda nova de real valôr nos ultimos quatro ou cinco anos. Porisso, a musica popular não recebeu a injeção de valores novos de que necessita e seria a unica coisa capaz de elevá-la aos niveis de antes da guerra."

Estas observações de Buddy Rich foram feitas durante uma entrevista radiofônica irradiada pela estação KRE, de Berkeley, na California.

"A musica popular de nossos dias está errada", afirma Buddy Rich. "Não tem havido nada de interessante em musica popular excepto o movimento dos chamados "progressistas". Mas estes "progressistas" estão produzindo musica que está absolutamente fora do alcance da inteligência e cultura do ouvinte comum".

Buddy Rich acha que a nova musica tem bem pouco de musica.

"Não é possível dançar essas coisas novas, a menos que se tome um curso especial de 30 anos de duração. E a menos que se estude harmonia desharmoniosa jamais se entenderá o que está acontecendo quando se toca a musica dos "progressistas". Eu confesso que não entendo nada."

(Al Neto)

CRÔNICA 11:(1960) Voltando a pena de morte

Não Pereira, em duas de suas "Notas Avulsas" do "Jornal do Comércio" se dignou responder às restrições que eu lhe fizera na maneira de combater a pena de morte.

Ele respondeu com aquele cavalheirismo que tem o caracterista.

Em resposta respondendo conceitos muito generosos quanto aos conhecimentos bíblicos e teológicos deste pobre comunista.

Ele respondeu minha profissão de amor à Santa Igreja, que ele gostaria sempre de ver no gesto mais liberal da misericórdia e do perdão, e nunca dizendo ao Estado: "Tu tens o direito de matar", de exercer assim um poder de execução, um poder desumano e anticristão.

É claro que o ilustre jornalista neolítico certamente merece por exterior esses conceitos bem filhos de suas opiniões e de seus princípios.

Longe de mim querer desvalorizar de sentimentos tão nobres, e tão cristãos, e tão humanos.

O objetivo do meu artigo foi tão somente provar-lhe que a pena de morte não era contra a lei e o direito divino; que a pena de morte era perfeita, sendo admitida dentro da doutrina da Igreja; que a matéria da pena de morte fora nesse caráter discutida por juristas e doutores da Igreja, do Indivíduo, tendo merecimento, que a pena de morte estava justificada à luz de textos inconfutáveis do Antigo e do Novo Testamento.

De resto ficamos em pleno acordo como anticomunistas da pena de morte pelas razões expostas: a precariedade dos juízos humanos e o valor intencional da vida humana, que não deve pois ficar sujeita a lanterna mágica.

Não Pereira não deseja ver a Igreja envolvida na defesa da pena de morte. A Igreja já é acusada

HOMENS, IDEIAS E LIVROS

Voltando à Pena de Morte

Cônego Francisco Lima

de tanta coisa que não deve tornar mais complexa, metedora a sua situação justificando a força, a certeza elétrica, a câmara de gás. "Ligar a sua ação à defesa da pena de morte, afirma o brilhante comunista, é expô-la a riscos incalculáveis. Basta já o que se disse da Inquisição".

O pensamento do redator das "Notas Avulsas" é bastante claro.

Como bom filho deseja ele tornar mais cívica e mais tranquila a situação da Santa Madre Igreja no seio da sociedade.

A Igreja, porém sob o peso da responsabilidade que lhe pesa nos séculos, foge a esse comodismo social e individual sem planos morais nem ideias definitivas, tão racionais com este século de conciliações e acediações impostas.

Para ela o amor aos pecadores é um preceito, um grande preceito, mas não é menor nem é menos importante o preceito do ódio ao pecado que afasta o homem de Deus, seu princípio criador, sua finalidade suprema.

A Igreja não perdoa nem tolera sistemática, mantendo nessa atitude as lições do seu Divino Fundador. Os princípios rijos, diamantinos, de sua dogmática e de sua moral continuam a ser mantidos e defendidos com a mesma integridade e o mesmo heroísmo dos primeiros tempos.

A fronteira entre o acidental e o substancial continua a ser respeitada em sua legislação, em sua hermenêutica e em sua política. Atingida esta fronteira, a Igreja não treme em dizer o *non possumus* dos tempos apostólicos, o *obedire oportet magis Deo quam hominibus* que trata o tema do seu primeiro papa.

As consequências de tal gesto podem ser a prisão, a calúnia, o martírio, mas tem sido este sempre o destino da Igreja, que como seu mestre, seu espelho místico, não estima menos os esplendores de Tabor do que as ignomínias do Calvário.

Para um cristão não se trata de preferir o Cristo que perdoou a mulher adúltera ao Cristo que expulsou a chifreiros os vendilhões do templo. Para um cristão não se trata de preferir a Igreja que recebe misericordiosamente em seu seio o apóstata arrependido à Igreja que justifica a pena de morte cominada pelo Estado contra o bárbaro e perverso homicida. Trata-se para o cristão de querer igualmente a Cristo que perdoou a adúltera e o Cristo que surrou os vendilhões. Trata-se para o cristão de querer igualmente a Igreja que abraça o apóstata e a Igreja que admite a pena de morte.

Não é o mesmo Cristo? Não é a mesma Igreja?

A Igreja não vai deixar de defender o direito de propriedade, com medo de que a acusam de burguesia, de vendição ao capitalismo, de conivência com

as manobras escusas dos Truists e dos Truists.

A Igreja não vai negar assistência ao penitente, com receio de ser tachada de comunista, de ser pensa pelo menos do socialismo, de silenciosamente tolerante quanto aos movimentos de certa esquerda revolucionária.

A Igreja não vai suprimir o Tribunal do Santo Ofício nem o Índice dos Livros Proibidos, por medo que os seus inimigos e muitos dos que se dizem seus amigos a acusam de algum número um da Inquisição, de de consciência, de saudosista da Inquisição em todos os seus abusos.

Não abjurar da misericórdia pastoral o Papa Pio VII, quando fulminou com os anátemas da Igreja o poderio de Napoleão, por atender o impulso dos franceses contra a liberdade da Igreja.

Não deixou de ser pastor misericordioso o Papa Pio X, quando perseguiu com todas as armas a heresia modernista em todos os seus aspectos, a heresia pior entre todas, pois visava eslapar os próprios alicerces sobrenaturais da Igreja.

Misericordiosamente agiu o Pastor dos Pastores, o Papa Pio XI, quando anatematizou corajosamente o nazismo, o fascismo e o comunismo. Tais compressores da liberdade e conspurcadores das prerrogativas mais lícitas da pessoa humana.

Os castigos de Deus são castigos de misericórdia, porque toda pena cominada por Deus não visa a morte eterna do pecador, mas que se converta e viva mesmo a pena de morte.

Sinto-me feliz e sobremaneira honrado de debater esses pontos do credo cristão com um espírito superior e esclarecido, que tal é o espírito de Nilo Pereira.

E creia o ilustre homem de letras. A sua modestia sem nenhum artificialismo longe de empalidecer o brilho da inteligência, falta cintilar com mais fulgor.

CRÔNICA 12:(1975): Agonia em maio

AGONIA EM MAIO

Virginius da Gama e Melo

Primeiro era o mês de Maria, o mês das flores, quicã dos amores. Começava o tempo ameno, a cidade escapava do calor que a consumia. As nuvens eram um pasto azul, puro e suave. Havia um sol brando, molhado, amigo.

Mês de Maria e de novena. As moças na igreja. Antigamente amava-se na igreja. Namorava-se. As moças saíam de casa para a Igreja e todo namoro era praticamente abençoado pela Virgem.

Esse era o nosso Primeiro de maio. O do mundo era outro. Um primeiro de Maio sangrento, combatido, tempo de luta e guerra, subversão, sangue, a começar dos Mortos de Chicago continuando até a conquista final - o feriado de Primeiro de Maio.

É o Dia do Trabalho. Dia em que não se trabalha, graças a Deus.

A melhor homenagem que se pode fazer ao trabalho, efetivamente, é não trabalhar.

Desde o Velho Testamento que essa é a homenagem preferida, a recompensa - o sábado para descanso depois da semana de trabalho. O repouso é recompensa prêmio, diante do grande sacrifício - o trabalho.

De uns tempos para cá o princípio de Maio, desde o primeiro dia, não é mais tempo assim de tanta suavidade, brandura. É quase, diríamos, um tempo de agonia.

É o mês dos maiores aumentos, a época em que tudo sobe de preço, e assustadoramente. Há uma razão proclamada e por todos aceita - a elevação do salário mínimo.

Alegria de pobre dura pouco da elevação do salário mínimo dura muito menos. Talvez o espaço de uma manhã como as rosas de Malherbe.

Esse primeiro de Maio, tão auspicioso pelo novo salário que se anuncia, no final das contas, é uma antevisão de nova agonia.

Vai subir o feijão mulatinho, que já está a 4 mil cruzeiros o litro, vai subir a carne, vai subir o pão, vai subir o transporte, vai subir o aluguel de casa.

Casa, casa, ah, casa! Uma complicação, tudo caríssimo, difícilimo.

Somente uma parte da casa, quer dizer uma das suas funções, não vai constituir problema, graças ao avisado prefeito Hermano Almeida. Consta que será instalado aqui um Bosque dos Namorados que, de certo modo, dará casa aos necessitados.

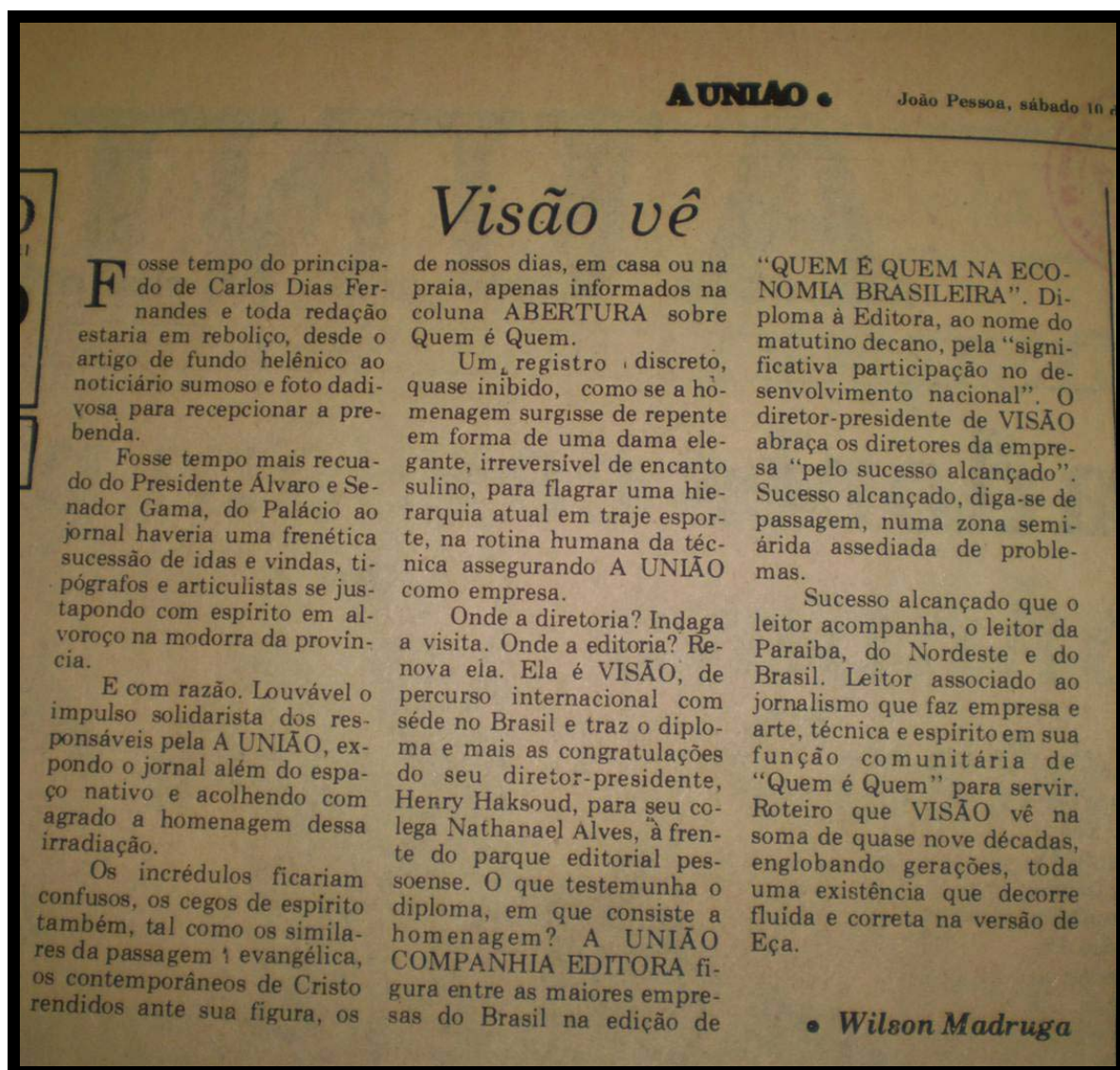
O prefeito Evaldo Cruz, de Campina, também avisadamente, vai resolver o problema habitacional, pelo menos neste ângulo, com a oficialização do Parque dos Amores, ali perto do Serrotão, na saída de Campina para o sertão.

Não será propriamente uma iniciativa do prefeito pois o Parque dos Amores já existe e funciona perfeitamente, embora como criação popular, espontânea, sem a oficialização e as garantias de segurança que lhe vai dar agora o prefeito Evaldo Cruz.

Aqui, na Paraíba, o pessoal da Prefeitura não considera difícil a localização do Bosque dos Namorados em região bonita, de fácil e discreto acesso.

Podiam muito bem, no caso, os técnicos da Prefeitura ouvir as tendências populares que, espontaneamente, e com os riscos da aventura, se tem localizado improvisadamente em certos caminhos para Cabedelo e para a Cidade Universitária, área do Estado, outros que tais. Já tem muito local preferido.

**CRÔNICA 13: Visão vê
A UNIAO, 1980.**



CRÔNICA (14): O OURO INCENSO E A MIRRA

JORNAL DA PARAÍBA. Ano 23, n. 6626, p4. João Pessoa, 27 de set 1994.

nona década. O que ocorre, porém, é o de anos que

O ouro, o incenso e a mirra

Romero Figueiredo Agra

Na próxima terça-feira quando voltarmos a incomodar nossos pacientes leitores, concomitantemente, voltar-se-ão para as apurações das primeiras urnas de uma das mais gigantescas eleições já realizadas no país. Se não for a maior, é inquestionável a mais moderna, a mais inovadora, de maior dimensão e maior complexidade, dado, principalmente, o número de pessoas e cargos em disputa.

Talvez por força desses aspectos e de outros que prudentemente poderão ser adicionados, galgamos o crepúsculo de uma campanha ferrenha, exaustiva e repleta de novos procedimentos. Não é do nosso ofício qualificar as condutas, os pensamentos ou reações de quantos postularam os inúmeros postos eletivos num território imenso e heterogêneo que vai do Oiapoque ao Chuí.

O fato é que aportamos nos ápices e nas culminâncias. São exatamente referidos parâmetros que delimitarão as fronteiras dos vencidos e vencedores. Quem subir aos altares do Poder, rogamos trabalho, honradez e o cumprir dos juramentos. Aos demais, aconselhamos o exercitar do democrático conformismo.

Na Paraíba, tivemos de tudo um pouco. Na esteira das transformações, das regras e das normas, acompanhamos, quase que como obrigados, pela mídia, pelas ruas, pelos cartórios e instituições o desenrolar de cenas e papéis nada louváveis nem recomendáveis. Vimos o desperdício das horas com provocações, blasfêmias, ataques pessoais, acusações infundadas e até mesquinha perseguição.

Esqueceram programas de ação e plataformas administrativas e optaram pela abominável tipologia da apelação, como se a vitória a custos suspeitos não valesse condenação. É crime contrariar-se as leis, a ética, a moral e, sobretudo, a soberana vontade do Povo. Com o Povo um ALGUÉM - ilumina, comanda e orienta.

Entretanto há exceções. O Direito de Resposta e o escapismo dos debates-confronto no qual a Sociedade Civil exige prestação de aprovadas contas, não puderam ser concretizados. Uns fogem; outros, comparecem. A Justiça virá do ALTO.

Surgirá aquela nossa conhecida ESTRELA, certamente num brilho continuado e perene. Quem não recorda a Sagrada História dos 3 Reis Magos. Foram traídos e enganados por Herodes para descobrirem o Menino Jesus. A Estrela tinha um nome que era DEUS. Tanto guiou como alertou a Baltazar, Belchior e Gaspar. Ao invés de denunciar, evitando-lhe a morte, eis que lhe ofertaram presentes. O ouro representava um Rei; o incenso anunciava a proteção Divina e a mirra carregava a Salvação. De nada adiantou a covardia ou o meio escudo do infeliz intento.

Como se vê - e adaptativamente foram TRÊS homens de bem que mudaram o destino da Humanidade. Por isso, para reparar-lhes injustiças e infâmias, proclamaram-nos reis e santos pelos tempos futuros, numa continuada trajetória. Pois no dia 3 teremos oportunidade de acolher aos 3. Juntamente com a ESTRELA.

CRÔNICA (15): FRIVOLAS & RIDÍCULAS
CORREIO DA PARAÍBA. n. 89,C2.,p.6, 01 de ago de 1994)

DA PARAÍBA

Paraíba - Segunda-feira, 01

Oswaldo Jurema

Frívolas & Ridículas

Na semana passada, assisti a uma das mais grotescas e vexatórias cenas promovidas pela alta sociedade brasileira. A presepada atingiu seu ápice quando cintilantes madames formaram o 'coral do ridículo' e entoaram o # Parabéns pra você # numa afinada linguagem canina; para gáudio de seus charmosos -ãozinhos de estimação.

Uma mesa repleta de guloseimas específicas, num ambiente luxuosamente decorado. As dondocas estavam *elegantíssimas* e excitadíssimas. Os latidos dos bassês e pequinês faziam coro às exclamações ofegantes de suas embevecidas 'mamães'.

Um grupo seleto de mulheres bem aquinhoadas e apegadas a excêntricas sofisticações. Porém, não são ociosas, ocupam suas vidas promovendo futilidades. Algumas, sem dúvida, gostam mais da badalação do que de seus mimados filhotes.

O animal doméstico, por motivos óbvios, merece um tratamento diferenciado dos demais. Na verdade, faz parte da família e, em alguns casos, é até compreensível o exagero de ser considerado quase como um filho. O cachorro é o predileto, uma vez que costuma se apegar ao dono com notória dedicação e fidelidade. Cativa crianças e adultos.

Todavia, a demonstração de carinho dos seus criadores não deve, de forma alguma, se transformar num gesto de acinte. Puro exibicionismo. Fazer da extravagância um ato de escárnio, quando um divertimento inconseqüente tende a se constituir num espetáculo deprimente e abominável. Indigno de um país onde a miséria tanto o infelicita.

Uma ostentação asquerosa, onde cães *bem trajados* se lambuzavam entre finos quitutes, despejando seus dejetos sobre os tapetes persas da gracinagem, poluindo o ambiente aromatizado de perfume francês, com o fétido odor do marrom glacê canino.

A rude sentença de que é melhor ser bicho de estimação de uma emergente, do que ser filho de inanição de uma carente, não se concebe ser explícita à pobreza. Além da dor pelo que sente, há de suportar a humilhação pelo que vê. Já lhe basta a cruel realidade!

Infelizmente, porém, essas caricatas zoólatras contam com a conivência da mídia, ávida de sensacionalismo, ignorando os efeitos de causas iníquas e supérfluas. A TV Globo abre-lhes espaço no 'Fantástico', a 'Caras' hospeda-lhes na Ilha e alguns colonistas se deliciam. Ainda bem que há os que se repugnam diante de tanta mediocridade.

Essas burlescas emergentes têm todo o direito de se divertirem das mais esdrúxulas e extravagantes maneiras. Mas, em nome do respeito humano, roga-se que se extravasem, se satisfaçam e se escandalizem dentro de uma *redoma fumê*, na intimidade de suas frivolidades, sem causar danos a sentimentos sinceros, simples e sofredores.

Afinal, enquanto o cão granfino degusta iguarias, a criança pobre rói ossos !